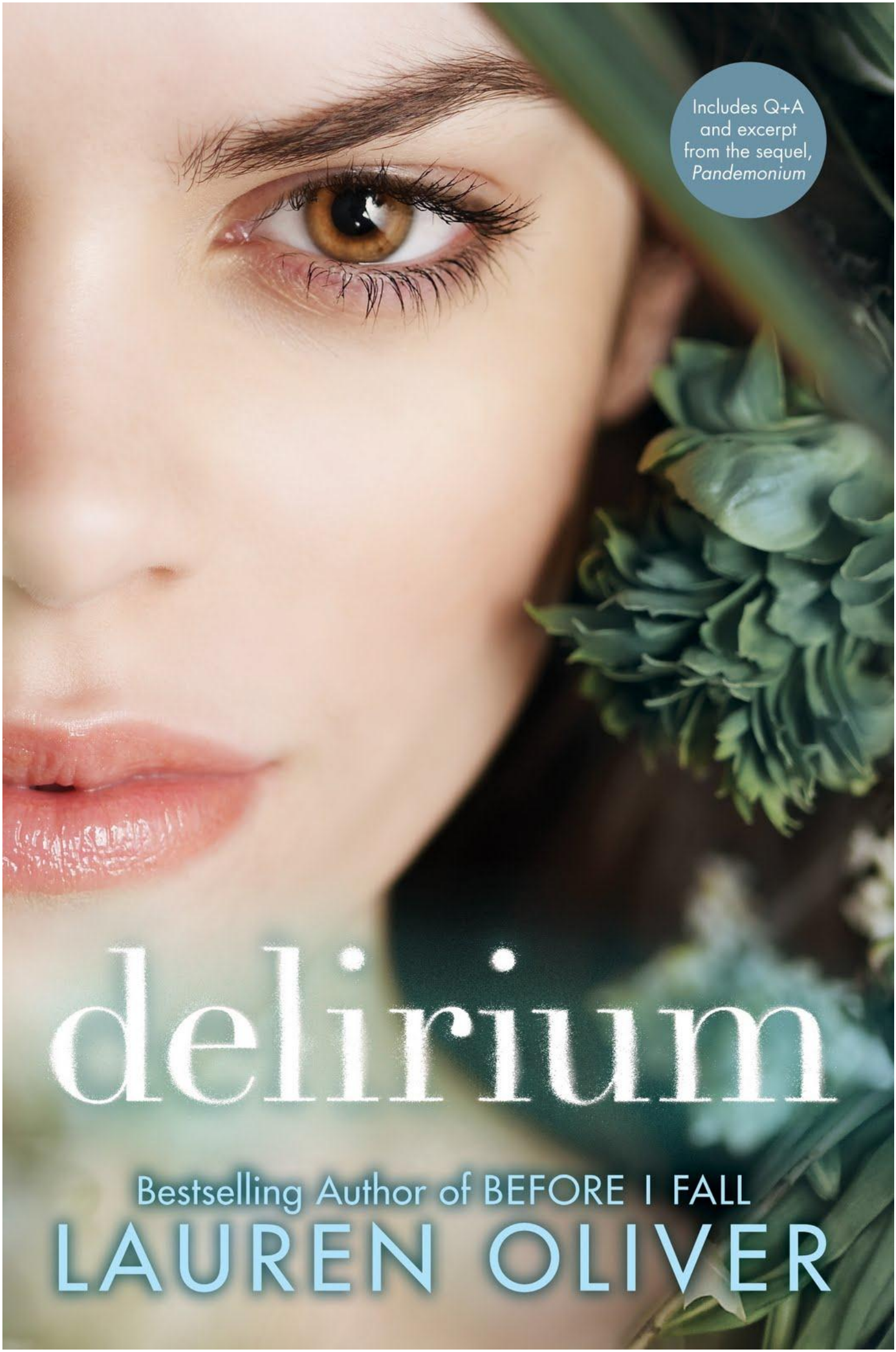

Includes Q+A and excerpt from the sequel, *Pandemonium*
delirium
Bestselling Author of BEFORE I FALL
LAUREN OLIVER



créditos

tradução e revisão:

Grupo Shadows Secrets

AFTER DARK

sinopse

Antes dos cientistas acharem uma cura, as pessoas achavam que o amor era uma coisa boa. Elas não entendiam que uma vez que o amor—o deliria—floresce em seu sangue, não há como escapar de seu domínio. As coisas são diferentes agora. Os cientistas são capazes de erradicar o amor, e os governos exigem que todo cidadão receba a cura ao completar dezoito anos.

Lena Holoway sempre ansiou pelo dia em que será curada. Uma vida sem amor é uma vida sem dor: segura, calculada, previsível e feliz.

Mas, a noventa e cinco dias de seu tratamento, Lena faz o impensável: ela se apaixona.

1

As doenças mais perigosas são aquelas que nos fazem acreditar que estamos bem.

— Provérbio 42, Manual de SSF

Faz sessenta e quatro anos desde que o Presidente e o Consórcio identificaram o amor como uma doença, e quarenta e três anos desde que os cientistas aperfeiçoaram uma cura. Todos na minha família já passaram pelo procedimento. Minha irmã, Rachel, está livre da doença há nove anos. Ela foi salva do amor por tanto tempo que mal se lembra dos sintomas. Meu procedimento está agendado para daqui a exatos noventa e cinco dias, no dia três de setembro. O dia do meu aniversário.

Muitas pessoas têm medo do procedimento. Algumas pessoas ainda resistem. Mas eu não tenho medo. Eu mal posso esperar. Eu o faria amanhã, se pudesse, mas você precisa ter pelo menos dezoito anos, às vezes até um pouco mais, antes dos cientistas poderem te curar. Caso contrário, o procedimento não funcionará corretamente: as pessoas acabam com danos cerebrais, paralisia parcial, cegueira, ou coisa pior.

Eu não gosto de pensar que ainda estou andando por aí com a doença correndo em meu sangue. Às vezes, eu posso jurar que a sinto latejando em minhas veias como se fosse algo estragado, como leite azedo. Faz-me sentir suja. Isso me lembra crianças tendo um acesso de raiva. Isso me lembra de resistência, de garotas doentes passando suas unhas pelo cimento, arrancando seus próprios fios de cabelo, suas bocas gotejando saliva.

E é claro que me faz lembrar a minha mãe.

Depois do procedimento, serei feliz e segura para sempre, é o que todo mundo diz: minha mãe, os cientistas, minha irmã e a tia Carol. Farei o procedimento e serei emparelhada com um garoto que os avaliadores escolherem para mim. Em poucos anos vamos nos casar. Recentemente eu comecei a ter sonhos com meu casamento. Neles eu estou em pé sob um dossel branco com flores em meu cabelo. Estou de mãos dadas com alguém, mas sempre que eu viro para olhar para ele, o seu rosto borra, como uma câmera perdendo o foco, e eu não posso reconhecer quaisquer características. Mas suas mãos são frias e secas, e meu coração está batendo de forma constante em meu peito, e no meu sonho eu sei que vai sempre bater no mesmo ritmo, e não avançar ou saltar ou girar ou ir mais rápido, apenas tum, tum, tum, até que eu morra.

Protegida e livre da dor.

As coisas nem sempre foram tão boas como são agora. Na escola aprendemos que antigamente, nos dias sombrios, as pessoas não perceberam que doença mortal era o amor. Durante muito tempo eles ainda o consideravam como uma coisa boa, algo a ser celebrado e seguido. É claro que é uma das razões pelo qual é tão perigoso: ele afeta a sua mente para que você não possa pensar claramente, ou tomar decisões racionais sobre seu próprio bem-estar (esse é o sintoma número doze, listado na seção *amor deliria nervosa* na décima segunda edição do Manual da Segurança, Saúde e Felicidade, ou o Manual de SSF, como chamamos). Em vez disso, as pessoas estão o nomeando como outras doenças: estresse, doenças cardiovasculares, ansiedade, depressão, insônia, transtorno bipolar, nunca percebendo que estes eram, na verdade, apenas sintomas que, na maioria dos casos poderiam ser traçados até chegarem nos efeitos do *amor deliria nervosa.*

É claro que não estamos totalmente livres do delírio nos Estados Unidos. Até que o procedimento seja aperfeiçoado, até que seja seguro para os menores de dezoito anos, nós nunca estaremos completamente protegidos. Ele ainda se movimenta em torno de nós, invisível, com tentáculos nos varrendo, nos sufucando. Já vi inúmeros incurados sendo arrastados para o procedimento, devastados pelo amor, que os fazem preferir arrancar seus olhos, ou tentarem ficar presos nas cercas de arame farpado dos laboratórios do que ficar sem ele.

Vários anos atrás, uma menina conseguiu atravessar as restrições e encontrar um jeito de chegar até o telhado do laboratório. Ela se deixou cair, sem gritar. Pelos dias seguintes, eles passavam a imagem do rosto da menina morta na TV para nos lembrar dos perigos do deliria. Seus olhos estavam abertos e seu pescoço contorcido em um ângulo nada natural, mas da maneira que seu rosto estava encostado na calçada, você poderia pensar que ela estava deitada tirando um cochilo. Surpreendentemente não havia sangue—apenas um fio escuro e pequeno gotejando dos cantos de sua boca.

Noventa e cinco dias, e eu estarei segura. Eu estou nervosa, é claro. Eu me pergunto se o procedimento irá doer. Eu quero acabar logo com isso. É difícil ser paciente. É difícil não ter medo quando eu ainda não estou curada, embora até agora o deliria não tenha me tocado.

Mesmo assim, eu me preocupo. Dizem que, nos velhos tempos, o amor levava as pessoas à loucura. Isso é ruim o suficiente. O Manual de SSF também conta histórias de pessoas que morreram por causa de um amor perdido ou nunca encontrado, que é o que me apavora mais.

O mais mortal de todas as coisas mortais: ele te mata quando você tem e quando você não tem.

2

Nós devemos estar constantemente em guarda contra a Doença; a saúde da nossa nação, do nosso povo, das nossas famílias, e das nossas mentes depende da constante vigilância.

— *Medidas Básicas de Saúde*, Manual da Segurança, Saúde e Felicidade, 12° edição.

O cheiro de laranjas sempre me lembra funerais. Na manhã da minha avaliação esse é o cheiro que me acorda. Eu olho para o relógio no meu criado mudo. São seis horas.

A luz é cinza, os raios de sol se tornam mais intensos nas paredes do quarto que eu compartilho com ambas as minhas primas, filhas de Marta. Grace, a mais nova, está agachada em sua cama, já vestida, me observando. Ela tem uma laranja inteira em uma mão. Ela está tentando mordê-la como uma maçã, com seus pequenos dentes de criança. Meu estômago revira, e eu tenho que fechar meus olhos de novo para evitar a lembrança do vestido quente e áspero que eu fui obrigada a usar quando minha mãe morreu; não lembrar o murmúrio das vozes, a mão larga e áspera que me passava laranja depois de laranja para eu chupar, então eu permaneceria quieta. No funeral eu comi quatro laranjas, gomo por gomo, e quando fiquei com só uma pilha de cascas no meu colo eu comecei a chupá-las, o gosto amargo da casca me ajudando a manter minhas lágrimas afastadas.

Eu abro meus olhos e Grace inclina para frente, a laranja em sua mão estendida.

"Não, Gracie." Eu empurro meus cobertores e levanto. Meu estômago está se contraindo e descontraindo como um punho. "Você não deveria comer a casca, você sabe."

Ela continua piscando para mim com seus grandes olhos cinza, não dizendo nada. Eu noto e me sento ao seu lado. "Aqui," eu falo, e mostro a ela como descascar a laranja usando a sua unha, desenrolando grandes caracóis de casca de laranja e as soltando em seu colo, o tempo inteiro tentando segurar o meu fôlego contra aquele cheiro. Ela me observa em silêncio. Quando termino, ela segura a laranja, agora descascada, com ambas as mãos, como se pensasse que é uma bola de vidro e estivesse com medo de quebrá-la.

Eu a cutuco. "Vamos lá. Coma agora." Ela só a encara, e eu noto, começando a separar os gomos pra ela, um por um. Enquanto isso eu sussurro, tão gentil como possível, "Você sabe, os outros seriam mais legais com você se você falasse de vez em quando."

Ela não responde. Não que eu realmente esperasse que ela fizesse. Minha tia Carol não a ouviu dizer uma palavra em todos os seis anos e três meses da vida de Grace—nem mesmo uma sílaba. Carol acha que há algo de errado com seu cérebro, mas até agora os

médicos não acharam nada. "Ela é tão burra como uma pedra," Carol disse casualmente no outro dia, vendo Grace virar um brilhante bloco colorido de novo e de novo em suas mãos, como se pensasse que aquilo era lindo e milagroso, como se ela esperasse que isso se transformasse em outra coisa.

Eu levanto e vou em direção à janela, me movendo para longe de Grace, seus grandes olhos cinza e dedos magros e rápidos. Eu sinto pena dela.

Márcia, mãe de Grace, está morta agora. Ela sempre disse que nunca quis uma criança em primeiro lugar. Este é um dos lados ruins do procedimento; na ausência da deliria nervosa, algumas pessoas acham a ideia de ter filhos desagradável. Felizmente, casos de extremo desapego—onde uma mãe ou um pai é incapaz de se relacionar normalmente, zelosamente e responsavelmente com seus próprios filhos, e acaba os afogando ou sentando em suas traqueias ou os espancando até a morte quando eles choram—são poucos.

Mas dois era o número de crianças que os avaliadores decidiram para Márcia. Naquele tempo aquilo parecia uma boa escolha. Sua família ganhara altas marcas de estabilidade na revisão anual. Seu marido, como um cientista, era bem respeitado. Eles viviam numa casa enorme na Rua Winter. Márcia cozinhava cada refeição a partir do zero e dava aulas de piano no seu tempo livre para se manter ocupada.

Mas, é claro, quando o marido de Márcia foi suspeito de ser um simpatizante, tudo mudou. Márcia e suas crianças, Jenny e Grace, tiveram que voltar para a casa da mãe de Márcia, minha tia Carol, e pessoas sussurravam e apontavam para eles em qualquer lugar que fossem. Grace não lembrava daquilo, é claro; eu ficaria surpresa se ela tivesse qualquer memória dos seus pais.

O marido da Márcia desapareceu antes que seu julgamento pudesse começar. Foi, provavelmente, uma boa coisa que ele tenha desaparecido. Os julgamentos são na maior parte demonstrações. Simpatizantes são quase sempre executados. Caso não sejam, eles são trancados nas Criptas para servir três penas de prisão perpétua, sucessivamente. Márcia sabia disso, é claro. Tia Carol acha que esse é o motivo para o seu coração ter cedido apenas alguns meses depois do desparecimento de seu marido, quando ela foi indiciada no lugar dele. Um dia depois de ter preenchido os documentos ela estava descendo a rua e—bam!—Ataque cardíaco.

Corações são coisas frágeis. Esse é porquê de você ter que ser tão cuidadoso.

Estará quente hoje, eu posso dizer. Já está quente no quarto. E quando eu abri a janela para dissipar o cheiro de laranja, o ar lá fora parece tão espesso e pesado quanto uma língua. Eu inalo profundamente o cheiro limpo de algas e madeira úmida, ouvindo o distante choro das gaivotas à medida que elas circulam incessantemente, algum lugar além das baixas, cinza e inclinadas construções, além da baía. Lá fora, o motor de um carro acelera a vida. O som me assusta e eu pulo.

"Nervosa com a sua avaliação?"

Eu me viro. Minha tia Carol está parada soleira da porta, as suas mãos dobradas.

"Não," eu digo, embora seja uma mentira.

Ela sorri, um pouco, uma coisa breve, um relance. "Não se preocupe. Você vai ficar bem. Tome o seu banho e então vou te ajudar com seu cabelo. Nós podemos revisar as suas respostas no caminho."

"Tudo bem." Minha tia continua me encarando. Eu me contorço, enterrando minhas unhas no parapeito atrás de mim. Eu sempre odiei ser observada. Claro, eu teria que me acostumar. Durante o exame existirão quatro avaliadores me encarando por quase duas horas. Eu irei usar uma fina camisola de plástico, semitranslúcida, como aquela que você usa em hospitais, para que eles possam ver meu corpo.

"Um sete ou oito, eu diria," minha tia diz, franzindo seus lábios. É uma pontuação decente e eu ficaria feliz com ela. "Embora você não ganhe mais que seis se não estiver limpa."

O último ano está quase no fim, e a avaliação é o último teste que vou fazer. Nos últimos quatro meses eu tive todos os meus vários exames de conselho—matemática, ciências, proficiência oral e escrita, sociologia, psicologia e fotografia (uma eletiva de especialidade)—e iria receber as minhas notas em algum momento nas próximas semanas. Eu tinha bastante certeza que fui bem o bastante para ser atribuída para uma faculdade. Eu sempre fui uma estudante decente. Os assessores acadêmicos irão analisar meus pontos fortes e minhas fraquezas, então vão me atribuir a uma escola e uma especialização.

A avaliação é o último passo, para que eu possa ser emparelhada. Nos próximos meses os avaliadores irão me mandar uma lista dos quatro ou cinco pares aprovados. Um deles será o meu marido depois que eu me graduar na faculdade (assumindo que eu passe nos meus exames. Garotas que não passam ficam emparelhadas e se casam logo depois do ensino médio). Os avaliadores irão fazer o melhor para me juntar com quem recebeu uma nota semelhante nas avaliações. Eles tentarão evitar, o quanto for possível, qualquer grande diferença de inteligência, temperamento, previdência social e idade. É claro que você ouve ocasionais histórias de terror: casos onde uma pobre garota de dezoito anos é dada para um homem rico de oitenta anos.

A escada solta um rangido terrível, e a irmã de Grace, Jenny, aparece. Ela tem nove anos e é alta para a sua idade, mas muito magra: toda ângulos e cotovelos, o seu peito cede como uma tábua deformada. É horrível dizer, mas eu não gosto muito dela. Ela tem o mesmo olhar semicerrado que a sua mãe tinha.

Ela se junta à minha tia na porta e me encara. Eu só tenho 1,57 e Jenny é, surpreendentemente, só alguns centímetros mais baixa do que eu sou agora. É bobagem

eu me sentir autoconsciente na frente da minha tia e primas, mas uma quente e rastejante coceira começa a subir pelo meu braço. Eu sei que todas estão preocupadas com o meu desempenho na avaliação. É fundamental que eu fique emparelhada com alguém bom. Jenny e Grace estão a anos de suas curas. Se eu me casar bem, em alguns anos, isso significa dinheiro extra para a família. E isso também faria os sussurros desaparecerem, fragmentos monótonos que quatro anos após o escândalo ainda parecem nos seguir para onde que nós vamos, como o som de folhas farfalhantes levadas pelo vento: simpatizante. Simpatizante. Simpatizante.

É apenas levemente melhor que a outra palavra que me seguiu durante anos após a morte da minha mãe, um silvo de serpente, ondulando, deixando seu rastro de veneno: suicida.

Uma palavra de dois lados, uma palavra que as pessoas sussurravam, murmuravam e tossiam: uma palavra que deve ser espremida atrás de palmas em concha ou murmurada atrás de portas fechadas. Era somente nos meus sonhos que eu ouvia a palavra gritar, silvar.

Eu tomo fôlego, em seguida me abaixo para pegar a caixa de plástico debaixo da minha cama, de modo que a minha tia não veja o quanto eu estou tremendo.

"A Lena vai se casar hoje?" Jenny pergunta para minha tia. A sua voz sempre me lembra de abelhas zumbindo no calor.

"Não seja boba," minha tia diz, mas sem irritação. "Você sabe que ela não pode se casar até que esteja curada."

Eu pego minha toalha da caixa e a estico. Aquela palavra—casamento—faz minha boca secar. Todo mundo casa assim que terminam sua educação. É o jeito que as coisas são. *Casamento é Ordem e Estabilidade, a marca de uma sociedade saudável.* (Veja o Manual de SSF, *Fundamentos da Sociedade*, p.144). Mas o pensamento disso faz meu coração bater freneticamente, como um inseto atrás do vidro. Eu nunca toquei um garoto, é claro—contato físico entre os não-curados do sexo oposto é proibido. Honestamente, eu nunca nem conversei com um garoto por mais de cinco minutos, ao menos que você conte meus primos, meu tio e Andrew Marcus, que ajuda meu tio no Stop-N-Save[1] e está sempre com o dedo no nariz e limpando seu muco na parte de baixo de vegetais enlatados.

E se eu não passar nas minhas notas—por favor, Deus, por favor, Deus, me deixe passar—eu terei meu casamento assim que estiver curada, em menos de três meses. O que significa que eu terei minha noite de núpcias.

O cheiro de laranjas ainda é forte, e meu estômago dá outro golpe. Eu enterro o rosto na minha toalha e inalo, disposta a não ficar doente.

[1] É uma rede de lojas de conveniência situadas nos Estados Unidos, que vende os mais variados artigos, desde alimentos até combustível.

Do andar de baixo há um barulho de pratos. Minha tia suspira e olha seu relógio.

"Nós temos que sair em menos de uma hora," ela diz. "É melhor você começar a se mover."

3

Senhor, nos ajuda a enraizar nossos pés na terra
E nossos olhos na estrada
E a sempre se lembrar do anjo caído
Quem, na tentativa de se elevar,
Foi ferido pelo sol e com asas derretidas
Veio cair de volta no oceano.
Senhor, ajuda a enraizar meus olhos na terra
E mantenha meus olhos na estrada
Para que eu nunca tropece

— Salmo 24 (De *Rezar e Estudar*, O Manual de SSF)

Minha tia insiste em me levar para um tour pelos laboratórios, os quais, como todos os escritórios governamentais, são agrupados ao longo do cais: uma série de edifícios brancos e brilhantes, reluzindo como dentes sobre a grande boca do oceano. Quando eu era pequena e me mudei para morar com ela, ela costumava me levar para a escola todos os dias. Eu, minha mãe e minha irmã vivíamos perto da fronteira, e eu estava espantada e aterrorizada por todas as curvas e ruas escuras que cheiravam como lixo e peixe podre. Eu sempre quis que minha tia me segurasse pela mão, mas ela nunca fez isso, então eu fechava minhas mãos em punhos e seguia o balançar hipnótico de suas calças de veludo, temendo o momento em que a Academia St. Anne para Garotas surgiria sobre a crista da última colina, o grande prédio escuro e rochoso construído com fissuras e falhas como o rosto, castigado pelo tempo, de um dos pescadores que trabalhava ao longo da doca.

É incrível como as coisas mudam. Naquela época eu morria de medo das ruas de Portland e relutava em sair do lado da minha tia. Agora eu as conheço tão bem que poderia seguir suas curvas de olhos fechados, e hoje não desejo nada além de seguir sozinha. Posso cheirar o oceano, apesar de estar escondido da vista por culpa das ondulações das estradas, e isso me relaxa. O sal que exala do mar faz o ar parecer pesado e com textura.

"Lembre-se," ela está dizendo pela milésima vez, "eles querem saber sobre a sua personalidade, sim, mas quanto mais generalizadas forem as suas respostas, maior é a chance de você ser considerada para vários cargos." Minha tia sempre falou sobre casamento com palavras tiradas do Manual de SSF, palavras como dever, responsabilidade e perseverança.

"Entendi," digo. Um ônibus passa por nós. A crosta da Academia St. Anne surge ao longo de seu lado, eu desvio meu rosto rapidamente, imaginando Cara McNamara ou Hillary Packer me encarando das sujas janelas, rindo e apontando para mim. Todos sabem que estou tendo minha avaliação hoje. Apenas quatro são oferecidas ao longo do ano, e vagas são determinadas com muita antecedência.

A maquiagem que tia Carol insistiu que eu usasse faz minha pele parecer revestida e coçar. Em casa, no espelho do banheiro, pensei que parecia com um peixe, especialmente pelo meu cabelo todo preso com bobes de metal e grampos: um peixe cheio de ganchos de metal cravados em minha cabeça.

Não gosto de maquiagem, nunca estive interessada em roupas ou em batom. Minha melhor amiga, Hana, pensa que sou louca, mas claro que ela pensaria isso. Ela é absolutamente maravilhosa—mesmo quando ela só prende seu cabelo loiro em um coque mal feito no topo da cabeça, ela parece como se tivesse acabado de sair do salão de beleza. Não sou feia, mas também não sou bonita. Tudo está no meio termo. Tenho olhos que não são nem verdes nem castanhos, mas sim uma bagunça. Não sou magra, mas também não sou gorda. A única coisa que você poderia definitivamente dizer sobre mim é: sou baixinha.

"Se eles perguntarem a você, que Deus não permita, sobre seus tios, lembre-se de dizer que você não os conheceu muito bem..."

"Uhum." Eu estava apenas ouvindo pela metade. Está quente, muito quente para junho, e suor já está se acumulando nas minhas costas e axilas, mesmo eu tendo passado um frasco de desodorante essa manhã. A nossa direita está Casco Bay, que é cercado pela ilha Peaks e Grande Diamante, onde estão as torres de vigilância. Mais além é o mar aberto—e, além disso, todos os países e cidades em ruínas por culpa da doença.

"Lena? Você está me ouvindo?" Carol pôe uma mão em meu ombro e me puxa em sua direção.

"Azul," digo de volta para ela. "Azul é minha cor favorita. Ou verde." Preto é muito mórbido; vermelho vai levá-los a loucura; rosa é juvenil de mais; laranja é bizarro.

"E o que você gosta de fazer no seu tempo livre?"

Gentilmente eu me afasto um pouco dela. "Nós já passamos por essa."

"Isso é importante, Lena. Possivelmente o dia mais importante de toda sua vida."

Eu suspiro. À minha frente, os portões que cercam os escritórios se abrem lentamente com um gemido mecânico. Já há duas filas formadas: em um lado as garotas, e cinquenta passos distantes, na segunda entrada, os rapazes. Aperto os olhos pelo sol, tentando localizar pessoas que eu conhecia, mas o oceano reluz e minha visão é atingida por pequenos pontos pretos.

"Lena?" minha tia me chama.

Respiro fundo e me jogo na história que havíamos repassado um bilhão de vezes. "Gosto de trabalhar no jornal da escola. Estou interessada em fotografia porque gosto do jeito que isso captura e preserva um simples momento. Gosto de sair com meus amigos e ir a shows no Deering Oaks Park. Gosto de correr e fui vice-capitã do time de cross-country[2] por dois anos. Mantive o recorde escolar no evento 5 km. Algumas vezes eu sirvo de babá para membros da minha família, e eu realmente gosto de crianças."

"Você está fazendo uma careta," minha tia diz.

"Eu gosto de crianças," repito, colocando um sorriso no rosto. A verdade é que não gosto muito de crianças, exceto por Gracie. Elas são tão desastradas, o tempo todo barulhentas, estão sempre pegando as coisas, babando e se sujando. Mas eu sei que terei que ter um filho meu um dia.

"Melhor," Carol diz. "Continue."

Termino. "Minhas matérias preferidas são matemática e história." Ela assente, satisfeita.

"Lena!"

Viro-me. Hana está saindo do carro de seus pais, seu cabelo loiro flutuando e balançando em ondas ao redor de seu rosto, sua roupa semi puritana escorregando por um de seus ombros bronzeados. Todas as garotas e os garotos que estavam em fila para entrar se viraram para vê-la. Hana tem esse tipo de poder sobre as pessoas.

"Lena! Espera!" Hana continua gritando pela rua, acenando para mim freneticamente. Atrás dela, o carro começa uma lenta revolução: para trás e para frente, para trás e para frente no estacionamento até virar na direção oposta. O carro dos pais de Hana é tão elegante e escuro quanto uma pantera. As vezes que nós dirigimos com ele juntas por aí, eu me senti como uma princesa. Dificilmente as pessoas têm carros hoje em dia, e menos ainda dirigem os carros que têm. Gasolina é super racionada e extremamente cara. Algumas pessoas de classe média mantêm os carros estacionados na frente de suas casas como estátuas, frígidos e inúteis, os pneus impecáveis e não usados.

"Olá, Carol," Hana diz sem fôlego ao nos alcançar. Uma revista salta de sua bolsa aberta, e ela para pra recuperá-la. É uma das publicações do governo, *Casa e Família*, e em resposta às minhas sobrancelhas erguidas ela faz uma careta. "Minha mãe me fez trazê-la. Ela disse que eu deveria ler enquanto espero pela minha vez. Ela diz que vai passar uma boa impressão." Hana desliza o dedo por sua garganta e simula um engasgo.

[2] O cross country ou corrida a corta-mato, às vezes referido como cross ou crosse, é um desporto de equipe em que os atletas competem numa corrida em terreno aberto ou acidentado.

"Hana," minha tia sussurra ferozmente. A ansiedade em sua voz faz meu coração saltar. Carol dificilmente perde seu temperamento, mesmo que por um minuto. Ela move sua cabeça em ambas às direções, como se esperasse encontrar inspetores ou avaliadores ocultos pela rua naquela manhã reluzente.

"Não se preocupe. Eles não estão nos espiando." Hana vira as costas para minha tia e move a boca. Ainda. Então ela ri.

À nossa frente, a dupla fila de garotas e garotos está aumentando, estendendo-se pela rua, mesmo quando as portas de vidro dos laboratórios se abrem e várias enfermeiras aparecem carregando pranchetas e começando a levar as pessoas para as salas de espera. Minha tia descansa uma mão em meu cotovelo, rápida como um pássaro.

"É melhor vocês irem para a fila," ela diz. Sua voz está de volta ao normal. Desejo que um pouco de sua calma passe para mim. "E Lena?"

"Sim?" Não me sinto muito bem. Os laboratórios parecem distantes, tão brancos que eu mal posso olhá-los, o pavimento cintila quente a nossa frente. As palavras *dia mais importante da sua vida* ficam se repetindo em minha cabeça. O sol parece um grande refletor.

"Boa sorte." Minha tia dá seu sorriso de um nanossegundo.

"Obrigada." Eu meio que desejo que Carol dissesse algo mais—algo como, *tenho certeza de que você vai se sair bem* ou *tente não se preocupar*—mas ela só fica lá, piscando, seu rosto composto e impossível de ser lido, como sempre.

"Não se preocupe, Sra. Tiddle," Hana zomba comigo. "Vou garantir que ela não vá muito mal. Prometo."

Todo meu nervosismo se dissipa. Hana está tão relaxada sobre tudo isso, tão indiferente e normal.

Hana e eu vamos para os laboratórios juntas. Hana tem quase 1,75m. Quando eu ando ao lado dela tenho que me esforçar para andar junto com ela, e acabo me sentindo como uma pata subindo e descendo na água. Hoje eu não me importo. Estou feliz de que ela esteja comigo. Se não, eu estaria um completo desastre.

"Deus," ela diz quando nós nos aproximamos da fila. "Sua tia leva tudo isso muito a sério, hein?"

"Bom, é sério." Nós nos juntamos aos últimos da fila. Reconheço algumas pessoas: algumas garotas que eu vagamente conheço da escola; alguns garotos que eu vi jogando futebol atrás do Spencer Prep, um dos garotos da escola. Um garoto olha em minha direção e me vê encarando. Ele ergue sua sobrancelha e afasta o olhar rapidamente, meu rosto cora rapidamente e um incômodo nervoso surge em meu estômago. Você vai ser emparelhada em menos de três meses, digo a mim mesma, mas as palavras não significam

nada e soam ridículas, como um dos jogos Mad Libs[3] que jogávamos quando crianças, que resultava em declarações absurdas: quero banana para a lancha. Dê o meu sapato molhado para o seu cupcake quente.

"É, eu sei. Acredite em mim. Li o Manual de SSF igual a todo mundo." Hana puxa os óculos escuros para sua testa e crava seus olhos em mim, fazendo sua voz super doce: "Dia da Avaliação é o excitante ritual de passagem que prepara você para um futuro de felicidade, estabilidade e companheirismo." Ela abaixa seus óculos escuros novamente e faz uma careta.

"Você não acredita nisso?" abaixo minha voz para um sussurro.

Hana tem estado estranha ultimamente. Ela sempre foi diferente das outras—mais desbocada, mais independente, mais corajosa. É uma das razões para eu querer ser amiga dela. Sempre fui tímida e temerosa de que iria dizer ou fazer alguma coisa errada. Hana é o oposto.

Mas ultimamente tem sido mais que isso. Ela parou de se importar com a escola, de vez, e ela foi chamada à sala do diretor várias vezes por retrucar aos professores. E algumas vezes, no meio de uma conversa, ela para e fecha a boca, como se encontrasse uma barreira. Outras vezes eu a vejo encarando o oceano, como se estivesse pensando em nadar para bem longe.

Olhando para ela agora, para seus olhos cinza claro e sua boca fina e esticada como uma corda, eu sinto uma pontada de medo. Penso em minha mãe flutuando por um momento no ar antes de cair no oceano como uma pedra; eu penso sobre o rosto da garota que caiu do telhado do laboratório tantos anos atrás, sua bochecha contra o pavimento. Afasto os pensamentos sobre doença. Hana não está doente. Ela não pode estar. Eu saberia.

"Se eles realmente querem que nós sejamos felizes, eles deveriam deixar que nós escolhêssemos," Hana resmunga.

"Hana," digo bruscamente. Criticar o sistema é a pior ofensa que existe. "Retire isso."

Ela ergue as mãos. "Está bem, está bem. Eu retiro."

"Você sabe que isso não resolve. Olhe como era antigamente. Caos o tempo todo, brigas e guerras. As pessoas eram miseráveis."

"Eu disse que retiro o que disse." Ela sorri para mim, mas eu ainda estou irritada e olho para longe.

[3] Jogo de palavras. Consiste em que um jogador pede ao outro jogador uma lista de palavras para substituir espaços em brancos em uma história, geralmente com resultados engraçados. Extremamente popular entre as crianças americanas.

"Além do mais," continuo, "eles nos dão uma escolha."

Usualmente os avaliadores criam uma lista de quatro ou cinco pessoas aprovadas que combinem, e você pode escolher uma delas. Desse jeito todos ficam felizes. Em todos esses anos que os procedimentos foram administrados e os casamentos arranjados, houve menos de uma dúzia de divórcios no Maine, menos de mil em todos os Estados Unidos—e em quase todos os casos, ou o marido ou a mulher eram suspeitos de ser um simpatizante, e o divórcio era necessário e aprovado pelo estado.

"Uma escolha limitada," ela me corrigiu. "Nós temos que escolher entre as pessoas que foram escolhidas para nós."

"Toda escolha é limitada," disse. "Assim é a vida."

Ela abre a boca e penso que ela vai retrucar, mas ao invés disso, ela só começa a rir. Então ela se abaixa e segura minha mão, dá dois tapinhas rápidos e dois longos. É o nosso velho sinal, um hábito que desenvolvemos na segunda série quando uma de nós estava com medo ou triste, um jeito de dizer *eu estou aqui, não se preocupe*.

"Ok, ok. Não fique na defensiva. Eu amo as avaliações, ok? Longa vida ao Dia das Avaliações."

"Assim é melhor," eu digo, mas ainda me sinto ansiosa e irritada. A fila se move lentamente. Nós passamos pelos portões de ferro, com suas complicadas coroas de arame farpado, e entramos na longa rodovia que levava para os vários complexos de laboratórios. Nós somos mandadas para o prédio 6-C. Os garotos vão para o 6-B, e as filas começam a curvar em direções diferentes.

À medida que nos aproximamos da frente da fila, nós recebemos uma explosão de ar condicionado cada vez que a porta de vidro deslizava para se abrir e então era fechada. É incrível, como estar da cabeça aos pés momentaneamente mergulhado em uma fina folha de gelo, estilo picolé, eu me viro e deixo meu rabo de cavalo longe da nuca, desejando que não estivesse tão malditamente quente. Nós não temos ar-condicionado em casa, apenas altos e desajeitados ventiladores que sempre falham no meio da noite. E na maior parte do tempo Carol não nos deixa nem usá-los; ela diz que gastam muita energia, e nós não temos energia para gastar.

Pelo menos há apenas algumas pessoas a nossa frente. Uma enfermeira vem do prédio, carregando uma pilha de pranchetas e algumas canetas, e começa a distribui-los ao longo da fila.

"Por favor, certifiquem-se de marcar todas as informações pedidas," ela diz "incluindo seu histórico médico e o da sua família."

Meu coração parece começar a subir pela minha garganta. As ordenadas caixas numeradas ao longo da folha—último nome, primeiro nome, nome do meio, endereço,

idade—colidindo. Fico feliz por Hana estar na minha frente. Ela começa a preencher os formulários rapidamente, apoiando a prancheta em seu antebraço, sua caneta deslizando pelo papel.

"Próxima."

A porta abre novamente, e uma segunda enfermeira aparece e gesticula para Hana entrar. No frescor escuro atrás dela, posso ver uma brilhante sala branca com tapete verde.

"Boa sorte," digo para Hana.

Ela se vira e me dá um rápido sorriso. Mas posso dizer que ela está nervosa, finalmente. Há um vinco entre suas sobrancelhas finas e ela está mordendo a ponta do lábio.

Ela começa a entrar no laboratório e então se vira abruptamente e caminha de volta até mim, seu rosto selvagem e não familiar, agarrando-me pelos ombros, colocando sua boca direto no meu ouvido. Fico tão surpresa que deixo minha prancheta cair.

"Você sabe que não pode ser feliz a menos que você seja infeliz algumas vezes, certo?" Ela sussurra, e sua voz é rouca, como se ela estivesse chorando.

"O quê?" Suas unhas estão cravando em meus ombros, e no momento eu estou com medo dela.

"Você não pode ser feliz a menos que você seja infeliz alguma vez. Você sabe, certo?"

Antes que eu possa responder, ela me solta e se afasta, seu rosto tão sereno e composto como sempre. Ela se abaixa para pegar minha prancheta, a qual ela passa para mim sorrindo. Então ela se vira e some atrás das portas de vidro, que abrem e fecham atrás dela tão bem quanto à superfície da água, sugando e fechando sobre algo que está se afogando.

4

O diabo entrou no Jardim do Éden
Ele carregava consigo uma doença—amor deliria nervosa—
Na forma de uma semente. Isso cresceu e se transformou em uma
Magnífica macieira, que deu maçãs tão brilhantes quanto sangue.

— De *Gênesis: Uma História Completa do Mundo e do Universo Conhecido*, de Steven Horace, PhD, Universidade de Harvard.

No momento em que a enfermeira me deixou entrar na sala de espera, Hana tinha ido—desaparecido num dos antissépticos corredores brancos e entrado em uma das dezenas portas brancas idênticas—apesar de ter por volta de meia dúzia de outras garotas circulando, esperando. Uma das garotas está sentada numa cadeira, debruçada sobre a prancheta, escrevendo e rabiscando as suas respostas, e então as reescrevendo. Outra garota está perguntando freneticamente à enfermeira a diferença entre *condições médicas crônicas* e *condições médicas pré-existentes*. Ela parece estar a beira de uma crise—uma veia está se destacando em sua testa e sua voz está subindo histericamente—e eu me pergunto se ela vai listar uma certa tendência a ansiedade excessiva em sua folha.

Não é engraçado, mas eu tenho vontade de rir. Eu coloco minha mão no meu rosto, bufando em minha palma. Eu tenho a tendência de rir quando estou extremamente nervosa. Durante os testes na escola eu sempre tenho problemas por rir. Eu me pergunto se deveria ter marcado aquilo.

Uma enfermeira tira minha prancheta de mim e folheia as páginas para ver se eu não deixei nenhuma pergunta em branco.

"Lena Haloway?" ela diz em uma voz clara e precisa, que todas as enfermeiras parecem compartilhar, como se fosse parte do treinamento médico.

"Uh-hum," eu digo, e então rapidamente me corrijo. Minha tia disse que os avaliadores iriam esperar certa formalidade. "Sim. Essa sou eu." É estranho ouvir meu nome verdadeiro, Haloway, e uma sensação boba se aloja no fundo do meu estômago. Na ultima década eu tenho usado o sobrenome da minha tia, Tiddle. Apesar de ser um sobrenome bem estúpido—Hana uma vez disse que a lembrava a palavra de uma criança pequena para xixi—pelo menos não era associado a minha mãe e meu pai. Pelo menos os Tiddles são uma família de verdade. Os Haloways não são nada a não ser uma memória. Mas para propósitos formais eu tenho que usar meu nome de nascimento.

"Siga-me." A enfermeira segue para um dos corredores, e eu sigo o claro tique-taque de seus saltos contra o linóleo. As paredes são ofuscantemente brilhantes. As borboletas estão subindo do meu estômago para minha cabeça, fazendo eu me sentir tonta, então tento me acalmar imaginando o oceano lá fora, as gaivotas girando como cata-ventos no céu.

Logo eu terei terminado, eu digo a mim mesma. Isso terá terminado logo e eu irei para casa, e nunca terei que pensar na avaliação novamente.

As paredes pareciam se prolongar para sempre. Mais para frente uma porta se abre, e um momento depois, quando nós fazemos uma curva, uma menina passa por nós. A sua face está vermelha e ela obviamente esteve chorando. Ela já deve ter terminado a avaliação. Eu a reconheço, vagamente, como uma das primeiras garotas admitidas.

Eu não consigo evitar sentir pena dela. Avaliações vão geralmente, de meia hora a duas, mas é de senso comum que quanto mais tempo os avaliadores te mantêm, melhor você está indo. Claro, isso nem sempre é verdade. Dois anos atrás, Marcy Davies famosamente entrou e saiu do laboratório em quarenta e cinco minutos, e ela conseguiu um perfeito dez. E no ano passado, Corey Winde bateu o recorde da avaliação mais longa—três horas e meia—e ainda sim recebeu somente um três. Há um sistema por trás das avaliações, obviamente, mas há sempre um grau de aleatoriedade para eles também. Algumas vezes parece que todo o processo está designado a ser tão intimidante e confuso quanto possível.

Eu tenho uma repentina fantasia de correr por esses corredores limpos, estéreis, chutando todas as portas. Então, imediatamente, me sinto culpada. Essa é a pior hora de todas para estar tendo dúvidas sobre os avaliadores, e eu mentalmente amaldiçoo Hana. Isso é culpa dela, por dizer aquelas coisas para mim lá fora. Você não pode ser feliz, a não ser que você seja infeliz algumas vezes. Uma escolha limitada. Nós podemos escolher a partir das pessoas que foram escolhidas para nós.

Eu estou feliz que a escolha seja feita por nós. Eu estou grata que eu não tenho que escolher—mas mais que isso, eu sou grata por não ter que fazer alguém mais me escolher. Isso estaria tudo bem para Hana, é claro, se as coisas ainda fossem como elas eram nos velhos dias. Hana com sua auréola de cabelos dourados, olhos cinza brilhantes, dentes perfeitos e seu riso que faz todos num raio de duas milhas quererem se aproximar, olhar para ela e rir também. Até a falta de jeito parece bom nela; isso me faz querer estender uma mão para ajudá-la ou carregar seus livros. Quando eu tropeço nos meus próprios pés ou derramo café na minha camiseta, as pessoas olham para longe. Você quase pode os ver pensando. Que bagunça. E sempre que eu estou rodeada de estranhos minha mente fica difusa, amortecida e cinza, como ruas começando a derreter depois de neve espessa – diferente de Hana, que parece sempre saber exatamente o que dizer.

Nenhum homem em seu juízo perfeito me escolheria enquanto houvesse pessoas como Hana no mundo: seria como sossegar com um biscoito velho quando o que você

realmente quer é uma grande taça de sorvete, chantilly e cerejas com granulado de chocolate incluso. Então eu ficaria feliz em receber minha elegante página impressa de *Pares Aprovados*. Pelo menos isso significa que eu vou acabar com alguém. Não importando que ninguém jamais tenha pensado que eu sou bonita (embora algumas vezes eu quisesse, só por um segundo, que alguém pensasse). Não importando se eu tivesse apenas um olho.

"Aqui dentro." A enfermeira para, finalmente, do lado de fora a porta parece exatamente como as outras. "Você pode deixar as suas roupas e coisas na antecâmara. Por favor, coloque a bata que é fornecida a você, com a abertura para as costas. Sinta-se livre para ter um momento, tomar água, fazer alguma meditação."

Eu imagino centenas e centenas de garotas sentadas de pernas cruzadas no chão, mãos apoiadas em seus joelhos, cantando *ohm*, e tenho que sufocar outra vontade urgente de rir.

"Por favor, esteja ciente, no entanto, que quanto mais tempo você levar para se preparar menos tempo os avaliadores terão para te conhecer."

Ela sorri fortemente. Tudo sobre ela é forte: sua pele, seus olhos, seu jaleco. Ela está olhando diretamente para mim, mas eu tenho a impressão de que ela não está realmente se focando, que em sua mente ela já está tiquetaqueando seu caminho de volta para a sala de espera, pronta para trazer outra garota por outro corredor e dar a ela a mesma lengalenga. Eu me sinto muito sozinha, cercada por essas paredes espessas que abafam todos os sons, isolada do sol, do vento e do calor, tudo é tão perfeito e não natural.

"Quando você estiver pronta, atravesse a porta azul. Os avaliadores estarão te esperando no laboratório."

Depois da enfermeira se afastar eu entro na antecâmara, que é pequena e tão brilhante quanto o corredor. Parece uma sala de exames comum. Há uma enorme parte de equipamento médico no canto, emitindo uma série de bips periódicos, uma maca coberta com papel de seda, um cheiro angustiante de antisséptico. Eu tiro as minhas roupas, tremendo conforme o ar-condicionado arrepia toda a minha pele, os pelos do meu braço ficando em pé. Ótimo. Agora os Avaliadores vão pensar que eu sou uma besta peluda.

Eu dobro minhas roupas, incluindo meu sutiã, em uma pilha arrumada e deslizo para minha bata. É feita de um plástico super-fino, e conforme eu a coloco envolta do meu corpo, prendendo-a na cintura com um nó, eu estou plenamente consciente que se pode ver praticamente tudo—incluindo o contorno da minha roupa íntima—através do tecido.

Fim. Logo isso vai estar no fim.

Eu tomo fôlego e atravesso a porta azul.

É ainda mais claro no laboratório—estonteantemente claro, então a primeira impressão dos avaliadores de mim deve ser de alguém estrábica, dando passos para trás, colocando sua mão no rosto. Quatro sombras flutuam na minha frente uma ao lado da outra, todas sentadas atrás de uma mesa longa e baixa. Essa sala é muito grande, e completamente vazia, exceto pelos avaliadores e, no canto, uma mesa cirúrgica de aço que foi empurrada contra uma parede. Duas fileiras de luzes no teto estão sobre mim, mas eu noto quão alto é o teto: pelo menos nove metros. Eu tenho um desejo desesperado de cruzar meus braços contra meu peito para me cobrir de alguma maneira. Minha boca seca e minha mente fica tão quente e branca quanto as luzes. Eu não posso lembrar o que eu devo fazer, o que eu devo falar.

Felizmente, um dos avaliadores, uma mulher, fala primeiro, "Você tem seus formulários?" sua voz soa amigável, mas não ajuda o punho que se fecha fundo no meu estômago, espremendo minhas tripas.

Oh meu Deus, eu penso. Eu vou fazer xixi. Eu vou fazer xixi bem aqui. Eu imagino o que a Hana vai dizer depois que isso acabar, quando nós estivermos andando pelo sol da tarde, com o cheiro de sal e pavimento aquecido pelo sol pesado no ar em nossa volta. "Deus," ela irá dizer. "Isso é uma perda de tempo. Todos eles sentados lá nos encarando como quatro sapos num tronco."

"Uhm—sim." Eu me aproximo, sentido como se o ar fosse sólido, resistindo a mim. Quando eu estou a alguns metros da mesa, eu estendo a mão e passo a minha prancheta para os avaliadores. Há três homens e uma mulher, mas eu percebo que não consigo focar em suas características por muito tempo. Eu os vejo rapidamente e então vou para trás novamente, ficando apenas com uma impressão de alguns narizes, alguns olhos escuros, e o piscar de um par de óculos.

Minha prancheta desliza pela linha de avaliadores. Eu aperto meus braços nos meus lados e tento parecer relaxada.

Atrás de mim, a plataforma de observação percorre a parede traseira, se elevando a cerca de seis metros acima do chão. É acessado por uma pequena porta vermelha acima dos níveis de cadeiras brancas que são obviamente para manter estudantes, médicos, estagiários e cientistas juniores. Os cientistas do laboratório não somente realizam o procedimento, eles fazem a verificação posteriormente e frequentemente tratam casos difíceis de outras doenças.

Ocorre-me que os cientistas devem realizar a cura aqui, nessa mesma sala. É para isso que a mesa cirúrgica deve servir. O punho de ansiedade começa a se fechar sobre meu estômago novamente. Por algum motivo, eu sempre pensei sobre como seria ser curada, eu realmente nunca pensei sobre o procedimento: a mesa de metal sólida, as luzes piscando acima de mim, os tubos, os fios e a dor.

"Lena Haloway?"

"Sim. Essa sou eu."

"Certo. Por que você não começa nos contando um pouco sobre você mesma?" O avaliador com os óculos se inclina para frente, espalhando suas mãos, e sorri. Ele tem grandes dentes brancos que me lembram ladrilhos de banheiro. O reflexo em seus óculos me impede de ver seus olhos, e eu desejo que ele os tire. "Conte-nos sobre as coisas que você gosta de fazer. Seus interesses, passatempos, matérias favoritas."

Eu ia lançar o discurso que preparei, sobre fotografia e corrida e passar tempo com os meus amigos, mas eu não estou me focando. Eu vejo os avaliadores acenando na minha frente, os sorrisos começando a perder a expressão conforme eles tomam nota, então eu sei que estou indo bem, mas eu não consigo nem ouvir as palavras que estão saindo da minha boca. Eu estou fixada na mesa cirúrgica de metal e continuo a olhar para ela sorrateiramente, pelo canto do meu olho, vendo-a piscar e brilhar na luz como a ponta de uma faca.

E de repente eu estou pensando na minha mãe. Minha mãe permaneceu sem cura, apesar dos três procedimentos distintos, e a doença a reclamou, cortando-a por dentro e tornou seus olhos vazios e seu rosto pálido, tomou o controle de seus pés e a liderou, centímetro por centímetro, para a borda de um penhasco de areia para o brilhante ar em um mergulho para o além.

Pelo menos é isso que eles me dizem. Eu tinha seis anos naquela época. Eu só me lembro da pressão quente de seus dedos no meu rosto à noite e suas últimas palavras, sussurradas para mim. *Eu te amo. Lembre-se. Eles não podem levar isso.*

Eu fecho meus olhos rapidamente, oprimida pelo pensamento da minha mãe contorcendo-se e uma dúzia de cientistas em jalecos a assistindo, escrevendo impassivelmente em seus cadernos. Por três vezes ela foi amarrada a uma mesa de metal. Por três vezes uma multidão de observadores a assistiu da plataforma, tomando notas de suas reações, conforme as agulhas, e então lasers, perfuravam a sua pele. Normalmente os pacientes são anestesiados durante o procedimento e não sentem nada, mas minha tia uma vez deixou escapar que durante o terceiro procedimento da minha mãe eles se recusaram a sedá-la, pensando que a anestesia podia estar interferindo em seu cérebro e reagindo com a cura.

"Você gostaria de alguma água?" O avaliador Um, a mulher, gesticula para uma garrafa de água e um copo em cima da mesa. Ela notou a minha pequena hesitação, mas está tudo bem. Minha declaração pessoal está feita, e eu posso dizer pelo modo como os avaliadores me olham—satisfeitos, orgulhosos, como seu eu fosse uma garotinha que conseguiu encaixar todos os pinos em todos os buracos certos—que eu fiz um bom trabalho.

Eu me sirvo com um copo de água, grata pela pausa. Eu consigo sentir o suor formigando debaixo dos meus braços, no meu couro cabeludo, e na base do meu pescoço,

e eu rezo para Deus para que eles não vejam. Eu tento manter meus olhos nos avaliadores, mas há na minha visão periférica, sorrindo para mim: aquela maldita mesa.

"Certo, agora Lena. Nós vamos fazer algumas perguntas para você. Nós queremos que você as responda honestamente. Nós estamos somente tentando te conhecer como uma pessoa."

Em oposição a que? A questão aparece na minha cabeça antes que eu possa pará-la. Como um animal?

Eu tomo fôlego, me forçando a acenar e sorrir. "Ótimo."

"Quais são os seus livros prediletos?"

"*Amor, Guerra e Interferência*, de Christopher Malley" eu respondo automaticamente. "*Fronteira*, de Philippa Harolde." Não adianta tentar manter as imagens afastadas: Elas estão vindo agora, uma enchente. Aquela palavra continua repassando no meu cérebro, como se estivesse gravada lá. Dor. Eles queriam fazer a minha mãe passar por um quarto procedimento. Eles estavam vindo buscá-la para levá-la ao laboratório na noite em que ela morreu. Mas ao invés disso, ela fugiu para a escuridão, voando pelo ar. Ao invés disso, ela me acordou com aquelas palavras – eu te amo. Lembre-se. Eles não podem nos tirar isso. – palavras as quais o vento parecia trazê-las de volta para mim muito depois dela desaparecer, repetidas nas árvores secas, nas folhas sussurrando na madrugada cinza e fria. "E *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare."

Os avaliadores acenam, tomam notas. Romeu e Julieta é uma leitura obrigatória para cada calouro nas aulas de Saúde.

"E por que esse livro?" O Avaliador Três pergunta.

É assustador: é o que eu devo dizer. É um conto preventivo, um aviso sobre os perigos do mundo antigo, antes da cura. Mas minha garganta parece ter crescido e inchado. Não há espaço para espremer as palavras. Elas estão presas lá como carrapichos que grudam em nossas roupas quando nós corremos por uma fazenda. E naquele momento parece que eu consigo ouvir o som do oceano, consigo ouvir o som distante, o sussurro insistente, posso imaginar o seu peso se fechando em volta da minha mãe, a água tão pesada quanto uma pedra. E isso sai: "É lindo."

Instantaneamente todas as quatro cabeças se levantam e olham para mim, como marionetes conectadas por um mesmo fio.

"Lindo?" A Avaliadora Um franze o nariz. Há um zunido frígido de tensão no ar, e eu percebo que eu cometi um grande, grande erro.

O avaliador com óculos se inclina para frente. "É uma palavra interessante para ser usada. Muito interessante." Nessa hora quando ele mostra os seus dentes, eles me

lembram os caninos brancos e curvados de um cachorro. “Talvez você ache o sofrimento bonito? Talvez você goste de violência?”

“Não. Não, não é isso.” Eu estou tentando pensar corretamente, mas minha cabeça está cheia do som sem palavras do oceano. Cada vez mais alto e mais alto por segundo. E agora, vagamente, é como se eu pudesse ouvir o seu grito—como se o grito da minha mãe estivesse me alcançando depois de uma década. “Eu quero dizer... há uma coisa tão triste sobre isso...” Eu estou lutando, debatendo, sentindo como se eu estivesse me afogando, na luz branca e no som. Sacrifício. Eu quero dizer alguma coisa sobre sacrifício, mas as palavras não vêm.

“Vamos continuar.” A Avaliadora Um, que soou tão doce quando me ofereceu a água, perdeu toda a sua pretensão de amizade. Ela é toda negócios agora. “Nos fale sobre algo simples. Como sua cor favorita, por exemplo.”

Parte do meu cérebro—a racional, a parte educada, o meu eu lógico—grita, Azul! Diga azul! Mas outra parte, a coisa mais velha dentro de mim está andando através das ondas de som, surgindo com o barulho crescente. “Cinza,” eu digo.

“Cinza?” o avaliador quatro repete de volta.

Meu coração está fazendo espirais para o meu estômago. Eu sei que eu fiz isso, eu posso ver praticamente os meus números decaindo. Mas é muito tarde. Estou acabada—ela está rugindo em meus ouvidos, cada vez mais alto, uma correria que torna o pensamento impossível. Eu rapidamente gaguejo uma explicação. “Não cinza exatamente. Antes do sol nascer há um momento em que todo o céu fica dessa cor pálida—não realmente cinza, mas algo assim, quase que branco, e eu sempre gostei muito dessa cor porque me lembra da espera de algo bom que vai acontecer.”

Mas eles pararam de ouvir. Todos eles estão olhando além de mim, cabeças inclinadas, expressões confusas, como se tentando decifrar palavras familiares numa língua estrangeira. E então de repente o rugir e o grito surgem e percebo que eu não tenho os imaginado todo esse tempo. Pessoas realmente estão gritando e há um som de queda, rolando, som de tambores, como mil pés se movendo ao mesmo tempo. Há um terceiro som também, sendo executado sob os outros dois: um grito sem palavras que não soava humano.

Na minha confusão tudo parece desconexo, como num sonho. Avaliadora Um levanta da sua cadeira, dizendo, “Que diabos...?”

Ao mesmo tempo, Óculos diz, “Sente-se Helen. Eu verei o que está errado.”

Mas naquele segundo a porta azul se abre e um borrão contínuo de vacas—reais, vivas, suando, mugindo—vêm correndo para dentro do laboratório.

Definitivamente uma debandada, eu penso, e por um momento estranho e imparcial eu me sinto orgulhosa por ter identificado corretamente o barulho.

E então percebo que estou prestes a ser carregada por um rebanho de animais muito pesados e assustados, e estou a cerca de dois minutos de ser pisoteada.

Instantaneamente eu me lanço no canto e me escondo atrás da mesa cirúrgica, onde estou completamente a salvo do bando de animais apavorados. Eu levanto minha cabeça um pouco para continuar vendo o que está acontecendo. Os avaliadores estão pulando para cima da mesa agora, conforme paredes de vacas marrons estão circulando ao seu redor. Avaliador Um está gritando a todos os pulmões, e Óculos está gritando "Acalme-se, acalme-se!" apesar dele estar se agarrando a ela como se fosse um bote salva-vidas e ele estivesse em perigo de naufrágio.

Algumas das vacas têm perucas penduradas loucamente em suas cabeças, e outras têm batas idênticas a que eu estou usando. Por um segundo eu tenho certeza que estou sonhando. Talvez esse dia inteiro tenha sido um sonho, e eu vou acordar para descobrir que ainda estou em casa, na cama, na manhã da minha avaliação. Mas então eu noto a escrita nos flancos das vacas: NÃO CURADAS. MORTE. As palavras estão escritas em tinta desleixada, bem acima dos números ordenadamente marcados que as identificam como destinadas ao matadouro.

Um pequeno arrepio sobe pela minha coluna, e tudo começa a se encaixar no seu lugar. A cada dois anos os Inválidos—as pessoas que moram nas Terras Selvagens, a terra não regulamentada que existe entre as cidades e vilas reconhecidas—esgueiram-se dentro de Portland e fazem algum tipo de protesto. Num ano eles vieram à noite e pintaram crânios vermelhos em cada casa dos cientistas conhecidos. Num outro ano eles planejaram invadir a estação central de polícia, que coordena todos os turnos de patrulhas e guardas de Portland, e moveram todos os móveis para o telhado, até mesmo as maquinas de café. Aquilo foi bem legal, na verdade—fantástico, se você pensasse que a Central deveria ser o prédio mais seguro de Portland. As pessoas das Terras Selvagens, não veem o amor como uma doença, e eles não acreditam na cura. Eles acham que é um tipo de crueldade. Por isso o slogan.

Agora eu entendo: as vacas estão vestidas como nós, as pessoas sendo avaliadas. Como se nós todos fôssemos um bando de animais pastorados.

As vacas de alguma forma estão se acalmando. Elas não estão mais correndo, e elas começaram a andar de um lado para o outro no laboratório. Avaliadora Um está com a prancheta em sua mão, e ela está se precipitando e golpeando conforme as vacas estão na mesa, mugindo e mordiscando os papeis espalhados por cima da mesa—as notas dos avaliadores, eu percebo, quando uma vaca pega uma folha de papel e começa a rasgá-la com seus dentes. Graças a Deus. Talvez as vacas vão comer todas as notas, e os avaliadores vão perder de vista o fato que eu estava completamente deplorável. Meio

escondida atrás da mesa—e salva, agora, daquele acentuado bater de cascos—eu preciso admitir que a coisa toda é meio hilária.

Foi quando eu o ouvi. De alguma maneira, acima do ronco, dos cascos e dos gritos, eu ouvi uma risada acima de mim—baixa, curta e musical, como alguém tocando algumas notas de um piano.

A plataforma de observação. Um garoto está na plataforma de observação, assistindo todo o caos abaixo. E ele está rindo.

Logo que eu olho para cima, seus olhos travam no meu rosto. O meu fôlego sai do meu corpo e tudo parece congelar por um segundo, como se eu estivesse olhando para ele através da minha câmera lenta, ampliada por todo o caminho, o mundo pausando por aquele pequeno período de tempo entre o abrir e o fechar da lente de uma câmera fotográfica.

Seu cabelo é louro escuro, como folhas no outono bem quando elas estão mudando de cor, e seus brilhantes olhos âmbar. No momento em que eu o vejo eu sei que ele é uma das pessoas responsáveis por isso. Eu sei que ele deve viver no Selvagem. Eu sei que ele é um Inválido. Medo golpeia meu estômago, e abro a minha boca para dizer algo—eu não sei exatamente o que—mas naquele exato momento ele mexe a sua cabeça, e de repente eu não posso fazer um som. Então ele faz o absolutamente, positivamente impensável.

Ele pisca para mim.

E por fim, o alarme dispara. É tão alto que eu tenho que cobrir meus ouvidos com minhas mãos. Eu olho para ver se os avaliadores o viram, mas eles continuam fazendo a mesma dança de mesa, e quando eu olho para cima novamente, ele se foi.

5

Pise na rachadura, você vai quebrar as costas da sua mãe.
Pise na pedra, você vai terminar sozinha.
Pise na vara, você está comprometido a ficar doente.
Olhe onde você pisa, você vai trazer a morte.

— Um canto comum das crianças no playground, usualmente acompanhado de pulos ou palmas.

Essa noite, eu tenho o mesmo sonho. Outra vez.

Estou no topo de um precipício branco feito de areia. O chão é instável. O lugar em que estou de pé está começando a desmoronar, grãos começam a se distanciar e cair, cair, cair—milhares de metros abaixo de mim, para o oceano, que dá chicotadas e agarra tão forte que parece com um gigante ensopado espumoso, e toda crista espumosa explode na água. Tenho pavor de cair, mas por algum motivo não consigo me mover ou me afastar do precipício, mesmo sentindo o chão abaixo de mim, milhares de moléculas se reorganizando e se afastando com o vento: a qualquer segundo eu vou cair.

E pouco antes de saber que não há nada abaixo de mim além do ar—que a qualquer fração de segundo vou sentir o ar me rodeando enquanto caio para a água—as ondas chicoteando abaixo de mim abrem por um momento e eu vejo o rosto de minha mãe, pálida, inchada e manchada de azul, flutuando logo abaixo da superfície. Seus olhos estão abertos, sua boca está separada como se ela tentasse gritar, seus braços estão estendidos ao seu lado, flutuando na correnteza, como se ela estivesse esperando para me abraçar.

É nesse momento que eu acordo. É sempre nesse momento que eu acordo.

Meu travesseiro está úmido, e tenho uma sensação áspera na garganta. Estive chorando enquanto dormia. Gracie está perto de mim, uma bochecha amassada e murcha contra os lençóis, sua boca fazendo infinitas repetições silenciosas. Ela sempre vem para a minha cama quando estou tendo esse sonho. De algum modo, parece que ela pode sentir.

Afasto o cabelo de seu rosto e puxo o lençol molhado pelo suor para longe de seus ombros. Vou ficar triste de deixar Grace quando eu partir. Nossos segredos nos deixaram mais próximas, unindo-nos. Ela é a única que sabe sobre a Frieza: um sentimento que vem às vezes, quando estou deitada na cama, uma sombra, um sentimento vazio que tira meu ar e me faz tremer como se eu estivesse mergulhada em uma água congelante. Em noites

como essa—mesmo que seja errado e ilegal—eu penso sobre aquelas estranhas e terríveis palavras. Eu amo você, e me pergunto qual seria o gosto delas na minha boca, tentando me lembrar de seu ritmo cadenciado na língua de minha mãe.

E, claro, eu mantenho seu segredo guardado. Sou a única que sabe que Grace não é estúpida, nem lenta: não há nada de errado com ela. Sou a única que já a ouviu falar. Uma noite depois de ela ter vindo dormir em minha cama, acordei de madrugada, as sombras da noite dançavam no muro lá fora. Ela estava soluçando baixinho no travesseiro perto de mim, pronunciando a mesma palavra uma e outra vez, cobrindo a boca com o cobertor, então eu mal pude escutá-la: "Mamãe, mamãe, mamãe". Como se ela estivesse tentando proteger o seu redor; como se eu fosse sufocá-la durante o sono. Coloquei meus braços ao redor dela e a apertei, e depois do que pareceram horas, ela se esgotou de repetir aquela palavra e voltou a cair no sono, à tensão em seu corpo relaxando lentamente, seu rosto quente e molhado pelas lágrimas.

Esse é o real motivo por ela não falar. Todas as suas outras palavras são substituídas por essa simples e iminente palavra, uma palavra que ainda ecoa nos sombrios cantos de sua memória. Mamãe.

Eu sei. Eu me lembro.

Sento e vejo as luzes refletindo na parede, ouvindo o som das gaivotas lá fora, tomo um gole de água do copo que está próximo a minha cama. Hoje é 2 de Junho. Noventa e quatro dias.

Desejo, por Grace, que a cura chegue logo. Conforto-me com o pensamento de que algum dia ela vai ter o procedimento também. Um dia ela vai ser salva, e o passado e toda essa dor serão amassados suavemente como a papinha que estaremos dando aos nossos bebês.

Um dia todos nós seremos salvos.

Quando eu me arrasto para o café da manhã—sentindo como se alguém tivesse jogado areia em meus olhos—a história oficial sobre o incidente nos laboratórios está sendo contada. Carol mantém sua pequena televisão em um volume baixo enquanto faz o café da manhã, e o murmúrio das vozes dos locutores quase me faz cair no sono novamente. "Ontem um caminhão cheio de gado destinado ao matadouro foi misturado a um carregamento cheio de medicamentos, resultando em um hilariante caos sem precedentes, como mostram as imagens." Deixa para: enfermeiras gritando e acertando vacas mugindo com suas pranchetas.

Isso não faz sentido algum, mas enquanto ninguém mencionar os Inválidos, todos ficam felizes. Supostamente nós não deveríamos saber sobre eles. Eles não deveriam nem existir; supostamente, todas as pessoas que vivem nas Terras Selvagens foram destruídas a mais de cinquenta anos atrás, durante o bombardeio.

Cinquenta anos atrás o governo fechou as fronteiras dos Estados Unidos. A fronteira é vigiada constantemente pelo serviço militar. Ninguém pode entrar. Ninguém pode sair. Cada comunidade sancionada e aprovada também deve ser contida dentro de alguma fronteira—essa é a lei—e toda viagem entre as comunidades requer um consentimento escrito do prefeito, para ser obtido seis meses depois. Isso é para a nossa proteção. Segurança, Virtude, Comunidade: esse é o lema do nosso país.

Na maior parte, o governo foi um sucesso. Nós não vimos uma guerra desde que a fronteira foi fechada, e dificilmente algum crime é cometido, exceto pelos casos isolados de vandalismo ou furto. Não há mais ódio nos Estados Unidos, pelo menos não entre os curados. Somente casos esporádicos de desapego—mas todo procedimento médico é acompanhado de um risco.

Mas até agora, o governo falhou não conseguindo livrar o país dos Inválidos, os únicos que tem registros sobres eles são a administração e o sistema em geral. Então nós não falamos sobre eles. Nós fingimos que as Terras Selvagens—e as pessoas que vivem lá—nem sequer existem. É raro ouvir uma palavra sobre isso, exceto quando um suposto simpatizante desaparece, ou quando um jovem casal é encontrado abandonado antes que a cura possa ser administrada.

Uma parte das verdadeiras boas notícias é: tudo sobre as avaliações de ontem foi invalidado. Todos nós receberemos uma nova data de avaliação, o que significa ter uma segunda chance. Dessa vez juro que não vou estragar tudo. Sinto-me completamente idiota pela crise que tive nos laboratórios. Sentada à mesa para o café da manhã, onde tudo parece tão limpo, brilhante e normal—a caneca azul lascada cheia de café, o errático bipe do micro-ondas (um dos poucos aparelhos eletrônicos, além das luzes, que Carol realmente nos permite usar)—faz o dia de ontem parecer como um distante e estranho sonho. É um milagre, na verdade, que um bando de fanáticos inválidos tenha decidido fazer uma debandada justo no exato momento em que eu falhava no teste mais importante da minha vida. Não sei o que aconteceu comigo. Penso sobre Óculos mostrando seus dentes, e o momento em que ouvi minha boca dizer, "Cinza," e estremeço. Estúpida, estúpida.

De repente estou ciente de que Jenny está falando comigo.

"O quê?" pisco para Jenny conforme ela aparece mais em foco. Vejo sua mão enquanto ela corta sua torrada precisamente em quatro.

"Eu disse, o que há de errado com você?" Para trás e para frente, para trás e para frente. A faca tinindo sobre a borda do prato. "Parece que você está prestes a vomitar ou algo assim."

"Jenny," Carol repreende. Ela está na pia, lavando as louças. "Não enquanto seu tio está tomando o café da manhã."

"Estou bem." Corto um pedaço de torrada, deslizo a manteiga que está no meio da mesa sobre ela, e me forço a comer. A última coisa de que preciso é do bom e velho interrogatório de família. "Só estou cansada."

Carol se vira para me olhar. Seu rosto sempre me lembra de bonecas. Mesmo quando ela está falando, mesmo quando ela está irritada, feliz ou confusa, sua expressão fica estranhamente imóvel. "Não conseguiu dormir?"

"Dormi," respondi. "Só tive um sonho ruim."

No fim da mesa, meu tio William começou a ler o jornal. "Oh, Deus. Você sabia disso? Você acaba de me lembrar. Tive um sonho ruim noite passada também."

Carol ergue suas sobrancelhas, e até Jenny parece interessada. É extremamente incomum que as pessoas tenham sonhos depois de terem sido curados. Carol uma vez me disse que nas raras ocasiões em que ela tem um sonho, seus sonhos são cheios de louças, pilhas e pilhas de louças subindo para o céu, e algumas vezes ela as escala, peça por peça, transportando-se até as nuvens, tentando alcançar o topo da pilha. Mas nunca termina; ela se estende pelo infinito. Até onde eu sei minha irmã Rachel nunca mais sonhou.

William sorri. "Eu estava calafetando a janela no banheiro. Carol, você lembra que eu disse ter um vazamento no outro dia? De qualquer jeito, eu estava colocando no lugar, mas cada vez que eu terminava, começava a vazar em outro lugar—quase como se estivesse nevando—e o vento vinha e começava tudo de novo. De novo e de novo e de novo, parecia que já durava horas."

"Que estranho," minha tia diz, sorrindo, vindo para a mesa com um prato de ovos fritos. Meu tio gosta deles super moles, e eles se assentam sobre o prato, as gemas sacolejando e tremendo como dançarinos de ula-ula, banhados em óleo. Meu estômago dá um giro.

William disse: "Não me surpreende que eu esteja tão cansado essa manhã. Estive fazendo trabalho doméstico a noite toda."

Todos riem, menos eu. Pego outro pedaço de torrada, me perguntando se eu sonharei uma vez que estiver curada.

Espero que não.

Esse ano é o primeiro, desde a sexta série, que eu não tenho nem uma aula sequer com Hana, então eu não vou vê-la até depois da aula, quando nós nos encontramos na sala de armários para ir correr, mesmo que a temporada de cross-country tenha terminado algumas semanas atrás. (Quando o time foi para as Regionais era só a terceira vez que eu saía em Portland, e mesmo pensando que nós corremos apenas quarenta milhas ao longo da cinza e sombria estrada municipal, eu dificilmente conseguia respirar, as borboletas em

minha garganta estavam frenéticas). Ainda assim, Hana e eu tentamos correr juntas o máximo possível, mesmo durante as férias da escola.

Comecei a correr quando tinha seis anos, depois da minha mãe cometer suicídio. O primeiro dia que eu corri uma milha inteira foi o dia do funeral dela. Disseram para eu ficar no andar de cima, com meus primos, enquanto meus tios preparavam a casa para o serviço do memorial e preparavam toda a comida. Márcia e Rachel supostamente deveriam me aprontar, mas em algum momento, enquanto eles deveriam me ajudar a me vestir, elas começaram a discutir sobre algo e pararam de prestar qualquer atenção em mim. Então eu desci as escadas, meu vestido fechado só até a metade nas minhas costas, para pedir ajuda para a minha tia. A Srta. Eisner, minha tia e vizinha na época, estava lá. Quando entrei na cozinha ela estava dizendo "É horrível, com certeza. Mas não havia esperança para ela de todos os modos. É muito melhor assim. É melhor para Lena também. Quem quer uma mãe dessas?"

Eu não deveria ter ouvido. Srta. Eisner deu uma leve engasgada quando me viu, e sua boca se calou rapidamente, como uma rolha sendo posta novamente na garrafa. Minha tia só ficou ali, e foi naquele segundo que o mundo e o futuro colidiram em um único ponto, e eu entendi que isso—a cozinha, o brilho do chão encerado, as luzes acesas, e a massa verde vívida no canto—era tudo que havia restado, agora que minha mãe havia partido.

De repente eu não consegui mais ficar lá. Não podia ficar ao lado da minha tia na cozinha, que agora eu entendia que seria a minha cozinha. Eu não podia suportar gelatina. Minha mãe odiava gelatina. E cada sentimento começou a trabalhar o seu caminho pelo meu corpo, como se milhares de mosquitos estivessem circulando pelo meu sangue, mordendo-me de dentro para fora, me fazendo querer gritar, pular, espernear.

Corri.

Hana, com um pé sobre o banco, está amarrando o tênis quando eu chego. Meu terrível segredo é que gosto de correr com Hana, em parte porque é a única, solitária e simples coisa que eu consigo fazer melhor do que ela, mas eu jamais admitiria isso em voz alta, nem em um milhão de anos.

Não tive nem sequer uma chance de colocar minha bolsa no chão antes que ela se aproxime agarrando o meu braço.

"Você pode acreditar nisso?" Ela está lutando contra um sorriso, e seus olhos é uma mistura de cores—azul, verde, dourado—reluzindo como eles sempre fazem quando ela está excitada sobre algo. "Definitivamente foram os Inválidos. Isso é o que todo mundo está falando, de todo jeito."

Nós somos as únicas pessoas ali—todos os times terminaram a temporada—mas eu instintivamente movo minha cabeça ao redor quando ela fala aquela palavra. "Fala baixo."

Ela se afasta um pouco, jogando o cabelo sobre um ombro. "Relaxa. Eu revistei tudo. Até chequei os boxes do banheiro. Está tudo limpo."

Abro o armário de academia que eu tive durante todos esses dez anos na St. Anne. Está cheio de embrulhos de chiclete, bilhetes e papéis perdidos com clipes, e no topo de tudo isso, minha pequena pilha de roupas de corrida, dois pares de sapatos, meu suéter do time de cross-country, uma dúzia de desodorantes meio usados, condicionador, e perfume. Em menos de duas semanas irei me formar e nunca mais olharei dentro desse armário novamente, e por um momento eu fico triste. É estranho, mas na verdade eu sempre adorei o cheiro de ginásio: o fluido de limpeza industrial e desodorante e bolas de futebol, e até mesmo o cheiro persistente de suor. Isso me conforta. É tão estranho como a vida funciona: você deseja alguma coisa e você espera e espera e sente que está levando uma eternidade para acontecer. Então acontece e acaba, e tudo que você quer é voltar atrás no momento antes das coisas mudarem.

"Quem é todo mundo, de qualquer jeito? As notícias estão dizendo que foi só um erro, um erro de envio ou algo assim." Sinto a necessidade de repetir a história oficial, mesmo que eu saiba tão bem quanto Hana que isso é besteira.

Ela senta no banco, me observando. Como de costume, ela está alheia ao fato de que eu odeio que as pessoas me olhem quando estou me trocando. "Não seja idiota, se isso estava nos noticiários, então definitivamente não é verdade. Além do mais, quem mistura uma vaca com uma caixa de medicamentos? Não é como se fosse difícil notar a diferença."

Dou de ombros. Ela está certa, obviamente. Ela ainda está olhando para mim, então eu mudo de lugar discretamente. Nunca estive confortável com o meu corpo como Hana e algumas outras garotas na St. Anne. Nunca superei o estranho sentimento de que fui ajustada em alguns lugares errados. Como se eu tivesse sido modelada por um artista amador: se você não olhar tão de perto, está tudo certo, mas ao começar a focar todos os erros e imperfeições começam a ficar óbvios.

Hana estica uma perna e começa a alongar, negando-se a deixar o assunto morrer. Hana é mais fascinada com as Terras Selvagens que qualquer outra pessoa que eu conheço. "Se você pensar sobre isso, é bem incrível. Eles planejaram tudo isso. Deve ter precisado de pelo menos quatro ou cinco pessoas, talvez mais, para coordenar tudo."

Penso brevemente no rapaz que vi no mirante do deck, sobre seu piscar, e seu cabelo com cor de folhas no outono, o jeito como ele inclinou a cabeça quando riu, então eu pude ver o arco abobadado preto em sua boca. Não disse a ninguém sobre ele, nem mesmo para Hana, e agora eu sinto que deveria.

Hana continua. "Alguém deve ter os códigos de segurança. Talvez um simpatizante—"

A porta bate audivelmente na frente da sala de armários, e Hana e eu pulamos, encarando uma a outra com os olhos arregalados. Barulho de passos rápidos contra o piso.

Depois de alguns segundos de hesitação, Hana pula suavemente para um tópico seguro: a cor das roupas de formaturas, que são laranja esse ano. Justo então a Srta. Johanson, a diretora atlética, vem pela fileira de armários, balançando seu apito ao redor de seu dedo.

"Pelo menos eles não são marrons, como na Fielston Prep," eu digo, embora eu mal esteja ouvindo Hana. Meu coração está palpitando e ainda penso sobre o garoto, e me pergunto se Johanson nos ouviu falar a palavra simpatizante. Ela não faz nada, mas acena quando passa por nós, o que é incomum.

Aprendi a ficar realmente boa nisso—dizer uma coisa quando estou pensando em alguma outra coisa, agir como se estivesse ouvindo quando não estou, fingir estar calma e feliz quando na verdade estou surtando. É uma das habilidades que você aperfeiçoa quando cresce. Você tem que aprender que as pessoas estão sempre ouvindo. A primeira vez que usei o celular que meus tios dividem, fiquei surpresa pelo sinal de interferência que ficava cortando minha conversa com Hana em certos intervalos, até minha tia me explicar que era apenas o governo ouvindo os dispositivos que arbitrariamente colocavam em celulares, gravando-os, monitorando conversações para palavras alvos como amor, ou inválidos, ou simpatizantes. Ninguém em particular é um alvo; é tudo feito aleatoriamente, para ser justo. Mas é quase pior assim. Quase sempre sinto como se houvesse um gigante olhar rotativo me analisando a cada segundo, captando meus pensamentos ruins, como um animal ainda aceso e claro no feixe de luz que vem de um farol.

Algumas vezes sinto como se houvesse duas de mim, uma brigando diretamente com a outra para assumir o controle: o meu eu superficial, que assente quando deve assentir e diz o que deve dizer, e outra parte profunda, a parte que se preocupa e sonha e diz "Cinza". Na maior parte do tempo elas se movem em sincronia e eu dificilmente noto a diferença, mas algumas vezes parece que há duas pessoas diferentes dentro de mim, e que eu posso me partir a qualquer segundo. Uma vez confessei isso para Rachel. Ela apenas sorriu e me disse que tudo ficaria melhor com o procedimento. Depois do procedimento, ela disse que tudo iria se acostumando, tudo deslizando, todos os dias tão fáceis como um, dois, três.

"Pronta," eu disse, travando o meu armário. Nós ainda podemos ouvir Johanson rondando pelo banheiro, assobiando. Uma descarga é dada. Uma torneira é aberta.

"Minha vez de escolher a rota," Hana diz, seus olhos brilhando, e antes que eu possa abrir a boca para protestar, ela se inclina e me beija no ombro. "Pique-pega. Tá com você." Ela diz, fácil assim, e sai pela porta, rindo, então eu tenho de correr para alcançá-la.

Mais cedo havia chovido, e a tempestade deixou tudo mais fresco. Água evaporava das poças nas ruas, deixando uma camada de névoa brilhante ao longo de Portland. Acima de nós o céu está agora em um vívido azul. A baía é plana e prateada, a costa é como um cinto gigante preso ao seu redor, mantendo-a no lugar.

Não pergunto a Hana aonde ela está indo, mas não me surpreendo quando ela começa a nos guiar em direção ao Velho Porto, além do antigo caminho que corre através da Commercial Street e dá nos laboratórios. Nós tentamos nos manter nas ruas menos movimentadas, mas é praticamente um jogo perdido. São três e meia. Todas as escolas já liberaram seus alunos, e nas ruas surgem diversos estudantes a caminho de casa. Alguns ônibus passam, e um ou dois carros também. Carros são considerados boa sorte. Quando eles passam, pessoas esticam as mãos para passar ao longo da brilhante lataria, das limpas e reluzentes janelas, que logo vão estar marcadas por digitais.

Hana e eu corremos próximas uma da outra, revendo todas as fofocas do dia. Nós não falamos sobre as avaliações frustradas de ontem, ou sobre os rumores dos Inválidos. Há muitas pessoas ao redor. Ao invés disso, ela me fala sobre seu exame de ética, e eu falo para ela sobre a briga de Cora Dervish com Minna Wilkinson. Nós falamos sobre Willow Marks, também, quem não foi mais vista na escola desde a outra quarta. Os rumores são de que Willow foi encontrada pelos reguladores na semana passada em Deering Oaks Park depois do toque de recolher—com um garoto.

Nós ouvimos rumores como esse sobre Willow há anos. Ela é o tipo de pessoa da qual todos gostam de falar. Ela tem cabelo loiro, mas ela está sempre colorindo com diferentes tons com marcadores, e me lembro de uma vez em uma visita ao museu, nós passamos por um grupo de garotos da Spencer Prep e ela disse tão alto que um de nossos supervisores poderia ter ouvido facilmente. “Eu gostaria de beijar um deles direto na boca.” Supostamente ela foi pega por sair com um garoto no décimo ano e saiu com um aviso, porque ela não mostrava sinais de deliria. Usualmente as pessoas cometem erros; é biológico, um resultado do mesmo tipo de química e hormônios em choque que ocasionalmente levam ao Não naturalismo, garotos atraídos por garotos e garotas atraídas por garotas. Esses impulsos, também, vão ser resolvidos pela cura.

Mas dessa vez é sério, aparentemente, e Hana solta a bomba justo quando nós viramos no Centro: Sr. e Sra. Marks concordaram em mudar a data do procedimento de Willow para daqui a seis meses. Ela vai perder a data da graduação para ser curada.

“Seis meses?” repito. Nós corremos duramente por vinte minutos, então eu não tenho certeza se o peso em meu peito é resultado do exercício ou da notícia. Sinto-me mais sem fôlego do que deveria, como se alguém estivesse sentado sobre o meu peito. “Isso não é perigoso?”

Hana vira sua cabeça para a direita, gesticulando de modo que seja pouco perceptível. “Já foi feito antes.”

“É, mas sem sucesso. E todos os efeitos colaterais? Problemas mentais? Cegueira?” Há uma lista de razões para os cientistas não deixarem ninguém abaixo de dezoito anos fazer o procedimento, mas a maior de todas é que não parece funcionar tão bem em pessoas novas, nos piores casos se soube que pode causar qualquer tipo de problema. Cientistas especularam que o cérebro e o sistema neural ainda estão muito plásticos antes

disso, ainda em formação. Então, quanto mais velho você é para passar pelo procedimento, melhor, mas a maioria das pessoas é agendada para o procedimento o mais próximo possível do seu aniversário de dezoito anos.

"Acho que eles pensam que vale o risco," Hana disse. "Melhor que a outra alternativa, você sabe? Amor deliria nervosa. O mais mortal de todas as coisas mortais." Esse é o lema que está escrito em cada panfleto sobre saúde mental que já foi escrito a respeito de deliria; a voz de Hana é plana quando ela repete isso, e faz meu estômago se revirar. Tudo sobre a loucura de ontem me fez esquecer o comentário de Hana antes das avaliações. Mas agora me lembro, e lembro quão estranha ela parecia também, olhos nublados e impossíveis de ler.

"Vamos." Sinto um esforço em meus pulmões e minha coxa esquerda está começando a ter câimbra. O único jeito de superar é correr mais rápido e mais forte. "Vamos continuar com isso, Lesma."

"Pode vir." A boca de Hana se abre em um sorriso e nós duas começamos a correr mais rápido. A dor em meu pulmão se espalha e aumenta até sentir como se estivesse em todo lugar, atingindo todas as minhas células e meus músculos ao mesmo tempo. A câimbra em minha perna me faz contrair cada vez que meu calcanhar atinge o pavimento. É sempre assim em duas ou três milhas, como se todo o estresse e a ansiedade, irritação e medo se transformassem em pequenos pontos de dores físicas, e você não pode respirar ou imaginar ir mais longe ou pensar em outra coisa: eu não posso. Não posso. Não posso.

E então, tão de repente quanto veio, passa. Toda a dor se esvai, a câimbra para, o peso em meu peito fica mais leve, e eu posso respirar facilmente. Instantaneamente um sentimento de total felicidade flutua dentro de mim: o sólido sentimento do chão abaixo de mim, a simplicidade dos movimentos, atirando fora de meus calcanhares, empurrando-me para frente no tempo e no espaço, totalmente livre e solta. Viro-me para Hana. Posso dizer pela expressão dela que ela também está sentindo. Ela atravessou a barreira. Ela percebe que estou olhando e se move, seu loiro rabo de cavalo um brilhante arco, para me dar um sinal de "legal" com as mãos.

É estranho. Quando nós corremos sinto-me mais próxima de Hana que em qualquer outro momento. Mesmo quando não estamos conversando, é como se houvesse uma corda invisível nos ligando, combinando nossos ritmos, nossos braços e nossas pernas, como se estivéssemos respondendo a mesma batida. Mais e mais vem ocorrendo a mim que isso, também, irá mudar depois dos nossos procedimentos. Ela vai ficar em West End e fará amizade com os vizinhos, que são pessoas mais ricas e sofisticadas que eu. Eu vou ficar em alguma droga de apartamento em Cumberland, e não vou sentir falta dela, ou me lembrar de como me sentia ao correrrmos juntas. Eles me alertaram que após o meu procedimento eu posso nem gostar mais de correr, ponto. Outro efeito colateral da cura: pessoas usualmente mudam seus hábitos, perdem o interesse em seus antigos hobbies e em coisas que antes lhes davam prazer.

"Os curados, incapaz de sentir fortes desejos, são portanto livrados de lembranças e da dor futura." (*Após o Procedimento*, O Manual de Segurança, Saúde e Felicidade, p. 132).

O mundo está girando por pessoas e ruas desabrochando ao longo de uma fita de cor e som. Nós corremos passando o St. Vicent, a maior escola só para garotos de Portland. Meia dúzia de garotos está no lado de fora jogando basquete, lentamente driblando a bola ao redor da quadra, chamando um pelo outro. Suas palavras são um borrão, uma indistinta série de gritos e latidos e uma pequena mistura de risos, o jeito como os garotos sempre soam quando estão juntos em grupos, mesmo que você só os ouça de um canto da avenida ou na praia. É como se eles tivessem uma linguagem própria, e pela milésima vez penso quão grata eu sou a segregação da polícia por nos manter separados a maior parte do tempo.

Enquanto nós corremos, eu penso que precisamos de uma pausa momentânea, uma fração de segundos quando os olhos deles se movem e olham em nossa direção. Estou envergonhada demais para olhar. Meu corpo todo fica pálido-quente, como se alguém tivesse me prendido de ponta cabeça em um forno. Mas um segundo depois eu sinto seus olhos passando por mim, como um vento, e cravando em Hana. Seu cabelo loiro brilha perto de mim, uma moeda no sol.

A dor está voltando as minhas pernas, um sentimento pesado, mas eu me forço a continuar enquanto viramos na esquina da Commercial Street, deixando St. Vicent para trás. Sinto Hana se esforçar para se manter próxima de mim. Viro minha cabeça, mal conseguindo suspirar, "Corre você" digo. Mas Hana se ergue, braços se movendo, e quase passa por mim. Coloco minha cabeça para baixo e estico para frente, movendo minhas pernas o mais rápido que consigo, tentando sugar ar para os meus pulmões, que parecem ter encolhido ao tamanho de uma ervilha, lutando contra os gritos dos meus músculos. Escuridão atinge as bordas da minha vista, e tudo que eu consigo ver é o alambrado que se ergue à nossa frente, de repente bloqueando nossa passagem, e então eu o estou alcançando e o agarrando tão forte que ele começa a balançar, me virando para falar "Ganhei!" quando Hana chega um segundo depois de mim, ofegando. Nós duas estamos rindo agora, soluçando e buscando grandes ondas de ar, à medida que andamos em círculos, tentando sair.

Quando ela finalmente consegue respirar novamente, Hana se ergue, rindo. "Eu deixei você ganhar," ela diz, uma velha brincadeira nossa.

Chuto um cascalho em sua direção. Ela desvia, gritando. "Continue dizendo isso para si mesma."

Meu cabelo se soltou do rabo de cavalo e eu luto para tirar o elástico, jogando o cabelo sobre meu rosto então assim posso sentir o vento em minha nuca. O suor escorre em meus olhos, pingando.

"Belo look." Hana me empurra levemente e eu cambaleio, erguendo a cabeça para conseguir olhar para ela.

Ela me evita. Há uma placa no alambrado que marca o início de uma estrada estreita de serviço. Está bloqueada por um alto portão de metal. Hana o observa e faz um gesto para que eu a siga. Eu não estive prestando muita atenção ao lugar em que estamos: os fios da unidade de serviço seguem através do estacionamento, uma floresta de lixos industriais e galpões de armazenamento de carga. Depois disso há uma familiar sequência de prédios brancos, como dentes gigantes. Essa deve ser uma das entradas laterais para o complexo de laboratórios. Vejo agora que o alambrado é enrolado em cima com arame farpado e a cada vinte pés como intervalo, há uma placa onde se lê: PROPRIEDADE PRIVADA. NÃO ULTRAPASSAR. APENAS PESSOAL AUTORIZADO.

"Não acho que nós deveríamos..." começo a dizer, mas Hana me corta.

"Vamos," ela me chama. "Viva um pouco."

Dou uma rápida escaneada no estacionamento atrás do portão e na rua atrás de nós: não há ninguém. A pequena guarita de segurança, que fica após o portão, também está vazia. Inclino-me e olho para dentro. Há um sanduíche comido pela metade sobre um papel alumínio, e uma pilha de livros bagunçada sobre a pequena mesa próxima a um antigo rádio, que está emitindo estática e partes de música cortam o silêncio. Não vejo nenhuma câmera de segurança, também, pensei que haveria algumas. Todos os prédios do governo são vigiados. Hesito por um segundo, e então me espremo pelo portão para alcançar e seguir Hana. Seus olhos estão brilhando de excitação, e posso dizer que isso esteve em seus planos o tempo todo, parte do seu caminho.

"Deve ter sido assim que os Inválidos conseguiram entrar," ela disse sem fôlego, lembrando como nós tínhamos falado sobre todo o drama de ontem nos laboratórios. "Você não acha?"

"Não parece que tenha sido difícil." Estou tentando soar casual, mas toda essa coisa—a guarita de segurança vazia e o enorme estacionamento brilhando no sol, os lixos azuis e os fios de eletricidade ziguezagueando pelo céu, a inclinação dos brilhantes prédios brancos—faz eu me sentir desconfortável. Tudo está muito silencioso e ainda muito congelado—quase do mesmo modo que as coisas ocorrem em um sonho, ou justo antes de uma grande tempestade. Não quero dizer isso a Hana, mas eu daria praticamente qualquer coisa para voltar para o Velho Porto, para o complexo familiar de ruas e lojas aninhadas.

Mesmo que não haja ninguém por perto, tenho a impressão de estar sendo observada. É pior que o sentimento usual de ser observada na escola ou na rua, ou até mesmo em casa, tendo de ser cuidadosa com o que falo, uma sensação bloqueadora, a qual você eventualmente se acostuma.

"É." Hana chuta a estrada de terra batida. Uma nuvem de sujeira se forma, descendo lentamente. "Uma merda de segurança para uma grande instalação médica."

"Uma merda de segurança para um zoológico," eu digo.

"Ressinto-me disso." A voz vem de trás de nós, e Hana e eu pulamos.

Olho ao redor. O mundo parece congelar por um instante.

Um garoto está parado atrás de nós, braços cruzados, cabeça pendendo para o lado. O garoto com pele cor de caramelo e o cabelo que é um marrom dourado, como folhas prontas para cair durante o outono.

É ele. O garoto de ontem, do mirante do deck. O Inválido.

Exceto pelo fato de que ele não é um Inválido, obviamente. Ele está usando a roupa azul que é o uniforme dos guardas, e ele tem um crachá com ID do governo preso ao seu colarinho.

"Saio por dois segundos para encher isso," ele mostra uma garrafa de água que está segurando. "E volto para encontrar pessoas invadindo."

Isso me deixa tão confusa que não consigo me mover, nem falar, nem fazer qualquer outra coisa. Hana deve pensar que estou com medo, porque ela pula rapidamente. "Nós não estávamos invadindo. Não estávamos fazendo nada. Nós só estávamos correndo e nós… Hmmm, nos perdemos."

O garoto cruza os braços na frente do peito, inclinando-se sobre seus calcanhares. "Não viram nenhum dos avisos ali fora, não? 'Não ultrapassar'? 'Apenas pessoal autorizado'?"

Hana desvia o olhar. Ela também está nervosa. Posso sentir. Hana é um milhão de vezes mais confiante que eu, mas nenhuma de nós está acostumada a ficar parada e falar com um garoto, especialmente não com um garoto-guarda, e deve ter ocorrido a Hana que ele já tem vários motivos para nos prender.

"Nós podemos tê-los perdido," ela murmura.

"Uhum." Ele ergue as sobrancelhas. É tão óbvio que ele não acredita em nós, mas pelo menos ele não parece bravo. "São muito sutis. Só tem uns vinte deles. Vejo como vocês não devem ter percebido."

Ele desvia o olhar por um segundo, entrecerrando os olhos, e tenho a sensação de que ele está tentando se forçar a não rir. Ele não é como nenhum guarda que eu já tenha visto—pelo menos, não o típico guarda que você vê nas fronteiras ao redor de Portland, gordo e velho carrancudo. Penso sobre a certeza que eu tinha ontem sobre ele ter vindo dos Selvagens, uma sólida certeza presa em mim.

Eu estava errada, obviamente. Quando ele move a cabeça posso ver o inconfundível símbolo de quem foi curado: a marca do procedimento, uma cicatriz com três pontos feita bem atrás da orelha esquerda, onde os cientistas inserem uma agulha especial de três pontas, usada exclusivamente para imobilizar o paciente para que a cura possa ser administrada. Pessoas mostram suas cicatrizes como marcas de honra; você dificilmente vê alguém que foi curado manter o cabelo comprido, e a mulher que não corta todo o seu cabelo tem o cuidado de usá-lo puxado para trás.

Meu medo retrocede. Falar com alguém que foi curado não é ilegal. As regras da segregação não se aplicam.

Não tenho certeza se ele me reconheceu ou não. Mas se o fez, não está dando nenhum sinal disso. Finalmente eu não posso mais aguentar e solto "Você. Eu vi você..." No último segundo eu não consigo terminar a frase. Eu vi você ontem.

Você piscou para mim.

Hana parece surpresa. "Vocês dois já se conhecem?" Ela lança um olhar para mim. Hana sabe que eu dificilmente troquei mais que duas palavras com um garoto antes, a menos que fosse *Me desculpe* na rua ou *Desculpe por pisar no seu pé* quando eu esbarro em alguém. Nós não devemos ter mais que o mínimo contato com um garoto que não foi curado fora de nossas próprias famílias. Mesmo depois que eles são curados, dificilmente há uma necessidade ou uma desculpa para isso, a menos que você esteja lidando com um médico ou um professor, ou alguém desse tipo.

Ele se vira para olhar para mim. Sua expressão é completamente profissional e composta, mas eu juro que vi algo reluzir em seus olhos, um olhar de diversão ou prazer. "Não," ele diz suavemente. "Nós nunca nos conhecemos. Tenho certeza que eu me lembraria." O brilho em seus olhos está de volta—ele está rindo de mim?

"Sou Hana," Hana diz. "E ela é Lena." Ela me cutuca com o cotovelo. Sei que devo parecer um peixe, parada aqui com minha boca aberta, mas estou muito constrangida para falar. Ele está mentindo. Eu sei que ele é o garoto que eu vi ontem, poderia apostar minha vida nisso.

"Alex. Prazer em conhecê-las." Alex mantém os olhos em mim enquanto ele e Hana apertam as mãos. Então ele estende uma mão para mim. "Lena," ele diz atenciosamente. "Nunca ouvi esse nome antes."

Hesito. Apertar as mãos me faz sentir estranha, como se estivesse brincando de me vestir com as grandes roupas de um adulto. Além do mais, eu nunca tive um contato pele-com-pele com um estranho. Mas ele está só me estendendo uma mão, então depois de um segundo eu a seguro e aperto. No momento em que nos tocamos, uma fina corrente elétrica passa por mim, e eu me afasto rapidamente.

"É o diminutivo de Magdalena," eu falo.

"Magdalena." Alex inclina a cabeça para trás, observando-me com os olhos estreitados. "Bonito."

Fico momentaneamente distraída pela forma como ele diz o meu nome. Em sua boca soa de forma musical, não desajeitado e angulado do modo que meus professores sempre o fizeram soar. Seus olhos são de uma quente cor âmbar, e quando olho para ele tenho um repentino flash de uma memória de minha mãe colocando mel sobre uma pilha de panquecas. Desvio o olhar, sentindo-me envergonhada, como se de algum modo ele fosse responsável por despertar essa memória, atingiu com uma mão e a arrancou de mim. Fico constrangida e com raiva, e eu prossigo. "Conheço você. Vi você ontem no laboratório. Você estava no mirante do deck, olhando... Olhando tudo." Novamente minha coragem falha no último segundo e eu não digo, "Olhando para mim."

Posso sentir Hana me observando, mas eu a ignoro. Ela deve estar furiosa por eu não ter contado nada disso a ela.

A expressão de Alex não muda. Ele não pisca nem sorri nem por uma fração de segundo. "Erro de identidade, eu acho. Guardas não têm permissão para ir aos laboratórios durante as avaliações. Especialmente não quem é guarda só por uma parte do tempo."

Por um longo segundo permanecemos ali, encarando um ao outro. Agora eu sei que ele está mentindo, o sorriso fácil e preguiçoso em seu rosto me dá vontade de lhe dar um tapa. Fecho minha mão em punho e respiro fundo, obrigando-me a ficar calma. Não sou do tipo violenta. Não sei por que estou sentindo isso tão agravado.

Hana pula, quebrando a tensão. "Então é isso? Um guarda de período parcial e algumas placas de *Fique fora*?"

Alex mantém os olhos em mim por mais meio segundo. Então ele se vira para encarar Hana como se a percebesse ali pela primeira vez. "O que você quer dizer?"

"Eu pensava que os laboratórios tinham uma proteção melhor, só isso. Não me parece que seria muito difícil invadir esse lugar."

Alex ergue as sobrancelhas. "Pensando em fazer uma tentativa?"

Hana congela, e meu sangue gela. Ela foi longe demais. Se Alex nos reportar como potenciais simpatizantes, ou encrenqueiras, ou qualquer coisa, nós estaremos por meses e meses sob investigação e observação—e nós podemos dar um beijo de adeus as nossas chances de passar nas avaliações com uma boa nota. Imagino uma vida observando Andrew Marcus tirando tatu de seu nariz com o dedo e me sinto enjoada.

Alex deve ter sentido o nosso medo, porque ele ergueu as duas mãos. "Relaxem. Eu estava brincando. Vocês não fazem o tipo terroristas." Ocorreu a mim quão ridículas nós devemos parecer para ele com nossas roupas de corrida, tops suados e tênis neon. Ou pelo

menos, eu pareço ridícula. Hana parece com uma modelo de marcas esportivas. Novamente, eu sinto minhas bochechas corarem, seguida por uma irritação crescente. Não me admira que os reguladores tenham decidido na separação de garotos e garotas: de outro modo, teria sido um pesadelo, esse sentimento de raiva e autoconsciência e essa confusão irritante o tempo todo.

"Essa é só a área de carregamento, de todo modo, para o frete e essas coisas" Alex gesticula apontando para além da fila de galpões de carga. "A segurança de verdade começa mais perto das instalações. Guardas o tempo todo, câmeras, cerca elétrica, essa coisa toda."

Hana não olha para mim, mas quando ela fala posso ouvir a excitação crepitando em sua voz. "Área de carregamento? Como, para onde as entregas veem?"

Em minha cabeça começo a rezar: Não fale nenhuma besteira. Não fale nenhuma besteira. Não mencione os Inválidos.

"Você entendeu."

Hana dança sobre seus pés, inclinando-se para frente e para trás. Tento mandar um olhar de aviso para ela, mas ela evita os meus olhos.

"Então é aqui que chegam os caminhões? Com os equipamentos médicos e... e outras coisas?"

"Exatamente." Novamente eu tive a impressão de algo reluzindo nos olhos de Alex, mesmo que o resto de seu rosto ficasse totalmente neutro. Não confio nele, me dei conta, e novamente me perguntei por que ele estava mentindo sobre estar nos laboratórios ontem. Talvez apenas porque seja proibido, como ele disse. Talvez porque ele estava rindo ao invés de nos ajudar.

E talvez, depois de tudo, ele realmente não me reconheça. Nós fizemos contato com os olhos por alguns segundos, e tenho certeza que para ele eu era apenas um borrão entre os rostos, fácil de esquecer. Nem bonito. Nem feio, também. Só comum, como milhares de outros rostos que se vê nas ruas.

Ele, por outro lado, definitivamente não era um rosto qualquer ali no meio. Havia algo de insano em mim parada aqui conversando com um garoto estranho, mesmo que ele tenha sido curado, e embora minha cabeça esteja girando, minha visão está bem nítida, fazendo tudo parecer ultra detalhado. Percebi o modo como um pouco de seu cabelo cai sobre a cicatriz, como uma moldura; percebi suas grandes mãos marrons e a brancura de seus dentes, e a perfeita simetria de seu rosto. Seu jeans está desbotado e preso por um cinto na altura de seu quadril, e os cadarços em seus tênis são do mais estranho tom de azul, como se tivesse sido pintado com uma caneta.

Pergunto-me qual a idade dele. Ele parece ter a minha idade, mas ele deve ser um pouco mais velho, talvez dezenove. Pergunto-me também—um breve pensamento—se ele já foi emparelhado. Mas é claro que ele já foi; ele deve ter sido.

Estive encarando-o acidentalmente e ele de repente se vira para olhar para mim. Deixo meus olhos caírem, sentindo um rápido e irracional terror de que ele conseguiu ler meus pensamentos.

"Eu adoraria dar uma olhada por aí," Hana sugere de forma nada sutil. Viro-me e a belisco quando Alex não está olhando e ela se encolhe, me dando um olhar de culpa. Pelo menos ela não começou a questioná-lo sobre o que aconteceu ontem, e nos fez ser presas ou arrastadas para interrogatório.

Alex joga sua garrafa de água no ar, e a pega com uma mão. "Acredite em mim, não tem nada para ver. A menos que você seja fã de lixo industrial. Tem bastante dele por aqui." Ele maneia a cabeça em direção aos armazéns. "Oh... E a melhor vista da baía de Portland. Nós pegamos isso para nós também."

"Mesmo?" Hana balança seu nariz, momentaneamente distraída de sua missão de detetive.

Alex assente, joga sua garrafa novamente, pega. Quando ela gira no ar o sol reluz através da água, fazendo-a brilhar como uma joia. "Isso eu posso mostrar para você," ele diz. "Vamos."

Tudo que eu quero é sair daqui, mas Hana diz, "Claro." Então eu me arrasto atrás dela, silenciosamente amaldiçoando sua curiosidade e fixação por todas essas coisas dos Inválidos, jurando nunca mais deixar que ela escolha qual o percurso da nossa corrida. Ela e Alex andam na frente, e eu pego alguns pedaços da conversa deles: ouço-o dizer que tem aulas em uma das universidades, mas não ouvi quando ele disse o que estuda; Hana diz a ele que estamos prestes a nos formar. Ele diz a ela que tem dezenove anos; ela diz que nós duas faremos dezoito em poucos meses. Felizmente eles evitam falar sobre as avaliações arruinadas de ontem.

A estrada de serviço se conecta com outra, uma pequena via, que corre paralelamente a Fore Street, inclinando-se de forma acentuada até a Esplanada Leste. Aqui há longas fileiras de galpões de armazenamento de metais. O sol está plano e alto e inflexível. Estou sedenta, mas quando Alex se vira para me oferecer um gole de sua garrafa de água, eu digo "Não" de forma rápida e alta demais. O pensamento de colocar minha boca onde a dele esteve me faz sentir ansiosa, tudo novamente.

Quando nós chegamos ao topo do morro—todos nós um pouco ofegantes pela escalada—a baía surge a nossa direita como um mapa gigante, um brilhante e reluzente mundo de azul e verde. Hana suspira um pouco. É realmente uma bonita vista: sem obstrução e perfeita. O céu está cheio de fofas e brancas nuvens que me fazem pensar em

fofos travesseiros, e as gaivotas fazem lentos arcos sobre a água, padrões de pássaros se formando e se dissolvendo no céu.

Hana anda alguns passos para frente. "É incrível. Maravilhoso, não é? Não importa quanto tempo eu more aqui, nunca vou me acostumar com isso." Ela se vira e me olha. "Acho que é o meu jeito preferido de ver o oceano. Meio da tarde, com muito sol e brilho. É exatamente como uma fotografia. Você não acha, Lena?"

Sinto-me tão relaxada—desfrutando do vento no topo do morro, que atinge meus braços e pernas e me faz sentir frio de uma forma deliciosa, gostando da vista da baía ali de cima, piscando os olhos pelo sol—quase me fez esquecer que Alex estava junto com a gente. Ele se moveu alguns passos para trás, ficando um pouco mais atrás de nós, e desde que nós chegamos aqui em cima ele não disse uma palavra.

O que é o motivo para eu quase pular quando ele se aproxima por trás de mim e sussurra uma simples palavra em meu ouvido: "Cinza."

"O quê?" Me viro, meu coração disparado. Hana se virou para a água e está tagarelando sobre como ela gostaria de ter trazido a sua câmera e como você nunca parece ter o que precisa na hora em que precisa. Alex está parado perto de mim – tão perto que eu posso ver cada um de seus cílios, como perfeitas pinceladas em um retrato – e agora seus olhos estão literalmente dançando com a luz, queimando como se estivessem em chamas.

"O que você disse?" repeti. Minha voz saiu como um estranho sussurro.

Ele se aproxima ainda mais, e é como se as chamas pulassem de seus olhos incendiando todo o meu corpo. Nunca estive tão perto assim de um garoto antes. Eu me sinto como se fosse desmaiar e correr ao mesmo tempo. Mas não consigo me mover.

"Eu digo que eu prefiro o oceano quando está cinza. Ou não realmente cinza. Meio pálido, entre as cores. Lembra-me de esperar que algo bom aconteça."

Ele se lembra. Ele estava lá. O chão parece se dissolver abaixo de meus pés do mesmo modo que no sonho sobre a minha mãe. Tudo que eu posso ver são os seus olhos, o padrão de mudança de luz girando por ele.

"Você mentiu," eu mal consigo falar. "Por que você mentiu?"

Ele não me responde. Ele se afasta alguns passos e diz, "Claro que é ainda mais bonito ao pôr-do-sol. Perto das oito e meia o céu parece como se estivesse em fogo, especialmente na Back Cove. Você deveria ver." Ele pausa, e através de sua voz baixa e casual eu posso sentir que ele está tentando me dizer algo importante. "Hoje provavelmente vai ser incrível."

Meu cérebro dá uma volta em ação, lentamente processando suas palavras, o modo como ele enfatizou certos detalhes. Então entendo: ele me deu uma hora e um lugar. Ele

está me dizendo para encontrá-lo. “Você está me perguntando...?” Eu comecei a falar, mas justo na hora Hana se virou para mim, agarrando em meu braço.

“Deus” ela diz, rindo. “Dá pra acreditar que já passa das cinco? Nós temos que ir.” Ela está me arrastando de volta antes que eu possa responder ou protestar, e na hora em que eu penso em olhar sobre meu ombro para ver se Alex está olhando ou me dando algum sinal, ele já desapareceu de vista.

6

Mamãe, mamãe, ajude-me a chegar em casa.
Eu estou na floresta, Eu estou lá fora sozinho.
Eu encontrei um lobisomem, um nojento e velho vira-lata
Ele me mostrou seus dentes e foi direto ao meu intestino.

Mamãe, mamãe, ajude-me a chegar em casa.
Eu estou na floresta, Eu estou lá fora sozinho.
Eu fui parado por um vampiro, um velho destroço apodrecendo.
Ele me mostrou seus dentes, e foi direto ao meu pescoço.

Mamãe, mamãe, coloque-me na cama
Eu não vou chegar em casa, eu já estou meio-morto
Eu encontrei um inválido, e caí pela arte dele.
Ele me mostrou seu sorriso e foi direto ao meu coração.

— De "*Uma criança a caminho de casa,*" *Cantigas de Ninar e Contos Folclóricos*, editado por Cory Levinson

Nessa noite, não consigo me concentrar. Quando estou arrumando a mesa para o jantar, eu acidentalmente despejo vinho no copo de suco de Gracie e suco de laranja no copo de vinho do meu tio, e enquanto eu estou ralando queijo eu ralo meus dedos tantas vezes nos dentes do ralador que minha tia finalmente me manda para fora da cozinha, dizendo que prefere não ter uma cobertura de pele em seu ravioli. Eu não consigo parar de pensar sobre a última coisa que Alex me disse. O padrão interminável de mudança em seus olhos, a estranha expressão em seu rosto. Como se estivesse me convidando. *Por volta das oito e meia, o céu parece estar em chamas, especialmente em Back Cove. Você realmente deveria ver isso...*

É mesmo remotamente possível que ele estivesse me enviando uma mensagem? É possível que ele estivesse me pedindo para encontrá-lo?

A ideia me deixa atortoada.

Eu fico pensando, também, sobre a única palavra, direcionada baixa e serenamente em linha reta em meu ouvido: Cinza. Ele estava lá, ele me viu, ele se lembrou de mim. Tantas questões aglomeram-se no meu cérebro ao mesmo tempo, é como se um dos

famosos nevoeiros de Portland tivesse varrido do oceano e se acomodado dentro da minha cabeça, tornando impossível pensar normalmente.

Minha tia finalmente percebe que algo está errado. Pouco antes do jantar eu estou ajudando Jenny com seu dever de casa, como sempre, verficando-a na tabuada. Nós estamos sentadas no chão da sala, que é espremida bem ao lado da *sala de jantar* (um canto de parede que tem apenas uma mesa e seis cadeiras), e eu estou segurando sua pasta de trabalho sobre meus joelhos, recitando os problemas a ela, mas minha mente está no piloto automático e os meus pensamentos estão um milhão de quilômetros de distância. Ou melhor, eles são exatamente 5 km de distância, abaixo na beira pantanosa de Back Cove. Eu sei que é a distância exata porque é uma exigente corrida da minha casa. Agora eu estou calculando a rapidez com que eu poderia chegar lá na minha bicicleta, e depois me batendo por sequer considerar a ideia.

"Sete vezes oito?"

Jenny aperta seus lábios. "Cinquenta e seis."

"Nove vezes seis?"

"Cinquenta e dois."

Por outro lado, não há nenhuma lei que diz que você não pode falar com um curado. Curados são seguros. Eles podem ser mentores ou guias para os não curados. Até mesmo Alex que é só um ano mais velho que eu, estamos separados, total e irremediavelmente, pelo procedimento. Ele poderia muito bem ser meu avô.

"Sete vezes onze?"

"Setenta e sete."

"Lena." Minha tia se espremeu para fora da cozinha, passando pela mesa de jantar, e está em pé atrás de Jenny. Eu pisco duas vezes, tentando focar o rosto de Carol, que está tenso de preocupação. "Algum problema?"

"Não." Eu deixo cair meus olhos rapidamente. Eu odeio quando minha tia me olha assim, como se ela estivesse lendo todas as partes ruins da minha alma. Eu me sinto culpada apenas por pensar em um garoto, até mesmo um curado. Se ela soubesse, ela diria: *Oh, Lena. Cuidado. Lembre-se o que aconteceu com sua mãe*. Ela diria: *Estas doenças tendem a correr no sangue*. "Por quê?" eu digo.

Eu mantenho meus olhos instruídos no tapete usado embaixo de mim. Carol inclina-se para frente, até apanhar a pasta de trabalho de Jenny de meus joelhos, e diz em sua voz alta e clara: "Nove vezes seis é 54." Ela agarra a pasta de trabalho fechada. "Não 52, Lena. Eu suponho que você ainda saiba tabuada?"

Jenny mostra a língua para mim.

Minhas bochechas começam a aquecer quando percebo o meu erro. "Desculpe. Acho que estou meio que... distraída."

Há uma pausa momentânea. Os olhos de Carol nunca deixam a parte de trás do meu pescoço. Eu posso senti-los queimando lá. Eu sinto que vou gritar, chorar ou confessar, se ela continuar olhando para mim.

Finalmente, ela suspira. "Você ainda está pensando sobre as avaliações, não é?"

Sopro o ar para fora de minhas bochechas, sinto o peso da ansiedade aliviar meu peito. "Eu acho que sim." Eu me atrevi a dar uma olhada para ela, e ela sorri seu sorriso escorregadio.

"Eu sei que você está desapontada por ter que passar pelo processo novamente. Mas penso que desta maneira—dessa vez você estará mais preparada."

Eu sacudo minha cabeça e tento aparentar entusiasmo, apesar do pequeno aperto de sentimento de culpa começar a me cortar. Eu não havia pensado sobre as avaliações desde esta manhã, não desde que descobri que os resultados seriam desconsiderados. "É, você está certa."

"Vamos, agora. Hora do jantar." Minha tia estende a mão e passa o dedo sobre minha testa. Seu dedo está fresco e reconfortante, e se foi tão rápido quanto a mais leve agitação do vento. Faz a culpa flamejar com força total, e nesse momento eu não posso acreditar que eu estava mesmo pensando em ir a Back Cove. É absolutamente, a coisa 100 por cento errada a se fazer, e eu me levanto para o jantar me sentindo limpa, leve e feliz, como a primeira vez que você se sente saudável, após uma longa febre.

Mas no jantar a minha curiosidade—e com isso, minhas dúvidas—retorna. Eu mal posso acompanhar a conversa. Tudo o que posso pensar é: Ir? Não ir? Ir? Não ir? Em um dado momento, meu tio está contando uma história sobre um de seus clientes, e eu percebo que todo mundo está rindo então eu rio também, mas um pouco alto demais e longamente. Todo mundo se vira para olhar para mim, até mesmo Gracie, que franze seu nariz e inclina a cabeça como um cachorro farejando algo novo.

"Você está bem, Lena?" meu tio pergunta, ajeitando os óculos, como se esperando me colocar em um foco mais claro. "Você parece um pouco estranha."

"Eu estou bem." Eu movo alguns raviolis em torno do meu prato. Normalmente eu posso comer meia caixa sozinha, especialmente depois de um bom tempo sem comer nada (e ainda ter espaço para a sobremesa), mas eu mal conseguia engolir algumas garfadas. "Apenas estressada."

"Deixe-a sozinha" minha tia disse. "Ela está chateada com as avaliações. Elas não saíram exatamente como planejadas."

Ela ergue seus olhos para meu tio, eles trocam um rápido olhar. Eu sinto uma onda de excitação. É raro para minha tia e meu tio olharem um ao outro assim, um olhar sem palavras, cheio de significados. Na maioria das vezes suas interações são limitadas a coisas habituais—meu tio conta histórias sobre seu trabalho, minha tia conta história sobre os vizinhos. O que tem para o jantar? Há um vazamento no telhado. Blá blá blá. Eu acho que pela primeira vez eles mencionaram os Selvagens e os Inválidos. Mas então meu tio sacode sua cabeça.

"Esses tipos de confusões acontecem o tempo todo" ele disse estacando o ravioli com o grafo dele, "Outro dia mesmo, pedi ao Andrew para reordenar as três caixas de suco de laranja de Vik. Mas ele vai e pega os códigos errados e advinha o que apareceu? Três caixas de leite para bebês. Eu disse a ele, disse, *Andrew...*"

Eu me desconecto da conversa novamente, agradecida que meu tio seja um falante, e feliz que minha tia tenha assumido o meu lado. Outra coisa boa sobre ser um pouco tímida é que ninguém aborrece você quando você quer ficar sozinha. Eu me inclino para frente e dou uma olhada furtiva no relógio da cozinha. Sete e meia, e nós ainda não tínhamos terminado de comer. E mais tarde eu terei que ajudar a limpar e lavar os pratos, que sempre levam uma eternidade; a máquina de lavar louças consome muita eletricidade, então nós temos que lavá-los manualmente.

Lá fora, o sol está listrado com filamentos de ouro e rosa. Parece como um doce que é girado no centro da cidade no Sugar Shack, todo brilho, extensão e cor. Será um belo pôr-do-sol está noite. Naquele momento o desejo de ir é tão forte, eu tenho que apertar os lados da minha cadeira para evitar que de repende, salte e corra pela porta a fora.

Finalmente eu decido parar de acentuar e deixá-lo à sorte, ou destino, ou o que você quiser chamá-lo. Se nós terminarmos de comer e eu fizer a limpeza dos pratos a tempo de percorrer até Back Cove, eu vou. Se não, eu vou ficar. Sinto-me um milhão de vezes melhor uma vez que eu tomei a decisão, e até consigo engolir uma enorme quantidade de garfadas a mais de ravioli antes de Jenny (milagre dos milagres) ter uma súbita explosão tardia de velocidade e limpar o prato dela, e minha tia anunciar que eu posso lavar os pratos quando eu estiver pronta.

Levanto-me e começo a empilhar os pratos de todos. São quase oito horas. Mesmo se eu puder lavar todos os pratos em 15 minutos – e isso é muito – ainda vai ser difícil chegar à praia por oito e meia. E esqueço sobre o percurso de volta às nove horas, quando a cidade tem um toque de recolher obrigatório para não-curados.

E se eu for pega na rua depois do toque de recolher...

A verdade é, eu não sei o que aconteceria. Eu nunca violei o toque de recolher.

Assim que eu finalmente aceitei que não há maneira de chegar a Back Cove e voltar a tempo, minha tia faz o impensável. Enquanto estou avançando para tomar o seu prato, ela me para. "Você não tem que lavar as louças esta noite, Lena. Eu as lavarei."

Enquanto ela está falando, ela estende a mão e a coloca no meu braço. Tal como anteriormente, o toque é tão fugaz e fresco como o vento.

E antes que eu possa pensar sobre o que isto significa, eu estou deixando escapar: "Na verdade, eu tenho que correr para casa da Hana."

"Agora?" Um olhar de alarme—ou suspeita? —chameja sobre a face da minha tia. "É quase oito horas."

"Eu sei. Nós—ela—ela tem um guia de estudo que deveria me dar. Acabei de me lembrar."

Agora o olhar de suspeita—é suspeita, definitivamente—faz-se confortável, puxando juntamente as sobrancelhas de Carol, apertando seus lábios. "Você não tem nenhuma aula em comum com ela. E suas provas acabaram. O quão importante pode ser?"

"Não é para a aula." Reviro os olhos, tentando invocar a indiferença de Hana, apesar de minhas mãos estarem suando e meu coração estar sacudindo ao redor de meu peito. "É como um guia completo de tópicos. Para as avaliações. Ela sabe que eu preciso para me preparar mais, já que eu quase desmaiei ontem."

Novamente, minha tia direciona uma pequena olhada ao meu tio. "O toque de recolher é em uma hora," ela diz para mim. "Se você for pega depois do toque..."

O nervosismo faz o meu temperamento incendiar. "Eu sei sobre o toque de recolher," vociferei. "Eu tenho ouvido sobre isso por toda minha vida."

Eu me sinto culpada no segundo que as palavras saem de minha boca, e deixo cair os meus olhos para evitar olhar para Carol. Eu nunca respondera malcriadamente a ela, sempre tentei ser tão paciente, obediente e boa quanto possível, sempre tentei ser tão invisível quanto possível, uma garota legal que ajuda com as louças e com as crianças pequenas, faz seu dever de casa, ouve e mantém sua cabeça baixa. Eu sei que devo a Carol por assumir Rachel e eu depois que minha mãe morreu. Se não fosse por ela, provavelmente eu estaria definhando em um dos orfanatos, sem instrução, despercebida, destinada a um emprego em um matadouro, provavelmente, limpando tripas de ovelha ou excremento de vaca ou algo assim. Talvez—talvez! —se eu estivesse sorte, eu começaria a trabalhar para um serviço de limpeza.

Nenhum pai adotivo aceitaria uma criança cujo passado tenha sido manchado pela doença.

Eu queria poder ler a mente dela. Eu não tenho ideia do que ela está pensando, mas ela parece estar analisando-me, tentanto ler o meu rosto. Eu penso que não estou fazendo nada de errado, é inofensivo, eu estou bem, mais e mais, e limpo as palmas das minhas mãos na parte de trás do meu jeans, certa que estou deixando uma marca de suor.

"Seja rápida," diz ela, finalmente, e tão logo as palavras saem de sua boca estou indo, jorrando no andar de cima e trocando minhas sandálias por tênis. Então eu bato de volta para baixo da escada e voo para fora da porta. Minha tia mal teve tempo de tirar os pratos na cozinha. Ela grita alguma coisa para mim enquanto passo por ela como um borrão, mas já estou empurrando a porta da frente e não entendo o que ela diz. O relógio de pêndulo antigo na sala começa a ressoar para fora, assim como a porta de tela oscila fechada atrás de mim. Oito horas.

Eu destranco minha bicicleta, pedalo abaixo, no caminho em frente e até a rua. Os pedais rangem, gemem e estremecem. Esta bicicleta pertencia a minha prima Márcia antes de mim e deve ter pelo menos 15 anos de idade, deixá-la fora durante todo o ano não está fazendo nada para preservá-la.

Eu começo a cruzar na direção de Back Cove, que é uma descida, felizmente. As ruas estão sempre consideravelmente vazias nessa hora da noite. Na maior parte, o curados estão dentro de casa, sentados jantando, tomando banho, ou se preparando para dormir mais uma noite de sono sem sonhos, e todos os não-curados estão em casa ou em seu caminho até lá, contando o turbilhão de minutos que falta para o toque de recolher das nove horas.

Minhas pernas ainda estão doendo pela minha corrida de hoje mais cedo. Se eu percorrer até Back Cove a tempo e Alex estiver lá, eu vou estar uma bagunça completa, suada e nojenta. Mas eu continuo indo de qualquer maneira. Agora que estou fora de casa eu empurro todas as minhas dúvidas e perguntas fora da minha mente e foco em me mover tão rapidamente quanto as cãimbras das minhas pernas me permitem, pedalando a baixo pelas ruas livres em direção à enseada, pegando cada atalho que eu possa pensar, assistindo o sol descer constantemente em direção à linha de ouro ardente do horizonte, como se o céu—um azul brilhante, elétrico neste ponto—fosse a água, e a luz estivesse apenas afundando através dele.

Eu só estive fora a esta hora sozinha algumas vezes, e a sensação é estranha, assustadora e emocionante ao mesmo tempo, como conversar com Alex a céu aberto esta tarde: como se o olho giratório que eu sei que está sempre me assistindo fosse tapado, apenas por uma fração de segundo, como se a mão que você tem estado segurando a sua vida inteira, de repente desaparecesse e deixasse você livre para se mover em qualquer direção que você queira.

As luzes crepitam nas janelas ao meu redor, velas e lanternas, principalmente, esta é uma área pobre, e tudo é racionado, especialmente gás e electricidade. Em certo ponto eu perco de vista a posição do sol para além dos prédios de quatro e cinco andares, que crescem com maior densidade depois que eu viro para Preble: altos e magros, edifícios escuros, pressionados um contra o outro, como se estivessem se preparando para o inverno, aconchegando-se para manter o calor. Eu realmente não tenho pensado sobre o que vou dizer a Alex, e a ideia de ficar sozinha com ele de repente faz o meu estômago afundar. Eu tenho que puxar minha bicicleta abruptamente, parar e recuperar o fôlego.

Meu coração está batendo freneticamente. Depois de descansar um minuto eu continuo a pedalar, mais lentamente agora. Eu ainda estou a cerca de uma milha de distância, mas a enseada está visível, reluzindo para minha direita. O sol está apenas oscilando sobre a massa escura das árvores no horizonte. Eu tenho dez, quinze minutos, no máximo, até a escuridão total.

Então outro pensamento quase me para, batendo-me como um soco: Ele não estará lá. Eu estarei tão atrasada e ele terá ido embora. Ou isto acaba sendo uma grande piada, uma brincadeira.

Eu ponho um braço em volta do meu estômago, desejando que o ravioli permaneça depositado lá, e ganho velocidade novamente.

Eu estou tão ocupada girando um pé depois o outro—esquerdo, direito, esquerdo, direito—e fazendo um cabo de guerra mental com meu aparelho digestivo, que eu não ouvi os reguladores chegando.

Eu estou quase para acelerar através do comprido e extinto semáforo da Baxter quando de repente sou ofuscada por um muro de energia, ricochetando luz: os raios de uma dúzia de lanternas direcionadas nos meus olhos, então eu tenho que derrapar abrutamente para uma pausa, levantando uma mão para meu rosto e quase virando o guidom – que seria um verdadeiro desastre, porque desde a minha corrida para sair de casa eu me esqueci de trazer meu capacete.

"Pare," a voz de um dos reguladores vocifera—o líder responsável na patrulha, eu acho. "Controle de Identidade."

Grupos de reguladores—tanto cidadãos voluntários como os reguladores de verdade empregados pelo governo—patrulham as ruas toda noite, procurando por não-curados violando o toque de recolher, checando as ruas e (se as cortinas estão abertas) casas com atividades não aprovadas, como dois não-curados tocando um ao outro, ou andando juntos depois do anoitecer—ou até mesmo dois curados envolvendo-se em *atividades que possam ser sinal de reaparecimento da deliria depois do procedimento*, como abraçando-se e beijando-se demais. Isto raramente acontece, mas acontece.

Reguladores informam diretamente ao governo e trabalham em estreito contato com cientistas nos laboratórios. Reguladores foram responsáveis por enviar minha mãe para o terceiro procedimento dela; uma patrulha que passava a viu chorando em cima de uma fotografia uma noite logo após a segunda falha no tratamento dela. Ela estava olhando a foto do meu pai, ela esqueceu de fechar as cortinas de todas manerias. Em alguns dias, ela estava de volta aos laboratórios.

Normalmente é facil evitar os reguladores. Você praticamente os ouve à milhas de distância. Eles carregam walkie-talkies para se coordenarem com outros grupos de patrulhamento, e a estática de interferência dos rádios ligando e desligando-os faz o som como um zumbido gigante do covil de vespas seguindo o seu caminho. Eu apenas não

estava prestando atenção. Mentalmente amaldiçoei-me por ser tão estúpida, eu tirei minha carteira do meu bolso traseiro. Ao menos, eu me lembrei de pegá-la. É ilegal sair ser identificação ID em Portland. A última coisa que qualquer pessoa quer é passar a noite na cadeia enquanto as autoridades tentam verificar sua validade.

"Magdalena Ella Haloway," eu disse, tentando manter minha voz firme, enquanto passo minha identificação para o regulador responsável. Eu dificilmente posso vislumbrá-lo atrás de sua lanterna, que ele mantém apontada para meu rosto, forçando-me apertar olhos. Ele é grande; é tudo que sei. Alto, magro, angular.

"Magdalena Ella Haloway," ele repete. Ele vira minha identificação entre seus longos dedos e olha meu código de identificação, um número designado para cada cidadão dos EUA. Os primeiros três dígitos identificam seu estado, os três próximos sua cidade, os próximos três seu grupo familiar, os próximos quatro sua identificação. "E o que você está fazendo, Magdalena? O toque de recolher começa em menos de 40 minutos."

Menos de 40 minutos. Isso deve significar que é quase oito e meia. Eu mexo meu pé, esforçando para não mostrar impaciência. Muitos dos reguladores – especialmente os voluntários—são técnicos das cidades mal pagos: limpadores de janelas, ou leitores de medidores de gás ou guardas de segurança.

Eu respiro fundo e disse tão inocentemente quanto possível, "Eu queria dar uma volta rápida em Back Cove." Eu faço meu melhor sorriso e pareço meio estúpida. "Eu estava me sentindo inchada depois do jantar." Nenhuma razão em mentir mais que necessário. Isso só me traria mais problemas.

O regulador líder continua a examinar-me, a lanterna ofuscante direcionada para o meu rosto e com meu cartão de identificação em suas mãos. Por um segundo ele parece hesitar e eu tenho certeza que ele irá me deixar ir, mas então ele passa minha identificação para outro regulador. "Passe pelo SVS, não? Certifique-se de que seja válido."

Meu coração despenca. SVS é Sistema de Validação Segura, uma rede computadores onde todas as cidadanias válidas, para cada pessoa em todo o país, estão depositadas. Pode levar de 20 a 30 minutos para o sistema do computador verificar se a identificação está de acordo com os códigos. Dependendo, se muitas outras pessoas estiverem usando o sistema. Ele não pode realmente pensar que eu falsifiquei meu cartão de identificação, mas ele irá me fazer perder tempo enquanto alguém verifica.

E então, miraculosamente, uma voz levanta por de trás do grupo. "Ela está válida, Gerry. Eu a reconheço. Ela vai à loja. Mora na 172, Cumberland."

Gerry vira-se, baixando sua lanterna ao fazer isso. Eu pisco para afastar os pontos flutuantes na minha visão. Eu reconheci vagamente alguns rostos—uma mulher que trabalha na tinturaria local e passa sua tarde encostada na porta, mascando chiclete e ocasionalmente cospe na rua; o policial de tráfego que trabalha no centro perto da Arterial

Franklin, uma das poucas áreas de Portland que tem trânsito de carros suficiente para justificar um policial; um dos caras que coletam nosso lixo—e lá atrás, Dev Howard, que é proprietário da Quickmart que está uma rua abaixo da minha casa.

Normalmente meu tio traz a maioria de nossos mantimentos—produtos enlatados, massas, carnes fatiadas, na maior parte—de seu conjunto de delicatessen e loja de conveniência, Stop-N-Save, lá na Munjoy Hill, mas de vez em quando, se nós estamos desesperados por papel higiênico ou leite, eu corro para o Quickmart. Sr. Howard sempre me fez sentir arrepios. Ele é super-magro e tem olhos pretos encapuzados que me lembram os de um mau-caráter. Mas esta noite eu tenho vontade de poder abraçá-lo. Eu nunca pensei que ele soubesse meu nome. Ele nunca disse uma palavra para mim, exceto, "Isso será tudo hoje?" depois dele ter registrado minhas compras, encarava-me debaixo da pesada sombra de suas pálpebras. Eu faço uma nota mental de agradecê-lo a próxima vez que eu vê-lo.

Gerry hesitou por uma fração a mais de um segundo longo, mas eu pude ver que os outros reguladores estão começando a ficar impacientes, movendo-se de pé para outro, ansiosos para continuar a patrulha e encontrar alguém para prender.

Gerry deve ter percebido também, porque ele move sua cabeça na minha direção. "Devolva a identificação a ela."

O alívio me faz ter vontade de rir, e tenho que me esforçar para olhar séria enquanto pego minha identificação e enfio-a no seu lugar. Minhas mãos estão tremendo levemente. É estranho como ficar perto dos reguladores pode nos deixar tremendo de nervoso. Até mesmo quando eles estão sendo relativamente bons, você não pode evitar pensar em todas as histórias ruins que você ouviu – os ataques, espancamentos e as emboscadas.

"Apenas seja cuidadosa, Magdalena," Gerry disse, enquanto eu me endireitava. "Certifique-se que você esteja em casa antes do toque de recolher." Ele inclinou sua lanterna nos meus olhos novamente. Eu levantei um braço para meus olhos, apertando os olhos contra a luz ofuscante. "Você não gostaria de entrar em nenhum problema."

Ele disse isso ligeiramente, mas por um momento eu penso que ouvi algo severo correr sobre suas palavras, uma corrente de raiva ou agressão. Mas então eu disse a mim mesma que estou apenas sendo paranoica. Não importa o que os reguladores façam, eles existem para nossa proteção, para nosso próprio bem.

Os reguladores vão para longe em um grupo em torno de mim, então por alguns segundos eu fico presa a uma maré de ombros ásperos e jaquetas de algodão, colônia desconhecida e odor de suor. Walkie-talkies crepitam para a vida vão sumindo novamente ao meu redor. Eu capto fragmento de palavras e transmissões: Rua Market, uma garota e um garoto, possivelmente infectados, música não aprovada na St. Lawrence, alguém parece estar dançando... Eu recebo uma colisão lado a lado contra meus braços, peito e

cotovelos, até finalmente o grupo passa e estou livre novamente, fico sozinha enquanto os passos dos reguladores tornam-se distantes atrás de mim. Eu espero até que não possa mais ouvir o chiado do falatório do rádio deles ou suas botas batendo na calçada.

Então eu vou embora, sentindo novamente uma sensação dissipar-se no meu peito, que é a mesma sensação de felicidade e liberdade. Eu não posso acreditar o quão fácil foi sair de casa. Eu nunca soube que poderia mentir para minha tia – eu nunca soube que poderia mentir, e quando eu penso sobre como, por pouco, eu escapei de ser interrogada pelos reguladores por horas, me faz querer dar pulos e socar meu punho no ar. Esta noite o mundo inteiro está do meu lado. E eu estou apenas a poucos minutos de Back Cove. Meu coração aumentando seu ritmo, enquanto derrapo na colina inclinada coberta de grama, vendo Alex emoldurado contra os últimos raios deslumbrantes de sol—quando penso sobre a única palavra soprada no meu ouvido. Cinza.

Eu desço para a Baxter, que dá um volta na última milha até Back Cove. E então eu paro subitamente. Os edificios caíram atrás de mim, dando lugar a galpões em ruínas esparsamente situados em ambos os lados da estrada degradada e rachada. Além disso, uma faixa baixa de ervas-daninhas inclina-se em direção á enseada. A água é um enorme espelho, com pontos cor-de-rosa e ouro do céu. Nesse momento resplandecente único, enquanto eu vejo ao redor da curva, o sol – curvado sobre o declive do horizonte como um arco de ouro sólido – deixar seus últimos raios de luz piscando, rompendo a escuridão da água, deixando tudo branco por uma fração de segundo, e então desaparece, afundando, arrastando o rosa, o vermelho e o roxo para fora do céu consigo e toda a cor destila-se imediatamente deixando apenas o escuro.

Alex estava certo. Foi maravilhoso—um dos melhores que eu já vi.

Por um momento eu não posso me mover ou fazer qualquer coisa, apenas fico ali, respirando com dificuldade, olhando. Então um entorpecimento se arrasta sobre mim. Estou muito atrasada. Os reguladores devem ter errado sobre o tempo. Deve ser depois de oito e meia agora. Mesmo que Alex decida esperar por mim em algum lugar ao longo da alça maior da enseada, eu não tenho uma esperança de encontrá-lo e retornar para casa antes do toque de recolher.

Meus olhos ardem e o mundo na minha frente torna-se lacrimejante, cores e formas mesclando juntas. Por um segundo eu acho que devo estar chorando, e eu estou tão assustada que eu esqueço tudo, esqueço meu desapontamento e frustração, esqueço Alex em pé na praia, o pensamento de seu cabelo pegando os últimos raios de sol, brilhando cobre. Não consigo me lembrar da última vez que eu chorei. Já faz anos. Eu limpo meus olhos com as costas da minha mão, e minha visão aguça novamente. É só suor, eu percebo aliviada, estou suando, está caindo nos meus olhos. Ainda assim, o doente sentimento de peso não vai encontrar o caminho para sair do meu estômago.

Eu permaneço lá por alguns minutos, sentada na bicicleta, apertando o guidom com força até eu estar um pouco mais calma. Parte de mim quer dizer, *dane-se*, *vá*, juntar as

pernas estendidas, e ir voando colina abaixo em direção àgua com vento chicoteando meu cabelo—dane-se o toque de recolher, danem-se os reguladores, dane-se tudo. Mas eu não posso, eu não podia, eu nunca poderia. Eu não tenho escolha. Eu tenho que chegar em casa.

Eu manobro minha bicicleta ao redor em um círculo desajeitado e começo a voltar até a rua. Agora que a adrenalina e o entusiasmo desapareceram, sinto minhas pernas como se elas fossem de ferro, e eu estou ofegando antes de ter andando meio quilômetro. Dessa vez eu sou cuidadosa em ficar alerta para os reguladores, polícia e patrulhas.

No caminho de casa eu digo a mim mesma que provavelmente foi o melhor. Eu devo estar louca, correndo na escuridão parcial apenas para encontrar-me com um cara na praia. Além disso, tudo foi explicado: ele trabalha nos laboratórios, provavelmente apenas entrou no dia de avaliação, por alguma razão completamente inocente—usar o banheiro, ou encher sua garrafa de água.

E eu fico pensando que provavelmente eu imaginei a coisa toda – a mensagem, o encontro. Ele provavelmente está sentado em seu apartamento em algum lugar, fazendo o trabalho de curso para suas aulas. Ele provavelmente já esqueceu as duas meninas que conheceu no complexo laboratorial hoje. Mais cedo, ele provavelmente estava apenas sendo gentil, estabelecendo uma conversa casual.

É o melhor. Mas não importa quantas vezes eu repita, a estranha sensação e o vazio no meu estômago não vão embora. E ridículo que seja, eu não posso evitar a persistente sensação e agulhamento de que eu tenha esquecido alguma coisa, a falta de alguma coisa, ou perda de algo para sempre.

7

De todos os sistemas do corpo – neurológico, cognitivo, especial, sensorial—o sistema cardíaco é o mais sensível e facilmente perturbado. O papel da sociedade deve ser o de salvar esses sistemas de infecção e decadência, ou então o futuro da humanidade está em jogo. Como uma fruta de verão que é protegida da invasão de insetos, amassados, e decomposição por todo o mecanismo da agricultura moderna; assim nós devemos proteger o coração.

— *O Papel e Propósito da Sociedade,* O Manual de SSF, p. 353

Eu fui nomeada por Maria Magdalena, que foi quase morta por amor: *Tão infectada com o deliria e violação dos pactos com a sociedade, ela se apaixonou por um homem que não a teria ou não a manteria.* (O Livro das Lamentações, Maria 13:1).

Nós aprendemos tudo sobre isso em Ciências Bíblicas. Primeiro houve João, então Mateus, então Jeremias e Pedro e Judas, e vários outros homens sem nome entre eles.

O seu último amor, eles dizem, foi o seu maior: um homem chamado José, um celibatário durante toda a sua vida, que a achou nas ruas, machucada, quebrada e meio-louca com o deliria. Há certo debate sobre o tipo de homem que Joseph era—se ele era justo ou não, se ele havia sucumbido à doença—mas de qualquer maneira, ele tomou conta dela. Ele cuidou dela e tentou trazer paz a ela.

A essa altura, porém, já era tarde demais. Ela estava atormentada pelo passado, assombrada pelos amores perdidos, danos e destruição, pelos males que ela infringiu aos outros e que os outros infringiram a ela. Ela mal conseguia comer; ela chorou o dia inteiro; ela se agarrou a José e implorou para que ele nunca a abandonasse, mas não conseguia achar conforto em sua bondade.

E então numa manhã, ela acordou e José tinha ido—sem nem uma palavra de explicação. Esse abandono final a quebrou e ela caiu no chão implorando a Deus para tirá-la de sua miséria.

Ele ouviu as suas preces, e em sua infinita compaixão a tirou da maldição do deliria, à qual todos os humanos foram infringidos como punição pelo pecado original de Eva e Adão. De certo modo, Maria Magdalena foi a primeira a ser curada.

E depois de tantos anos de aflição e dor, ela andou na integridade até o fim de seus dias. (Livro das Lamentações, Maria 13:1).

Eu sempre achei estranho que a minha mãe tivesse me dado o nome Magdalena. Ela nem acreditava na cura. Aí que estava todo o problema. E o Livro das Lamentações é todo sobre os perigos da deliria. Eu estive pensando muito sobre isso, e no final eu acho que descobri que apesar de tudo, minha mãe sabia que ela estava errada: a cura, o procedimento, era para o melhor. Eu acho até mesmo que ela sabia o que ela faria – sabia o que aconteceria. Eu acho que meu nome era o seu presente final para mim, de algum modo. Era uma mensagem.

Eu creio que ela estivesse tentando dizer, *Perdoe-me.* Eu acho que ela estava tentando dizer, *Algum dia, até a dor vai ser tirada.*

Você vê? Não importa o que todos digam, e apesar de tudo, eu sei que ela não era completamente ruim.

As próximas duas semanas são as mais movimentadas da minha vida. O verão explode em Portland. Mais cedo em Junho o calor estava lá, mas não as cores—o verde ainda era pálido e tentativo, as manhãs eram um pouco frias—mas na última semana de escola tudo era multicolorido e salpicado, céus escandalosamente azuis, tempestades roxas, céus noturnos pretos como tinta, e flores vermelhas tão brilhantes quanto manchas de sangue. Todo dia depois da escola há um assembleia, ou cerimônia, ou festa de graduação para ir. Hana é convidada para todas elas; eu sou convidada para a maioria, o que me deixa surpresa.

Harlowe Davis—que mora com Hana no West End, e seu pai trabalha para o governo—me convidou para ir lá para algo como um *adeus casual*. Eu nem achava que ela sabia meu nome—sempre que ela está conversando com Hana seus olhos passam reto por mim, como seu eu não valesse a pena o seu foco. Eu vou de qualquer maneira. Eu sempre fui curiosa sobre sua casa, que acaba por ser tão espetacular quanto eu imaginei. Sua família tem um carro, também, e aparelhos elétricos em todos os lugares que obviamente são usados todos os dias. Lavadoras e secadoras, enormes lustres cheios de dezenas e dezenas de lâmpadas. Harlowe convidou a maior parte da classe de graduação—há sessenta e sete de nós no total e provavelmente cinquenta na festa—o que faz eu me sentir menos especial, mas ainda é divertido. Nós sentamos no quintal enquanto a governanta corre dentro e fora da casa com pratos e mais pratos de comida—saladas de repolho e batata e outras coisas de churrasco—e seu pai vira costeletas e hambúrguers na enorme grelha. Eu como até me sentir prestes a explodir e ter que voltar para o cobertor que estou compartilhando com Hana. Nós ficamos até quase o toque de recolher, quando as estrelas estão espreitando através de uma cortina de azul escuro e os mosquitos se levantam de uma vez e todos nós voltamos gritando e rindo para dentro da casa, os afastando. Depois disso eu acho que esse é um dos dias mais legais que eu tive em muito tempo.

Até as garotas de quem eu não gosto muito—como Shelly Pierson, que me detestou desde a sexta série, quando eu ganhei o prêmio da feira de ciências e ela pegou o segundo lugar—começaram a ser legais. Eu acho que é porque todos nós sabemos que o fim está perto. A maioria de nós não verá uns aos outros depois da graduação, e mesmo se nós nos

vermos, será diferente. Nós seremos diferentes. Seremos adultos—curados, marcados, rotulados, casados, identificados e colocados em nosso caminho na vida, mármores perfeitamente redondos colocados para rolar em pistas planas, bem definidas.

Theresa Grass faz dezoito anos antes do fim da escola e será curada; Morgan Dell também. Elas faltam durante alguns dias e voltam para a escola pouco antes da graduação. A mudança é incrível. Elas parecem em paz agora, maturas e de algum modo remotas, como se tivessem sido envoltas em uma fina camada de gelo. Há apenas duas semanas o apelido de Theresa era Theresa Grosseira, e todos riam dela por curvar e mastigar as pontas de seus cabelos e geralmente ser uma bagunça; mas agora ela anda reta e seus olhos fixam-se em linha reta a sua frente, seus lábios mal se curvam em um sorriso, e todos se afastam um pouco no corredor para que ela possa passar mais facilmente. A mesma coisa acontece com Morgan. É como se a sua ansiedade e autoconsciência tivessem sido removidas com a doença. Até mesmo as pernas de Morgan pararam de tremer. Sempre que ela precisava falar em sala, a tremedeira era tão intensa que balançava até a mesa. Mas depois do procedimento, assim mesmo—whoosh! A tremedeira para. É claro que elas não são as primeiras meninas da sala a serem curadas—Eleanor Rana e Annie Hahn foram ambas curadas lá trás, no outono, e meia dúzia de outras garotas passaram pelo procedimento nesse último semestre—mas nelas a diferença é de alguma forma mais pronunciada.

Eu continuo com a minha contagem regressiva. Oitenta e um dias, então oitenta, então setenta e nove.

Willow Marks nunca volta para a escola. Rumores voltam para nós—que ela teve o procedimento e acabou bem; que ela teve o procedimento e agora o seu cérebro está dando pane, e eles estão falando sobre colocá-la nas Criptas, a prisão dupla de Portland para prisioneiros e doentes mentais; que ela fugiu para os Selvagens. Apenas uma coisa é certa: a família Marks inteira está sob constante vigilância agora. Os reguladores culpam o Senhor e a Senhora Marks—e toda a família—por não dar a ela uma educação adequada, e apenas alguns dias depois dela ser supostamente achada no Deering Oaks Park, eu ouvi os sussurros dos meus tios, de que ambos os pais de Willow foram demitidos de seus empregos. Uma semana depois nós ouvimos que eles tiveram que se mudar para uma distância relativa. Aparentemente as pessoas continuavam a jogar pedras em suas janelas, e todo um lado de sua casa estava rabiscada com uma única palavra: SIMPATIZANTES. Não faz sentido, porque o Senhor e Senhora Marks estavam insistindo para que sua filha passasse pelo procedimento mais cedo, apesar do risco, mas como minha tia diz, as pessoas ficam assim quando estão assustadas. Todos estão com medo de que a deliria possa, de alguma maneira, achar seu caminho para Portland em larga escala. Todos querem prevenir uma epidemia.

Eu me sinto mal pela família Marks, é claro, mas é desse jeito que as coisas são. É como os reguladores: você pode não gostar das patrulhas e do controle de identidades, mas desde que você saiba que tudo isso é para a sua proteção, é impossível não cooperar.

E isso pode soar maldoso, mas eu não penso sobre a família de Willow por muito tempo. Só há muita papelada de final-do-ensino-médio para administrar, nervosismo, armários para limpar, exames finais para fazer e pessoas para dizer adeus.

Hana e eu mal conseguimos achar tempo para correr juntas. Quando nós corremos, e nós mantivemos as nossas velhas rotas por um acordo silencioso. Ela nunca menciona à tarde no laboratório novamente, para minha surpresa. Mas a mente de Hana tem a tendência de mudar de tópico, e a sua nova obsessão é um colapso no extremo norte da fronteira e as pessoas estão dizendo que pode ter sido causado por Inválidos. Eu nem considero ir para os laboratórios novamente, nem mesmo por um segundo. Eu me concentro em tudo e em qualquer coisa além das minhas questões sobre Alex—o que não é muito difícil de imaginar, considerando que agora eu não posso acreditar que eu gastei uma noite andando de bicicleta para cima e para baixo pelas ruas de Portland, mentindo para Carol e os reguladores, só para encontrá-lo. No dia seguinte tudo parecia como um sonho, ou uma desilusão. Eu digo a mim mesma que eu devo ter ficado temporariamente louca: embaralhamento cerebral, por correr no sol.

No dia da formatura Hana senta três fileiras à minha frente no começo da cerimônia. Quando ela passa por mim para tomar seu lugar ela se estende para minha mão—duas batidas longas, duas curtas—e quando ela se senta, inclina sua cabeça para trás para que eu possa ver que ela pegou um marca texto e escreveu no topo do seu chapéu de formando: GRAÇAS A DEUS! Eu sufoco o riso, e ela vira e faz uma cara fingida de séria para mim. Todas nós estamos tontas, e eu nunca me senti tão perto das garotas da Sant Anne's como naquele dia – toda suada sob o sol, que brilha em cima de nós como um sorriso exagerado, nos abanando com os folhetos de abertura; tentando não revirar os olhos enquanto o diretor McIntosh esbraveja sobre *idade adulta* e *nossa entrada na ordem comunitária*, empurrando umas as outras e puxando a gola das nossas becas para tentar deixar algum ar chegar aos nossos pescoços.

Membros da família estão sentados em cadeiras brancas de plástico, debaixo de um toldo creme, vibrando com as bandeiras: a bandeira da escola, a bandeira da cidade, a bandeira do estado, a bandeira Americana. Eles aplaudem educadamente quando cada graduanda sobe para receber o seu diploma. Quando é a minha vez, olho para o público procurando por minha tia e minha irmã; mas eu estou tão preocupada em tropeçar e cair, que quando eu tomo meu lugar no palco e pego o diploma na mão do Diretor McIntosh, eu não consigo ver nada além de cores—verde, azul, uma bagunça de rostos rosa e marrons—ou ouvir qualquer som além do bater de palmas. Só a voz de Hana, clara e alta como um sino: "Aleluia, Halena!" Esse é o nosso grito de guerra antes de encontros e testes, uma combinação dos nossos nomes.

Depois disso, nós fazemos uma fila para tirar uma foto individual com nossos diplomas. Um fotógrafo profissional foi contratado, um pano de fundo azul foi montado no meio do campo de futebol, onde todas nós paramos e fazemos poses. Embora estejamos

animadas demais para tirar alguma foto séria. As pessoas continuam se dobrando de tanto rir, então tudo que você pode ver é a coroa de suas cabeças.

Quando é minha vez de tirar a foto, no último segundo Hana aparece e põe um braço sobre meus ombros, e o fotógrafo está tão atônito que aperta o botão da câmera, de qualquer maneira. Click! Aqui estamos nós: Eu estou virada para Hana, boca aberta, a ponto de rir. Ela é uma cabeça inteira maior que eu, seus olhos fechados e sua boca aberta. Eu realmente acho que tem algo de especial naquele dia, algo dourado e até mesmo mágico, porque mesmo que meu rosto estivesse todo vermelho e meu cabelo parecesse pegajoso em minha testa, é como se Hana tivesse grudado em mim um pouco—porque além de tudo, e somente naquela foto, eu pareço bonita. Mais que bonita. Linda, até.

A banda da escola continua tocando, a maioria em sintonia, e a música flutua sobre o campo e ecoa com os pássaros rodando no céu. É como se algo se levantasse naquele momento, uma enorme pressão e divisão, e antes de eu saber o que estava acontecendo todas as minhas colegas de classe estão se juntando em um enorme abraço, pulando e gritando, "Nós conseguimos! Nós conseguimos! Nós conseguimos!" E nenhum pai ou professor tenta nos separar. À medida que todos nós começamos a nos separar eu os vejo nos cercando, nos assistindo com expressões pacientes, mãos cruzadas. Eu encontro o olhar da minha tia e meu estômago faz um giro, e eu sei que ela, como todos os outros, está nos dando esse momento—nosso último momento juntos, antes das coisas mudarem de uma vez por todas.

E as coisas irão mudar—estão mudando, até mesmo naquele segundo. Quando a turma se dissolve em grupos de estudantes, e os grupos se dividem em pessoas, eu percebo que Theresa Grass e Morgan Dell já estão do outro lado do gramado indo em direção à rua. Elas estão cada uma com suas famílias, cabeças abaixadas, sem olhar para trás. Elas não celebraram com a gente, eu noto, e me ocorre que eu não vi Eleanor Rana ou Annie Hahn ou nenhuma outra das curadas. Elas devem ter ido para casa. Uma dor curiosa pulsa na parte de trás da minha garganta, mesmo que embora as coisas sejam assim mesmo: Tudo acaba, pessoas seguem adiante, elas não olham para trás. É assim que deve ser.

Eu pego um sinal da Rachel na multidão e corro em sua direção, de repente ansiosa para estar junto a ela, desejando que ela estendesse uma mão e bagunce meu cabelo como ela costumava fazer quando eu era pequena, e diga, "Bom trabalho, Loony[4]," seu velho apelido para mim.

"Rachel!" Eu estou sem fôlego por nenhuma razão, e eu tenho problemas em colocar as palavras para fora. Eu estou tão feliz por vê-la que eu sinto como se eu pudesse explodir em lágrimas. Eu não faço isso embora, obviamente. "Você veio."

[4] Bobinha, em uma tradução literal.

"É claro que eu vim." Ela sorri para mim. "você é minha única irmã, não lembra?" Ela me dá um buquê de margaridas que ela trouxe, vagamente embrulhadas em papel pardo. "Parabéns, Lena."

Eu coloco meu rosto nas flores e inalo, tentando lutar contra a urgência de alcançá-la e abraçá-la. Por um momento nós só paramos lá, piscando uma para outra e então ela estende uma mão para mim. Eu estou certa que ela vai colocar seus braços ao meu redor pelos velhos tempos, ou pelo menos me dar um aperto de um braço só.

Ao invés disso, ela só faz um movimento abrupto para a minha testa. "Nojento," ela diz, ainda sorrindo. "Você está toda suada."

É estúpido e imaturo se sentir desapontada, mas eu me sinto. "É a beca," eu digo, e percebo que sim, esse deve ser o problema: a beca é o que está me estrangulando, me sufocando, tornando difícil respirar.

"Vamos lá," ela diz. "Tia Carol quer te dar os parabéns."

Tia Carol está parada na lateral do campo com meu tio, Grace e Jenny, conversando com Sr. Springer, meu professor de história. Eu começo a andar ao lado de Rachel. Ela é apenas alguns centímetros mais alta do que eu e nós andamos juntas, em sincronia, mas separadas por noventa centímetros de espaço. Ela está quieta. Eu posso dizer que ela já está se perguntando quando ela poderá voltar para casa e continuar com sua vida.

Eu me permito olhar para trás uma vez. Eu não posso evitar. Eu observo as garotas circularem em suas becas laranja como chamas. Tudo parecia diminuir, se afastar de uma vez. Todas as vozes misturam-se e tornam-se indistinguíveis umas das outras—como o som constante do oceano correndo sob o ritmo das ruas de Portland, tão constante que você mal o nota. Tudo parece gritante, vívido e congelado; como se estivesse precisamente desenhado em tinta—sorrisos congelados de pais, flashes de câmera ofuscantes, bocas abertas e dentes brancos brilhando, cabelos brilhosos e escuros e o céu de um azul profundo, uma luz implacável, todos se afogando na luz—tudo tão claro e perfeito que eu tenho certeza que isso já deve ser uma memória, ou um sonho.

8

H é para hidrogênio, peso um;
Quando a fissão divide, tão iluminado
Tão quente quanto qualquer sol.

He é para hélio, peso dois;
O gás nobre, o passe fantasmagórico
Que levanta o mundo novamente.

Li é para lítio, peso três;
A pira funerária, quando tocado com fogo
E sono mortal para mim.

Be é para berílio, peso quatro...

— Das Orações Elementais (*Orações e Estudo*, Manual de SSF)

Durante o verão eu tenho que ajudar meu tio na Stop-N-Save nas segundas, quartas e sábados, principalmente arrumando as prateleiras e trabalhando atrás do caixa e, ocasionalmente, ajudando no arquivamento e contabilidade no pequeno escritório atrás do corredor de cereais e produtos secos. Felizmente, no final de junho, Andrew Marcus passa pelo procedimento e é transferido para uma posição permanente em outro supermercado.

No dia 4 de julho dirijo-me para a casa de Hana pela manhã. Todo ano nós vamos ver os fogos na Esplanada Leste Promenade. Sempre há uma banda tocando e vendedores empurrando seus carrinhos, vendendo carne frita em espetos, milho na espiga e torta de maçã flutuando em uma poça de sorvete, servido em pequenos barcos de papel. Dia 4 de julho—o dia da nossa independência, o dia em que se comemora o fechamento das fronteiras de nossa nação para sempre—é um dos meus feriados favoritos. Adoro a música que toca através das ruas, adoro a forma como o vapor de espessura da grelha faz as ruas parecem nubladas, o povo sombrio e obscuro. Eu especialmente adoro a extensão do toque de recolher: em vez de estar em casa às nove horas, todos os não-curados estão autorizados a ficar fora até as onze. Nos últimos anos Hana e eu fizemos disso uma espécie de jogo para ficar fora até o último segundo possível, reduzindo cada vez mais, chegando mais perto a cada ano. Ano passado, cheguei em casa exatamente às 22:58, meu coração martelando no meu peito, tremendo de exaustão—tive que correr até em casa. Quando eu deitei na cama não conseguia parar de sorrir. Senti-me como se tivesse

escapado de alguma coisa.

Eu digito o código de quatro dígitos do portão da casa de Hana—ela me deu o código na oitava série, dizendo que era *um sinal de confiança* e também que ela me cortaria *da cabeça aos pés* se eu o dividisse com mais alguém—e deslizei pela porta da frente. Nunca me incomodo em bater. Seus pais dificilmente estão em casa, e Hana nunca atende a porta. Eu sou praticamente a única que vem vê-la. É estranho. Hana sempre foi muito popular na escola—pessoas a admiravam e queriam ser como ela—mas mesmo que ela fosse muito amigável com todo mundo, ela nunca realmente ficou próxima de ninguém, além de mim.

Às vezes me pergunto se ela gostaria de ter sido designada a outro companheiro de carteira na sala de aula do Sr. Jablonski na segunda série, que foi como nos tornamos amigas inicialmente. O sobrenome de Hana é Tate, e nós fomos unidas pela ordem alfabética (até então, eu já usava o sobrenome da minha tia, Tiddle). Gostaria de saber se ela desejava que tivesse sido colocada com Rebecca Tralawny, ou Katie Scarp, ou até mesmo com Melissa Portofino. Às vezes sinto que ela merece uma amiga que seja apenas um pouco mais especial. Uma vez Hana me disse que ela gosta de mim porque eu sou real—porque eu realmente sinto as coisas. Mas esse é o grande problema: quando eu sinto as coisas.

"Olá?" eu chamo, assim que entro na casa de Hana. O salão da frente está escuro e fresco como sempre. Um arrepio passa por cima de meus braços. Não importa quantas vezes eu venha à casa de Hana, eu sempre fico chocada com a força do ar-condicionado, que zune em algum lugar no fundo das paredes. Por um momento, eu só fico parada lá, inalando o cheiro limpo de mobília polonesa, limpa-vidros e flores recém-colhidas. Música pulsando do quarto de Hana no andar de cima. Tento identificar a música, mas não consigo entender qualquer palavra, apenas o baixo palpitando através do assoalho.

No topo da escada eu paro. A porta do quarto de Hana está fechada. Eu definitivamente não reconheço a música que está tocando—ou explodindo, sério, tão alta que me lembro que a casa de Hana é blindada em quatro lados por árvores e gramado, e ninguém vai enviar os reguladores até ela. Não é como qualquer outra música que eu tenha ouvido. É uma música gritante, aguda, estridente e feroz: eu não posso nem dizer se o cantor é homem ou mulher. Dedinhos de eletricidade rastejando pela minha espinha, um sentimento que eu costumava ter quando era criança, quando eu ia à cozinha e tentava pegar escondido um biscoito extra da despensa—um certo sentimento antes do ranger e ranger dos passos da minha mãe na cozinha atrás de mim, quando eu giro ao redor, as mãos e o rosto cobertos de migalhas, culpada.

Livro-me do pensamento e empurro a porta aberta de Hana. Ela está sentada em seu computador, pés apoiados sobre a mesa, balançando a cabeça e tocando um ritmo em suas coxas. Assim que ela me vê, ela balança para frente e bate uma tecla em seu teclado. A música para instantaneamente. Estranhamente, o silêncio que se segue parece tão alto.

Ela vira seu cabelo sobre o ombro e salta para longe da mesa. Algo vislumbra em

seu rosto, uma expressão que passa rápido demais para eu identificar. "Oi," ela cantarola, um pouco alegre demais. "Não ouvi você entrar."

"Duvido que você teria me ouvido arrombar." Vou para sua cama e me jogo sobre ela. Hana tem uma cama queen-size, com três travesseiros de plumas. É como o céu. "O que era isso?"

"O que era o quê?" Ela levanta os joelhos contra o peito e gira um círculo completo em sua cadeira. Sento-me em meus cotovelos e a observo. Hana só age assim quando está escondendo algo.

"A música." Ela continua a me olhar fixamente. "A música que estava explodindo quando entrei, aquela que quase estorou meus tímpanos."

"Oh—isso." Hana sopra sua franja fora de seu rosto. Este é outro vestígio de que ela está escondendo algo. Sempre que ela está blefando no pôquer ela não para com a gitação em sua franja. "Apenas uma banda nova que encontrei online."

"Na BMFA?" eu pressiono. Hana é obcecada por música e costumava passar horas navegando por BMFA, a Biblioteca de Músicas e Filmes Autorizados, quando estávamos no ensino médio.

Hana desvia o olhar. "Não exatamente."

"O que você quer dizer com *não exatamente*?" A intranet, como tudo nos Estados Unidos, é controlada e monitorada para nossa proteção. Todos os sites, todo o conteúdo, é escrito por agências governamentais, incluindo a Lista de Entretenimento Autorizado, que é atualizada semestralmente. Livros digitais vão para a BLA, a Biblioteca de Livros Aprovados, filmes e música na BMFA, e por uma pequena taxa você pode baixá-los para seu computador. Se você tem um, quer dizer. Eu não tenho.

Hana suspira, continuando a desviar o olhar. Finalmente, ela olha para mim. "Você pode guardar um segredo?"

Agora me aproximo, sentando à beira da cama. Eu não gosto do jeito que ela está olhando para mim. Não confio nele. "O que está havendo, Hana?"

"Você pode guardar um segredo?" ela repete.

Eu acho que ficar parada com ela na frente dos laboratórios no Dia de Avaliação, o sol batendo em nós, do jeito que ela forçou a aproximar sua boca em meu ouvido e sussurrar sobre felicidade, e infelicidade. De repente estou com medo por ela, dela. Mas eu aceno e digo: "Sim, claro."

"Ok." Ela olha para baixo, mexe com a bainha de sua bermuda por um segundo, respira fundo. "Então, na semana passada eu conheci esse cara..."

"O quê?" Eu quase caio da cama.

"Calma." Ela levanta uma mão. "Ele está curado, ok? Ele trabalha para a cidade. Ele é um avaliador, na verdade."

Meu batimento cardíaco diminui e eu resolvo voltar para os travesseiros novamente. "Ok. Então?"

"Então," diz Hana, alongando a palavra, "ele estava esperando no médico comigo. Quando fui fazer a minha fisio, sabe?" Hana caiu e torceu o tornozelo e ainda tem que fazer fisioterapia uma vez por semana, para mantê-lo forte. "E nós começamos a conversar."

Ela faz uma pausa. Eu realmente não vejo onde a história está indo, ou como se relaciona com a música que estava tocando, então eu espero ela continuar.

Finalmente, ela faz. "De qualquer forma, eu estava dizendo a ele sobre os testes, e como eu realmente quero ir para a USM, e ele estava me contando sobre seu trabalho – o que ele faz, você sabe, no dia a dia. Ele coloca os códigos de restrição de acesso online, para que as pessoas não possam simplesmente escrever o que quiserem, ou postarem coisas por si mesmas, ou escrever informações falsas ou *opiniões inflamatórias*"—ela coloca isso em aspas, revirando os olhos—"e outras coisas assim. Ele é tipo, um guarda da segurança da intranet."

"Ok," eu digo novamente. Eu quero dizer a Hana para chegar ao ponto—eu sei todas as restrições de segurança online, todo mundo sabe—mas isso iria apenas fazê-la se calar.

Ela respira profundamente. "Mas ele não só insere o código de segurança. Ele verifica a existência de lapsos—como, arrombamentos. Hackers, basicamente, que saltam através de todos os aros de segurança e gerenciam a postagem de suas próprias coisas. O governo os chama de flutuantes—sites que podem ficar on-line até por uma hora, ou um dia, ou dois dias antes de serem descobertos, sites cheios de coisas não autorizadas—opiniões e fóruns e clipes de vídeo e música."

"E você encontrou um." A sensação de mal estar se instalou no meu estômago. Palavras se mantém piscando em meu cérebro, como um sinal de neon entrando e saindo: ilegal, interrogatório, vigilância. Hana.

Ela não pareceu notar que eu não estava mais escutando totalmente. Seu rosto está subitamente animado, tão vivo e enérgico como eu já vi, e ela se inclina para frente sobre os joelhos, conversando em uma corrida. "Não apenas um. Dezenas. Há toneladas deles por aí, se você souber procurar. Se você souber onde procurar. É incrível, Lena. Todas essas pessoas—eles devem estar em todo o país—infiltrando-se pelos buracos e falhas. Você tem que ver algumas das coisas que as pessoas escrevem. Sobre—sobre a cura. Não são apenas os Inválidos que não acreditam nela. Há pessoas aqui, em todo o lugar, que não pensam..." Eu estou olhando para ela com tanta força que ela baixa os olhos e troca de assunto. "E você deve ouvir a música. Música incrível, maravilhosa, como nada que você

já ouviu, a música que quase acaba com a sua cabeça, sabe? Que te faz querer gritar e saltar para cima e para baixo e quebrar coisas e chorar...”

O quarto de Hana é grande—quase duas vezes maior que o meu quarto em casa—mas eu sinto como se as paredes estivessem pressionando à minha volta. Se o ar condicionado ainda está trabalhando, não posso mais sentir isso. O ar está quente e pesado, como um sopro molhado, e eu levanto e vou para a janela. Hana para, finalmente. Eu tento empurrar para abrir sua janela, mas ela não se move. Eu empurro e tensiono contra o parapeito da janela.

“Lena,” Hana diz timidamente, depois de um minuto.

“Não abre.” Tudo que eu consigo pensar é: eu preciso de ar. O resto dos meus pensamentos é um borrão de luzes fluorescentes, rádio estática, jalecos, mesas de aço e facas cirúrgicas—uma imagem de Willow Marks sendo arrastada para os laboratórios, gritando, sua casa desfigurada com marcador e tinta.

“Lena,” Hana diz, mais alto agora. “Vamos.”

“Está emperrada. A madeira deve ter distorcido por causa do calor. Se isso apenas abrisse.” Eu levanto e a janela voa para cima, finalmente. Há um som de estalo, e a trava que estava mantendo no lugar quebra e salta para o meio do chão. Por um segundo, Hana e eu ficamos lá, olhando para ele. O ar que entra pela janela aberta não me faz sentir melhor. Está ainda mais quente lá fora.

“Desculpe,” resmungo. Eu não posso olhar para ela. “Eu não queria—eu não sabia que estava trancada. As janelas em minha casa não trancam.”

“Não se preocupe com a janela. Eu não me importo com a estúpida janela.”

“Uma vez, Grace saiu de seu berço quando ela era pequena, quase foi parar no telhado. Apenas deslizou pela janela aberta e começou a subir.”

“Lena.” Hana alcança e agarra meus ombros. Eu não sei se estou com febre ou o que, mas estou ficando quente e fria a cada cinco segundos. Seu toque faz com que um calafrio passe por mim e me afasto rapidamente. “Você está brava comigo.”

“Eu não estou brava. Estou preocupada com você.” Mas isso é apenas uma meia-verdade. Eu estou furiosa, na verdade. Todo esse tempo eu estive cegamente indo junto, a companheira idiota, pensando em nosso último verão de verdade juntas, me estressando com os parceiros que receberei e avaliações e testes e outras coisas normais e ela esteve acenando, sorrindo e dizendo: “Aham, é, eu também” e “Tenho certeza que as coisas vão ficar bem” e enquanto isso, pelas minhas costas, ela foi se transformando em alguém que eu não conheço—alguém com segredos e hábitos estranhos e opiniões sobre coisas que nós nem deveríamos pensar. Agora eu sei por que eu estava tão assustada no Dia de Avaliação, quando ela voltou a sussurrar para mim, olhos enormes e brilhantes. Era como

se ela tivesse sumido por um segundo—minha melhor amiga, minha única verdadeira amiga—e em seu lugar era uma estranha.

Isso é o que esteve acontecendo todo esse tempo: Hana foi se transformando em uma estranha.

Eu volto para a janela.

Uma lâmina afiada de tristeza passa por mim, profunda e rápida. Eu acho que estava prestes a acontecer eventualmente. Eu sempre soube que estava. Todos em quem você confia, todos com quem você acha que pode contar, acabarão por decepcioná-lo. Quando deixado à própria sorte, as pessoas mentem, guardam segredos, mudam e desaparecem, alguns por trás de um rosto ou personalidade diferentes, alguns por trás de uma névoa densa da manhã além de um penhasco. É por isso que a cura é tão importante. É por isso que precisamos dela.

"Escute, eu não vou ser presa apenas por olhar alguns sites. Ou ouvir música, ou o que quer que seja."

"Você poderia. Pessoas foram presas por menos." Ela sabe disso também. Ela sabe, e não se importa.

"Sim, bem, eu estou cansada disso." A voz de Hana treme um pouco, o que me impressiona. Eu nunca ouvi sua voz mais baixa que o usual.

"Nós não deveríamos mesmo estar falando sobre isso. Alguém poderia estar..."

"Alguém poderia estar me ouvindo?" Ela me corta, terminando minha frase. "Deus, Lena. Estou farta disso, também. Você não está? Cansada de sempre verificar a sua volta, olhando para trás, controlando o que você diz, pensa, faz. Eu não posso, não posso respirar, não consigo dormir, não posso me mover. Eu sinto que há paredes em todos os lugares. Todo lugar que vou—bam! Há uma parede. Tudo que eu quero—bam! Outra parede."

Ela varre uma mão pelo cabelo. Pela primeira vez, ela não parece bonita e no controle. Ela parece pálida e infeliz, e sua expressão me faz lembrar de alguma coisa, mas não consigo saber imediatamente.

"É para nossa própria proteção," eu digo, desejando que eu parecesse mais confiante. Eu nunca fui boa em uma briga. "Tudo vai ficar melhor, uma vez que nós..."

Novamente, ela dispara "Uma vez que nós estejamos curadas?" Ela ri, o som do latido curto com nenhum humor nele, mas pelo menos ela não me contradiz diretamente. "Certo. Isso é o que todo mundo diz."

De repente me vem à cabeça: ela me faz lembrar dos animais que vimos uma vez em uma excursão da escola ao matadouro. Todas as vacas estavam alinhadas, embaladas

em suas barracas, olhando para nós em silêncio enquanto caminhávamos, com esse mesmo olhar em seus olhos, o medo, a resignação e algo mais. Desespero. Tenho muito medo, então, estou verdadeiramente aterrorizada por ela.

Mas quando ela fala de novo, ela soa um pouco mais calma. "Talvez fique. Melhor, quero dizer, uma vez que estivermos curadas. Mas até então... Esta é a nossa última chance, Lena. Nossa última chance de fazer qualquer coisa. Nossa última chance de escolher."

Aí está a palavra do Dia de Avaliação novamente—escolha—mas eu aceno, porque eu não quero que ela comece tudo de novo. "Então o que você vai fazer?"

Ela olha para longe, mordendo o lábio, e posso dizer que ela está debatendo se deve ou não confiar em mim. "Há uma festa hoje à noite..."

"O quê?" Zum. O medo me inunda de volta.

Ela se apressa em dizer. "É algo que eu encontrei em um dos flutuantes—é uma coisa de música, algumas bandas tocando pela fronteira em Stroudwater, em uma das fazendas."

"Você não pode estar falando sério. Você não está—você não está realmente querendo ir, certo? Você não está nem pensando nisso."

"É seguro, ok? Eu prometo. Estes sites... é realmente incrível, Lena, eu juro que você estaria dentro se você olhasse. Eles estão escondidos. Links, geralmente, incorporados nas páginas normais, coisas aprovadas pelo governo, mas eu não sei, de alguma forma você pode dizer que eles não parecem certos, você sabe? Eles não pertencem."

Eu entendo apenas uma única palavra. "Seguro? Como pode ser seguro? Aquele cara que você conheceu—o censurador—o seu trabalho todo é para rastrear as pessoas que são estúpidas o suficiente para postar essas coisas..."

"Eles não são estúpidos, eles são incrivelmente inteligentes, na verdade..."

"Para não mencionar os reguladores, as patrulhas, os guardas jovens, toque de recolher, a segregação e tudo mais que torna esta uma das piores ideias..."

"Tudo bem." Hana levanta os braços e os leva para baixo batendo contra suas coxas. O barulho é tão alto que me faz pular. "Tudo bem. Então é uma má ideia. Então é arriscado. Você sabe o quê? Eu não me importo."

Por um segundo, há silêncio. Nós estamos olhando uma para a outra, e o ar entre nós se sente carregado e perigoso, uma bobina elétrica fina, pronta para explodir.

"E eu?" Eu digo finalmente, lutando para manter a minha voz calma.

"Você é bem-vinda para vir. Dez e meia, Fazenda Roaring Brook, Stroudwater.

Música. Dança. Você sabe—diversão. As coisas que supõe-se que tenhamos antes de cortarem metade do nosso cérebro."

Eu ignoro a última parte de seu comentário. "Eu acho que não, Hana. Caso você tenha esquecido, temos outros planos para esta noite. Tivemos planos para hoje à noite pelos, oh, os últimos quinze anos."

"Sim, bem, as coisas mudam." Ela se vira de costas para mim, mas eu sinto que ela estendeu a mão e me deu um soco no estômago.

"Ótimo." Minha garganta está apertando. Desta vez eu sei que de verdade, e eu estou prestes a chorar. Vou até a sua cama e começo a recolher as minhas coisas. É claro que minha mochila está jogada sobre um lado da cama, e agora seu edredom está coberto com pequenos pedaços de papel, embrulho de balas e chicletes, moedas e canetas. Eu começo a colocá-los de volta em minha mochila, lutando contra as lágrimas. "Vá em frente. Faça o que quiser hoje à noite. Eu não me importo."

Talvez Hana se sinta mal, porque sua voz suaviza um pouco. "Sério, Lena. Você deve pensar em ir. Nós não vamos entrar em qualquer problema, eu prometo."

"Você não pode prometer isso." Eu respiro fundo, desejando que minha voz pare de tremer. "Você não sabe disso. Você não pode ter certeza."

"E você não pode continuar a ser tão assustada o tempo todo."

É isso: isso faz acontecer. Eu giro ao redor, furiosa, algo profundo, negro e antigo aumenta dentro mim. "Claro que eu estou com medo. E tenho razão para ter medo. E se você não está com medo é só porque você tem a vida perfeita, e a família perfeita, e para você tudo é perfeito, perfeito, perfeito. Você não vê. Você não sabe."

"Perfeito? Isso é o que você acha? Você acha que minha vida é perfeita?" Sua voz é calma, mas cheia de raiva.

Estou tentada a me afastar dela, mas me forço a ficar parada. "É. Eu acho."

Mais uma vez ela solta uma risada, uma explosão rápida. "Então você acha que é isso, hein? Tão bom quanto parece?" Ela se vira um círculo completo, braços estendidos, como se estivesse abraçando o quarto, a casa, tudo.

Sua pergunta me assusta. "O que mais há?"

"Tudo, Lena." Ela balança a cabeça. "Escute, eu não vou pedir desculpas. Eu sei que você tem suas razões para estar assustada. O que aconteceu com sua mãe foi terrível..."

"Não traga a minha mãe para isso." Meu corpo vai apertando, elétrico.

"Mas você não pode continuar culpando-a por tudo. Ela morreu há mais de dez anos atrás."

Engulo a raiva em mim, uma espessa neblina. Minha mente rodopia loucamente como rodas sobre o gelo, esbarrando em palavras aleatórias: Medo. Culpa. Não se esqueça. Mãe. Eu te amo. E agora vejo que Hana é uma cobra—está esperando um longo tempo para dizer isso para mim, tem estado à espera para se contorcer seu caminho, tão profunda e dolorosa como ela pode ir, e morder.

"Vá se ferrar." No final, estas são as três palavras que vêm.

Ela levanta as duas mãos. "Ouça, Lena, eu só estou dizendo que você tem que deixá-la ir. Você não é nada como ela. E você não vai acabar como ela. Você não tem isso em você."

"Vá se ferrar." Ela está tentando ser legal, mas minha mente está fechada e as palavras saem por conta própria, em cascata uma sobre a outra, e eu gostaria que cada uma única palavra fosse um soco para que eu pudesse atingi-la no rosto, bambambambam. "Você não sabe uma única coisa sobre ela. E você não me conhece. Você não sabe nada."

"Lena." Ela vem até mim.

"Não me toque." Estou tropeçando para trás, agarrando minha mochila, batendo contra a mesa assim que me movo em direção à porta. Minha visão está turva. Eu mal posso agarrar o corrimão. Eu estou tropeçando, meio caindo nas escadas, encontrando a porta da frente através do toque. Eu acho que Hana pode estar chamando por mim, mas tudo está perdido em um rugido, apressando-se em meus ouvidos, dentro da minha cabeça. O sol brilhante, a brilhante luz branca—ferro frio cortante sob meus dedos, o portão—cheiros do oceano, a gasolina. Lamentações, cada vez mais alto. Um grito pontuado: bip, bip, bip.

Minha cabeça limpa tudo de uma vez e eu salto do meio da rua pouco antes de eu ser esmagada por um carro da polícia, que passa em alta velocidade por mim, buzina ainda tocando, a sirene rodando, fazendo-me tossir com sujeira e poeira. A dor na minha garganta fica tão ruim que parece que estou engasgando, e quando eu finalmente deixo as lágrimas rolarem é um alívio enorme, como deixar cair algo pesado depois de segurá-lo por um longo tempo. Uma vez que eu começo a chorar, eu não consigo parar, e todo o caminho eu tenho que manter minha mão pressionada em meus olhos a cada poucos segundos, espalhando as lágrimas, só assim eu posso ver onde estou indo. Eu consolo-me por pensar que em menos de dois meses isto vai parecer nada para mim. Tudo isso vai cair e eu vou levantar nova e livre, como um pássaro voando no ar.

Isso é o que Hana não entende, nunca entendeu. Para alguns de nós, é sobre mais do que a deliria. Alguns de nós, os sortudos, terão a chance de renascer: mais recentes, mais frescos, melhores. Curados e inteiros e perfeitos outra vez, como uma placa disforme de ferro que sai do fogo ardente, brilhante e nítida.

Isso é tudo que eu quero – tudo que eu sempre quis. Essa é a promessa da cura.

9

Senhor
Mantenha os nossos corações fixos;
Como você fixou os planetas em suas órbitas
E esfrie o caos emergente
Como a gravidade de sua vontade impede estrela e estrela do colapso
Impede o oceano de se tornar pó e o pó de se tornar água
Impede os planetas de colidirem
E os sois de explodirem
Então, Senhor, mantenha os nossos corações fixados
Em órbita estável
E os ajude a permanecer no caminho.

— Salmo 21 (De *Oração e Estudo*, O livro do Shhh)

Naquela noite, mesmo depois de eu estar na cama, as palavras de Hana são reproduzidas interminavelmente na minha cabeça. Você não vai acabar como ela. Você não tem isso dentro de você. Ela só disse isso para me confortar, eu sei—deveria ser reconfortante—mas por alguma razão não era. Por alguma razão isso me deixa chateada; há uma dor profunda no meu peito, como se algo grande, gelado e afiado estivesse lá.

Aqui há outra coisa que Hana não entende: pensar sobre a doença e se preocupar com ela, e sublinhar quaisquer predisposições que eu herdei para isso—é tudo o que eu tenho da minha mãe. A doença é tudo o que eu sei sobre ela. É o vínculo.

Fora isso, eu não tenho nada.

Não é que eu não tenha memórias dela. Eu tenho—um monte delas, considerando o quão jovem eu era quando ela morreu. Eu me lembro que quando havia neve fresca ela me mandava para fora para encher panelas com mãos cheias de neve. Uma vez dentro da casa, nós iríamos regar as panelas cheias de neve com xarope de bordo, assistindo aquilo endurecer em doces âmbares quase instantaneamente, todos ovais e frágeis, inclusive açucarados, como laços comestíveis. Eu me lembro do quanto ela amava cantar para a gente quando ela me colocava na água na praia da Esplanada Leste. Eu não sabia o quão estranho aquilo era naquela época. Outras mães ensinavam seus filhos a nadar. Outras mães colocavam seus filhos na água e aplicavam protetor solar para se certificar que seus bebês não se queimassem, e fazem todas as coisas que uma mãe deveria fazer, como é delineado na Seção Pais no Manual de SSF.

Mas elas não cantam.

Eu lembro que ela trazia bandejas de torradas amanteigadas quando eu estava doente e beijava os meus machucados quando eu caía, e eu lembro uma vez quando ela me pegou no colo depois que caí da minha bicicleta e começou a me balançar em seus braços, uma mulher tossiu e disse a ela, "Você deveria se envergonhar" e eu não entendia o porquê, o que me vez chorar ainda mais. Depois disso, ela só me confortava em particular. Em público ela só iria franzir e dizer, "Você está bem Lena. Levante-se."

Nós costumávamos ter festas de dança também. Minha mãe as chamava de *geleia de meia*, porque nós enrolávamos os carpetes da sala de estar e colocávamos as nossas meias mais grossas, e escorregávamos e deslizávamos pelos corredores de madeira. Até Rachel participava, embora ela sempre afirmasse que era muito velha para jogos de crianças. Minha mãe abaixaria as cortinas e colocaria travesseiros nas portas dianteira e traseira, e aumentaria o som da música. Nós ríamos tanto que eu sempre ia para cama com dor de barriga.

Eventualmente, eu entendi que na nossa noite de geleia de meia ela fecharia as cortinas para nos prevenir de ser vistas por uma patrulha passageira, que ela enchia as portas com travesseiros para que então os vizinhos não nos relatassem por tocar música e rir demais, ambos potenciais sinais do deliria. Eu entendi que ela costumava esconder o broche militar do meu pai—um punhal de prata que ele herdara do seu pai, que ela usava todos os dias numa corrente em volta do seu pescoço—debaixo do colarinho da sua blusa sempre que ela deixava a casa, então ninguém o veria e se tornaria supersticioso. Eu entendi que todos os momentos mais felizes da minha infância foram uma mentira. Eles eram errados, perigosos e ilegais. Eles eram uma anomalia. Minha mãe era uma anomalia, e eu provavelmente herdei isso dela.

Pela primeira vez, realmente, eu me pergunto o que ela deveria ter sentido, pensado, na noite em que ela andou aos penhascos e continuou andando, pés suspensos no ar. Eu me pergunto se ela estava assustada. Eu me pergunto se ela pensou em mim ou em Rachel. Eu me pergunto se ela estava triste por nos deixar para trás.

Eu começo a pensar no meu pai, também. Eu não me lembro de nada sobre ele, embora eu tenha um rosto surgindo flutuante acima do meu, mas eu acho que é só porque minha mãe mantinha um retrato no seu quarto do meu pai e de mim. Eu só tinha alguns meses de idade e ele estava me segurando, sorrindo, olhando para a câmera. Mas não há maneira de eu lembrar isso na verdade. Eu não tinha nem um ano de idade quando ele morreu. Câncer.

O calor é terrível, espesso, coagulando nas paredes. Jenny está virada em suas costas, braços e pernas estendidas em cima do seu edredom, respirando silenciosamente com a sua boca aberta. Até Grace está dormindo, murmurando silenciosamente em seu travesseiro. O quarto todo cheira a suor, pele, línguas e leite quente.

Eu saio da cama, já vestida em jeans pretos e camiseta. Eu nem me incomodei em colocar meu pijama. Eu sabia que não iria dormir esta noite. E mais cedo esta noite, eu tomaria uma decisão. Eu estava sentada com Carol, tio William, Jenny e Grace, enquanto todos mastigavam e engoliam em silêncio, encarando inexpressivamente uns aos outros, era como se o ar estivesse pesando sobre mim, comprimindo meu fôlego, como dois punhos apertando cada vez mais um balão de água, quando eu percebi algo.

Hana disse que eu não tinha aquilo em mim, mas ela estava errada.

Meu coração está batendo tão alto que posso ouvi-lo, e eu tenho certeza de que todo mundo poderá ouvi-lo também—que ele irá fazer a minha tia se sentar em sua cama, pronta para me pegar e me acusar de tentar escapulir. O que, é claro, é exatamente o que estou tentando fazer. Eu nem sabia que um coração poderia bater tão alto, e isso me lembra da história de Edgar Allan Poe que nós precisamos ler em uma das nossas aulas de estudos sociais; sobre um homem que mata outro homem e então se entrega a polícia porque ele estava convencido de que havia ouvido o seu coração bater debaixo das tábuas do assoalho. Deveria ser uma história sobre a culpa e o perigo da desobediência civil, mas quando eu li pela primeira vez eu achei que parecia meio melodramático e lamentável. Porém, agora eu entendo. Poe deve ter escapado muito quando jovem.

Eu abro lentamente a porta do quarto, segurando meu fôlego, rezando para que não ranja. Naquele momento Jenny solta uma exclamação e meu coração congela. Mas então ela se vira, jogando um braço em cima do seu travesseiro, e eu expiro lentamente, notando que ela está só se revirando em seu sono.

O corredor está completamente escuro. O quarto que minha tia compartilha com meu tio está escuro também, e o único som vem do farfalhar das árvores lá fora e gemidos baixos vindo das paredes, o barulho usual de uma casa velha. Eu finalmente acho a coragem para deslizar no corredor e fechar a porta do quarto atrás de mim. Eu vou tão devagar que parece que eu quase não estou me movendo, achando caminho pelas saliências e ondulações do papel de parede acima das escadas, então deslizando minha mão centímetro por centímetro do corrimão, andando bem na ponta dos pés. Mesmo assim a casa parece lutar contra mim, como se gritasse somente para eu ser pega. Cada passo parecia fazer um rangido, guincho ou gemido. Cada tábua treme e estremece debaixo dos meus pés, e eu começo mentalmente a barganhar com a casa: se eu chegar à porta da frente sem acordar tia Carol, eu juro por Deus que nunca vou bater outra porta. Eu nunca irei chamar você de *um velho pedaço de merda* de novo, nem mesmo na minha cabeça, e nunca vou amaldiçoar o porão quando ele inundar, e nunca, nunca, nunca vou chutar a parede do quarto quando eu estiver irritada com a Jenny.

Talvez a casa me escute, porque, miraculosamente, eu chego até a porta da frente. Eu paro por mais um segundo, procurando por sons de passos no segundo andar, sussurros, qualquer coisa—fora meu coração, que continua forte e barulhento, está tudo silencioso. Até mesmo a porta parece hesitar e tomar fôlego, porque a porta da frente abre

mal fazendo um sussurro. Eu saio para a noite, a sala atrás de mim permanece tão escura como um túmulo.

Lá fora, eu hesito na varanda da frente. Os fogos de artifício pararam uma hora atrás—eu ouvi as últimas explosões, como um disparo distante, quando estava me preparando para dormir—e agora as ruas estão estranhamente silenciosas, e completamente vazias. Já passa um pouco das onze. Alguns curados devem ter permanecido no baile da Esplanada. Todos os outros devem estar em suas casas agora. Nem mesmo uma luz está acesa nas ruas. Todos os postes de luz foram desativados anos atrás, exceto nas partes mais nobres de Portland, e eles olham para mim como olhos cegos. Graças a Deus que a lua esteja tão brilhante.

Eu me esforço a encontrar algum som de uma patrulha passageira ou grupos de reguladores—eu quase espero que eu encontre, porque então terei que voltar para dentro, para a segurança, e o pânico já começa a penetrar em mim novamente. Mas tudo permanece perfeitamente quieto, quase como se estivesse congelado. Tudo o que é racional, certo, e bom está gritando para eu me virar e subir as escadas, mas uma teimosia interior me mantém andando.

Eu desacorrento minha bicicleta do portão.

Minha bicicleta chacoalha um pouco, particularmente quando eu começo a pedalar, então eu ando com ela pela rua. As rodas rodando tranquilizantemente sobre o pavimento. Eu nunca fiquei fora até tão tarde em minha vida. Eu nunca quebrei o toque de recolher. Mas ao lado do medo—que sempre está lá, é claro, o constante peso esmagador—está um pequeno, trêmulo sentimento de emoção que sobe e desce com o medo, o empurrando para trás. Algo como, está tudo bem, eu estou bem, eu consigo fazer isso. Eu sou só uma garota—uma garota intermediária, um metro e ciquenta e sete, nada especial—mas eu posso fazer isso e nem todos os toques de recolher e as patrulhas no mundo vão me parar. É incrível o quão reconfortante esse pensamento é. É maravilhoso como ele quebra o medo, como uma vela pequena no meio da noite, iluminando a forma das coisas, afastando a escuridão.

Quando eu alcanço o final da minha rua eu subo na minha bicicleta, sentindo as marchas voltarem ao seu lugar. A brisa é boa e eu começo a pedalar, atenta para não ir rápido demais, ficando alerta no caso de haver reguladores por perto. Felizmente, Stroudwater e a fazenda Roaring Brook estão exatamente na direção oposta das celebrações de Quatro de Julho na Esplanada Leste. Uma vez que eu chegue à grande área agrícola que circunda Portland como um cinto, eu estarei bem. As fazendas e abatedouros raramente são patrulhados. Mas primeiro eu tenho que atravessar o West End, onde pessoas ricas como a Hana moram, atravessar Libbytown, e passar sobre o Rio Fore na Ponte da Rua do Congresso. Felizmente, cada rua que eu viro está vazia.

Stroudwater está a uns bons trinta minutos de distância até mesmo eu pedalando rápido. Quando eu saio da península—me afastando dos prédios e empresas do centro da

cidade de Portland e entrando numa região mais suburbana—as casas ficam menores e mais separadas, retrocedendo com a erva daninha, quintais irregulares. Isso ainda não é a Portland rural, mas há sinais do campo aparecendo: plantas atravessando varandas meio apodrecidas, uma coruja piando melancolicamente no escuro, uma foice de morcegos atravessando o céu de repente. Quase todas essas casas têm carros em frente a elas – exatamente como as casas mais ricas em West End—mas esses têm sido obviamente tirados de ferro velhos. Eles estão montados em blocos de concreto e cobertos com ferrugem. Eu passo por um que tem uma árvore crescendo através do seu teto solar, como se o carro tivesse caído do céu e ficado empalado lá, e outro, tinha o seu capô aberto e o seu motor faltando. Conforme eu passo, um gato sai do seu esconderijo escuro, miando, piscando para mim.

Depois de atravessar o Rio Fore as casas desaparecem por completo, e é campo e mais campos e fazendas e mais fazendas, com nomes como Alameda da Campina, Baía das Ovelhas e Enseada do Salgueiro, os quais as fazem soar acolhedoras e agradáveis: lugares onde alguém pode estar assando bolinhos e desnatando creme fresco para manteiga. Mas a maioria das fazendas pertence a grandes corporações, apinhadas com gado e geralmente funcionada por órfãos.

Eu sempre gostei daqui, mas é meio assustador no escuro, aberto e completamente vazio, e eu não posso evitar, mas penso que se eu me deparar com uma patrulha não haveria lugar onde me esconder, nenhuma viela para virar. Através dos campos eu vejo as silhuetas escuras de celeiros e silos, alguns deles novos em folha, outros mal se aguentando de pé, se agarrando a terra como dentes cravados em algo. O ar cheira ligeiramente doce, como coisas crescendo e estrume.

A fazenda Roaring Brook é próxima a fronteira sudoeste. Está abandonada há anos, desde que metade do prédio principal e ambos os silos de grãos foram destruídos num incêndio. Cerca de cinco minutos antes de eu chegar lá, eu penso que posso perceber um ritmo de bateria quase imperceptível sob a música gutural dos grilos, mas por um momento não tenho certeza se estou somente imaginando ou se só estou escutando meu coração, que começou a acelerar novamente. Mais longe, porém, eu tenho certeza. Mesmo antes de alcançar a estrada de terra que leva ao celeiro—ou pelo menos a parte do celeiro que ainda está de pé—as batidas da música se fortalecem, se cristalizando no ar da noite como chuva se transformando em neve, flutuando para a terra.

Agora eu estou assustada de novo. Tudo que eu consigo pensar é: errado, errado, uma palavra que bate na minha cabeça. Tia Carol me mataria se ela soubesse o que eu estava fazendo. Mataria-me, ou me jogaria nas criptas ou me levaria para os laboratórios para um procedimento antecipado estilo Willow Marks.

Eu desço da minha bicicleta quando vejo o desvio para a Roaring Brook, e a grande placa de metal estacada no chão que fala PROPRIEDADE DE PORTLAND, NÃO TRANSPASSE. Eu movo a minha bicicleta um pouco na floresta ao lado da estrada. A fazenda e o velho celeiro ainda estão a mais de cem metros abaixo na estrada, mas eu não

quero levar a minha bicicleta mais longe. Embora, eu não a acorrente. Eu nem quero pensar no que aconteceria se houvesse uma blitz, mas se houver, não vou querer ser atrapalhada com um cadeado no escuro. Eu precisarei de velocidade.

Eu rodeio a placa de NÃO TRANSPASSE. Eu estou ficando boa em ignorá-las, eu percebo, lembrando como Hana e eu pulamos o portão nos laboratórios. É a primeira vez que eu penso naquela tarde em um tempo, e então uma visão do Alex aparece na minha frente, uma memória de vê-lo na plataforma de observação, cabeça inclinada para trás, rindo.

Eu tenho que me focar na área ao meu redor, o brilho da lua, as flores selvagens na estrada. Me ajuda com a combater o sentimento de que eu vou ficar doente a qualquer segundo. Eu não sei exatamente o que me obrigou a sair de casa, por que eu precisava provar a Hana que ela estava errada sobre algo, e estava tentando ignorar a ideia—muito mais assustadora do qualquer outra coisa—de que a minha briga com Hana é só uma desculpa.

Que talvez, lá no fundo, eu só esteja curiosa.

Eu não me sinto curiosa agora. Eu me sinto apavorada. E muito, muito estúpida.

A casa da fazenda e o velho celeiro estão posicionados numa área entre duas colinas, um pequeno vale, como se a construção estivesse sentada bem no meio nos lábios franzidos de alguém. O modo em que a terra declina não permite que eu veja a casa ainda, mas quando eu chego mais perto do topo da colina a música fica claramente mais alta. Não é como nada que eu tenha escutado antes. Definitivamente não é como a música autorizada que você pode baixar na BMFA; empertigada, harmoniosa e estruturada, o tipo de música que é tocada por bandas no Parque Deering Oaks durante concertos oficiais de verão.

Alguém está cantando: uma voz bonita tão espessa e pesada quanto mel quente, indo para cima e para baixo em escala, tão rapidamente que eu me sinto tonta só de ouvir. A música que está tocando sob a voz é estranha, conflitante e selvagem—mas nada como os gemidos e arranhões que eu ouvi Hana tocar em seu computador mais cedo hoje, embora eu reconheça algumas semelhanças, alguns padrões de melodia e ritmo. Aquela música era metálica e horrível, difusa através dos alto-falantes. Essa música flui, irregular, triste. Me lembra, estranhamente, assistir o oceano numa forte tempestade, o ricochetear, as ondas quebrando e a espuma do mar caindo contra o cais; a forma com que aquilo te tira o fôlego, o seu poder e grandeza.

É exatamente isso que acontece quando eu ouço a música, conforme eu subo até o topo final da colina, e o celeiro meio arruinado e a casa destruída surgem na minha frente, conforme a música se intensifica, uma onda prestes a quebrar: o fôlego deixa o meu corpo de uma vez, e eu estou muda com a beleza disso. Por um segundo para mim parece que

estou olhando para o oceano—um mar de pessoas, se contorcendo e balançando na luz transbordando do celeiro como sombras girando em torno de uma chama.

O celeiro está completamente destruído: fendido e enegrecido pelo fogo, exposto ao mau tempo. Somente metade dele continua de pé—fragmentos de três paredes, uma parte do telhado, um fragmento de uma alta plataforma que uma vez deve ter sido usada para armazenar feno. É onde a banda está tocando. Finas, árvores perseguidoras começaram a se amontoar nos campos. Árvores mais velhas, queimadas pelo fogo e completamente carecas de galhos e folhas, apontam como dedos fantasmagóricos para o céu.

Quinze metros além do celeiro, eu vejo a orla baixa de escuridão onde as terras não regulamentadas começam. As Terras Selvagens. Eu não consigo ver a borda da cerca nessa distância, mas imagino que consigo senti-la, sentir a eletricidade zunindo pelo ar. Eu só estive perto da cerca da fronteira algumas vezes. Uma vez com a minha mãe anos atrás, quando ela me fez escutar a o silvo da eletricidade—uma corrente tão forte que o ar parecia zumbir com ela; você pode levar um choque só de ficar parado a um metro longe dela—e prometa nunca, nunca, jamais tocá-la. Ela me disse que quando a cura passou a ser obrigatória, algumas pessoas tentaram escapar pela fronteira. Elas nunca colocaram mais do que uma mão na cerca antes de serem fritados como bacon—eu me lembro que foi exatamente o que ela disse, como bacon. Dede então eu corri ao longo dela algumas vezes com Hana, sempre cuidadosa para ficar a uns bons três metros de distância.

No celeiro alguém instalou alto-falantes e amplificadores, e até mesmo duas enormes lâmpadas industriais, que fazem todos perto do palco parecer fortemente brancos e super-reais, e todas as outras pessoas escuras e indistintas, borradas. O som acaba e a multidão ruge em conjunto, um som do oceano. Eu penso, *Eles devem ter um poder marginal de uma rede sobre uma das outras fazendas*. Eu penso, *Isso é estúpido, eu nunca vou achar Hana, há muitas pessoas*—e então uma nova música começa, tão selvagem e bonita, e é como se a música atravessasse todo aquele espaço negro e puxasse algo no meu âmago, na minha raiz, me puxando como uma corda. Eu desço a colina em direção ao celeiro. A coisa estranha é que eu não escolho fazer isso. Meus pés só vão por conta própria, como se estivessem presos em alguma trilha invisível e tudo é só deslizar, deslizar, deslizar.

Por um momento eu esqueço que supostamente devo estar procurando por Hana. Eu me sinto como se estivesse num sonho, onde coisas estranhas estão acontecendo, mas elas não parecem estranhas. Tudo é nebuloso—tudo está envolto numa névoa—e eu estou cheia da cabeça aos pés com o único desejo ardente de chegar mais perto da música, de ouvi-la melhor, de a música ir adiante, sem parar.

"Lena! Oh Meu Deus, Lena!"

Ouvir o meu nome me tira do meu torpor, e de repente estou ciente de que estou parada numa multidão de pessoas.

Não. Não somente pessoas. Garotos. E garotas. Não curados, todos eles, sem nem mesmo uma sugestão de mácula em seus pescoços—pelo menos aqueles parados perto o bastante para eu os alcançar. Meninos e meninas conversando. Meninos e meninas rindo. Meninos e meninas dividindo goles do mesmo copo. De repente, eu acho que poderia desmaiar.

Hana está vindo na minha direção, acotovelando pessoas para fora do caminho, e antes que eu possa abrir a boca ela está pulando em cima de mim como ela fez no dia da formatura, me apertando num abraço. Eu estou tão assustada que eu tropeço para trás, quase caindo.

"Você está aqui." Ela se afasta e me encara, mantendo suas mãos nos meus ombros. "Você está realmente aqui."

Outra canção acaba e a vocalista—uma garota pequena com um longo cabelo —fala algo sobre uma pausa. Conforme meu cérebro lentamente se reinicia, eu tenho o pensamento mais estúpido: ela é até mais baixa que eu, e ela está cantando na frente de quinhentas pessoas.

E então eu penso, quinhentas pessoas, quinhentas pessoas, o que eu estou fazendo no meio de quinhentas pessoas?

"Eu não posso ficar," eu falo rapidamente. No momento em que as palavras saem da minha boca eu sinto alívio. O que quer que eu tenha vindo aqui provar, foi provado; agora eu posso ir. Eu preciso sair dessa multidão, murmúrio de vozes, uma parede de ombros e peitos em constante mudança a minha volta. Eu estava muito envolvida na música mais cedo para olhar ao redor, mas agora eu tenho a sensação de cores, perfumes e mãos torcendo e girando em torno de nós.

Hana abre sua boca—talvez para argumentar—mas naquele segundo nós somos interrompidas. Um garoto com cabelo loiro sujo caindo sobre seus olhos abre seu caminho até nós, carregando dois grandes copos de plástico.

O garoto-de-cabelo-loiro-sujo passa um copo para Hana. Ela o pega, agradece a ele, e então se volta a mim.

"Lena," ela diz, "esse é o meu amigo Drew." Eu acho que ela parece culpada por um segundo, mas então o sorriso está de volta em seu rosto, tão grande como sempre, como se estivéssemos parados no meio de Santa Anne conversando sobre o teste de biologia.

Eu abro minha boca, mas nenhuma palavra sai, o que provavelmente é uma boa coisa considerando que há um enorme alarme de incêndio soando na minha cabeça. Isso pode parecer estúpido e ingênuo, mas quando eu estava vindo em direção às fazendas, não considerei que a festa fosse mista. Isso nem me ocorreu.

Quebrar o toque de recolher é uma coisa; ouvir música ilegal é até mesmo pior.

Mas quebrar as leis de segregação é um dos piores crimes que existem. É o motivo do procedimento antecipado de Willow Marks, e a pichação em sua casa; é o motivo pelo qual Chelsea Bronson foi expulsa da escola depois de supostamente ter sido pega quebrando o toque de recolher com um garoto de Spencer, e seus pais foram misteriosamente demitidos, e toda a sua família foi forçada a deixar a sua casa. E—pelo menos no caso de Chelsea Bronson—não havia nenhuma prova. Só alguns rumores por aí.

Drew me dá um meio aceno. "Hey, Lena."

Minha boca abre e fecha. Ainda sem som. Por um segundo nós ficamos ali no silêncio embaraçoso. Então ele estende um copo para mim, um gesto repentino, brusco. "Uísque?"

"Uísque?" Eu guincho de volta. Eu só tomei álcool algumas vezes. No natal, quando tia Carol me deu um quarto de uma taça de vinho, e uma vez na casa da Hana quando nós roubamos algum licor de amora do gabinete de bebidas de seus pais e bebemos até o teto começar a girar acima das nossas cabeças. Hana estava gargalhando e dando risadinhas, mas eu não gostei, eu não gostei do sabor doentiamente doce na minha boca ou da forma com que meus pensamentos parecem se quebrar como névoa no sol. Fora de controle—era assim que aquilo era, era isso que eu odiava.

Drew encolhe os ombros. "É tudo que eles tinham. A vodka sempre acaba primeiro nessas coisas." Nessas coisas—como, essas coisas acontecem, como, mais de uma vez.

"Não." Eu tento empurrar o copo de volta para ele. "Pegue."

Ele acena, obviamente não entendendo. "Tudo bem. Eu vou pegar outro."

Drew sorri rapidamente para Hana antes de desaparecer na multidão. Eu gosto do seu sorriso, do modo com que ele surge torto em direção da sua orelha esquerda—mas logo que percebo que estou pensando sobre gostar do seu sorriso, eu sinto pânico me atravessando, batendo através do meu sangue, uma vida inteira de sussurros e acusações.

Controle. Isso é tudo sobre controle.

"Eu tenho que ir," eu consigo dizer a Hana. Progresso.

"Ir?" Ela enruga a sua testa. "Você andou todo o caminho até aqui..."

"Eu pedalei."

"Tanto faz. Você pedalou até aqui e então você já vai?" Hana tenta pegar a minha mão, mas cruzo os meus braços rapidamente para evitá-la. Ela parece momentaneamente ferida. Eu pretendo tremer para que ela não se sinta mal, me perguntando por que parece tão estranho conversar com ela. Essa é minha melhor amiga, a garota que eu conheço desde a segunda série, a garota que costumava dividir seus biscoitos comigo no almoço, e

uma vez colocou seu punho no rosto de Jillian Dawnson depois de Jillian dizer que a minha família tinha a doença.

"Eu estou cansada," eu disse. "E eu não devia estar aqui." Eu quero dizer, *Você não devia estar aqui também*, mas me controlo.

"Você ouviu a banda? Eles são incríveis, não são?" Hana está sendo legal demais, totalmente anti-Hana, e eu sinto uma dor profunda, afiada debaixo dos meus pulmões. Ela está tentando ser educada. Ela está agindo como se nós fossemos desconhecidas. Ela sente a estranheza também.

"Eu—eu não estava ouvindo." Por alguma razão não quero que Hana saiba que sim, eu ouvi, e sim, eu achava que eles eram incríveis, mais que incríveis. É muito —até mesmo embaraçoso, algo para se estar envergonhado, e apesar do fato que eu vim até a fazenda Roaring Brook, quebrei o toque de recolher e tudo mais, somente para vê-la e me desculpar, o sentimento que eu tive mais cedo hoje volta para mim: eu não conheço mais a Hana, e ela realmente não me conhece.

Eu estou acostumada com o sentimento de duplicidade, de pensar em uma coisa e ter que fazer outra, um constante cabo de guerra. Mas de alguma maneira Hana caíra claramente na metade da dobra, o outro mundo, o mundo dos pensamentos, coisas e pessoas inconfessáveis.

É possível que durante todo esse tempo eu estive vivendo a minha vida, estudando para testes, tendo longas corridas com Hana—e este outro mundo existia, correndo juntamente e debaixo do meu, vivo, pronto para se esgueirar das sombras e dos becos assim que o sol se pôr? Festas ilegais, músicas não aprovadas, pessoas se tocando sem medo da doença, sem ter medo por elas mesmas.

Um mundo sem medo. Impossível.

E mesmo que eu esteja parada no meio da maior multidão que já vi na minha vida, eu de repente me sinto muito sozinha.

"Fique," Hana diz calmamente. Mesmo que seja uma ordem, há uma hesitação e, sua voz, como se ela estivesse fazendo uma pergunta. "Você ainda pode pegar a segunda banda."

Eu balanço a minha cabeça. Eu queria que eu não tivesse vindo. Eu queria que eu não tivesse visto isso. Eu queria que eu não soubesse o que eu sei, pudesse acordar amanhã e ir até a casa de Hana, pudesse me deitar na Esplanada Leste com ela e reclamar sobre o quão chato o verão é, como nós sempre fazemos. Pudesse acreditar que nada mudou. "Eu estou indo," eu digo, desejando que minha voz não soasse trêmula. "Está tudo bem, porém. Você pode ficar."

No segundo em que eu digo isso, eu percebo que ela nunca se ofereceu para voltar comigo. Ela está olhando para mim com essa estranha mistura de arrependimento e pena.

"Eu posso voltar, se você quiser," ela diz, mas eu posso dizer que ela só diz agora para fazer eu me sentir melhor.

"Não, não. Eu vou ficar bem." Minhas bochechas estão queimando e eu dou um passo para trás, desesperada para sair daqui. Eu bato em alguém—um menino—que se vira para mim e sorri. Eu me afasto rapidamente dele.

"Lena, espere." Hana tenta me pegar de novo. Mesmo que ela já tenha uma bebida, eu empurro meu copo na sua mão livre então ela tem que parar, franzindo momentaneamente enquanto ela tenta conciliar as duas bebidas na curva do seu cotovelo, e naquele segundo eu saio do seu alcance.

"Eu ficarei bem, eu juro. Falarei com você amanhã." Então, eu deslizo num espaço estreito entre suas pessoas—esse é o único benefício de ser uma garota de um metro e cinquenta e sete, você tem um bom ponto de vantagem no espaço entre duas coisas – e antes que eu saiba, ficou atrás de mim, engolida pela multidão. Eu traço um caminho para longe do celeiro, mantendo meus olhos abaixados, esperando que minhas bochechas esfriem rapidamente.

Imagens em turbulência, um borrão, fazendo eu me sentir como se estivesse sonhando novamente. Menino. Menina. Menino. Menina. Rindo, empurrando uns aos outros, tocando os cabelos uns dos outros. Eu nunca, nem uma vez em toda minha vida, me senti tão diferente e fora de lugar. Há um alto guincho mecânico, e então a banda começa a tocar de novo, mas dessa vez a música não me afeta. Eu nem mesmo paro. Eu continuo andando, em direção a colina, imaginando o silêncio fresco dos campos estrelados, as ruas escuras e familiares de Portland, o ritmo regular das patrulhas, marchando quietamente, silenciosamente em sincronia, o retorno dos walkie-talkies dos reguladores—regular, normal, familiar, meu.

Finalmente a multidão começa a diluir. Era quente, pressionada entre tantas pessoas, e a brisa pica a minha pele, esfriando as minhas bochechas. Eu comecei a me acalmar um pouco, a borda da multidão eu me permito um olhar para trás para o palco. O celeiro, aberto para o céu e para a noite, brilha branco com a luz, me lembrando de uma palma em concha perto de um pouco de fogo.

"Lena!"

É estranho como eu instantaneamente reconheço a voz embora eu só a ouvi uma vez antes, durante dez minutos, quinze no máximo—é o riso que corre debaixo dela, como alguém se inclinando para te contar um segredo realmente bom no meio de uma aula muito chata. Tudo congela. O sangue para de fluir em minhas veias. Meu fôlego para de vir. Por um segundo até a música para, tudo que eu ouço é algo estável, tranquilo e bonito, como o som distante de um tambor, e eu acho que estou ouvindo meu coração, exceto que

eu sei que é impossível, porque meu coração também parou. Minha visão dá um zoom de uma câmera novamente e tudo que eu posso ver é Alex, abrindo seu caminho para fora da multidão na minha direção.

"Lena! Espere."

Um lampejo de terror corre por mim—por um louco segundo eu acho que pode estar aqui como parte de uma patrulha, como um grupo de incursão ou algo assim—mas então eu vejo que ele está vestido normalmente, em jeans e seus tênis estropiados com cadarços em tinta azul e camisa desbotada.

"O que você está fazendo aqui?" eu gaguejo assim que ele me alcança.

Ele sorri. "Legal ver você também."

Ele deixou algum espaço de distância entre nós, e eu estou grata. Na meia-luz eu não consigo ver a cor de seus olhos e eu não preciso ser distraída agora, não preciso me sentir da maneira como eu meu senti nos laboratórios quando ele se inclinou para sussurrar para mim—a consciência total das polegadas que separavam sua boca da minha orelha; terror, culpa e excitação de uma vez só.

"Eu estou falando sério." Eu faço o meu melhor para fazer uma carranca para ele.

Seu sorriso vacila, embora não despareça completamente. Ele sopra o ar para fora de seus lábios. "Eu vim para escutar música," ele diz. "Como todos os outros."

"Mas você não pode..." Eu estou lutando para achar as palavras, não muito certa de como dizer o que eu quero dizer. "Mas isso é..."

"Ilegal?" Ele encolhe os ombros. Uma mecha de cabelo cai em seu olho esquerdo, e quando ele vira para analisar a festa, ela pega a luz do palco e brilha com uma cor castanho-dourada louca. "Está tudo bem" ele diz mais silencioso, então eu tenho que me inclinar para frente para ouvi-lo sobre a música. "Ninguém está machucando ninguém."

Você não sabe disso, eu começo a dizer, mas a forma com que suas palavras estão afiadas com tristeza me para. Alex corre uma mão pelo seu cabelo e eu percebo a pequena cicatriz escura de três pontas atrás de sua orelha esquerda, perfeitamente simétrica. Talvez ele esteja só arrependido pelas coisas que ele perdeu depois da cura. A música não move as pessoas da mesma maneira, por exemplo, enquanto ele devia estar curado de sentimentos de arrependimento também, o procedimento trabalha de forma diferente para todos, e nem sempre é perfeito. É por isso que meus tios algumas vezes ainda sonham. É por isso que minha prima Márcia costumava se achar chorando histericamente, sem nenhum aviso ou razão aparente.

"E você?" Ele se vira para mim e seu sorriso está de volta, e a qualidade provocante e cintilante de sua voz. "Qual é a sua desculpa?"

"Eu não queria vir," eu digo rapidamente. "Eu precisava..." Eu me interrompo, percebendo que eu não tenho certeza do porque eu precisava vir. "Eu precisava dar algo a alguém," eu digo finalmente.

Ele levanta suas sobrancelhas, claramente não impressionado. Eu me apresso, "Para Hana. Minha amiga. Você a conheceu no outro dia."

"Eu lembro," ele diz. Eu nunca vi alguém manter um sorriso por tanto tempo. É como se seu rosto fosse naturalmente moldado aquilo. "Você ainda não pediu desculpas, por um acaso."

"Pelo quê?" A multidão continua a se aproximar do palco, então Alex e eu não estamos mais cercados por pessoas. De vez em quando alguém passa, balançando uma garrafa de alguma coisa ou cantando junto com a música, um pouco fora do tom, mas na maior parte nós estamos sozinhos.

"Por me deixar plantado." Um canto da sua boca fica mais alto, e novamente eu tenho a impressão de que ele está compartilhando algum segredo delicioso comigo, que ele está tentando me dizer algo. "Você não apareceu na Back Cove naquele dia."

Eu sinto uma explosão de triunfo—ele estava esperando por mim na Back Cove! Ele queria que eu o encontrasse! No mesmo momento a ansiedade floreia dentro de mim. Ele quer algo de mim. Eu não tenho certeza do que é, mas eu posso senti-lo, e isso me assusta.

"Então?" Ele cruza os braços e balança sobre seus pés, ainda sorrindo. "Você vai se desculpar, ou o que?"

Sua facilidade e autossegurança me provocam, assim como fizeram nos laboratórios. É tão injusto, tão diferente de como eu me sinto, como se eu estivesse prestes a ter um ataque cardíaco, ou me derreter em uma poça.

"Eu não peço desculpa a mentirosos," eu falo, surpresa com quão segura minha voz soa.

Ele se encolhe. "O que isso que dizer?"

"Qual é." Eu reviro meus olhos, me sentindo mais e mais confidente a cada segundo. "Você mentiu sobre me ver nas avaliações. Você mentiu sobre me reconhecer." Eu estou marcando suas mentiras com os meus dedos. "Você mentiu até mesmo sobre estar dentro do laboratório no Dia da Avaliação."

"Certo, certo." Ele levanta suas duas mãos. "Desculpe-me, tá bom? Olhe, eu sou o que deveria se desculpar." Ele me encara por um segundo e então acena. "Eu te disse, segurança não é permitida nos laboratórios durante as avaliações. Para manter o processo *puro* ou algo assim. Eu não sei. Mas eu realmente precisava de um copo de café, e há essa máquina no segundo andar do complexo C que tem um bom tipo, com leite de verdade e tudo mais, então eu usei meu código para entrar. É isso. Fim da história. E mais tarde eu

tive que mentir sobre isso. Eu poderia perder meu emprego. E eu só trabalho naqueles laboratórios estúpidos para auxiliar na minha escola...” Ele despista. E por uma vez ele não parece tão confiante. Ele parece preocupado, como se estivesse assustado que eu pusesse contar sobre ele.

“Então por que você estava na plataforma de observação?” eu pressiono. “Por que você estava me observando?”

“Eu não cheguei nem ao segundo andar,” ele diz. Ele está me olhando de perto, como se julgando minha reação. “Eu entrei e—e ouvi esse barulho louco. Aquele som de agitação, bramidos. E algo mais, também. Um grito ou algo assim.”

Eu fecho meus olhos brevemente, relembrando do sentimento das luzes brancas acesas, minha impressão de ouvir o oceano bater no lado de fora dos laboratórios, de ouvir minha mãe gritar na distância de uma década. E quando eu os abro novamente, Alex ainda está me observando.

“Em todo caso, eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Eu pensei—eu não sei, é estúpido—mas eu pensei que talvez os laboratórios estivessem sob ataque ou algo assim. E então eu estou parado lá, e de repente há, tipo, uma centena de vacas me cobrando...” Ele encolhe os ombros. “E tinha uma escada à minha esquerda. Eu pirei e a guardei. Descobri que vacas não sobrem escadas.” Um sorriso aparece de novo, dessa vez uma tentativa fugaz. “Eu acabei na plataforma de observação.”

Uma explicação normal, razoável. Eu sinto alívio, e menos assustada dele agora. Ao mesmo tempo tem algo trabalhando debaixo do meu peito, um sentimento estúpido, um desapontamento. E alguma teimosia, uma parte de mim ainda não acreditava nele. Eu me lembrei da forma que ele parecia na plataforma de observação, cabeça inclinada para trás, rindo: da forma que ele piscou para mim. Como ele parecia—divertido, confiante, feliz. Completamente sem medo.

Um mundo sem medo...

“Então você não sabe de nada sobre como... como aquilo aconteceu?” Eu não acredito que estou sendo tão atrevida. Eu aperto meus punhos, esperando que ele não note o som estrangulado da minha voz.

“A confusão nas entregas, você diz?” Ele diz isso suavemente, sem uma pausa ou ruptura em sua voz, e a última das minhas dúvidas desaparecem. Assim como qualquer curado, ele não questiona a história oficial. “Eu não estava no cargo de assinatura de entregas naquele dia. O cara que estava—Sal—foi demitido. Você deve verificar a carga. Eu acho que ele pulou esse passo.” Ele inclina sua cabeça para um lado, espalha suas mãos. “Satisfeita agora?”

“Satisfeita,” eu digo. Mas a pressão no meu peito ainda está lá. Em pensar que antes eu estava louca para estar fora de casa, agora eu desejo que eu só possa piscar e estar em

casa, deitada na minha cama, puxando as cobertas para longe das minhas pernas, percebendo que tudo—a festa, ver Alex—era um sonho.

"Então...?" Ele inclina sua cabeça para trás em direção ao celeiro. A banda está tocando algo alto e rápido. Eu não sei por que a música me atraiu antes. Parecia só barulho agora—barulho agitado. "Acha que nós podemos chegar mais perto sem sermos pisoteados?"

Eu ignoro o fato dele ter dito *nós*, uma palavra que por alguma razão soa incrivelmente atraente quando pronunciada com seu sotaque melodioso e risonho. "Na verdade, eu já estou indo para casa." Eu percebo que eu estou brava com ele sem saber por que—por não ser o que eu achava que ele fosse, eu acho, embora eu devesse estar grata por ele ser normal, e curado, e seguro.

"Indo para casa?" Ele repete incrédulo. "Você não pode ir para casa."

Eu sempre tomei cuidado para não me submeter a sentimentos de raiva ou irritação. Eu não posso permitir na casa da Carol. Eu devo muito a ela—e, além disso, depois de algumas birras que eu atirei quando era criança, eu odiava o modo com que ela me olhou de lado durante dias, como se me analisando, medindo. Eu sei o que ela estava pensando, exatamente como a mãe dela. Mas agora eu cedo, deixo a raiva surgir. Eu estou cheia de pessoas agindo como se esse mundo, esse outro mundo, é o normal, enquanto eu sou a aberração. Não é justo: como se todas as regras tivessem mudado de repente e alguém se esqueceu de me contar.

"Eu posso e eu vou." Eu me viro e vou em direção à colina, imaginando que ele me deixaria em paz. Para minha surpresa, ele não deixa.

"Espere!" Ele vem subindo a colina atrás de mim.

"O que você está fazendo?" Eu rodopio para encará-lo—novamente, surpresa com quão eficiente eu soo, considerando que meu coração está agitado, dando cambalhotas. Talvez esse seja o segredo para falar com meninos—talvez você só tenha que estar brava o tempo todo.

"O que você quer dizer?" Nós estamos ambos levemente sem fôlego pela subida, mas ele ainda possui um sorriso. "Eu só quero conversar com você."

"Você está me seguindo." Eu cruzo meus braços, o que me ajuda a sentir como se eu tivesse fechado o espaço entre nós. "Você está me seguindo de novo."

Aqui está. Ele vai para trás, e eu fico com uma momentânea, doente pontada de prazer que eu tenha o surpreendido. "De novo?" ele repete. Eu estou feliz que dessa vez eu não sou a que está gaguejando, ou lutando para achar as palavras.

As palavras voam: "Eu acho que é um pouco estranho que eu fiquei a minha vida inteira sem ver você, e então de repente eu começo a te ver em todos os lugares." Eu não

planejara dizer isso—isso na verdade não me pareceu estranho—mas no momento em que as palavras saem da minha boca eu percebo que elas são verdadeiras.

Eu acho que ele irá ficar zangado, mas para minha surpresa ele joga sua cabeça para trás e ri, em alto e bom som, a luz do luar tornando prata a curva de suas bochechas, queixo e nariz. Eu estou tão surpresa com a sua reação que eu só fico lá, o encarando. Finalmente ele olha para mim. Embora eu ainda não possa definir seus olhos—a lua desenha tudo nitidamente, destacando tudo em prata cristalina ou deixando tudo na escuridão—eu tenho a impressão de calor e luz, a mesma impressão que eu tive naquele dia nos laboratórios.

"Talvez você só não tenha prestado atenção," ele diz baixinho, balançando ligeiramente para frente em seus pés.

Eu dou um inconsciente passo meio-arrastado para trás. Eu me encontro aterrorizada pela sua proximidade; pelo fato que mesmo os nossos corpos estejam separados por vários centímetros, eu sinto como se nós estivéssemos nos tocando.

"O que—o que você quer dizer?"

"Eu quero dizer que você está errada." Ele pausa, me observando, e eu luto para manter meu rosto composto, mesmo que eu possa sentir meu olho esquerdo puxando e vibrando. Espero que na escuridão ele não possa perceber. "Nós nos vimos muitas vezes."

"Eu me lembraria se nós tivéssemos nos conhecido antes."

"Eu não quis dizer que nós nos conhecemos." Ele não tenta fechar a nova distância entre nós e eu sou grata, pelo menos, por isso. Ele mastiga a curva de um lábio—um gesto que o faz parecer mais jovem. "Deixe-me fazer uma pergunta," ele continua. "Como você não corre pelo Governador mais?"

Sem querer eu me engasgo um pouco. "Como você sabe sobre o Governador?"

"Eu tenho aulas na UP," ele diz. Universidade de Portland—eu me lembro agora, a tarde em que nós andamos para ver o oceano na parte de trás do complexo do laboratório, ouvindo pedaços de conversa flutuando de volta para mim com o vento. Ele disse que era um estudante. "Eu trabalhei no Grind semestre passado, na Monument Square. Eu costumava te ver o tempo todo."

Minha boca abre e fecha. Nenhuma palavra sai; meu cérebro bloqueia sempre que eu mais preciso dele. É claro que eu conheço o Grind; Hana e eu costumávamos correr por lá duas, talvez três vezes por semana, observando os estudantes universitários flutuando à deriva como flocos de neve, soprando o vapor do topo de seus copos. O Grind parece destacado numa pequena praça, de paralelepípedos, chamada Monument Square: marca o ponto médio de uma das rotas de dez quilômetros que eu costumava fazer o tempo todo.

No seu centro há a estátua de um homem, meio-destruído pela neve e pelo tempo, e rabiscado com algumas curvas e voltas de grafite. Caminhando para frente, uma mão segurando seu chapéu em sua cabeça então parece que ele está andando por uma terrível tempestade, ou ventania. O seu outro punho está estendido na sua frente. É óbvio que ele estava, num passado distante, segurando alguma coisa—provavelmente uma tocha—mas em algum momento aquela parte da estátua foi quebrada ou roubada. Então agora o Governador avança com um punho vazio, um buraco circular em sua mão, um esconderijo perfeito para notas e coisas secretas. Hana e eu checávamos o seu punho algumas vezes, para ver se havia algo bom lá dentro. Mas não tinha—só alguns pedaços de goma de mascar amassados e algumas moedas.

Eu não sei realmente quando Hana e eu começamos a chamá-lo de Governador ou por quê. O vento e a chuva gastaram a placa na base da estátua indecifrável. Ninguém mais o chama assim. Todos os outros só falam, *A estátua na Monument Square.* Alex deve ter nos escutado falar sobre o Governador algum dia.

Alex ainda olhava para mim, olhando, e eu percebo que eu nunca respondi a sua pergunta. "Eu tenho que trocar minhas rotas," eu digo. Eu provavelmente não corri pelo Governador desde Março ou Abril. "Fica chato." E então, porque eu não consigo evitar, eu deixo escapar, "Você se lembra de mim?"

Ele ri. "Você é bem difícil de esquecer. Você corria em volta da estátua e fazia essa coisa de pular e gritar."

Calor formiga para cima do meu pescoço e bochechas. Eu devo estar ficando vermelho profundo de novo, e eu agradeço a Deus pelo fato de que nós nos afastamos das luzes do palco. Eu esqueci completamente; eu costumava pular e tentar bater as mãos com as do Governador quando Hana e eu passávamos correndo, uma forma de me motivar psicologicamente para a corrida de volta para a escola. Algumas vezes nós até gritávamos, "Halena!" Nós devíamos parecer completamente loucas.

"Eu não..." Eu umedeço meus lábios, hesitando para achar uma explicação que não soasse ridícula. "Quando você corre algumas vezes você faz coisas estranhas. Por causa da endorfina e outras coisas. É como uma droga, sabe? Mexe com o seu cérebro."

"Eu gostei disso," ele diz. "Você parecia..." Ele despista por um momento. Seu rosto contrai um pouco, uma pequena mudança que eu mal posso notar no escuro, mas naquele segundo ele parece tão calmo e triste que quase tira meu fôlego, como se ele fosse uma estátua, ou uma pessoas diferente. Receio que ele não termine a sentença, mas então ele diz, "Você parecia feliz."

Por um segundo nós só paramos lá em silêncio. Então, de repente, Alex está de volta, fácil e sorrindo novamente. "Eu deixei um bilhete para você uma vez. Na mão do Governador, sabe?"

Eu deixei um bilhete para você uma vez. É impossível, muito louco para se pensar, e eu me ouço repetir. "Você me deixou um bilhete?"

"Eu tenho certeza que dizia algo idiota. Só oi, e uma carinha feliz, e meu nome. Mas então você parou de vir." Ele encolhe os ombros. "Provavelmente continua lá. O bilhete, eu quero dizer. Provavelmente só um pouco de polpa de papel agora."

Ele me deixou um bilhete. Ele me deixou um bilhete. Para mim. A ideia—o fato, o fato de que ele até mesmo me notou e pensou sobre mim por mais de um segundo—é enorme e esmagadora, faz as minhas pernas formigarem e minhas mãos dormentes.

E então eu me sinto aterrorizada. É assim que começa. Mesmo se ele é curado, mesmo que ele seja seguro—o fato é, eu não estou segura, e é assim que começa. Fase um: preocupação; dificuldade de foco; boca seca; transpiração; mãos suadas; tontura e desorientação. Eu sinto uma mistura corrente de mal-estar e alívio, quase como descobrir que todos na verdade conhecem o seu pior segredo, sempre souberam. Todo esse tempo tia Carol estava certa, meus professores estavam certos, meus primos estavam certos. Eu sou como a minha mãe, afinal de contas. E a coisa, a doença, dentro de mim, pronta para a qualquer momento começar a trabalhar do meu interior, para começar a me envenenar.

"Eu tenho que ir." Eu começo a subir novamente, quase uma corrida agora, mas de novo ele vem atrás de mim.

"Ei. Não tão rápido." No topo da colina ele me alcança e coloca uma mão no meu pulso para me impedir. Seu toque queima, e eu puxo de volta rapidamente. "Lena. Espere um segundo."

Mesmo embora eu saiba que eu não deva, eu paro. É o jeito que ele diz meu nome: como música.

"Você não tem que se preocupar, tudo bem? Você não tem que ficar assustada." Sua voz está cintilando novamente. "Eu não estou flertando com você."

Embaraço passa por mim. Flerte. Um palavrão. Ele acha que eu acho que ele está flertando. "Eu não estou—eu não achei que você estivesse—eu nunca pensaria que você..." As palavras colidem na minha boca, e eu sei que não há tanta escuridão para cobrir o fluxo vermelho do meu rosto.

Ele inclina sua cabeça para o lado. "Você está flertando comigo, então?"

"O que? Não," eu engasgo. Minha mente está girando cegamente em pânico, e eu percebo que eu nem mesmo sei o que é flertar. Eu sei disso pelos manuais; eu só sei que é ruim. É possível flertar sem saber que você está flertando? Ele está flertando? Meu olho esquerdo treme.

"Relaxe," ele diz, levantando suas duas mãos, um gesto como, *Não fique brava comigo*. "Eu estava brincando." Ele se vira levemente para a esquerda, me assistindo o

tempo todo. A lua ilumina a sua cicatriz de três eixos nitidamente: Um triângulo branco perfeito, uma cicatriz que faz você pensar em ordem e regularidade. “Eu sou seguro, lembra. Não posso machucar você.”

Ele diz isso silenciosamente, calmamente, e eu acredito nele. No entanto meu coração não irá parar a sua batida frenética no meu peito, girando mais e mais alto, até que eu tenha certeza que ele irá me levar junto. Eu me sinto de uma forma como quando eu subo no topo da Colina e posso ver a Congress Street abaixo, com toda Portland jazendo atrás de mim, as ruas o brilho verde e cinza—na distância, ambos bonitos e desconhecidos—bem antes de eu abrir meus braços e ir; viajo e pulo e corro morro abaixo, vento chicoteando no meu rosto, nem mesmo tentando me mover, só deixando a gravidade me puxar.

Sem fôlego; animada; à espera da queda.

E de repente eu percebo o quão quieto é. A banda parou de tocar, e a multidão ficou silenciosa também. O único som é o do vento roçando sobre a grama. De onde nós estamos, a quinze metros além do topo da colina, a festa e o celeiro são invisíveis. Eu tenho a breve fantasia de que nós somos as únicas duas pessoas na escuridão—que nós somos as duas únicas duas pessoas acordadas e vivas na cidade, no mundo.

Então suaves vertentes de música começam a se espalhar pelo ar, gentis, suspiros, tão silenciosos que primeiramente eu confundi os sons com o vento. Essa música é totalmente diferente da música que tocava mais cedo—suave, e frágil, como se cada nota fosse vidro afiado, ou um cordão de seda, laçando o ar da noite. Mais uma vez eu estou presa com o quão bonito é, como nada que eu tenha ouvido e do nada eu estou sobrecarregada com o desejo duplo de rir e chorar.

“Essa é minha canção favorita.” Uma nuvem passa sobre a lua, e sombras dançam sobre o rosto de Alex. Ele está me encarando, e eu desejo saber o que ele está pensando. “Você já dançou?”

“Não,” eu falo, um pouco forçadamente.

Ele ri suavemente. “Está tudo bem. Eu não vou contar.”

Imagens da minha mãe: a suavidade das suas mãos quando ela me girava ao longo do chão de madeira polido, como se nós fossemos patinadores de gelo; a qualidade fluida de sua voz conforme ela cantava junto com os sons saindo dos alto-falantes, rindo. “Minha mãe costumava dançar,” eu falo. As palavras saem da minha boca, e eu me arrependo quase instantaneamente.

Mas Alex não me questiona ou ri. Ele continua me observando constantemente. Por um momento ele parece à beira de dizer algo. Mas então ele estende suas mãos para mim através do espaço, através da escuridão.

"Você gostaria?" ele diz. Sua voz é quase inaudível sob o vento—tão baixa que é quase um sussurro.

"Eu gostaria de fazer o que?" Meu coração está rugindo, correndo nos meus ouvidos, apesar de ainda haver alguns centímetros entre a sua mão e a minha, há um zunido de energia sussurrante que nos conecta, e do calor inundando meu corpo você pensaria que nós estivéssemos pressionados juntos, palma com palma, rosto com rosto.

"Dançar," ele diz, ao mesmo tempo fechando aqueles últimos centímetros e achando minha mão me puxando para mais perto, e naquele segundo o som atinge uma nota alta e eu confundo as duas impressões, de sua mão e da subida, a elevação da música.

Nós dançamos.

A maioria das coisas, até mesmo os melhores momentos na terra, tem o seu começo em algo pequeno. Um terremoto que destroi uma cidade pode começar com um tremor, um balançar, uma respiração. Musica começa com uma vibração. A inundação que ocorreu em Portland há vinte anos depois de quase dois meses de chuvas; a qual foi além dos laboratórios e danificou mais de mil casas, arrastou pneus e sacos de lixo, e velhos sapatos fedorentos flutuaram pelas ruas como prêmios; que deixou uma fina camada de mofo verde para trás, o cheiro de podridão e decadência que não desapareceu por meses, começou com um filete de água não maior que um dedo, lapidando acima do cais.

E Deus criou todo o universo de um átomo não muito maior que um pensamento.

A vida de Gracie desmoronou por causa de uma simples palavra: Simpatizante. Meu mundo explodiu por causa de uma palavra diferente: Suicídio.

Correção: Aquela foi a primeira vez que meu mundo explodiu.

A segunda vez que meu mundo explodiu, foi por causa de uma palavra. Uma palavra que abriu seu caminho pela minha garganta e dançou para fora de meus lábios antes que eu pudesse pensar sobre isso, ou pará-la.

A pergunta era: Você me encontrará amanhã?

A palavra era: Sim.

10

Sintomas de Amor Deliria Nervosa

FASE UM
Preocupação, dificuldade de concentração
Boca seca
Transpiração, palma das mãos suadas
Crises de tonturas e desorientação
Redução da consciência mental; pensamentos acelerados; debilidade da habilidade de raciocínio.

FASE DOIS
Períodos de Euforia; risos histéricos e energia elevada
Períodos de desespero; letargia
Mudanças no apetite; perda rápida ou ganho de peso
Fixação; perda de outros interesses
Comprometida habilidades de raciocínio; distorção da realidade
Rompimento de padrões de sono; insônia ou constante fadiga
Pensamentos ou ações obsessivos
Paranoia; insegurança

FASE TRÊS (CRÍTICA)
Dificuldade de respiração
Dor no peito, garganta ou estômago
Dificuldade de deglutição; recusa a comer
Colapso total das faculdades racionais, comportamento errático, pensamentos e fantasias violentas;
Alucinações e delírios.

FASE QUATRO (FATAL)
Paralisia emocional ou física (parcial ou total)
Morte

Se você teme que você ou alguém que conheça pode ter contraído a deliria, por favor, ligue para linha de emergência gratuita pelo 1-800-PREVINA para discutir admissão e tratamento imediato.

Eu nunca entendi como Hana podia mentir tão frequentemente e tão facilmente. Mas assim como qualquer outra coisa, mentir torna-se mais fácil quanto mais você faz isso.

É por isso que quando eu chego em casa do trabalho no dia seguinte e Carol me pergunta se eu não me importo de ter cachorro-quente à noite pela quarta vez consecutiva (o resultado de excesso de remessa no Stop-N-Save; uma vez foi duas semanas inteiras tendo feijão cozido todos os dias), eu digo que realmente, Sophia Hennerson da St. Anne's me convidou e algumas outras garotas para jantar. Eu nem sequer tenho que pensar nisso. A mentira apenas vem. E mesmo que eu ainda sinto o suor picando debaixo de minhas mãos, minha voz permance calma, e eu tenho certeza que meu rosto mantém a sua cor normal, porque Carol apenas me dá um de seus sorrisos e diz que isso soa agradável.

Às seis e meia eu pego minha bicicleta e sigo para a Praia East End, onde Alex e eu concordamos em nos encontrar.

Há uma profusão de praias em Portland. East End Beach é provavelmente uma das menos populares—o que, naturalmente, fez dela um das favoritas da minha mãe. A corrente é mais forte lá do que em Willard Beach ou Sunset Park. Eu não sei exatamente o por quê. Não me importo. Eu sempre fui uma nadadora forte. Depois da primeira vez—quando minha mãe liberou seus braços em torno da minha cintura e eu senti tanto pânico crescente, emoção e a excitação—eu aprendi muito rapidamente, e com quatro anos eu estava remando sozinha todo o caminho após a quebra.

Há outras razões pelas quais a maioria das pessoas evitam East End Beach, mesmo que seja apenas uma curta caminhada abaixo da colina para a Esplanada Leste, um dos parques mais populares. A praia não é nada mais do que uma faixa curta de rochas e areia salpicada de cascalho. Ela está situada contra o lado mais distante do complexo de laboratórios, onde está os galpões de armazenamento e os resíduos, o que não contribui para o cenário particularmente bonito. E quando você nada para fora da East End Beach você obtém uma visão clara da Tukey Bridge e a cunha de terra não regulamentada entre Portland e Yarmouth. Muitas pessoas não gostam de estar tão perto das Terras Selvagens. Deixa-os nervosos.

Deixa-me nervosa também, exceto que há uma parte de mim—uma minúscula, um pequeno fragmento de uma parte—que gosta. Por um tempo, após a morte da minha mãe, eu costumava ter essas fantasias que ela não estava morta, realmente, e que meu pai não estava morto também—que eles fugiram para as Terras Selvagens para estar juntos. Ele foi cinco anos antes dela, para preparar tudo, para construir uma pequena casa com um fogão a lenha e mobiliário cortados de galhos de árvores. Em algum momento, eu imaginei, que eles voltariam para me pegar. Eu até imaginei o meu quarto, até o menor detalhe: um tapete vermelho escuro, uma pequena colcha de retalhos de vermelho e verde e uma cadeira vermelha.

Eu tive a fantasia apenas algumas vezes antes de perceber o quão errado era. Se meus pais escaparam para as Terras Selvagens, isso os tornava simpatizantes, resistentes. Era melhor que eles estivessem mortos. Além disso, eu aprendi rapidamente que minhas fantasias sobre as Terras Selvagens eram apenas isso—faz de conta, pequenas coisas infantis. Os Inválidos não têm nada, nenhuma forma de comércio ou receber colchas de

retalhos vermelho ou cadeiras, ou qualquer outra coisa. Rachel me disse uma vez que eles devem viver como animais, imundos, com fome, desesperados. Ela diz que é por isso que o governo não se preocupa em fazer qualquer coisa com eles, nem sequer reconhece a sua existência. Eles vão morrer em breve, todos eles, congelar ou morrer de fome ou apenas deixar a doença seguir seu curso, transformá-los uns contra os outros, tê-los furiosos, lutando e arranhando um aos outros com olhos arregalados.

Ela disse que tanto quanto nós sabemos pode já ter acontecido—disse que as Terras Selvagens podem estar vazios agora, sombrios e mortos, cheios apenas de ruídos e sussuros de animais.

Ela provelmente está certa sobre as outras coisas—sobre os Inválidos vivendo como animais—mas ela está obviamente errada sobre isso. Eles estão vivos, e lá fora, e eles não querem que nós esqueçamos isto. É por isso que eles organizam as manifestações. É por isso eles soltaram as vacas nos laboratórios.

Eu não estou nervosa, até chegar a Praia East End. Mesmo que o sol esteja afundando atrás de mim, ele ilumina a água branca e faz tudo brilhar. Eu protejo meus olhos contra o brilho e vejo Alex abaixo junto à água, uma longa pincelada preta contra todo aquele azul. Eu volto para a noite passada, para os dedos de uma das mãos dele apenas pressionado contra a minha parte inferior das costas, tão levemente que era como se eu estivesse apenas sonhando com eles—a outra mão estava junto a minha, seca e tranquilizadora como um pedaço de madeira aquecida pelo sol. Nós realmente dançamos, também, o tipo de dança que as pessoas fazem no casamento depois do casal ter se formalizado, mas melhor de alguma forma, mais solto e menos artifical.

Ele está de costas para mim, encarando o oceano e estou contente. Eu me sinto autoconsciente enquanto me arrasto abaixo na escada frágil e empenada que leva ao lote de estacionamento da praia, parando para desamarrar e tirar meu tênis que carrego em uma mão. A areia está quente debaixo de meus pés descalços enquanto eu parto em direção a ele.

Um homem velho está chegando da água, carregando uma vara de pesca. Ele dispara para mim um olhar desconfiado, então se vira para olhar para Alex, em seguida olha para mim novamente e franze a testa. Eu abro minha boca para dizer: "Ele está curado", mas o homem apenas grunhe enquanto passa por mim e eu não posso imaginar que ele se incomodaria em chamar os reguladores, então eu não digo nada. Não que nós ficaríamos em problemas se nós fôssemos pegos—isso é o que Alex quis dizer quando disse, "Eu estou seguro"—mas eu não quero responder um monte de perguntas e ter o meu número de identificação passando pelo SVS e tudo isso. Além disso, se os reguladores movessem rapidamente todo caminho para a Praia East End para verificar *comportamente suspeito* somente para descobrir que era algum curado tendo pena de ningúem de dezessete anos, eles definitivamente ficariam irritados—e descontariam em alguém.

Sentindo pena, eu empurro as palavras para fora da minha mente rapidamente, surpresa pela forma como é difícil até mesmo pensar nelas. Todos os dias eu tentava não preocupar com por que diabos Alex seria tão legal comigo. Eu até imaginei—por um breve e estúpido segundo—que talvez depois da minha avaliação eu ficasse combinada com ele. Eu precisava jogar esse pensamento de lado, também. Alex já recebeu sua folha impressa, as suas combinações recomendadas—ele teria conseguido até mesmo antes da sua cura, logo após sua avaliação. Ele ainda não é casado porque ainda está na faculdade, fim da história. Mas ele será, assim que terminar.

É claro, então eu começo pensar sobre o tipo de garota que ele que estaria combinado—alguém como Hana, eu decidi, com cabelo loiro brilhante e uma irritante capacidade de fazer até mesmo o puxar do cabelo em um rabo de cavalo parecer gracioso, como uma coreografia de dança.

Há outras quatro pessoas na praia: uma mãe e uma criança, a cem metros de distância, a mãe sentada em uma cadeira dobravél com tecido desbotado, olhando fixamente em direção ao horizonte, enquanto a criança—que provavelmente não tem mais que três anos—anda insegura nas ondas, é derrubada, solta um grito (de dor? prazer?) e esforça-se para ficar de pé. Além deles, um casal está andando, um homem e uma mulher, não tocando-se. Eles devem ser casados. Ambos têm suas mãos cruzadas em frente deles, e ambos olham para frente, não falam—e não sorriem, também, mas calmos, como se cada um fosse rodeado por uma bolha protetora invisível.

Então eu estou indo atrás de Alex e ele se vira e me vê, sorri. O sol captura seu cabelo, transforma-o momentaneamente em branco. Em seguida, ele arde de volta à sua cor normal, marrom-dourado.

"Oi," ele diz. "Eu estou contente por você vir."

Eu me sinto tímida de novo, estúpida segurando meus sapatos surrados em uma mão. Eu posso sentir minhas bochechas ficando quentes, então eu olho para baixo, soltando meus sapatos, virando de lado na areia com meu dedo do pé. "Eu disse que viria, não disse?" Eu não quero que as palavras saiam tão severamente e eu estremeço, mentalmente me xingando. É como se houvesse um filtro construído no meu cérebro, mas em vez de tornar as coisas melhores, ele distorce tudo para que o que sai da minha boca seja totalmente errado, totalmente diferente do que eu estava pensando.

Felizmente, Alex ri. "Eu só quis dizer que você meu deu um bolo na última vez," ele diz. Ele acena com a cabeça em direção à areia. "Sente-se?"

"Claro," eu digo, aliviada. Eu me sinto muito menos embaraçada uma vez que nós dois estamos sentados na areia. Há menos chance de cair ou de fazer algo estúpido. Eu puxo minhas pernas até meu peito, descansando meu queixo sob meus joelhos. Alex deixa cerca de um metro de espaço entre nós.

Nós sentamos em silêncio por alguns minutos. No começo eu fico procurando desesperadamente por algo a dizer. Cada batida do silêncio parece esticar em uma infinidade, e eu estou certa de que Alex deve pensar que eu sou um muda. Mas então ele move uma concha semi-enterrada para fora da areia e atira-a no oceano, e eu percebo que ele não está desconfortável de qualquer modo. Depois, eu relaxo. Estou até mesmo contente pelo silêncio.

Às vezes eu sinto que se você apenas assistir as coisas, simplesmente sentar-se quieto e deixar que o mundo exista na frente de você—às vezes eu juro que só por um segundo, o tempo congela e o mundo faz uma pausa em seu giro. Só por um segundo. E se você, de alguma forma encontrasse uma maneira de viver aquele segundo, então você viveria para sempre.

"A maré está baixando," diz Alex. Ele atira outra concha num arco alto, e ela só atinge a quebra.

"Eu sei." O oceano está deixando um lixo de algas verdes polposas, galhos, e caranqueijos eremitas esgaravatando em seu rastro, e o ar cheira fortemente a sal e peixe. Uma gaivota bica seu caminho por toda a praia, piscando, deixando pequenas impressões das garras. "Minha mãe costumava me trazer aqui quando eu era pequena. Nós andávamos um pouco na maré baixa—tão longe quanto se possa ir, de qualquer maneira. Coisas malucas ficam encalhadas na areia—caranguejos, moluscos gigantes e anêmonas do mar. Apenas ficam para trás quando a água vai. Ela me ensinou a nadar aqui, também." Eu não sei por que as palavras borbulham para fora de mim então, por que eu tenho a súbita vontade de falar. "A minha irmã costumava ficar na margem e construir castelos de areia, e nós fingíamos que eles eram cidades de verdade, como se tivessemos nadado todo o caminho até o outro lado do mundo, para os lugares não curados. Exceto que, nas nossas brincadeiras, eles não eram doentes, ou destruídos, ou horríveis. Eles eram bonitos e pacíficos, e construídos de vidro e luz e coisas."

Alex permanece em silêncio, traçando contornos na areia com o dedo. Mas eu posso dizer que ele está ouvindo.

As palavras saem: "Eu lembro que minha mãe me subia e descia na água segurando-me no seu quadril. E então, uma vez, ela simplesmente me soltou. Quero dizer, não de verdade. Eu tinha aquelas coisinhas infláveis nos meus braços. Mas eu fiquei tão assustada que comecei a chorar e me descontrolar. Eu tinha apenas alguns anos, mas eu me lembro disso, juro. Eu fiquei tão aliviada quando ela me pegou de volta. Mas—mas decepcionada também. Como se eu tivesse perdido a chance de algo grande, sabe?"

"Então o que aconteceu?" Alex inclinou a cabeça para olhar para mim. "Você não vem mais aqui? Sua mãe perdeu o gosto pelo oceano?"

Eu olho para longe, em direção ao horizonte. A baía está relativamente calma hoje. Plana, toda em tons de azul e roxo enquanto se afasta da praia, com um som baixo de

sucção. Inofensiva. "Ela morreu," eu digo, surpresa com quão difícil é dizer. Alex está calado junto a mim e eu me apresso, "Ela se matou. Quando eu tinha seis anos."

"Sinto muito," diz ele, tão baixo e calmo que eu quase não ouço.

"Meu pai morreu quando eu tinha oito meses de idade. Eu não lembro nada dele. Eu acho—eu acho que isso tipo a arruinou, sabe? Minha mãe, eu quero dizer. Ela não estava curada. Não funcionou. Eu não sei por quê. Ela fez o procedimento três vezes diferente, mas isso não... não a consertou." Eu faço uma pausa, inspirando, com medo de olhar para Alex, que está tão quieto e silencioso ao meu lado como uma estátua, como uma peça esculpida de sombra. Ainda assim, eu não consigo parar de falar. Eu percebo, estranhamente, que nunca contei a história da minha mãe antes. Eu nunca precisei contar. Todos ao meu redor, todos na escola, todos os meus vizinhos e amigos dos meus tios—todos eles já sabiam sobre a minha família, e sobre os segredos vergonhosos da minha família. É por isso que eles sempre olhavam para mim com pena, pelos cantos dos olhos. É por isso que, por anos, eu liderei uma onda de sussurros em cada aposento, era golpeada com silêncio repentino quando entrava—silêncio e culpa, rostos assustados. Até mesmo Hana sabia antes que fôssemos parceiras de mesa na segunda série. Eu lembro, porque ela me encontrou no box do banheiro, chorando em um pedaço de toalha de papel, enchendo minha boca com ele para que ninguém ouvisse, e ela chutou a porta aberta e ficou ali olhando. "É por causa da sua mãe?" ela disse, as primeiras palavras que ela falou para mim.

"Eu não sabia que havia algo errado com ela. Eu não sabia que ela estava doente. Eu era muito jovem para entender." Eu mantenho meus olhos focados no horizonte, uma linha fina sólida, tensa como uma corda bamba. A baía se afasta mais de nós, e, como sempre, eu tenho a mesma fantasia que tinha quando era criança: de que talvez ela não vá voltar, talvez o oceano inteiro vá desaparecer para sempre, atraído de volta pela superfície da terra como lábios retraindo sobre os dentes, revelando a fresca e a branca dureza por baixo, os ossos alvejados. "Se eu soubesse, talvez eu pudesse ter..."

No último segundo minha voz vacila e eu não posso dizer mais nada, não posso terminar a frase. Talvez eu pudesse ter parado. É uma frase que eu nunca falara antes, nunca sequer me permiti pensar. Mas a ideia está lá, aparecendo sólida e inevitável, uma rocha pura: eu pudesse ter parado. Eu devesse ter parado.

Nós sentamos em silêncio. Em algum ponto durante a minha história a mãe e a criança devem ter se recolhido e ido para casa; Alex e eu estamos sozinhos na praia. Agora que as palavras não estão borbulhando, correndo para fora de mim, eu não posso acreditar no quanto eu compartilhei com um quase perfeito estranho—e um garoto, nada menos. Eu fico subitamente, absolutamente, terrivelmente envergonhada. Estou desesperada por algo mais a dizer—algo inofensivo, sobre a maré ou o tempo—mas, como de costume, minha mente continua totalmente em branco, agora que eu realmente preciso que ela funcione. Tenho medo de olhar para Alex. Quando finalmente sinto a coragem de atirar a ele um pequeno olhar de soslaio, ele está sentado, olhando para a baía. Seu rosto está

completamente ilegível, exceto por um pequeno músculo, que tremula na base de sua mandíbula. Meu coração afunda. Justo como eu temia—ele tem vergonha de mim agora, enojado pela história da minha família, pela doença que corre no meu sangue. A qualquer momento ele vai se levantar e me dizer que é melhor que ele não fale mais comigo. É estranho. Eu nem mesmo conheço realmente Alex, e há uma divisão intransponível entre nós, mas a ideia me incomoda de qualquer maneira.

Eu estou a dois segundos de ficar de pé em um pulo e fugir, apenas para que eu não tenha que assentir e fingir entender quando ele se virar para mim e dizer: *Escuta, Lena. Sinto muito, mas...* e me dar aquele olhar tão familiar. (No ano passado, houve um cão raivoso solto na Hill, mordendo e rosnando para todos, espumando pela boca. Estava quase morto de fome, sarnento, cheio de pulgas, e faltando uma perna, mas ainda foram necessários dois policiais para derrubá-lo. Uma multidão se reuniu para assistir, e eu estava lá. Eu parei no caminho de volta da minha corrida. Pela primeira vez na minha vida, eu entendi o olhar que as pessoas me deram desde sempre, a mesma curva do lábio sempre que eles ouvem o nome Haloway. Pena, sim—mas nojo também, e medo de contaminação. Era a mesma maneira que eles olhavam para o cão enquanto ele circulava, mordia e cuspia; e então, uma exalação em massa de alívio quando a terceira bala finalmente o matou e ele parou de se mexer.)

Bem quando eu penso que não posso aguentar mais, Alex chega mais e mal roça meu cotovelo com um dedo. "Aposto corrida com você," diz ele, levantando-se e batendo para tirar a areia de seus shorts. Ele oferece uma mão para mim e me ajuda a levantar, um sorriso cintilante de volta em seu rosto. Estou eternamente grata a ele naquele segundo. Ele não irá manter o passado da minha família contra mim. Ele não acha que eu sou suja ou danificada. Ele me põe de pé, e eu acho que ele aperta minha mão quando estou de pé, um rápido pulso, e estou surpresa e feliz, pensando no meu sinal secreto com Hana.

"Só se você tiver uma coisa pela humilhação total," eu digo.

Ele levanta as sobrancelhas. "Então você acha que pode me vencer?"

"Eu não acho. Eu sei."

"Isso nós vamos ver." Ele inclina a cabeça para o lado. "O primeiro que chegar às boias, então?"

Essa me desequilibra. A maré não vai muito longe na baía; as boias ainda estão flutuando em pelo menos um metro e vinte de água. "Você quer correr para dentro da baía?"

"Com medo?" ele pergunta, sorrindo.

"Eu não estou com medo, eu só..."

"Bom." Ele estende a mão e roça meu ombro com dois dedos. "Então que tal um pouco menos de conversa, e um pouco mais—Vamos!"

Ele grita a última palavra e decola a toda velocidade. Leva-me dois segundos inteiros para lançar-me atrás dele, e estou gritando, "Não é justo! Eu não estava pronta!" e ambos estamos rindo à medida que molhamos nossas roupas nas águas rasas, as pequenas ondulações e depressões do oceano agora expostas pela maré recuante. Conchas quebram sob meus pés. Eu fico com meu dedo preso em um emaranhado de algas marinhas vermelhas e roxas e quase caio de cara. Eu me empurro da areia molhada com a palma da mão e me equilibro novamente, quase alcancei Alex, quando ele se abaixa e apanha um pouco de areia molhada, girando ao redor para atirar em mim. Eu grito e saio do caminho para evitar, mas uma parte da areia ainda me acerta na bochecha, escorrendo pelo meu pescoço.

"Você é um trapaceiro!" Eu conseguir dizer, sem fôlego por correr e rir.

"Você não pode trapecear se não há regras" Alex diz por cima do ombro.

"Não há regras, huh?" Nós estamos correndo com água abaixo dos joelhos e eu começo a jogar água nele, deixando um rastro de respingos ao longo de suas costas e ombros. Ele se vira, varrendo seu braço em toda a superfície da água, um arco brilhante. Eu me viro para evitar isso e acabo escorregando e caindo até o cotovelo, encharcando meus shorts e a metade inferior da minha blusa, o frio repentino me fazendo ofegar. Ele ainda está caminhando pesadamente para frente, com a cabeça esticada para trás, seu sorriso deslumbrante, seu riso rolando para fora e distante, tão alto que eu o imagino passando pela Great Diamond Island e além do horizonte, alcançando todas as outras partes do mundo. Eu me levanto e me apresso atrás dele. As boias estão flutuando a seis metros de nós e a água está em meus joelhos, e então nas minhas coxas, e depois até à minha cintura, até que nós dois estamos meio correndo e meio nadando, freneticamente remando para frente com nossos braços. Eu não posso respirar, pensar ou fazer nada, exceto rir, espirrar água e focar nas boias flutuantes vermelho-brilhantes, me concentrar em ganhar, ganhar, eu tenho que ganhar, e quando estamos a apenas alguns metros de distância e ele ainda está na liderança e os meus sapatos estão pesados e cheios de água, a minhas roupas arrastam-me para baixo como se meus bolsos estivessem cheios de pedras, sem pensar eu salto para frente e o ataco, lutando debaixo d'água, sentindo meu pé se conectar com sua coxa enquanto eu passo com um foguete por ele e alcanço com um tapa a boia mais próxima, o plástico disparando para longe da minha mão quando eu bato nele. Nós devemos estar a meio quilômetro da praia, mas a maré ainda segue baixando, então eu consigo ficar de pé, a água batendo no meu peito. Eu levanto os meus braços triunfalmente enquanto Alex surge cuspindo água, balançando a cabeça rodando a água do seu cabelo.

"Eu ganhei," eu digo sem fôlego.

"Você trapaceou," ele diz, avançando mais alguns passos e desmoronado com ambos os braços para trás, jogado sobre a corda que se estende ao longo das boias. Ele arqueia as costas de modo que seu rosto está inclinado em direção ao céu. Sua camiseta está completamente encharcada, e gotas de água caem de seus cílios, escorrendo pelo rosto.

"Não há regras," eu digo, "então não há nenhuma trapaça."

Ele se vira para mim, sorrindo. "Então eu deixei você ganhar."

"Tá, certo." Eu respingo um pouco de água nele e ele ergue as mãos, entregando-se. "Você é apenas um mau perdedor."

"Eu não tenho muita prática nisso." Lá está aquela confiança novamente, aquela facilidade quase irritante dele, a inclinação da cabeça e o sorriso. Mas hoje não é irritante. Hoje eu gosto, sinto que de alguma forma me contagia, como se eu estivesse em torno dele o suficiente, eu nunca me sentiria envergonhada ou com medo ou insegura.

"Que seja." Reviro os olhos e engancho um braço sobre as boias ao lado dele, desfrutando a sensação das correntes balançando em volta do meu peito, apreciando a estranheza de estar na baía vestida, a viscosidade da minha camisa e a sucção dos meus sapatos nos meus pés. Logo a maré subirá e a água virá de novo. Então será um nado lento, cansativo, de volta à praia.

Mas eu não me importo. Eu não me importo com nada—eu não estou preocupada em como em um milhão de anos eu explicarei para Carol por que eu chegarei em casa toda molhada, com algas agarradas às minhas costas e o cheiro de sal no meu cabelo, não preocupada com quanto tempo eu tenho até toque de recolher ou por que Alex está sendo tão legal comigo. Eu estou apenas feliz, um sentimento puro e borbulhante. Além das boias, a baía está roxa escura, as ondas pintadas ao longo com espumas brancas. É ilegal ir além das boias—para além das boias estão as ilhas e os pontos de observação e, além deles é oceano aberto, oceano que leva a lugares não regulamentados, locais de doença e de medo—mas naquele momento eu fantasio sobre passar por baixo da corda e nadar para fora.

À nossa esquerda, nós podemos ver a silhueta branca brilhante do complexo de laboratório e além dele, distantemente, Old Port, todas as docas como gigantes centopeias de madeira. À nossa direita está Tukey´s Bridge, e a longa sequência de cabanas de guarda que corre sua extensão e continua ao longo da fronteira. Alex me pega olhando.

"Bonita, não é?" ele diz.

A ponte é um cinza-verde manchado, toda revestida de projeções e algas, e parece estar ligeiramente inclinada na direção do vento. Eu franzo meu nariz. "Ela parece que estar apodrecendo, não é? Minha irmã sempre disse que um dia ela iria cair no oceano, simplesmente desmoronar."

Alex ri. "Eu não estava falando sobre a ponte." Ele inclina seu queixo apenas ligeiramente, gesticulando. "Eu quis dizer além da ponte." Ele faz uma pausa por apenas uma fração de segundo. "Eu quis dizer as Terras Selvagens."

Além da Tukey´s Bridge está a fronteira norte, localizada ao longo do lado mais distante da Back Cove. Enquanto nós estamos lá, as luzes das cabanas de guarda acendem, uma após outra, brilhando contra a profundidade do céu azul—um sinal de que está ficando tarde e eu deveria ir para casa em breve. Ainda assim, eu não posso me forçar a sair, mesmo enquanto sinto a água ao redor do meu peito começar a borbulhar e formar redemoinhos, a maré virando. Além da ponte, os verdes luxuriantes das Terras Selvagens se movem juntos no vento como uma parede infinitamente re-arranjanda, uma cunha espessa de verde cortando para baixo em direção à baía e separando Portland de Yarmouth. Daqui, podemos apenas distinguir a menor parte delas, um lugar vazio marcado com nenhuma luz, nenhum barco, nenhum edifício: impenetrável e estranho e escuro. Mas eu sei que as Terras Selvagens se estendem atrás, continuam por milhas, milhas e milhas por todo o continente, em todo o país, como um monstro jogando seus tentáculos ao redor da parte civilizada do mundo.

Talvez tenha sido a corrida, ou vencê-lo até as boias, ou o fato de que ele não criticou a mim ou à minha família quando contei a ele sobre minha mãe, mas, naquele momento, a tontura e a felicidade ainda fluem forte e eu sinto que poderia dizer a Alex qualquer coisa, perguntar qualquer coisa. Então eu digo: "Posso te contar um segredo?" Eu não espero sua resposta; eu não preciso, e saber disso me faz sentir tonta e descuidada. "Eu costumava pensar muito sobre isso. As Terras Selvagens, quero dizer, e como elas eram... e os Inválidos, se eles realmente existiram." Pelo canto do meu olho eu acho que o vejo hesitar um pouco, então prossigo, "Eu costumava às vezes pensar... Eu costumava fingir que talvez minha mãe não tinha morrido, você sabe? Que talvez ela tivesse apenas fugido para as Terras Selvagens. Não que isso fosse melhor. Acho que eu apenas não queria que ela tivesse ido embora para sempre. Era melhor imaginá-la lá fora em algum lugar, cantando..." Eu interrompo, balançando a cabeça, espantada por me sentir tão confortável falando com Alex. Espantada e grata. "E você?" digo.

"E quanto a mim o quê?" Alex está me olhando com uma expressão que eu não posso ler. Como se eu tivesse machucado-o, quase, mas isso não faz nenhum sentido.

"Você costumava pensar em ir para as Terras Selvagens quando era pequeno? Apenas para se divertir, quero dizer, como um jogo."

Alex aperta os olhos, olha para longe de mim, e faz uma careta. "Sim, claro. Várias vezes." Ele estende a mão e bate as boias. "Nenhuma dessas. Sem paredes para esbarrar. Sem olhos vigiando. Liberdade e espaço, lugares para esticar-se. Eu ainda penso sobre as Terras Selvagens."

Eu olho para ele. Ninguém usa mais palavras assim: espaço, liberdade. Velhas palavras. "Ainda? Mesmo depois disso?"

Sem intenção ou pensamento sobre isso eu alcanço e roço meus dedos, uma vez, contra a cicatriz em três vertentes no seu pescoço.

Ele se empurra para longe do meu toque, como se eu o tivesse queimado, e eu deixo cair minha mão, envergonhada.

"Lena..." ele diz, em uma voz estranha: como se meu nome fosse uma coisa azeda, uma palavra que tem um gosto ruim na boca.

Eu sei que não deveria tê-lo tocado assim. Eu ultrapassei os limites, e ele vai me lembrar disso, do que significa ser não-curado. Eu acho que vou morrer de humilhação se ele começar a me passar um sermão, então para ocultar meu desconforto eu começo a balbuciar. "A maioria dos curados não pensa sobre esse tipo de coisa. Carol—que é minha tia—ela sempre disse que era um desperdício de tempo. Ela sempre disse que não havia nada lá fora, exceto animais, terra e insetos, que toda a história de Inválidos era faz-de-conta, coisa de criança. Ela disse que acreditar em Inválidos é a mesma coisa que acreditar em lobisomens ou vampiros. Lembra como as pessoas costumavam dizer que existiam vampiros nas Terras Selvagens?"

Alex sorri, mas é mais parecido com um estremecimento. "Lena, eu tenho que te dizer algo." Sua voz está um pouco mais forte agora, mas algo em seu tom me dá medo de deixá-lo falar.

Agora eu não posso parar de falar. "Doeu? O procedimento, quero dizer. Minha irmã disse que não era grande coisa, não com todos os analgésicos que eles dão a você, mas minha prima Márcia costumava dizer que era pior do que qualquer coisa, pior do que ter um bebê, mesmo que seu segundo filho tenha levado, tipo, 15 horas para nascer..." Eu interrompo, corando, mentalmente me xingando pela ridícula mudança de tópico. Eu desejaria que eu pudesse rebobinar de volta até a festa da noite passada, quando meu cérebro estava vazio; é como se eu estivesse economizado para um caso de vômito verbal. "Eu não tenho medo, porém" eu quase grito, enquanto Alex novamente abre a boca para falar. Estou desesperada para salvar a situação de alguma forma. "Meu processo está chegando. Sessenta dias. É bobo, hein? Que eu conte. Mas eu mal posso esperar."

"Lena." A voz de Alex é mais forte, mais energética agora, e finalmente me para. Ele se vira então nós estamos cara a cara. Naquele momento, meus sapatos roçam o fundo da areia, e eu percebo que a água está batendo até o meu pescoço. A maré está subindo rápido. "Escute-me. Eu não sou quem—eu não sou quem você pensa que eu sou."

Eu tenho que lutar para ficar de pé. De repente as correntes me puxam com força, me arrastando. Sempre me pareceu assim. A maré desce lenta e depois sobe rapidamente. "O que você quer dizer?"

Seus olhos—mudando de ouro para âmbar, os olhos de um animal—buscam meu rosto, e sem saber por que, estou com medo novamente. "Eu nunca fui curado" ele diz. Por um momento eu fecho meus olhos e imagino que entendi errado, imagino que

apenhas tenha confundido o som das ondas com a voz dele. Mas quando eu abro meus olhos ele ainda está ali, me olhando, parecendo culpado e algo mais—triste, talvez? E eu sei que eu ouvi corretamente. Ele diz: "Eu nunca fiz o procedimento."

"Você quer dizer que não funcionou?" digo. Meu corpo está formigando, ficando paralisado, e eu percebo, então, o quão frio está. "Você teve o procedimento e não funcionou? Como o que aconteceu com minha mãe?"

"Não, Lena. Eu..." Ele olha para longe, apertando os olhos, diz sob sua respiração, "Eu não sei como explicar."

Tudo, desde as pontas dos meus dedos até as raízes do meu cabelo, agora se sente como se fosse envolto em gelo. Imagens desconexas passam pela minha cabeça, um rolo de filme agitado: Alex de pé sobre a plataforma de observação, seus cabelos como uma coroa de folhas; virando a cabeça, mostrando a nítida cicatriz em três vertentes logo abaixo da orelha esquerda; estendendo a mão para mim e dizendo, *eu sou seguro. Eu não machucarei você.* As palavras começam schocalhar para fora de mim novamente, mas eu não as sinto, mal sinto qualquer coisa. "Não funcionou e você tem mentido sobre isso. Mentido para que você ainda pudesse ir para a escola, ainda conseguir um emprego, ainda ser emparelhado e combinado e tudo mais. Mas na verdade você não está—você ainda está—você ainda pode estar..." Eu não consigo me forçar a dizer a palavra. Doente. Não curado. Doente. Eu sinto que vou passar mal.

"Não." A voz de Alex está tão alta que me assusta. Eu dou um passo para trás, meus tênis desliza na parte inferior escorregadia e irregular do fundo do oceano, e quase afundo, mas quando Alex faz um movimento para me tocar eu me jogo para trás, fora de seu alcance. Algo endurece em seu rosto, como se ele tivesse tomado uma decisão. "Eu estou dizendo a você que nunca estive curado. Nunca fui emparelhado ou combinado, nem nada. Eu nem sequer fui avaliado."

"Impossível." A palavra mal se comprime para fora, um sussurro. O céu está girando acima de mim, todos os azuis, rosas e vermelhos girando juntos até parecer como se algumas partes céu estivessem sangrando. "Impossível. Você tem as cicatrizes."

"Cicatrizes," ele me corrige, um pouco mais suavemente. "Apenas cicatrizes. Não as cicatrizes." Ele então olha para o lado, me dando uma visão de seu pescoço. "Três cicatrizes pequenas, um triângulo invertido. Fácil de replicar. Com um bisturi, um canivete, qualquer coisa."

Eu fecho meus olhos novamente. As ondas aumentam em torno de mim e o movimento, o vai e vém, me convence de que eu realmente vomitarei, aqui mesmo na água. Eu engulo o sentimento, tentando segurar a constatação que está me golpeando no fundo da minha mente, ameaçando me sobrecarregar—lutando contra a sensação de afogamento. Abro os olhos e falo com a voz rouca, "Como...?"

"Você tem que entender. Lena, eu estou confiando em você. Você vê isso?" Ele está me olhando tão atentamente, eu posso sentir seus olhos como um toque, e eu mantenho meus olhos desviados. "Eu não queria—eu não queria mentir para você."

"Como?" eu repito, mais alto agora. De alguma forma, meu cérebro fica preso na palavra mentira e faz um ciclo infinito: Não há forma de evitar avaliações a menos que você minta. Não há forma de evitar o procedimento a menos que você minta. Você deve mentir.

Por um momento, Alex fica em silêncio, e eu acho que ele vai acorvardar-se, se recusar a me dizer qualquer outra coisa. Eu quase desejo que ele faça. Estou desesperada para voltar no tempo, voltar no momento antes de dizer o meu nome naquele tom de voz estranho, voltar ao crescente sentimento triunfante de vencê-lo na corrida para as boias. Vamos correr de volta para a praia. Vamos nos encontrar amanhã, tentar adular alguns caranguejos frescos dos pescadores na doca.

Mas então ele fala. "Eu não sou daqui," ele diz. "Eu quero dizer, eu não nasci em Portland. Não exatamente." Ele está falando no tom de voz que todo mundo usa quando está prestes a quebrá-lo em pedaços. Suave—gentil, até—como se eles pudessem fazer a notícia soar melhor apenas por falar como uma voz de canção de ninar. *Sinto muito, Lena, mas sua mãe era uma mulher perturbada.* Como se, de alguma forma, você não fosse ouvir a violência por baixo.

"De onde você é?" Eu não tenho que perguntar. Eu já sei. A constatação se quebrou, derramou, me invadiu. Mas uma pequena parte de mim acredita que, enquanto ele não dizer isso, não é verdade.

Seus olhos são firmes em mim, mas ele inclina a cabeça para trás—para trás em direção à fronteira, além da ponte, até aquele arranjo incessantemente móvel de ramos, folhas, cipós e emaranhados de coisas que crescem. "Lá," ele diz, ou talvez eu só acho que ele diz. Seus lábios mal se movem. Mas o significado é claro.

Ele vem das Teras Selvagens.

"Um Inválido," eu digo. A palavra parece raspar contra a minha garganta. "Você é um Inválido." Eu estou dando a ele uma última chance de negar.

Mas ele não nega. Ele só estremece um pouco e diz: "Eu sempre odiei essa palavra."

Parada ali, eu percebi outra coisa: que não era coincidência quando Carol zombava de mim por ainda acreditar nos Inválidos, sempre que ela abanava a cabeça sem se preocupar em olhar para cima das suas agulhas de tricô—tic, tic, tic, elas iam juntas, piscando o metal das agulhas—e dizia, "Eu suponho que você acredita em vampiros e lobisomens, também?"

Vampiros e lobisomens e Inválidos: coisas que dilacerarão você, rasgando em pedaços. Coisas letais.

De repente, eu estou tão assustada que uma pressão desesperada começa a empurrar para baixo no fundo do meu estômago e entre minhas pernas, e por um selvagem e ridículo segundo eu tenho certeza de que estou prestes a fazer xixi. O farol da Little Diamond Island acende, corta uma ampla faixa sobre a água, um enorme dedo acusador: eu estou apavorada em ser pega em seu feixe, apavorada que ele irá apontar na minha direção e depois eu ouvirei o giro dos helicópteros do Estado e do megafone as vozes dos reguladores gritando, "Atividade ilegal! Atividade ilegal!" A praia parece irremediavelmente e impossívelmente distante. Eu não posso imaginar como fomos tão longe. Sinto meus braços pesados e inúteis, e eu penso em minha mãe, e sua jaqueta preenchendo lentamente com água.

Eu respiro fundo, tentando evitar que minha mente gire, tentando me concentrar. Não há como ninguém saber que Alex é um Inválido. Eu não sabia. Ele parece normal, tem a cicatriz no lugar certo. Não há nenhuma maneira que qualquer um pudesse ter nos ouvido conversar.

Uma onda levanta e quebra contra as minhas costas. Eu tropeço para frente. Alex estende a mão e agarra meu braço para me firmar, mas eu me retorço para longe dele, justo no momento em que uma segunda rodada de ondas sobe sobre nós. Eu fico com a boca cheia de água do mar, sinto o sal ardendo meus olhos e fico momentaneamente fico cega.

"Não," eu gaguejo. "Não se atreva a me tocar."

"Lena, eu juro. Eu não queria magoar você. Eu não queria mentir para você."

"Por que você está fazendo isso?" Eu não posso pensar direito, mal consigo respirar. "O que você quer de mim?"

"Querer...?" Alex balança a cabeça. Ele parece genuinamente confuso—e ferido, também, como se fosse eu quem tivesse feito algo errado. Por um segundo eu sinto um flash de simpatia por ele. Talvez ele veja no meu rosto, aquela fração de segundo quando eu baixo a minha guarda, porque nesse momento sua expressão suaviza e seus olhos brilham como fogo e embora eu mal o veja se mover, de repente ele cruza o espaço entre nós e está envolvendo suas mãos quentes sobre meus ombros—dedos tão quentes e fortes que eu quase grito—e dizendo, "Lena. Eu gosto de você, ok? É isso. Isto é tudo. Eu gosto de você." Sua voz é tão baixa e hipnótica que me lembra de uma canção. Eu penso em predadores caindo silenciosamente das árvores: eu penso em enormes gatos com olhos brilhantes de cor de âmbar, assim como os dele.

E então eu estou tropeçando para trás, remando para longe dele, minha camisa e sapatos pesados com água, meu coração batendo dolorosamente contra o meu peito e minha respiração rasgando na minha garganta. Eu estou dando um pontapé na terra e

varrendo a frente com os meus braços, meio correndo, meio nadando, enquanto a maré sobe e me arrasta, então eu sinto que só posso rastejar para a frente uma polegada de cada vez, então eu sinto como se estivesse me movendo através de melaço. Alex chama meu nome, mas estou com muito medo para virar a cabeça e ver se ele está vindo atrás de mim. É como um daqueles pesadelos onde algo está perseguindo você, mas você está com muito medo de olhar e ver o que é. Tudo que você ouve é a sua respiração, cada vez mais perto. Você sente a sua sombra se aproximando por trás de você, mas você está paralisado: você sabe que, a qualquer segundo, você sentirá seus dedos gelados se fechando em seu pescoço.

Eu nunca conseguirei, eu acho. Eu nunca conseguirei voltar. Alguma coisa arranha a minha canela e eu começo a imaginar que a baía em torno de mim está cheia de horríveis coisas submarinas: tubarões, águas-vivas e enguias venenosas, e mesmo embora eu saiba que estou em pânico eu tenho vontade de cair pra trás e desistir. A praia ainda está tão distante, e sinto meus braços e pernas tão pesadas.

A voz de Alex é chicoteada para longe pelo vento, soando cada vez mais fraca, e quando finalmente eu crio a coragem de olhar por cima do meu ombro eu o vejo flutuando para cima e baixo nas boias. Eu percebo que fui mais longe do que pensava, e pelo menos, Alex não está me seguindo. Meu medo diminui, e o nó no meu peito afrouxa. A próxima onda é tão forte que me ajuda a passar por uma cordilheira submarina íngreme, me joga de joelhos na areia macia. Quando me esforço para ficar de pé, a água me atinge apenas na cintura, e eu patino o resto do caminho para a praia, tremendo, grata e exausta.

Minhas coxas estão tremendo. Eu desabo na praia, ofegante e tossindo. Pelas chamas de cor lambendo todo o céu sobre Back Cove—laranjas, vermelhos, rosas—estou supondo que está perto do pôr-do-sol, provavelmente em torno de oito horas. Parte de mim quer apenas se deitar, esticar meus braços, se espreguiçar e dormir durante toda a noite. Sinto como se eu tivesse engolido metade do meu peso em água salgada. Minha pele arde e há areia por toda parte, no meu sutiã e calcinha e entre os meus dedos dos pés e sob minhas unhas. O que quer que raspou a minha canela na água deixou sua marca: uma longa gota de sangue que serpenteia em torno da minha panturrilha.

Eu olho para cima, e por um segundo entro em pânico. Eu não consigo encontrar Alex nas boias. Meu coração para. Então eu o vejo, uma mancha escura cortando rapidamente através da água. Seus braços formam catavento graciosos enquanto ele nada. Ele é rápido. Eu me ponho de pé, agarro meus sapatos, e manco até minha bicicleta. Minhas pernas estão tão fracas que me leva um minuto para encontrar o meu equilíbrio, e no começo eu ando loucamente para um lado e para outro na estrada como uma criança aprendendo a andar.

Eu não olho para trás, nem uma única vez, até que estou no meu portão. A essa hora as ruas estão vazias e silenciosas, a noite está prestes a cair, o toque de recolher

prestes a cair como um abraço caloroso gigante, mantendo-nos todos em nossos lugares, mantendo-nos todos seguros.

11

Pense nisso dessa maneira: Quando está frio lá fora e seus dentes estão batendo, você se agasalha num casaco de inverno, cachecois e luvas para evitar pegar uma gripe. Bem, as fronteiras são como chapéus, cachecois e casacos de inverno pelo país inteiro. Eles mantêm longe até mesmo as piores doenças, para que nós todos possamos nos manter saudáveis!
Após as fronteiras subirem, o Presidente e o Consórcio tinham uma última coisa para cuidarem antes de todos nós podermos estar seguros e felizes. O Grande Saneamento (às vezes chamado A Blitz) durou menos de um mês, mas depois, todos os espaços inexplorados estavam limpos da doença. Nós entramos lá com certo número do velho trabalho pesado e limpamos pesadamente o problema para longe do lugar, exatamente como quando sua mãe esfrega o balcão inferior da cozinha com uma esponja, simples como um, dois, três...*
** (1. Saneamento. A aplicação de medidas sanitárias pela segurança do estado de pureza e proteção da saúde. 2. O dispositivo para coleta e tratamento de esgotos e resíduos)*

— Extraído da *Cartilha da História da Criança do Dr. Richard*, Capítulo Um

Aqui está um segredo sobre minha família: Minha irmã contraiu o deliria vários meses antes do agendamento do procedimento. Ela apaixonou-se por um garoto chamado Thomas, que também não era curado. Durante o dia, ela e Thomas passavam todo o tempo deles deitados num campo de flores silvestres, protegendo seus olhos em frente ao sol, sussurrando promessas um para o outro que nunca poderiam ser mantidas. Ela chorou o tempo todo, e uma vez ela me confessou que Thomas parecia curá-la do choro com um beijo. Ainda agora, quando eu penso naqueles dias—eu tinha somente oito anos na época—penso no sabor de sal.

A doença lentamente trabalhou sua maneira mais e mais profunda no interior dela, como um animal mastigando-a por dentro. Minha irmã não podia comer. O pouco que nós podíamos convencê-la a engolir era vomitado rapidamente, e eu temia por sua vida.

Thomas partiu seu coração, é claro, ninguém ficou surpreso. O Manual de SSF diz: *Amor Deliria Nervosa produz mudanças no córtex pré-frontal do cérebro, que resulta em fantasias e ilusões que, uma vez revelados, arrastam sucessivamente a uma devastação psíquica* (Ver *Efeitos,* p. 36). Por isso minha irmã nada fez a não ser deitar na cama e olhar as sombras deslocarem-se lentamente através das paredes, suas costelas surgindo abaixo de sua pele pálida, como madeira subindo através da água.

Mesmo assim, ela recusava o procedimento e o conforto que ele lhe traria, e no dia marcado, para que a cura fosse administrada, foram necessários quatro cientistas e várias

agulhas cheias de tranquilizantes antes dela vir a submeter-se; antes dela parar de arranhar com suas longas e afiadas unhas, que não eram cortadas por semanas, e gritando e praguejado e chamando por Thomas. Eu assisti eles virem por ela, para levá-la ao laboratório; eu sentei num canto, apavorada, enquanto ela cuspia, silvava e chutava, e eu pensava em minha mãe e meu pai.

Naquela tarde, embora eu ainda estivesse a mais de uma década longe da segurança, eu comecei a contar os meses antes de meu procedimento.

No final minha irmã estava curada. Ela voltou para mim gentil e contente, suas unhas impecáveis e arredondadas, seu cabelo puxado para trás em uma longa trança grossa. Vários meses mais tarde, ela estava prometida para um técnico de TI, mais ou menos da sua idade, e várias semanas depois de sua formatura na faculdade eles se casaram; suas mãos juntas frouxamente sob um dossel, ambos olhando direto para frente, com um futuro que não será danificado pela ansiedade, pelo descontentamento ou pela discórdia, um futuro de dias idênticos, como uma série de bolhas sopradas de modo ordenado.

Thomas estava curado também. Ele está casado com Ella, uma vez a melhor amiga da minha irmã, e agora todo mundo está feliz. Rachel me contou há poucos meses que os dois casais frequentemente veem um ao outro nos piqueniques e eventos da vizinhança, visto que eles moram razoavelmente próximos um do outro na East End. Os quatro se sentam, mantendo uma educada e tranquila conversa, com nenhuma só centelha do passado para agitar a calmaria e a perfeição do presente.

Essa é a beleza da cura. Não ha uma menção aqueles dias quentes perdidos no campo, quando Thomas beijava Rachel, que era desligada, e inventavam mundos apenas para que ele pudesse prometer-lhes a ela, quando ela dilacerou a pele de seus próprios braços com o pensamento de viver sem ele. Eu estou certa de que ela está embaraçada por aqueles dias, se ela se lembrar deles de qualquer modo. Verdade, eu não a vejo com frequência agora—somente uma vez a cada dois meses, quando ela lembra que deveria fazer uma visitinha—e desta forma eu acho que você poderia dizer que mesmo com o procedimento eu perdi um pouco dela. Mas este não é o ponto. O ponto é que ela está protegida. O ponto é que ela está segura.

Eu vou contar a você outro segredo, este é um para seu próprio bem. Você pode pensar que o passado tem alguma coisa para contar a você. Você pode pensar que você deve ouvir, deve esforçar-se para perceber os sussurros, deve fazer todo o possível, inclinar-se para ouvir sua voz sussurrando sobre a terra, para os lugares mortos. Você deve achar que existe alguma coisa dele dentro de você, alguma coisa para entender ou fazer sentido.

Mas eu sei a verdade: eu sei das noites de Frieza. Eu sei que o passado vai arrastar você para trás e para baixo, tendo você procurado pegar os sussurros no vento e a fala incoerente das árvores raspando juntas, tentando decifrar algum código, tentando juntar

os pedaços que estavam quebrados. Ele é sem esperanças. O passado nada é, senão um peso. Ele vai edificar-se dentro de você como uma pedra.

Tire isso de mim: se você ouvir o passado falando para você senti-lo, puxá-lo de volta e correr seus dedos sobre sua espinha, a melhor coisa a fazer—a única coisa—é correr.

Nos dias que seguem a confissão de Alex, eu verifico constantemente em busca dos sintomas da doença. Quando estou equiparando os registros da loja de meu tio me inclino em meu cotovelo, mantendo minha mão apoiando minha bochecha, então eu posso curvar meus dedos em torno de meu pescoço e contar meu pulso, garantindo que está normal. De manhã, eu tomo um tempo, respiro lentamente, escutando em busca de um ruído estridente ou algo fora do comum em meus pulmões. Eu lavo minhas mãos constantemente. Eu sei que o deliria não é como um resfriado—você não pode pegá-lo de um ser por meio de um espirro—mas ainda, ela é contagiosa; e quando eu acordei no dia seguinte ao nosso encontro na East End com meus membros ainda pesados, minha cabeça tão leve quanto uma bolha e uma dor em minha garganta que se recusava a ir embora, meu primeiro pensamento foi que eu havia sido infectada.

Depois de alguns, dias eu me sinto melhor. A única coisa estranha é o modo que meus sentidos parecem estar entorpecidos. Todas as coisas pareciam desgastadas, como uma cópia colorida ruim. Eu tenho que carregar minha comida com sal antes que eu possa experimentá-la e cada vez que minha tia fala comigo, é como se o volume de sua voz fosse diminuído alguns decibéis. Mas eu li do começo ao fim O Manual de SSF, e conheço todos os sintomas da deliria, e não vi nada que corresponda com o que senti, então no fim eu deduzo que estou segura.

Ainda assim, eu tomo precauções, determinada a não dar um passo em falso, determinada a provar a mim mesma que eu não sou como minha mãe—que a coisa com Alex foi um evento fortuito, um erro, um horrível acidente. Eu não posso ignorar quão próxima eu estava do perigo. Eu não quero pensar sobre o que aconteceria se alguém descobrisse o que Alex era, se alguém souber que nós permanecemos juntos tremendo na água, que conversamos, rimos, nos apalpamos. Isto me fez sentir doente. Eu venho repetindo para mim mesma que o procedimento está a menos de dois meses de distância agora. Tudo o que eu tenho que fazer é manter minha cabeça fora de operação e passar através das próximas sete semanas e então estarei bem.

Eu volto todas as noites duas horas inteiras antes do toque de recolher. Eu me ofereci voluntariamente para passar dias extras na loja, e eu nem pedi por meu habitual salário de oito dólares por hora. Hana não me chamou. Tampouco, eu a chamei. Eu ajudava minha tia a cozinhar o jantar, e eu limpava e lavava os pratos espontaneamente. Gracie está no verão escolar—ela está apenas no primeiro ano e eles já estão falando sobre as atividades da volta—e todas as noites eu a puxo sobre meu colo e ajudo-a através de seu amontoado de trabalho; sussurrando em seu ouvido, implorando para falar, para focalizar, para escutar, bajulando-a, finalmente, em escrever a última metade das repostas

abaixo em seu livro de exercícios. Após uma semana, minha tia parou de olhar para mim com suspeita sempre que eu entro em casa, parou de exigir saber em que lugar eu estive, e mais um peso diminuiu a pressão sobre mim: ela confiava em mim novamente. Não era fácil explicar o porquê na terra de Sophia Hennerson e eu iria decidir por um improvisado mergulho no oceano—em nossas roupas, não menos—logo após um grande jantar em família, ainda mais difícil de explicar porque eu voltei para casa pálida e agitada, e eu não poderia contar a minha tia nada disto. Mas depois de um tempo ela relaxou ao redor de mim novamente, parou de me olhar com desconfiança, como se eu fosse algum animal enjaulado que ela estava preocupada que ficasse selvagem.

Os dias passam, o tempo fazendo tique-taque para longe, os segundos clicando adiante como dominós pra frente em uma linha. Todos os dias o calor torna-se pior e pior. Arrasta-se através das ruas de Portland, apodrecendo nas lixeiras, fazendo a cidade cheirar como uma axila gigante. O suor das paredes e as roldanas dos carrinhos rangendo, fazem tossir e tremer, e todos os dias as pessoa reúnem-se em frente aos edifícios municipais, rezando por uma breve rajada de ar frio. Em todo lugar as portas mecanizadas fazem um barulho de esguichada abrindo porque um regulador ou político ou guarda tem que entrar ou sair.

Eu tenho que desistir da minha corrida. A última vez que eu faço uma curva inteira do lado de fora, vejo que meus pés me conduziram pela Monument Square, passando o Governador. O sol é uma neblina branca alta, todos os edifícios cortam de forma afiada contra o céu como uma série de dentes de metal. Mas no momento em que eu venço o obstáculo da estátua eu estava ofegando, exausta, e minha cabeça estava girando. Quando eu agarro o braço do Governador e impulsiono a mim mesma para a base da estátua, o metal queima debaixo de minha mão e o mundo balança loucamente, luzes ziguezagueando por toda parte. Eu estou vagamente ciente que eu deveria ir para dentro, para fora do calor, mas meu cérebro está todo nebuloso e então lá vou eu, apalpando meus dedos ao redor do buraco em forma de punho do Governador. Eu não sei o que estou procurando. Alex já me contou que o bilhete que ele deixou para mim meses atrás deve ter se transformado em pasta por agora. Meus dedos tornam-se pegajosos, pedaços de goma fundidos enfiados entre meu polegar e indicador, mas ainda enraizando ao redor. E então eu o sinto deslizar entre meus dedos, frio e rápido, dobrado em um quadrado: um bilhete.

Eu estou meio delirante, enquanto eu o abro, mas ainda assim eu verdadeiramente não espero que seja dele. Minhas mãos começam a tremer enquanto eu leio:

Lena,

Eu sinto muito. Por favor, me perdoe.

Alex.

Eu não me lembro do percurso para casa, e minha tia me acha mais tarde meio desmaiada na entrada, murmurando para mim mesma. Ela tem que me colocar em uma

banheira cheia de gelo para baixar minha temperatura. Quando eu finalmente volto, não consigo encontrar o bilhete em qualquer lugar. Eu percebo que devo tê-lo deixado cair, e me sinto meio aliviada e meio desapontada. Aquela noite nós lemos que o Edifício do Tempo e da Temperatura registrou 39 graus: o dia mais quente registrado no verão até agora.

Minha tia me proibe de correr do lado de fora pelo resto do verão. Eu decido não lutar. Eu não confio em mim mesma, eu não posso estar certa que meus pés não vão conduzir-me de volta ao Governador, para a Praia East End, para os laboratórios.

Eu recebo uma nova data para minha avaliação e passo a noite na frente do espelho ensaiando minhas respostas. Minha tia insiste em acompanhar-me até os laboratórios novamente, mas desta vez eu não vejo Hana. Não vejo ninguém que eu reconheça. Até os quatro avaliadores são diferentes: rostos ovais fluindo juntamente, diferentes matizes de cores de marrom e rosa bi-dimensional, como desenhos sombreados. Eu não estou com medo desta vez. Eu não sinto nada.

Eu respondo todas as perguntas exatamente como eu devia. Quando me pedem para dar a minha cor favorita, por apenas o mais breve, o mais minúsculo dos segundos minha mente lampeja em um céu de cor prata lustrada, e penso que ouço uma palavra—cinza—sussurrada calmamente dentro de meu ouvido.

Eu digo, "Azul" e todos sorriem.

Eu digo, "Eu gostaria de estudar psicologia e regulamento social." Eu digo, "Eu gosto de ouvir música, mas não muito alto." Eu digo, "A definição de felicidade é segurança." Sorrisos, sorrisos, sorrisos de todas as direções, uma sala cheia de dentes.

Depois de ser feito, enquanto eu estou saindo, eu acho que vejo uma sombra movendo-se, uma cintilação na minha visão periférica. Eu dou uma olhada rapidamente para a plataforma de observação. É claro, ela está vazia.

Dois dias depois nós recebemos o resultado das minhas provas—passei em todas—e minha pontuação final: oito. Minha tia me abraça, a primeira vez que ela me abraçou em anos. Meu tio dá um tapinha no ombro desajeitadamente e me dá o maior pedaço de frango no jantar. Até Jenny parece impressionada. Gracie bate no topo de sua cabeça em direção a minha perna, uma, duas, três vezes, e eu fico longe dela, digo-lhe para parar a agitação. Eu sei que ela está chateada, pois a deixarei em breve.

Mas é a vida, e quanto mais cedo ela se acostumar com isso, melhor.

Eu recebo minha *Combinação Aprovada*, também, uma lista de quatro nomes e estatísticas—idade, pontuação, interesses, carreira aconselhada a seguir, projeções de salários—impressos nitidamente em uma folha branca de papel com o timbre da cidade de Portland na parte superior. Pelo menos Andrew Marcus não está nela. Eu reconheço um só nome: Chris McDonnell. Ele tem o cabelo vermelho brilhante e dentes que se ressaltam

como os de um coelho. Eu só o conheço porque uma vez, quando eu estava jogando do lado de fora no ano passado com Gracie, ele começou a tagarelar "Lá vai a retardada e a órfã" e sem realmente pensar sobre o que estava fazendo, eu escavei uma rocha do chão, virei ao redor e a arremessei em sua direção. Ela o acertou de surpresa na têmpora. Por alguns segundos seus olhos contraíram e descontraíram. Ele elevou seus dedos a sua cabeça, e quando ele os tirou, estavam escuros com sangue. Por dias depois disso eu ficava apavorada ao sair, apavorada que eu seria presa e atirada na Crypts. O Sr. McDonnell era dono de uma firma de serviços de tecnologia e além de ser um regulador voluntário. Eu estava convencida de que ele viria atrás de mim pelo que eu havia feito ao seu filho.

Chris McDonnell. Phinneas Jonston. Edward Wung. Brian Scharff. Eu olho fixamente os nomes por um longo tempo em que as letras reorganizam-se dentre elas mesmas em palavras sem sentido, em uma fala ininteligível de bebê. Vai à merda, Apenas Bem, Vai Derramar, Chris picareta, Coisa Afiada.

Em meados de Julho, quando meu procedimento está a apenas sete semanas de distância, é a hora de tomar minha decisão. Eu classifico minhas escolhas arbitrariamente, inserindo números próximos aos nomes: Phinneas Jonston (1), Chris McDonnell (2), Brian Scharff (3), Edward Wung (4). Os garotos estarão submetendo sua classificação também, os avaliadores farão o seu melhor para unir as preferências.

Dois dias depois eu recebo a notificação oficial: vou passar o resto de minha vida com Brian Scharff, cujos passatempos são *assistir ao noticiário da TV* e *beisebol de fantasia* e que planeja trabalhar *na corporação de eletricistas* e que pode *algum dia pretender ganhar 45.000,00 mil dólares*[5], um salário que *deve sustentar duas a três crianças.* Eu serei prometida em casamento para ele antes que eu comece a Faculdade Regional de Portland no outono. Quando eu me formar nós iremos nos casar.

À noite eu durmo sem sonhos. Na manhã eu acordo para a confusão mental.

[5] Os americanos calculam o salário anual, então seria U$45.000,00 ao ano.

12

Nas décadas anteriores ao desenvolvimento da cura, a doença se tornara tão contagiosa e se disseminara, que era extremamente raro que uma pessoa alcançasse a maioridade sem ter contraído um caso significativo de amor deliria nervosa (por favor, veja Estatísticas Era Pré-Fronteira*)... Muitos historiadores discutiram que pré curar a sociedade era em si mesmo um reflexo da cura da doença caracterizando pela fratura, caos e instabilidade... Quase metade de todos os casamentos terminavam em dissolução... A frequência do uso de drogas aumentou, assim como as mortes relacionadas com o álcool.*

As pessoas estavam tão desesperadas por ajuda e proteção contra doença, que começaram difundir a experimentação com medicamentos populares paliativos, que eram por si só mortais, misturados com drogas feitas a partir de medicamentos de resfriado e sintetizados a partir de um extremamente viciante e muitas vezes fatal composto (por favor, ver Cura Popular Através das Eras*)....*

A descoberta do processo de cura da deliria é tipicamente creditada a Cormac T. Holmes, um neurocientista que era membro do Consórcio inicial de Novos Cientistas e um dos primeiros discípulos da Nova Religião, que ensina a Trindade Sagrada de Deus, Ciência e Ordem. Holmes foi canonizado vários anos depois de sua morte, seu corpo foi preservado e exibido no Monumento de Todos os Santos em Washington, DC (ver fotografias nas pp. 210 – 212).

— De *Antes da Fronteira, Uma Breve História dos Estados Unidos da América*, por E. D. Thompson, p. 121.

Uma noite quente em direção ao final de Julho, eu estou caminhando para casa do Stop-N-Save quando ouço alguém chamar meu nome. Eu me viro e vejo Hana, subindo correndo a colina em direção a mim.

"E aí?" ela disse enquanto chegava mais perto, ofegando um pouco. "Você vai simplesmente passar direto por mim agora?"

A mágoa evidente em sua voz me surpreende. "Eu não vi você," eu digo, o que é a verdade. Eu estou cansada. Hoje nós fizemos o inventário da loja, tirando das prateleiras e recolocando nas prateleiras os pacotes de fraldas, enlatados, rolos de papel toalha, contando e recontando todas as coisas. Meus braços estão doendo, e todas as vezes que eu fecho meus olhos, eu vejo códigos de barras. Eu estou tão cansada que não estou nem mesmo envergonhada de estar em público usando minha camiseta da Stop-N-Save manchada de tinta, que é em torno de dez tamanhos maior que do que eu.

Hana olha para o lado, mordendo seus lábios. Eu não falo com ela desde aquela noite na festa e estou procurando desesperadamente alguma coisa para dizer, alguma

coisa casual e normal. De repente parece inacreditável para mim que esta era minha melhor amiga, que nós podíamos passar um tempo juntas por dias e nunca ficar sem coisas sobre as quais falar, que eu voltava da casa dela com minha garganta doendo de rir. Era como se houvesse uma parede de vidro entre nós agora, invisível, mas impenetrável.

Eu finalmente me aproximo com, "Eu consegui meu companheiro," ao mesmo tempo em que Hana deixa escapar "Por que você não me ligou de volta?"

Nós duas pausamos, sobressaltadas, e então de novo iniciamos ao mesmo tempo. Eu digo, "Você telefonou?" e Hana diz, "Você já aceitou?"

"Você primeiro," eu digo.

Hana, na verdade, parece desconfortável. Ela olha para o céu, para uma criança pequena em pé no outro lado da rua em trajes de banho mal ajustados, para dois homens carregando baldes com alguma coisa para dentro de um caminhão abaixo na rua—para toda parte, exceto para mim. "Eu deixei para você, tipo, três mensagens."

"Eu nunca recebi nenhuma mensagem," eu digo depressa, meu coração acelerando. Por semanas eu estive irritada que Hana não tentou estender a mão para depois da festa—irritada, e magoada. Mas eu disse a mim mesma que era melhor dessa forma. Eu disse a mim mesma que Hana havia mudado, e ela provavelmente não teria muito a dizer para mim de agora em diante.

Hana está olhando para mim como se estivesse tentando julgar se eu estou contando a verdade. "Carol não contou a você que eu liguei?"

"Não, eu juro." Eu estou tão aliviada que eu rio. Nesse segundo, me bate exatamente o quanto eu senti a falta de Hana. Mesmo quando ela está brava comigo, ela é a única pessoa que realmente cuidou de mim por escolha, não por causa da obrigação da família ou dever e responsabilidade, e todos os outros negócios que O Manual de SSF diz que são tão importantes. Todos os outros em minha vida—Carol e todos os meus primos e as outras garotas que eram de St. Anne, mesmo Rachel—somente passaram um tempo comigo porque elas tinham a obrigação. "Eu não tenho ideia."

No entanto, Hana não ri. Ela franze a testa. "Não se preocupe. Não é um grande negócio."

"Escute, Hana..."

Ela me corta. "Como eu disse, não é um grande negócio." Ela cruza seus braços e encolhe os ombros. Eu não sei se ela acredita em mim ou não, mas está claro que, depois de tudo, as coisas estão diferentes. Isso não vai ser uma grande, feliz reunião. "Então você conseguiu um companheiro?"

Sua voz é educada agora, e levemente formal, então eu pego o mesmo tom. "Brian Scharff. Eu aceitei. Você?"

Ela afirma com a cabeça. Um músculo flexiona no canto de sua boca, quase imperceptível. "Fred Hargrove."

"Hargrove? Como o prefeito?"

"Seu filho." Hana afirma com a cabeça, olhando para longe novamente.

"Uau. Parabéns." Eu não posso deixar de soar impressionada. Hana deve ter arrasado na sua avaliação. Não que isso seja alguma surpresa, realmente.

"Sim, sorte a minha." A voz de Hana está completamente sem tom. Eu não posso dizer se ela está sendo sarcástica. Mas ela é sortuda, quer ela sabia disso ou não.

E lá está: embora estejamos de pé no mesmo caminho pavimentado, banhadas pelo sol, nós poderíamos tão bem estar a cem mil quilômetros de distância uma da outra.

Vocês vêm de diferentes começos e vão para diferentes finais: é um velho ditado, alguma coisa que Carol costumava repetir muito. Eu nunca realmente entendi quão verdadeiro era ele até agora.

Isto devia ser o porquê de Carol não me contar que Hana telefonou. Três chamadas telefônicas são muitas chamadas telefônicas para se esquecer, e Carol é bastante cuidadosa sobre este tipo de coisa inútil. Talvez ela tenha tentado apressar o inevitável, passando por cima de ambas no final, a parte onde Hana e eu não somos amigas de agora em diante. Ela sabia que depois do procedimento—uma vez que o passado e todas as nossas histórias compartilhadas tenham afrouxado seu controle sobre nós, uma vez que nós não sentirmos mais nossas memórias—nós não vamos ter nada em comum. Carol estava provavelmente tentando me proteger, ao seu próprio modo.

Não há propósito em confrontá-la sobre isso. Ela não vai ensaiar e dar uma negativa sobre o assunto. Ela só vai me dar um de seus olhares em branco e tagarelar um provérbio dO Manual de SSF. Sentimentos não são para sempre. O tempo não espera pelo homem, mas o progresso espera pelo homem desempenhar um papel nele.

"Você estava indo para casa?" Hana ainda está olhando para mim como se eu fosse uma estranha.

"Sim," eu digo. Eu gesticulo para minha camiseta. "Eu deduzo que devo entrar antes que eu cegue alguém com isto."

Um sorriso borboleteia sobre o rosto de Hana. "Eu vou andar com você," ela diz, o que me surpreende.

Por um tempo nós andamos em silêncio. Nós não estamos tão longe da minha casa, e eu estou preocupada de nós andarmos o caminho todo sem falar nada. Eu nunca vi Hana tão quieta e isto está me deixando nervosa.

"De onde você está vindo?" Eu digo, só para dizer alguma coisa.

Hana se aproxima de mim, como se eu a acordasse de um sonho. "East End," ela diz, "Eu estou em uma rigorosa programação de bronzeamento."

Ela pressiona seu braço próximo ao meu. É pelo menos sete tons mais escuros do que a minha pele, que ainda está pálida, talvez uma pouco mais sardenta do que ela é no inverno. "Você não, hein?" Desta vez ela sorri de verdade.

"Hum, não. Não tenho descido muito a praia." Eu me afasto, enrubescendo.

Agradecidamente, Hana não percebe, ou se ela o faz ela não diz nada. "Eu sei. Eu estive procurando por você."

"Você esteve?" Eu disparo a ela um olhar de canto de olho.

Ela revira os olhos. Eu estou contente de ver sua atitude regressando ao tempo real agora. "Eu quero dizer, não ativamente. Mas eu tenho estado lá umas poucas vezes, sim. Eu não tenho visto você."

"Eu tenho trabalhado muito," eu digo. Eu não acrescentei, *para evitar East End, na verdade.*

"Você ainda corre?"

"Não, está muito quente."

"Sim, eu também percebi. Vou me dar um descanso até o outono." Nós andamos uns poucos passos a mais em silêncio e então Hana dá uma olhada para mim, inclinando a cabeça. "Então, o que mais?"

Sua pergunta me apanha de guarda baixa. "O que você quer dizer com o que mais?"

"Isto é o que eu quis dizer. Eu quis dizer, o que mais? Vamos, Lena. Este é o último verão, lembra? O último verão sem responsabilidades e todas aquelas coisa boas. Então o que você tem estado fazendo? Onde você tem estado?"

"Eu—nada. Eu não tenho feito nada." Essa era a questão toda—ficar fora de problemas, fazer tão pouco quanto possível—mas dizer as palavras me fez sentir um tipo de tristeza. O verão parece estar estreitando rapidamente, encolhendo para um ponto bem antes que eu tivesse uma chance de desfrutá-lo. Já é quase agosto. Nós vamos ter outras cinco semanas deste tempo antes que o vento comece cortar a noite e as folhas obtenham uma decoração com bordas de ouro. "E você?" Eu digo. "Bom verão até agora?"

"O comum." Hana encolhe os ombros. "Eu tenho ido bastante à praia, como eu disse. Trabalhando como babá para os Farrels algumas vezes."

"Sério?" Eu enrugo meu nariz. Hana sempre foi contra a coisa de criança. Ela sempre sustentava que eles eram tão grudentos e pegajosos, como Jolly Ranchers[6] que foram deixadas muito tempo em bolsos quentes.

Ela faz uma careta. "Sim, desafortunadamente. Meus pais decidiram que eu precisava *praticar a gestão doméstica* ou alguma merda como isto. Você sabe que eles estão na verdade me fazendo elaborar um orçamento? Como se calcular como se gasta sessenta dólares por semana fosse me ensinar sobre o pagamento de contas, ou responsabilidade ou alguma coisa assim."

"Por quê? Não é como se você fosse precisar de um orçamento." Eu não quero parecer amarga, mas lá está, a diferença em nosso futuro, cortando entre nós novamente.

Nós vamos em silêncio depois disto. Hana olhando para longe, dando uma olhada um pouco para a luz solar. Talvez eu esteja apenas deprimida pelo quão rapidamente o verão está encerrando um ciclo passado, mas as memórias começam a vir, numerosas e rápidas, como um baralho de cartas sendo embaralhado em minha cabeça: Hana abrindo a porta do banheiro naquele primeiro dia da segunda série, dobrando os braços como se ela desejasse escapar, *isto é por causa de sua mãe?* Ficar acordada depois da meia noite uma das poucas vezes que nós fomos então permitidas a ter uma festa do pijama, rindo e imaginando incríveis e impossíveis pessoas como nossos companheiros algum dia, como o presidente dos Estados Unidos ou estrelas de nossos filmes favoritos; correndo ombro a ombro, as pernas batendo uma após a outra no pavimento, como o ritmo de um único batimento cardíaco; bodysurfing[7] na praia e comprando três cones de sorvete no caminho para casa, discutindo, se baunilha ou chocolate era melhor.

Melhores amigas ha mais de dez anos, e no final de tudo reduzindo-se a beira do bisturi, no movimento de um feixe de laser através do cérebro e uma cintilante faca cirúrgica. Toda essa história e sua importância sendo desligada, flutuando para longe como muitos balões. Dentro de dois anos—dentro de dois meses—Hana e eu passaremos uma pela outra na rua, com nada mais do que um aceno de cabeça—pessoas diferentes, mundos diferentes, duas estrelas girando silenciosamente, separadas por milhares de quilômetros de espaço escuro.

A segregação está errada. Nós deveríamos ser protegidas das pessoas que nos deixariam no fim, de todas as pessoas que desapareceriam ou se esqueceriam de nós.

Talvez Hana esteja se sentindo nostálgica também, porque de repente sai com "Lembra-se de todos os nossos planos para o verão? Todas as coisas que dissemos que finalmente faríamos?"

Eu não perco o ritmo. "Romper o recorde da Spencer Prep na piscina..."

[6] É uma marca de doces dos mais variados tipos, vendidas nos Estados Unidos. No texto o contexto usado pela personagem, seria o das balas que permanecem no bolso por muito tempo.
[7] É uma espécie de modalidade de surf.

"... e nadar em nossa roupa íntima," termina Hana.

Eu abro um sorriso. "Pular a cerca da Fazenda Cherryhill..."

"... e comer xarope de bordo direto dos barris."

"Correr o caminho todo da Colina ao velho aeroporto."

"Descer com nossas bicicletas o Ponto do Suicídio."

"Tentar encontrar aquela corda de balanço sobre a qual Sarah Miller nos contou. A de cima do Rio Fore."

"Esgueirar-se para dentro do cinema e ver quatro filmes consecutivos."

"Terminar o sundae Hobgoblin na Mae." Eu estou sorrindo completamente agora e Hana também. Eu começo citando "um gigantesco sundae apenas para apetites colossais, contendo treze bolas, chantilly, cobertura quente..."

Hana pula, "E todas as coberturas que seus monstrinhos puderem manusear!"

Nós duas sorrimos. Provavelmente lemos aquela placa umas mil vezes. Nós tínhamos debatido sobre fazer um segundo ataque no Hobgoblin desde a quarta série: foi quando nós tentamos a primeira vez. Hana insistiu para ir lá no seu aniversário e me levou junto. Nós duas passamos o resto da noite rolando ao redor do chão de seu banheiro, e só comemos sete das treze bolas.

Nós chegamos à minha rua. Umas poucas crianças jogavam no meio da rua. Elas estavam no meio do jogo de futebol improvisado: elas estão chutando uma lata ao redor e gritando, seus corpos morenos, brilhando com suor. Eu vi Jenny em meio a elas. Enquanto eu assistia, uma menina tentou acotovelar ela para fora de seu caminho, e Jenny virou ao redor e empurrou-a para o chão. A mais jovem das meninas começou a choramingar. Ninguém saiu de qualquer uma das casas, mesmo enquanto a voz da menina crescia em um estridente grito agudo, como uma sirene disparando. Uma cortina ou pano de prato flutua em uma janela: fora isso, a rua é silenciosa, imóvel.

Eu estou desesperada para me manter flutuando na onda de sentimentos bons, consertar as coisas entre Hana e eu, mesmo que fosse só por um mês. "Ouça, Hana"—eu sentia como se estivesse trabalhando as palavras ditas no passado num enorme nó em minha garganta; eu estou quase tão nervosa quanto estava antes da avaliação—"Eles estão jogando O Defeituoso Detetive no parque hoje a noite. Cópia do filme de longa-metragem, Michael Wynn. Nós podemos ir se você quiser." O Defeituoso Detetive é esse filme francês que Hana e eu adorávamos quando éramos pequenas, sobre um famoso detetive que na verdade é incompetente e seu cachorro ajudante: o cachorro sempre terminava resolvendo os crimes. Muitos atores têm interpretado o papel principal, mas nosso favorito era Michael Wynn. Quando éramos criança, nós adorávamos combinar com ele.

"Hoje à noite?" O sorriso de Hana vacila, e meu estômago afunda. Estúpida, estúpida eu penso. Isto não importa de qualquer maneira.

"Está tudo bem se você não pode. Não se preocupe. Só uma ideia." Eu digo depressa, olhando para longe então ela não vai ver quão desapontada eu estou.

"Não—eu quero dizer, eu quero, mas..." Hana suga uma respiração. Eu odeio isso, odeio quão estranha nós duas estamos. "Eu meio que tenho essa festa"—ela se corrige rapidamente—"essa coisa que eu estou pensando em ir com Angelica Marston."

Eu sinto aquela estranha sensação de ter um buraco vazio em meu estômago. É incrível como as palavras podem fazer isso, apenas rasgar suas vísceras, separando-as. Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras nunca podem machucar-me—papo furado. "Desde quando você passa tempo com Angelica Marston?"

De novo, eu estou tentando não soar amarga, mas eu percebo que eu sôo como a irmã menor chorona de alguém, reclamando sobre ser deixada fora do jogo. Eu mordo meu lábio e me afasto, furiosa comigo mesma.

"Ela na verdade não é tão ruim," Hana diz suavemente. Eu posso ouvir em sua voz; que ela sente pena de mim. Isso é pior do que qualquer coisa. Eu quase desejo que nós estivéssemos gritando uma com a outra novamente, como fizemos outro dia em sua casa—até mesmo aquilo seria melhor do que seu tom de voz cuidadoso, a forma que nós estávamos girando ao redor dos sentimentos uma da outra. "Ela não é na verdade esnobe. Apenas tímida, eu suponho."

Angelica Marston era uma Junior ano passado. Hana zombava dela, do jeito que ela usava seu uniforme. Estava sempre perfeitamente pressionado e impecável, o colarinho dela abotoado para baixo dobrando-o precisamente, sua saia batendo exatamente no seu joelho. Hana dizia que Angelica Marston tinha um galho sobre a sua bunda porque seu pai era um grande cientista nos laboratórios. E ela fazia o tipo de andar daquela forma, constipado e cuidadoso.

"Você costumava odiá-la," eu chio. Minhas palavras não parecem pedir a meu cérebro permissão antes de estourar para fora de minha boca.

"Eu não a odiava," Hana diz, como se ela estivesse tentando explicar álgebra para alguém de dois anos de idade. "Eu não a conhecia. Eu sempre pensei que ela era uma vadia, você sabe? Por causa de suas roupas e coisas. Mas aquilo é tudo pelos seus pais. Eles são super cuidadosos, realmente protetores e essas coisas." Hana balança sua cabeça. "Ela não é como nada daquilo. Ela é... diferente."

Aquelas palavras pareceram vibrar no ar por um segundo: diferente. Por um segundo eu tive uma imagem de Hana e Angelica, braços dados, tentando não rir, esgueirando-se pelas ruas após o toque de recolher: Angelica sem medo, bonita e divertida, assim como Hana. Eu empurrei a imagem para fora da minha cabeça. Abaixo na

rua uma das crianças chuta a lata, duramente. Ela desliza entre duas latas de lixeiras de prata amassadas que foram arrumadas na estrada, um gol improvisado. Metade das crianças começou a pular para cima e para baixo, erguendo seus punhos, outras, incluindo Jenny, gesticula e grita alguma coisa sobre impedimento. Me ocorre pela primeira vez quão feia minha rua deve parecer para Hana, todas as casas espremidas juntas, metade delas faltando as vidraças, as varandas cedendo no meio como um velho derrotado colchão. É tão diferente da limpeza, tranquilidade das ruas de West End, do silêncio, os carros brilhantes, as portas e as cercas vivas verdes.

"Você poderia vir hoje à noite," diz Hana calmamente.

Uma torrente de ódio me invade. Ódio por minha vida, por sua estreiteza e espaços apertados; ódio por Angelica Marston, com seu sorriso secreto e pais ricos; ódio por Hana, por ser tão estúpida, descuidada e teimosa, primeiro e principal, e por me deixar para trás antes de eu estar pronta para ser deixada; e debaixo de todos aquelas camadas alguma outra coisa, também, algumas lâminas incandescentes de infelicidade, cintilando na mais profunda parte de mim. Eu não posso nomeá-la ou até mesmo concentrar-me nela claramente, mas de alguma forma eu entendo que isso—essa outra coisa—me deixa ainda mais furiosa.

"Obrigada pelo convite," eu digo, nem mesmo me preocupando em manter o sarcasmo fora da minha voz. "Parece muito legal. Haverá garotos lá também?"

Ou Hana não percebe o tom da minha voz—o que é duvidoso—ou ela escolhe ignorá-lo. "Tipo, sse é todo o objetivo," ela diz, impassível. "Bem, e a música."

"Música?" eu digo. Eu não posso impedir, mas soo interessada. "Como da última vez?"

O rosto de Hana se acende. "Sim. Eu quero dizer, não." Banda diferente. Mas esses caras parecem ser surpreendentes—até mesmo melhor do que a última vez." Ela pausa, então repete calmamente, "Você pode ir conosco."

Apesar de todas as coisas, isso me dá uma pausa. Nós dias após a festa na Fazenda Roaring Brook, pedaços de músicas pareciam me seguir em todo lugar: eu a ouvia voando, dentro e fora do vento, eu a ouvia cantando fora do oceano e lamentando através das paredes da casa. Às vezes eu acordava no meio da noite, molhada de suor, meu coração batendo, com as notas soando em meus ouvidos. Mas cada vez que eu estava acordada e tentava lembrar a melodia conscientemente, vinham umas poucas notas ou nenhuma recordação dos acordes, eu não podia.

Hana está me olhando fixamente esperançosa, esperando por minha resposta. Por um segundo eu realmente me sinto mal por ela. Eu queria fazê-la feliz, como eu sempre fiz, queria vê-la dar um grito, lançar seu pulso no ar e cintilar um de seus famosos sorrisos. Mas então eu lembrei que ela tinha Angelica Marston agora, e alguma coisa endurece em

minha garganta, e sabendo que estou indo desapontá-la e me dando um tipo de estúpida satisfação por isso.

"Eu acho que eu vou passar," eu digo, "Mas obrigada de qualquer forma."

Hana encolhe os ombros, e eu posso dizer que ela está lutando para parecer como se isto não fosse grande coisa. "Se você mudar de ideia..." Ela tenta sorrir, mas não pode mantê-lo mais de um segundo. "Tanglewild Lane. Deering Highlands. Você sabe onde me encontrar."

Deering Highlands. É claro. A Highlands é uma subdivisão abandonada fora da península. Uma década atrás, o governo descobriu simpatizantes—e, se os rumores são verdadeiros, até mesmo alguns doentes—vivendo juntos em uma grande mansão lá fora. Foi um enorme escândalo, e o desastre de resultados de um ano de operação de exploração. Quando tudo foi dito e feito, quarenta e duas pessoas foram executadas e outras cem atiradas nas criptas. Desde então Deering Highlands tem sido uma cidade fantasma: evitada, esquecida e condenada.

"Sim, bem. Você sabe onde me encontrar." Eu gesticulo defeituosamente abaixo para rua.

"Sim." Hana olha abaixo para seus pés, saltando de um para o outro. Não há mais nada a dizer, mas eu não posso suportar virar e apenas caminhar para longe. Eu tenho a terrível sensação que esta é a última vez que eu vou ver Hana antes de nós estarmos curadas. O medo me domina de uma só vez, e eu desejo poder recuar através de nossa conversa, pegar de volta todo o sarcasmo ou significados das coisas que eu disse, dizer a ela que eu sinto falta dela e quero ser sua melhor amiga de novo.

Mas só quando eu estou prestes a dizer isso sem pensar, ela me dá um rápido aceno e diz, "Ok, então. Vejo você por aí," e o momento quebra-se sobre si mesmo e com ele, minha chance de falar.

"Ok. Vejo você."

Hana começa descer o caminho. Eu estou tentando vê-la ir. Tenho a ânsia de memorizar seu caminhar—para imprimi-la em meu cérebro de qualquer jeito, apenas como ela é—mas enquanto eu a assistia piscar dentro e fora da feroz luz solar; sua silhueta confunde-se com outra na minha cabeça, uma sombra entremeando dentro e fora da escuridão, prestes a andar ao longo do penhasco, e eu não sei mais o que estou olhando. De repente as bordas do mundo estão confusas e lá está uma dor aguda em minha garganta, então eu viro e caminho depressa em direção a casa.

"Lena!" ela grita para mim, pouco antes que eu alcance o portão.

Eu giro ao redor, coração pulando, pensando que talvez ela vá ter alguma coisa para dizer. *Eu sinto falta de você. Vamos voltar.*

Mesmo a uma distância de 5 metros, eu posso ver Hana hesitando. Então ela faz este gesto de agitação com as mãos e grita “Não importa.” Desta vez quando ela vira e não vacila. Ela caminha em linha reta e rapidamente, vira a esquina e está indo.

Mas o que eu posso esperar?

Essa é toda a questão, afinal: não há como voltar atrás.

13

Nos anos antes da cura ser aperfeiçoada, foi oferecido apenas uma base experimental. Os riscos associados a ele eram grandes, no momento em que um em cada cem pacientes sofreu uma perda fatal da função do cérebro após o procedimento.

No entanto, pessoas invadiram os hospitais em número recorde, exigindo ser curado; eles acamparam fora dos laboratórios por dias, na esperança de assegurar um lugar no procedimento.

Esses anos também são conhecidos como Os Anos Milagrosos, *por causa da quantidade de vidas que foram curadas e inteiramente curadas, e o número de almas que foram salvas da doença.*

E se lá teve pessoas que morreram na mesa de operações, eles morreram por uma boa causa, e ninguém pode lamentar por eles...

— De "*Os Anos Milagrosos: A Ciência Inicial da Cura*", *Uma Breve História dos Estados Unidos da América*, por E. D. Thompson, p. 87.

Quando entro em casa está mais quente que o usual: um muro molhado e sufocante de calor. Carol devia estar cozinhando. A casa cheira a carne bem passada e temperos—misturado com o normal cheiro de verão de suor e mofo, é um pouco nauseante. Nas últimas semanas nós temos jantado na varanda: salada de macarrão cru, frios e sanduíches do balcão da deli do meu tio.

Carol coloca sua cabeça para fora da cozinha quando passo. Seu rosto está vermelho e ela sua bastante. Faixas escuras de suor deixaram poças de manchas em sua blusa azul pálido.

"Melhor você se trocar," ela diz. "Rachel e David estarão aqui a qualquer momento."

Eu esqueci completamente que minha irmã e seu marido estavam vindo jantar. Normalmente eu a vejo quatro ou cinco vezes no ano, no máximo. Quando eu era mais nova, sobretudo depois que Rachel mudou-se da casa de Carol, eu costumava contar os dias até o dia que ela viria me ver. Eu acho que não ficou claro sobre o procedimento e o que significou para ela—para mim—para nós. Eu sabia que ela foi salva de Thomas, e da doença, mas foi isso. Acho que pensei que de outra maneira as coisas seriam exatamente as mesmas. Eu pensei que assim que ela viesse me ver, seria como antigamente, ficaríamos apenas de meias para termos uma partida de dança, ou ela iria me puxar em seu colo e começaria a trançar meus cabelos, contando uma de suas histórias—de lugares distantes e bruxas que podiam se transformar em animais.

Mas ela só roçou uma mão sobre minha cabeça quando entrou pela porta, e aplaudiu educadamente quando Carol me fez recitar minha multiplicação e divisão de tabelas.

"Ela está crescida agora," Carol me disse, quando lhe perguntei por que Rachel não gostaria mais de jogar. "Um dia você entenderá."

Depois disso, eu parei de prestar atenção na nota que aparecia a cada poucos meses no calendário da cozinha: Visita da Rachel.

No jantar o grande assunto da conversa foi Brian Scharff—o marido da Rachel, David, trabalha com o amigo do primo de Brian, então David se sente como se fosse um conhecedor da família—e Universidade Regional de Portland, onde eu estarei começando no outono. É a primeira vez na minha vida que estarei numa classe com membros do sexo oposto, mas Rachel disse para não me preocupar.

"Você nem vai notar," ela disse. "Você estará tão ocupada com trabalho e estudando."

"Lá tem escoltas," diz tia Carol. "Todos os estudantes são veteranos." Código para: todos os estudantes estão curados.

Eu penso em Alex e quase digo, *nem todos*.

O jantar se arrasta bem com o passar do toque de recolher. No momento em que minha tia me ajuda a limpar os pratos é quase onze horas, e Rachel e seu marido ainda não fazem menção de ir embora. Tem outra coisa com o qual estou animada: em trinta e seis dias, eu não terei que me preocupar mais com o toque de recolher.

Depois do jantar meu tio e David vão para a varanda. David trouxera dois charutos —baratos, mas ainda assim—e o cheiro da fumaça, doce e vistosa e um pouquinho gordurosa—flutua através das janelas, se misturando com o som de suas vozes, enchendo a casa de uma névoa azul. Rachel e tia Carol permaneceram na sala de jantar, tomando um pouco de um aguado café quente, a cor pálida suja da velha lava louças. Do andar de cima ouço som de correria. Jenny irá importunar Grace até ela se entediar, até ela ir para cama, amarga e descontente, deixando a monotonia e mesmice de outro dia acalmando-a para dormir.

Eu lavo a louça—muito mais do que o normal, uma vez que Carol insistiu em fazer sopa (cenoura quente, que todos nós sufocamos, suando) e uma carne assada passada no alho e aspargos flácidos, provavelmente tirados do fundo da vasilha de vegetais, e alguns biscoitos frios. Estou cheia, e o calor da água de lavar louças nos meus pulsos e cotovelos—junto com o ritmo familiar das conversas, o ruído de passos do andar de cima, a névoa azul da fumaça—me faz ficar bem sonolenta. Carol finalmente se lembrou de perguntar sobre os filhos de Rachel; Rachel falou sobre suas realizações como se estivesse

recitando uma lista que ela acabara de memorizar, e com dificuldade—Sarah já está lendo; Andrew disse sua primeira palavra em apenas treze meses.

"Vistoria, vistoria. Isso é uma vistoria. Por favor, faça como eu mandar e não tente resistir..."

A voz em plena expansão do lado de fora me faz pular. Rachel e Carol pausaram momentaneamente sua conversa, escutando a comoção na rua. Não consigo ouvir David e tio William, também. Até Jenny e Grace pararam de brincar lá em cima.

Há uma interferência irregular vinda da rua; sons de várias e várias botas, estalidos há distância; e essa terrível voz, amplificada pelo megafone: "Isso é uma vistoria. Atenção, isso é uma vistoria. Por favor, esteja pronto com seus documentos de identificação..."

Uma noite de vistoria. Imediatamente penso em Hana e a festa. A sala começa a girar. Eu me estendo, agarrando o balcão.

"Parece muito cedo para uma vistoria," Carol diz suavemente da sala de jantar. "Nós tivemos uma vistoria apenas alguns meses atrás, eu acho."

"18 de fevereiro," Rachel diz. "Eu lembro. David e eu estávamos vindo para cá com as crianças. Houve algum problema com o SVS naquela noite. Nós ficamos na neve por meia hora antes de sermos verificados. Mais tarde Andrew pegou pneumonia por duas semanas." Ela relatou sua história como se estivesse falando algo banal na lavanderia, como se ela tivesse perdido uma meia.

"Já faz tanto tempo assim?" Carol dá de ombros e dá um gole em seu café.

As vozes, os passos, a estática—está tudo chegando perto. O grupo de revistadores se movendo como se fossem um, de casa em casa—às vezes golpeando cada casa em uma rua, às vezes pulando blocos inteiros, às vezes indo a todas as outras. É aleatório. Ou pelo menos, deveria ser aleatório. Certas casas sempre são mais visadas do que as outras.

Mesmo que você não esteja na lista de observação você consegue acabar ficando em pé na neve, como Rachel e seu marido, enquanto os reguladores e a polícia tentam provar sua validez. Ou—pior ainda—enquanto os revistadores entram na sua casa, colocando paredes abaixo, e procurando por sinais de atividades suspeitas. Leis de propriedade privada são suspensas em dias de vistoria. Praticamente todas as leis são suspensas em dias de vistoria.

Nós todos ouvimos histórias horríveis: mulheres grávidas despojadas e sondadas na frente de todos, pessoas jogadas na cadeia por dois ou três anos por somente ter olhado para um policial de forma errada, ou por ter tentado impedir um regulador de entrar em certo cômodo.

"Isso é uma vistoria. Se você está convidado a sair da casa, por favor, tenha certeza de que você possui todos os documentos de identificação nas mãos, incluindo os

documentos de qualquer criança superior a seis meses... Qualquer um que resistir será detido e questionado... Qualquer um que demorar será alterado com obstrução...”

No final da rua. Em seguida, algumas casas de distância... Então, duas casas de distância... Não. No vizinho. Eu ouço o cachorro dos Richardsons latir furiosamente. Em seguida Sr. Richardson, se desculpando. Mais latido—depois alguém (um revistador?) murmura algo, e ouço algumas batidas pesadas e um choramingar, então alguém dizendo, “Você não precisa matar a maldita coisa,” e outro alguém dizendo, “Por que não? Provavelmente tinha pulgas de qualquer maneira.”

Então por um tempo há silêncio: apenas o ocasional tagarelar dos walkie-talkies, alguém recitando números de identificação em um telefone, o embaralhar de papéis.

Em seguida: “Tudo bem, então. Você está limpo.” E os passos recomeçaram.

Por toda indiferença deles, mesmo Rachel e Carol se tensionaram quando os passos vieram seguindo até nossa casa. Eu posso ver Carol pressionando seu copo de café fortemente com os nós dos dedos brancos. Meu coração salta e pula, como um gafanhoto em meu peito.

Mas os passos passam por nós. Rachel deixa escapar um audível sinal de alívio quando ouvimos o peso do regulador parar em uma porta adiante na rua. “Abram... Isso é uma vistoria.”

A xícara de café de Carol faz barulho sobre o pires, me fazendo pular. “Engraçado, não é?” Ela diz, forçando uma risada. “Mesmo que você não tenha feito nada de errado, ainda lhe faz pular.”

Eu sinto uma dor incômoda na minha mão e percebo que ainda estou segurando o balcão como se através dele fosse salvar minha vida. Eu não consigo relaxar, me acalmar, mesmo que os sons dos passos estejam se esvaindo, a voz do megafone mais e mais distorcida, até estar completamente ininteligível. Tudo que eu consigo retratar é um grupo de revistadores—algum dia até cinquenta deles em uma única noite—rodeado em torno de Portland, tudo cercado, em torno dela, como cascata de água de uma banheira de hidromassagem, alcançando qualquer um que consigam achar e acusar de mau comportamento ou desobediência, até mesmo pessoas que não fazem nada.

Em algum lugar lá fora, Hana está dançando, rodopiando, cabelos loiros esvoaçando atrás dela, sorrindo—enquanto ao seu redor garotos estão se aproximando e músicas inapropriadas explodindo através dos alto-falantes. Eu combato um sentimento incrível de náusea. Eu nem quero pensar sobre o que acontecerá com ela—com todos eles—se forem pegos.

Tudo o que eu espero é que ela não tenha ido à festa ainda. Talvez ela tenha demorado a se preparar—bem provável, Hana sempre se atrasa—e ainda estivesse em

casa quando as vistorias começaram. Até mesmo Hana não se aventuraria durante uma vistoria. Seria suicídio.

Mas Angelica Marston e o resto... Cada pessoa lá... Todos que somente queriam ouvir alguma música...

Eu penso sobre o que Alex disse na noite em que eu corri até ele na Roaring Brook Farms: eu vim ouvir música, como todo mundo.

Eu tiro a imagem da minha mente e digo a mim mesmo que não é meu problema. Eu deveria ficar feliz se a festa está sendo revistada e todos se encrencarem. O que eles fazem é perigoso, não só para eles, mas para todos nós: é como a doença se infiltra.

Mas lá no fundo uma parte de mim, a teimosa parte que disse tristeza na minha primeira avaliação, se mantém pressionando e me incomodando. E daí? Diz. Então eles querem ouvir alguma música. Alguma música de verdade—não as musiquinhas bonitinhas que ficam tocando na Serie de Concertos de Portland, todas com ritmos entediantes e notas alegres e brilhantes. Eles não estão fazendo nada de tão ruim.

Então eu me lembro de outra coisa que Alex disse: ninguém machuca ninguém.

Além disso, sempre que há a possibilidade de Hana não sair tarde da noite, e ela está lá fora, obviamente, com os revistadores circulando por perto. Eu aperto os olhos contra o pensamento, e contra o pensamento de dúzias de brilhantes lâminas descendo sobre ela. Se ela não parar na cadeia, ela será direcionada direto para os laboratórios—ela será curada antes do amanhecer, indiferente dos perigos e riscos.

De alguma forma, apesar dos meus pensamentos acelerados e o fato da sala continuar com seu giro frenético, eu consigo limpar todos os pratos. Eu também tomei uma decisão.

Eu tenho que ir. Eu tenho que avisá-la.

Eu tenho que avisar a todos.

No momento em que Rachel e David vão embora e todos estão acomodados em suas camas, já é meia noite. Cada segundo que passa é uma agonia. Eu só espero que o porta-em-porta demore mais do que o habitual, assim terá tempo antes dos revistadores passarem na Deering Highlands. Talvez eles decidam pular Highlands completamente. Dado o fato de que a maioria das casas lá está vaga, sempre há uma possibilidade. Ainda assim, como Deering Highlands costumava ser foco de resistência em Portland, parece duvidoso.

Eu deslizo para fora da cama, não me preocupando com a calça e blusa de dormir, sendo que ambos são pretos. Então ando pelo local no escuro, e mesmo que esteja fazendo mil graus, puxo um preto chapéu de esqui para fora do armário. Não não posso ser pouco cuidadosa essa noite.

Justo quando estou a ponto de abrir a porta do quarto, eu ouço um pequeno barulho atrás de mim, como um miado de um gato. Eu me viro. Grace está sentada na cama, me observando.

Por um segundo ficamos apenas nos encarando. Se Grace fizer barulho, ou pular da cama, ou fazer qualquer coisa, ela acordará Jenny, e então pronto, tudo acabado, arruinado. Estou tentando pensar o que eu posso dizer para tranquilizá-la, tentando montar uma mentira, mas então, milagres dos milagres, ela só se deita novamente e fecha os olhos. E mesmo que esteja escuro, eu posso jurar que vejo um pequeno sorriso em seu rosto.

Eu sinto um rápido alívio. Uma coisa boa sobre o fato de Grace se recusar a falar? Eu sei que ela não falará de mim.

Eu deslizo para a rua sem nenhum problema, até mesmo lembrando de pular o terceiro degrau, que da última vez deixou escapar um terrível rangido, que pensei com certeza que Carol iria acordar.

Depois de todo o barulho e comoção dos revistadores, a rua está estranhamente quieta e silenciosa. Cada única janela está escura, todas as cortinas fechadas, como se as casa tentassem se afastar da rua, ou olhando curiosamente por cima dos ombros. Um pedaço de papel vermelho varre por mim, ventando como o papel que aparece nos filmes de faroeste. Reconheço como uma indicação dos revistadores, uma proclamação preenchida com palavras impossíveis-de-pronunciar explicando a legalidade da suspensão dos direitos de todos por esta noite. Fora isso, poderia se qualquer outra noite— qualquer outra noite silenciosa, morta, comum.

Só que com o vento, apenas vagamente, você pode ouvir o distante murmurar de passos, e um alto gemido como se alguém estivesse chorando. O som é tão tranquilo, você poderia quase confundir com som do oceano e vento. Quase.

Os revistadores seguiram em frente.

Parto rapidamente na direção de Deering Highlands. Estou com muito medo para pegar minha bicicleta. Estou preocupada com o menor reflexo dos remendos sobre as rodas atrair muita atenção. Não consigo pensar sobre o que estou fazendo, não consigo pensar sobre as consequências se eu for apanhada. Eu não sei até aonde vai essa apressada resolução. Eu nunca pensei que teria coragem de sair de casa em noite de vistoria, nem em um milhão de anos.

Eu suponho que Hana estava errada sobre mim. Suponho que eu não sou uma garota assustada todo o tempo.

Estou passando por uma pilha de sacos pretos de lixo pela calçada quando um gemido baixo me para. Eu olho em volta, todo meu corpo em alerta vermelho em um

instante. Nada. O som é retido: um estranho sussurrar que faz os pêlos dos braços ficarem em pé. Então o saco de lixo sob meus pés se movimenta.

Não. Não o saco de lixo. É Riley, o vira-lata preto dos Richardsons.

Eu dou alguns passos em direção a ele. Eu preciso só de uma olhada para saber que ele está morrendo. Ele está completamente revestido com uma substância preta viscosa e reluzente—sangue, eu percebo quando aproximo. Esta é a razão de ter confundido sua pele, no escuro, pela preta superfície lisa do saco plástico. Um de seus olhos está pressionado para a calçada; o outro está aberto. Sua cabeça foi batida com um porrete. Sangue está escorrendo livremente de seu focinho, preto e viscoso.

Penso na voz que ouvi—*Provavelmente tinha pulgas, de qualquer maneira*, disse o revistador—em seguida o som de uma batida rápida.

Riley está me encarando com um olhar fúnebre e acusatório, juro que por um segundo ele se parece um humano tentando dizer algo—tentando dizer: Você fez isso comigo. Uma onda de náuseas me atinge e fico tentada em cair sobre meus joelhos e o acolher nos meus braços, ou tirar minha roupa e começar a absorver o sangue dele. Mas no mesmo momento me sinto paralisada. Não consigo me mover.

Como eu estou em pé, congelando, ele dá uma longa sacudida estremecedora, da cauda até o seu focinho. Então ele fica imóvel.

Instantaneamente meus braços e pernas se descongelam. Tropeço para trás, bile empurrando-se para cima em minha boca. Eu inclino em um círculo completo, sentindo como eu fiz no dia que fiquei bêbada com Hana, totalmente fora de controle do meu corpo. Raiva e nojo estão cortando de mim, me fazendo querer gritar.

Acho uma caixa de papelão achatada encostada atrás de uma lixeira e arrasto para cima do corpo de Riley, o cobrindo completamente. Eu tento não pensar nos insetos que se romperão sobre ele pela manhã. Estou surpresa de sentir pontadas de lágrimas nos meus olhos. Eu as limpo com a parte de trás do meu braço. Mas assim que começo ir em direção a Deering, tudo o que consigo pensar é: Me desculpa, me desculpa, me desculpa, como um mantra, ou uma oração.

Uma coisa boa sobre vistorias: são audíveis. Tudo o que tenho que fazer é pausar nas sombras e ouvir os passos, a estática, pelas vozes no megafone. Eu troco direções, escolho lado das ruas, ruas que foram puladas ou já foram revistadas. Evidências de vistoria estão por toda parte: lixeiras e latas de lixo derrubadas, lixo colhido lado a lado derramado pela rua, montanhas de velhos recipientes e cartas repicadas e legumes em decomposição e pegajoso mau cheiro que nem quero identificar, avisos vermelhos revestindo tudo como um pó. Meus sapatos ficam manchados por caminhar sobre ele, e no pior dos lugares eu tenho que manter meus braços para fora como um equilibrista apenas para me manter em pé. Eu passo por algumas casas marcadas com um grande X preto espirrado através de suas paredes e janelas, como um corte preto. Meu estômago afunda.

As pessoas que vivem nessas casas foram identificadas como causadores de problema ou resistentes. O quente vento assobiando pelas ruas traz sons de gritos e choros, cães latindo. Faço o meu melhor para não pensar em Riley.

Mantenho-me nas sombras, deslizando dentro e fora de becos e pulando de uma lixeira para a próxima. Suor surgindo na base do meu pescoço e em meus braços, e não é somente pelo calor. Tudo parece estranho, grotesco e distorcido, certas ruas reluzentes com o vidro das janelas quebradas, o cheiro de fumaça no ar.

Em um ponto, venho em torno da Forest Avenue exatamente quando um grupo de revistadores vira na esquina do outro lado. Olho em volta, pressionando-me contra a plana parede de uma loja de ferragens e avançando na direção que eu vim. As chances de qualquer revistador ter me avistado são poucas—eu estou a um quarteirão de distância e está escuro como breu—mas ainda assim, meu coração nunca vai voltar ao seu ritmo normal. Sinto como se estivesse num jogo de vídeo game, ou tentando resolver uma equação complicada de matemática. Uma garota está tentando evitar 40 grupos de revistadores com 15-20 pessoas cada, espalhados em um raio de sete quilômetros. Se ela tem que seguir 4,3 Km até o centro, qual a probabilidade dela acordar na manhã seguinte em uma cela de prisão? Por favor, sinta-se livre para arredondar PI para 3,14.

Antes da revista, Deering Highlands era uma agradável parte de Portland. As casas eram grandes e novas—pelo menos para Maine, o que significa que foram construídas nos últimos cem anos—e cobertas com portões e cercas, nas ruas com nomes como Lilac Way e Timber Road. Existem algumas famílias que continuam agarradas em algumas casas, os pobres desafortunados que não podem pagar para ir a qualquer lugar, ou que não obtiveram a permissão para uma nova residência, mas na maioria das vezes é totalmente vazia. Ninguém quer permanecer lá; ninguém quer estar relacionado à oposição.

A coisa mais estranha sobre Deering Highlands é como rapidamente foi abandonada. Há ainda brinquedos enferrujados espalhados entre a grama e carros estacionados em algumas entradas de garagens, embora a maioria deles tenha sido destruída, limpo do metal e plástico, assim como cadáveres eliminados por urubus enormes. Toda a área tem o olhar triste de um animal abandonado: casas caindo aos pedaços no gramado coberto.

Normalmente eu fico apavorada estando apenas nas proximidades de Highlands. Várias pessoas dizem que é má sorte, como passar por um cemitério sem prender a respiração. Mas hoje à noite, quando eu finalmente chegar lá, eu sinto que poderia dançar agitadamente pela calçada. Tudo está escuro, quieto e despreocupado, nenhum único revistador à vista, nem um sussurro de conversa ou vestígios de passos na calçada. Os revistadores não chegaram ainda. Talvez eles nem venham.

Eu acelero rapidamente pelas ruas, pegando o ritmo agora que não tenho que me preocupar tanto em camuflar-me nas sombras e me mover silenciosamente. Deering Highlands é bem grande, um labirinto de ruas sinuosas que todos parecem estranhamente

similares, casas surgindo da escuridão como navios encalhados. Os gramados cresceram ao longo dos anos, as árvores esticando seus galhos retorcidos para o céu e sombras em loucos ziguezagues na calçada enluarada. Perco-me na Lilac Way—de alguma forma eu consegui fazer um círculo completo e acabar acertando o mesmo cruzamento por duas vezes—mas quando eu retorno para a Tanglewild Lane eu vejo uma luz maçante queimar vagamente a distância, atrás de uma massa de árvores confusas, e então sei que encontrei o lugar.

Uma caixa de correio antiga é colocada torta no chão perto da entrada da garagem, um X preto ainda é fracamente visível em um de seus lados. Tanglewild Lane, nº 42.

Eu posso ver o porquê deles terem escolhido esse lugar para a festa. É afastado da estrada, e cercado por todos os lados por árvores tão densas que não posso deixar de pensar nas madeiras escuras sussurrando do outro lado da margem. Passar pela calçada é assustador. Eu mantenho meus olhos focados nas pálidas luzes difusas da casa, que vão se expandindo e iluminando assim que me aproximo, eventualmente separadas por duas janelas. As janelas foram cobertas por algum tipo de pano, talvez para esconder o fato de que há pessoas lá dentro. Não está funcionando. Eu posso ver sombras—pessoas se movendo dentro da casa. A música é muito tranquila. Não é até que eu chego à varanda que os ouço—enfraquecida tensão abafada que parece vibrar acima do piso. Deve haver um porão.

Apresso-me a entrar, mas hesito com a mão estendida na porta da frente, minha palma desliza com suor. Eu não pensei muito em como fazer as pessoas deixarem o local. Se eu apenas começar a gritar sobre a vistoria, irá causar um pânico. Todos irão correr para a rua de uma vez só, e então as chances de voltar pra casa sem ser detectado será zero. Alguém irá ouvir algo; os revistadores irão pegá-los, e então todos nós estaremos ferrados.

Faço uma correção mental. Eles estarão ferrados. Eu não gosto dessas pessoas do outro lado da porta. Não sou um deles.

Mas então penso em Riley estremecendo, sem força. Eu não sou também este tipo de pessoa, que faz aquilo, que fica assistindo aquilo. Nem mesmo os Richardsons se incomodaram em tentar salvá-lo, o próprio cachorro. Eles nem mesmo o cobriram quando estava para morrer.

Nunca faria isso. Nunca, nunca mesmo. Nem mesmo se eu tivesse um milhão de procedimentos. Ele estava vivo. Ele tinha batidas no coração, sangue e respiração, e o deixaram lá como lixo.

Elas. Eu. Nós. Eles. As palavras ricocheteiam na minha cabeça. Eu repuxo minha mão da parte de trás da minha calça e abro a porta.

Hana disse que essa festa seria pequena, mas para mim está mais lotada que a última, talvez porque os cômodos sejam pequenos e totalmente agrupados. Eles são

preenchidos com uma cortina abafada de fumaça de cigarro, que brilha por cima de tudo e faz com que pareça que todo mundo está nadando debaixo d'água. Está mortalmente quente aqui, pelo menos uns dez graus a mais do que lá fora – pessoas se movimentam devagar e enrolam as mangas curtas acima dos ombros, puxam suas calças jeans até o joelho, e onde quer que aja pele, há um brilho cintilante sobre ele. Por um momento eu só consigo ficar parada ali e observar. Eu acho que gostaria de ter uma câmera. Se eu ignorar o fato de que há mãos e mãos tocando corpos enrolados juntos e mil coisas que são terríveis e erradas, posso ver que é até legal.

Então percebo que estou perdendo tempo.

Há uma garota bloqueando meu caminho. Está de costas para mim. Eu a alcanço e coloco uma mão em seu braço. Sua pele é tão quente que queima. Ela vira para mim, rosto vermelho e ruborizado, esticando a cabeça para trás para ouvir.

"É noite de vistoria," eu digo a ela, surpresa que a minha voz tenha saído tão firme.

A música é calma, mas insistente—definitivamente vindo de um porão ou algo do tipo—não tão louco quanto da última vez, mas tão estranho e tão grandioso. Isso me lembra do perigo, coisas pingando, mel e luz do sol e folhas vermelhas rodopiando no vento. Mas a camada de conversas, os rangidos de passos e do piso, torna difícil de ouvir.

"O quê?" Ela arrasta seu cabelo longe da orelha.

Abro a boca para dizer da vistoria, mas em vez da minha voz, a voz de alguém que sai: uma enorme, mecânica voz vindo do lado de fora, uma voz que parece tremer e chacoalhar todos os lados de uma só vez, uma voz que corta através da pele. Ao mesmo tempo a sala começa a girar, um turbilhão de luzes vermelhas e brancas girando mais e mais aterrorizando, rostos atordoados.

"Atenção. É uma vistoria. Não tente fugir. Não tente resistir. Isso é uma vistoria."

Segundos depois, a porta explode para dentro e um holofote tão brilhante como o sol transforma tudo branco e imóvel, tudo gira à poeira e à estátua.

Então eles soltam os cães.

14

Seres humanos, em seu estado natural, são imprevisíveis, erráticos, e infelizes. É apenas quando seus instintos são controlados que eles podem ser responsáveis, confiáveis e satisfatórios.

— O Manual de SSF, *p. 31*

Uma vez vi um noticiário sobre um urso marrom que foi acidentalmente perfurado por seu treinador no circo de Portland durante o treinamento de rotina. Eu era muito nova, mas nunca vou esquecer o jeito que o urso parecia, uma enorme bolha escura, correndo em volta do círculo, com um chapéu de papel vermelho ridículo ainda se debatendo em sua cabeça, rasgando onde quer que possa colocar sua mandíbula em torno de: fitas de papéis, cadeiras dobráveis, balões. Seu treinador também: o urso o espancou, tornando sua face carne de hambúrguer.

A pior parte—a parte que nunca vou esquecer—foi seu rugido em pânico: um horrível, contínuo, enfurecido urrar que de alguma forma parecia humano.

É isso que eu me lembro como os revistadores começam a invadir a casa, surgindo pela porta quebrada, atacando pela janela. É isso que eu penso de como a música é cortada de repente e, em lugar do ar está cheio de latidos, gritos e vidros quebrando, como mãos quentes me empurram para frente e para o lado e eu me surpreendo com um cotovelo em meu queixo e outro em minhas costelas. Lembro-me do urso.

De alguma forma eu avancei no meio da multidão em pânico que está fluindo e lutando para alcançar a parte de trás da casa. Atrás de mim ouço cães estalando duas mandíbulas e revistadores balançando pesados bastões. Pessoas estão gritando—tantas pessoas soando como uma só. Uma garota cai atrás de mim, tropeçando para frente e chega até mim à medida que um dos revistadores a pega pela parte de trás da cabeça com uma repugnante rachadura. Sinto seus dedos apertar momentaneamente no algodão da minha camisa, e eu a empurro e continuo correndo, empurrando, espremendo para frente. Não tenho tempo para me desculpar, e nem para sentir medo. Não tenho tempo para fazer nada além de correr, empurrar, seguir, não consigo pensar em nada, só em escapar, escapar, escapar.

A coisa estranha é que por um momento no meio de todo esse barulho e confusão, eu vejo as coisas super claras, em movimentos lentos, como se estivesse assistindo um filme à distância: vejo um cão de guarda dar um salto para um cara à minha esquerda;

vejo seus joelhos entortar, como ele cai para frente sem o menor ruído, como um sopro ou um suspiro, jorrando sangue de seu pescoço, onde os dentes do cão penetraram. Uma garota com o cabelo loiro brilhante cai sob os bastões dos revistadores, e do jeito que vejo o arco de seu cabelo, por um segundo o meu coração fica totalmente imóvel e eu acho que estou morta; penso que está tudo acabado. Então ela vira a cabeça para o meu lado, gritando, enquanto os revistadores a pegam com spray de pimenta, e vejo que ela não é Hana, e alívio corre através de mim, como uma onda.

Mais fotos instantâneas. Um filme—apenas um filme. Não está acontecendo, nunca poderia estar realmente acontecendo. Um garoto e uma garota brigam para alcançar um dos quartos ao lado, talvez pensando que há uma saída de emergência por lá. A porta é pequena para os dois entrar de uma só vez. Ele está vestindo uma blusa azul que se lê: CONSERVATÓRIO NAVAL DE PORTLAND, e ela têm longos cabelos vermelhos, brilhante como chamas. Apenas cinco minutos atrás eles estavam conversando e rindo juntos, tão perto um do outro que se um deles se inclinasse para frente acidentalmente eles poderiam ter se beijado. Agora eles brigam, mas ela é tão pequena. Ela fecha seus dentes no braço dele como um cachorro, como uma coisa selvagem; ele ruge, esbraveja, a agarra à força pelos ombros, e a golpeia de volta contra a parede, tirando-a do caminho. Ela tropeça, cai, escorrega, tentando levantar-se; um dos revistadores, um enorme homem com o rosto mais vermelho que eu já vi, abaixa, nós dos dedos em torno de seu rabo de cavalo e a puxa a seus pés. Conservatório Naval não vai tão longe também. Dois revistadores o seguem, e à medida que corro, ouço a pancada de seus bastões, o som mutilado de gritos.

Animais, eu penso. Nós somos animais.

Pessoas estão empurrando, agarrando, usando uns aos outros como escudos à medida que os revistadores continuam ganhando, avançando mais e mais, oscilando-nos, os cães em nossos calcanhares, bastões rodopiando tão perto da minha cabeça que consigo sentir o ar soprar ruidosamente em meu pescoço no momento em que a madeira gira, gira perto da parte traseira do meu crânio. Penso na dor lancinante, penso no sangue. A multidão diminuindo ao meu redor à medida que os revistadores avançam. Um por um, pessoas gritam perto de mim—crack!—e desistindo, ficando atirados no chão por três, quatro, cinco cães. Gritos, gritos. Todos gritam.

De alguma forma eu consigo evitar ser apanhada, e ainda estou subindo rapidamente através do caminho estreito, corredores rangendo, passando por um borrão de quartos, um borrão de pessoas e revistadores, mais luzes, mais janelas quebradas, o som dos fundos eleva-se na minha frente—e além dela árvores escuras, a floresta fria e sussurrando atrás da casa. Se eu puder alcançar o lado de fora... se eu puder me esconder das luzes por tempo suficiente...

Ouço um cão latindo atrás de mim, e atrás disso, um bater de passos dos revistadores, aumentando, aumentando, uma voz estridente gritando, “Parada!” e de

repente percebo que estou sozinha no corredor. Quinze passos a mais... Então dez. Se eu puder ficar na escuridão...

Cinco metros da porta e subitamente, dor aguda rasga pela minha perna. O cão tem suas mandíbulas em torno de minha panturrilha, e viro e é quando o vejo, o revistador com a massiva face vermelha, olhos brilhando, sorrindo—oh senhor, ele está sorrindo, ele de fato está gostando disso—bastão levantado, pronto para movimentar. Fecho meus olhos, penso na dor tão grande quanto o oceano, penso num oceano vermelho-sangue. Penso na minha mãe.

E então estou sendo empurrada para o lado, e ouço uma pancada e um gemido, o revistador dizendo, "Merda." O ardor na minha perna para e o peso do cão desaparece, e há um braço ao redor da minha cintura e uma voz no meu ouvido – uma voz tão familiar, nesse momento é como se eu estivesse esperando durante o tempo todo, como se a ouvisse sempre nos meus sonhos—expirando: "Por aqui."

Alex mantém um braço ao meu redor, meio me carregando. Nós estamos em um diferente corredor agora, esse é menor e totalmente vazio. Toda vez que ponho peso sobre minha perna direita a dor inflama novamente, queimando todo o caminho até a minha cabeça. O revistador continua atrás de nós e irritado—Alex deve ter me puxado para a segurança no momento certo, então o revistador reprimiu ao seu cão, ao invés de meu crânio—e sei que devo estar atrapalhando Alex, mas ele não me deixa, nem por um segundo.

"Aqui," ele diz, e então estamos emergindo em outro cômodo. Nós provavelmente estamos em uma parte da casa que não foi usada para a festa. Esse cômodo escuro, embora Alex não para de jeito nenhum, apenas continua através da escuridão. Eu deixo a pressão de seus dedos me guiarem—esquerda, direita, esquerda, direita. Cheira a mofo aqui, e a algo mais—tinta fresca, quase, e alguma fumaça, como se alguém tivesse cozinhado aqui. Mas isso é impossível. Essas casas têm estado vazias por anos.

Atrás de nós o revistador está lutando na escuridão. Ele esbarra contra algo e amaldiçoa. Segundo depois algo se quebra no chão; vidros quebrando; mais maldições. Pelo som da sua voz posso dizer que ele está ficando para trás.

"Suba," Alex murmura tão calmo e tão perto como se eu tivesse imaginado, e bem assim ele está me levantando e percebo que sairei pela janela, sinto a madeira rude do peitoril arranhar contra minhas costas, aterrisso no meu pé bom na macia, úmida grama do lado de fora.

Segundo depois Alex segue sem fazer som, materializando-se ao meu lado no escuro. Através do ar está quente, uma brisa ergueu-se, e enquanto ela varre toda a minha pele, eu poderia chorar de gratidão e alívio.

Mas não estamos salvos ainda—longe disso. A escuridão é uma variável torção viva com caminhos de luzes: lanternas cortadas pela floresta à nossa direita e à esquerda, e em

seu olhar eu vejo figuras que fogem iluminados como fantasmas, congelado por um momento nas vigas. Os gritos continuam alguns poucos metros de distância, alguns tão distantes e desamparados que você poderia confundi-los com outra coisa—com corujas, talvez, assoviando pacificamente em suas árvores. Então Alex pega minha mão e estamos correndo de novo. Cada passo com a perna direita é um tormento cortante. Mordo a parte de dentro da minha bochecha para tentar não chorar, e sinto gosto de sangue.

Caos. Cenas do inferno: holofotes da estrada, sombras caindo, rachar de ossos, vozes quebrando além, dissolvendo-se em silêncio.

"Aqui dentro."

Faço o que ele diz sem hesitar. Um galpão de madeira minúsculo aparece milagrosamente no escuro. Está caindo aos pedaços, e cheio de musgos e trepadeiras que, mesmo a uma distância de metros parecia ser um emaranhado de arbustos e árvores. Tenho que parar para entrar, e quando o faço sinto o cheiro forte de urina de animal e cachorro molhado e quase começo a vomitar. Alex vem atrás de mim e chuta a porta. Ouço um ruído e o vejo ajoelhado, enchendo um cobertor no espaço entre a porta e o chão. O cobertor deve ser a fonte do cheiro. É absolutamente fedorento.

"Deus," sussurro, a primeira coisa que digo a ele, cobrindo minha boca e nariz com a mão.

"Dessa forma, os cães não vão pegar nosso cheiro," ele sussurra de volta com naturalidade.

Nunca conheci uma pessoa tão calma na minha vida. Eu acho que talvez as histórias que eu ouvi quando era pequena eram verdade, talvez os Inválidos realmente sejam monstros, aberrações.

Então eu me sinto envergonhada. Ele acabou de salvar minha vida.

Ele salvou minha vida—dos revistadores. Das pessoas que supostamente deveriam nos proteger e nos manter seguras. Das pessoas que supostamente deveriam nos manter seguras de pessoas como Alex.

Nada mais faz sentido. Minha cabeça está girando e me sinto tonta. Eu tropeço, colidindo contra a parede atrás de mim, e Alex me alcança para me segurar.

"Senta," diz no mesmo tom de voz que vem usando todo esse tempo. É confortável de ouvir a sua baixa, forte voz, ao invés de me deixar ir. Eu me abaixo até o chão. O chão é úmido e áspero debaixo de mim. A lua deve ter sido interrompida pelas nuvens; buracos nas paredes e teto deixam o lugar com um pouco de luz prateada. Consigo apenas inclinar-me um pouco adiante da cabeça de Alex, um amontoado de latas—tintas, talvez—empilhados em um canto. Agora que Alex e eu estamos sentados praticamente não há espaço sobrando para se mover—toda a estrutura tem alguns metros de largura.

"Vou dar uma olhada na sua perna agora, ok?" ele continua a sussurrar. Concordo com a cabeça. Mesmo estando sentada, a tontura não diminui.

Ele senta-se de joelhos e coloca minha perna em seu colo. Não é até ele começar a levantar a perna da minha calça que sinto quão molhada está o tecido contra minha perna. Devo estar sangrando. Mordo meu lábio e pressiono minhas costas com força contra a parede, esperando doer, mas o toque de suas mãos contra minha pele—calma e forte—de alguma forma amortece tudo, deslizando sobre a dor como um eclipse absorvendo a lua na escuridão.

Uma vez que ele enrola minha calça até o joelho, ele me inclina gentilmente, para poder ver minha panturrilha. Eu inclino sobre um cotovelo no chão, sentindo o lugar vacilar. Eu devo estar sangrando muito.

Ele exala forte, um som rápido entre seus dentes.

"É ruim?" digo, com muito medo para olhar.

"Quieta," diz. E sei que é ruim, mas ele não vai me dizer isso, e nesse momento eu sou tão invadida de gratidão por ele e ódio pelas pessoas lá fora—caçadores, primitivos, com seus dentes afiados e pesados bastões—sinto falta de ar e tenho que me esforçar para respirar.

Alex chega a um canto do galpão sem remover minha perna de seu colo. Ele brinca com algum tipo de caixa aberta, rangendo algum fecho de metal a abrindo. Segundos depois ele está pairando sobre minha perna com uma garrafa.

"Isso vai arder por um momento," diz. Líquido respinga em minha pele, e o cheiro austero de álcool faz minhas narinas alagar-se. Chamas golpeiam minha perna e eu quase grito. Alex estica a mão e sem pensar a agarro e aperto.

"O que é isso?" eu forço através dos dentes cerrados.

"Álcool esterilizante," diz. "Previne contra infecções."

"Como você sabia que estava aqui?" pergunto, mas ele não responde.

Ele tira sua mão da minha e percebo que a agarrava com força. Mas não tenho energia para ficar envergonhada ou com medo: o lugar parece estar pulsando, uma escuridão crescente meio imprecisa.

"Merda," Alex murmura. "Você está realmente sangrando."

"Não dói tanto," sussurro, o que é uma mentira. Mas ele é tão tranquilo, então ao mesmo tempo, me faz querer agir tão corajosa também.

Tudo tem tido uma qualidade estranha e distante—os sons da correria e gritos do lado de fora ficam distorcidos e estranhos como se eles estivessem sendo filtrados através

da água, e Alex parece distante. Começo a pensar que talvez eu esteja sonhando ou prestes a desmaiar.

E então decido que estou definitivamente sonhando, porque enquanto estou olhando, Alex está tirando a camisa sobre sua cabeça.

O que você está fazendo? Quase grito. Alex termina balançando a camisa solta e começa rasgando o tecido em tiras longas, atirando um olhar nervoso para a porta e faz uma pausa toda vez que vai rasgar o pano.

Eu nunca, em toda minha vida, vi um cara sem camisa, exceto quando criança ou à distância na praia, quando eu tinha muito receio de olhar por temer em me meter em encrenca.

Agora não consigo parar de encarar. A luz da lua apenas toca suas omoplatas de modo que elas brilham levemente, como pontas de asa, como figuras de anjos que vi em livros didáticos. Ele é magro, mas musculoso, também: quando ele se move eu posso fazer as linhas de seus braços e peito, tão estranhamente, incrivelmente, maravilhosamente diferente de uma garota, um corpo que me faz pensar em sair correndo e estar no calor e suando. Calor começa a pulsar através de mim, sentimento batendo como mil minúsculos pássaros que foram soltos em meu peito. Não tenho certeza se isso é por causa do sangramento, mas o lugar parece estar girando tão rápido que estamos em perigo de saltar para fora, ambos, sermos jogado fora para a noite. Antes, Alex parecia distante. Agora o lugar está cheio dele: ele está tão perto que não consigo respirar, mover, falar ou pensar. Cada vez que ele me toca de leve com os dedos, o tempo parece oscilar por um segundo, como se corresse risco de dissolução. O mundo inteiro está dissolvendo, eu decido. Exceto nós. Nós.

"Ei," ele se aproxima e toca meu ombro, só por um segundo, mas nesse segundo meu corpo contrai nesse ponto específico da pressão de seus dedos, e ilumina com o calor. Nunca me senti desse jeito, tão calma e serena. Talvez eu esteja morrendo. Por alguma razão, a ideia não me chateia. Na verdade, parece até engraçado. "Você está bem?"

"Bem," começo a rir suavemente. "Você está pelado."

"O quê?" mesmo no escuro posso ver que ele está inclinando sobre mim.

"Eu nunca vi um garoto desse—desse jeito. Sem camisa. Não de perto."

Ele começa a envolver os pedaços da camisa em torno de minha perna com cuidado, amarrando apertado. "O cachorro a pegou de jeito," diz. "Mas isso deve parar o sangramento."

A frase para o sangramento soa clínica e assustadora que me desperta e me ajuda a não perder o foco. Alex termina de amarrar o curativo improvisado. Agora, a dor lancinante na perna, foi substituída por uma sombria, pulsante pressão.

Alex levanta minha perna com cuidado para fora de seu colo e descansa no chão. "Está bem?" diz, e eu concordo com a cabeça. Então ele se aproxima, recostando-se contra a parede, como eu estou, e então estamos sentados lado a lado, braços quase tocando. Posso sentir o calor vindo de sua pele nua, e isso me faz sentir quente. Fecho os olhos e tento não pensar no quão próximo estamos, ou como isso me faz querer deslizar minhas mãos por sobre seus ombros e peito.

Do lado de fora, os sons dos revistadores ficam mais e mais distantes, os gritos diminuem, as vozes ficam mais fracas. Os revistadores devem estar indo embora. Faço uma silenciosa oração para que Hana tenha conseguido fugir; a possibilidade dela não ter conseguido escapar é tão terrível para contemplar.

Ainda assim, Alex e eu não nos movemos. Estou tão cansada, sinto que posso dormir para sempre. Casa parece impossível, incompreensivelmente longe, e não vejo como posso fazer para voltar.

Alex começa a falar tudo de uma vez, sua voz uma corrida, urgente e baixa: "Escuta Lena. O que aconteceu na praia—eu realmente sinto muito. Deveria ter lhe falado antes, eu não queria assustá-la."

"Você não precisa explicar nada," digo.

"Mas eu quero explicar. Eu quero que você saiba que eu não queria..."

"Escuta," eu o corto. "Eu não vou contar a ninguém, tá bom? Não vou colocá-lo em problemas, ou algo do tipo."

Ele pausa. Sinto que ele fica me encarando, mas mantenho meus olhos fixados na escuridão a nossa frente.

"Não me importo com isso," ele diz baixo. Outra pausa, e então: "Só não quero que você me odeie."

De novo o quarto parece encolher, fechando ao nosso redor. Posso sentir seus olhos em mim como uma quente pressão de um toque, mas estou com muito medo de olhar para ele. Estou com medo de que se eu fizer isso, eu me perca no seu olhar, esquecer todas as coisas que eu tenho a dizer. Lá fora, as árvores caem num silêncio. Os revistadores devem ter ido embora. Segundos depois os grilos começam a cantar ao mesmo tempo, um gorjear gutural, um imenso crescente som.

"Por que você se importa?" digo, apenas um sussurro.

"Já lhe disse," sussurra de volta. Eu posso sentir sua respiração fazer cócegas justo na parte de trás da minha orelha, fazendo triscar seu cabelo no meu pescoço. "Eu gosto de você."

"Você não me conhece," digo rapidamente.

"Mas eu quero, no entanto."

O quarto está girando mais e mais rápido. Pressiono-me mais firmemente contra a parede, tentando me equilibrar contra a sensação do movimento vertiginoso. É impossível: ele tem resposta pra tudo. É tão rápido. Dever ser alguma brincadeira. Pressiono as palmas das mãos contra o chão úmido, levando conforto à solidez da madeira bruta.

"Por que eu?" não queria perguntar isso, mas as palavras simplesmente saíram. "Sou ninguém..." eu quero dizer, sou ninguém especial, mas as palavras secaram na minha boca. Isso é o que eu imagino, como a sensação de subir ao topo de uma montanha, onde você pode inspirar e inspirar e inspirar e ainda sentir que você não pode tomar fôlego.

Alex não responde e percebo que ele não tem uma resposta, justo como suspeitei— não há razão para isso de alguma maneira. Ele me escolheu ao acaso, como uma brincadeira, ou porque ele sabia que ficaria com medo de dizer algo sobre ele.

Mas então ele começa a falar. Sua história é tão rápida e fluida, que você pode dizer que ele tem pensado muito sobre isso, o tipo de história que você conta várias vezes para você mesmo até encontrar o melhor jeito de dizer. "Eu não nasci nas Terras Selvagens. Minha mãe morreu logo em seguida, meu pai está morto. Nunca soube que tinha um filho. Eu vivi por lá durante uma parte da minha vida, fiquei mudando de lugar. Todos os outros"—ele hesita um pouco, e eu posso ouvir a careta em sua voz—"Inválidos cuidaram de mim, juntos. Como uma coisa de comunidade."

Lá fora, os grilos param suas canções temporariamente. Por um momento é como se nada de ruim tivesse acontecido, como se nada mesmo tivesse acontecido nessa noite lá fora—apenas mais uma noite de verão quente e preguiçosa, esperando pela manhã aparecer mais uma vez. Pontadas de dor passam por mim nesse momento, mas não tem nada a ver com a minha perna. Percebo como tudo é pequeno, todo o nosso mundo, tudo com significado—nossas lojas e nossas vistorias e os nossos empregos e até nossas vidas. Entretanto o mundo segue sendo o mesmo sempre, noite tornando-se dia e voltando para a noite, um círculo sem fim; temporadas de mudanças e reformas como um monstro sacudindo sua pele e crescendo novamente.

Alex continua a falar. "Vim para Portland quando eu tinha dez anos, para juntar-me à resistência aqui. Não vou dizer como. Foi complicado. Adquiri um número de identificação; adquiri um novo sobrenome, um novo endereço. Há mais de nós do que você imagina—Inválidos, e simpatizantes, também—mais de nós do que sabem. Nós temos pessoas na polícia, e em todos os departamentos municipais. Nós temos pessoas nos laboratórios, também."

Arrepios avançam por todo o meu braço, quando ele diz isso.

"Meu ponto é que há possíveis modos de entrar e sair. Difícil, mas possível. Mudei para cá com dois estranhos— ambos simpatizantes—e me mandaram chamá-los de tio e

tia." Ele encolhe os ombros levemente ao meu lado. "Não me importei. Eu nunca conheci meus verdadeiros pais, e eu fui criado por dezenas de tios e tias diferentes. Não fazia diferença pra mim."

Sua voz fica super silenciosa, e parece que praticamente esquece que estou aqui. Não sei até onde exatamente esta história vai, mas prendo a respiração, com receio de sequer exalar, ele não termina de falar.

"Eu odeio isso aqui. Odeio tanto que você nem imagina. Todos esses prédios e pessoas parecendo tão atormentadas, e os cheiros e a proximidade de tudo e as regras—regras em todos os lugares que você está, regras e muros. Não estava acostumado a isso. Sentia que estava em uma jaula. Nós estamos em uma jaula: uma jaula com fronteiras."

Um pequeno choque pulsa através de mim. Em todos esses dezessete anos e onze meses da minha vida eu nunca, nenhuma vez, pensei dessa forma. Estive tão acostumada a pensar que as fronteiras estão nos prevenindo, que não considerei que elas também estão nos encurralando. Agora enxergo isso através da visão de Alex, vejo como deve ter sido para ele.

"No início, fiquei furioso. Costumava colocar fogo nas coisas. Papéis, manuais, livros de instruções para iniciantes na escola. Fazia me sentir melhor de algum jeito." Ri suavemente. "Eu até queimei minha cópia do Manual de SSF."

Outro choque pulsa através de mim: desfigurar ou destruir o Manual de SSF é um sacrilégio.

"Costumava andar ao longo da fronteira por horas todos os dias. Algumas vezes chorava," ele se contorce ao meu lado, e posso dizer que ele está envergonhado. É o primeiro sinal que ele deu a algum tempo que sabe que estou aqui, que ele está conversando comigo e o desejo de alcançar e agarrar a sua mão, para apertá-la ou dar-lhe algum tipo de garantia, é quase irresistível. Mas mantenho as mãos coladas no chão. "Depois de um tempo, no entanto, gostava simplesmente de caminhar. Gostava de observar os pássaros. Eles decolavam do nosso lado e pairavam nas florestas, tão facilmente quanto qualquer coisa. Para frente e para a trás, para frente e para a trás, levantando e enrolando-se através do ar. Poderia os observar por horas e horas. Livres: eles são todos livres. Pensava que nada nem ninguém fosse livre em Portland, mas estava enganado. Sempre existiram os pássaros."

Ele se silencia por um tempo, e penso que talvez ele tenha terminado sua história. Pergunto se ele esqueceu quanto à minha pergunta original—Por que eu?—mas estou muito envergonhada para lembrá-lo, então apenas fico sentada lá e o imagino pairando na fronteira, imóvel, observando os pássaros lançarem-se sobre sua cabeça. Isso me acalma.

Depois do que parece uma eternidade ele volta a falar, dessa vez numa voz tão fraca que tenho que me aproximar para poder ouvir. "A primeira vez que a vi, no Governador, não via os pássaros na fronteira há anos. Mas isso é o que você me fez

relembrar. Você pulava, e você gritava algo, e seu cabelo soltava do rabo de cavalo, e você era tão rápida...” Ele balança a cabeça. “Apenas um flash, e então você desapareceu. Exatamente como um pássaro.”

Eu não sei como—não tinha intenção de me mover e nem percebi que me movi—mas de alguma forma acabamos rosto-a-rosto no escuro, apenas alguns centímetros nos separando.

“Todo mundo está dormindo. Eles estiveram adormecidos durante anos. Você parecia... acordada,” Alex sussurrava agora. Fecha os olhos e os abre de novo. “Estou cansado de ficar dormindo.”

Meu interior está ascendendo e vibrando como se tivessem feito o que ele disse e transformando-se em vários lançados pássaros. O resto do meu corpo parece boiar nas correntes enormes de calor, como se um vento quente estivesse empurrando através de mim, quebrando-se a parte, me virando para o ar.

Isso é errado, uma voz interior me informa, mas não é minha voz. É alguém—alguma combinação da minha tia, e Rachel, e todos os meus professores, e o energético avaliador que pediu a maioria das perguntas pela segunda vez.

Solto um alto grunhido, “Não,” mesmo que outra palavra esteja crescendo e elevando-se dentro de mim, borbulhando como água fresca surgindo a partir da terra. Sim, sim, sim.

“Por quê?” ele apenas sussurra. Suas mãos encontram meu rosto, as pontas dos dedos mal deslizando pela minha testa, no topo de minhas orelhas, as cavidades do meu rosto. Todo lugar que ele toca esquenta. Meu corpo inteiro está pegando fogo, nós dois nos tornando pontos iguais na mesma chama branca acesa. “Do que você tem medo?”

“Você tem que entender. Eu só quero ser feliz.” Mal consigo dizer as palavras. Minha mente é uma neblina, cheia de fumaça—nada mais existe além dos seus dedos dançando e rolando através da minha pele, através de meu cabelo. Gostaria que parasse. Quero que isso continue para sempre. “Eu só quero ser normal, como todo mundo.”

“Você tem certeza que sendo como todo mundo vai fazer você feliz?” Um simples sussurro; sua respiração em minha orelha e pescoço, sua boca arranhando minha pele. E penso que eu realmente estou morta. Talvez o cachorro me mordeu e eu bati a cabeça, e tudo isso é somente um sonho—o resto do mundo dissolvido. Somente eu. Somente nós.

“Não sei outra maneira de ser feliz.” Sinto minha boca abrir, não sinto as palavras vindo, mas estão lá, flutuando na escuridão.

Ele diz, “Me deixa te mostrar.”

E então estamos nos beijando. Ou pelo menos, eu acho que estamos—eu só vi isso acontecer algumas vezes, rápido encostar de bocas fechadas em casamentos ou ocasiões

formais. Mas isso não é nada parecido com o que eu vi, ou imaginei, ou até mesmo sonhei: parecido com música e dança, mas bem melhor que ambos. Sua boca faz uma pequena abertura então faço o mesmo. Seus lábios são macios, a mesma pressão macia como a discreta voz insistente na minha cabeça que continua a dizer sim.

O calor só está crescendo dentro de mim, ondas de luz crescendo e rompendo e fazendo-me sentir como se eu estivesse flutuando. Seus dedos entrelaçam em meu cabelo, agarrando meu pescoço e minhas costas, deslizando sobre meus ombros, e sem pensar ou querer, minhas mãos encontram seu peito, sentindo o calor de sua pele, os ossos de seus ombros como pontas de asas, o arco de seu maxilar, mal barbeado, com pêlos—todo estranho e desconhecido e gloriosamente, deliciosamente novo. Meu coração está batendo tão forte, que chega a doer, mas é um tipo bom de dor, como o sentimento que você sente no primeiro dia de um verdadeiro outono, quando o ar é fresco e as folhas são todas queimadas nas bordas e o vento cheira a fumaça—como o fim e o começo de algo de uma vez só. Sob a minha mão eu juro que posso sentir seu coração batendo forte como resposta, um eco imediato do meu, como se nossos corpos estivessem falando um com o outro.

E de repente é tudo tão ridículo e estupidamente claro que sinto vontade de rir. Isto é o que eu quero. Esta é a única coisa que eu sempre quis. Todo o resto—cada segundo de cada dia que veio antes desse momento—não significa nada.

Quando ele finalmente se afasta é como um lençol caindo sobre o meu cérebro, acalmando todos os meus pensamentos com perguntas zunindo, enchendo-me com uma calma e felicidade como a neve profunda e fria. A única palavra restante é sim. Sim para tudo.

Eu realmente gosto de você, Lena. Você acredita em mim agora?

Sim.

Posso levá-la para casa?

Sim.

Posso vê-la amanhã?

Sim, sim, sim.

As ruas estão vazias agora. A cidade inteira em silêncio e calma. A cidade inteira deve ter se tornado nada, queimando enquanto estávamos no galpão, e eu não teria notado ou me importado. A caminhada até em casa é coberto em penugem, um sonho. Ele segura minha mão todo o caminho e paramos para nos beijar duas vezes na mais longa, profunda sombra que conseguimos encontrar. Nas duas vezes eu desejo que as sombras fossem sólidas, tenha peso, e que nos acolhesse ao nosso redor e nos deixasse lá para ficarmos assim para sempre, peito com peito, lábios com lábios. Nas duas vezes sinto meu peito se prender quando ele se afasta e pega minha mão e nós temos que voltar a andar

novamente, não beijar, como de repente eu só posso respirar corretamente quando estamos nos beijando.

De alguma forma—muito cedo—estou em casa, e sussurrando "até logo" a ele e sentindo seus lábios roçar nos meus uma última vez, leve como o vento.

Então estou tentando entrar na casa, subir as escadas e ir para o quarto, e não é até eu estar deitada na cama por um longo tempo, sinto calafrios, dor, já sentindo falta de Alex, que eu percebo que minha tia e meus professores e os cientistas estão certos sobre o deliria. Enquanto eu estou lá deitada com a dor caminhando pelo meu peito e o doente, ansioso sentimento agitando através de mim e o desejo por Alex tão forte em mim é como uma lâmina debruçando seu caminho através de meus órgãos, rasgando-me, tudo o que posso pensar é: vai me matar, vai me matar, vai me matar. E eu não me importo.

15

Por último Deus criou Adão e Eva, para viverem juntos e felizes como marido e mulher: eternos parceiros. Eles viveram pacificamente por anos em um lindo jardim cheio de altas e grandes árvores, que cresciam em organizadas fileiras, e animais muito bem vindos que serviam como animais de estimação. Suas mentes eram tão claras e puras quanto o pálido e límpido céu que se erguia sobre suas cabeças. Eles não eram atingidos pelas doenças, dores ou desejos. Eles não sonhavam. Eles não faziam perguntas. Todas as manhãs eles acordavam tão novos quanto recém-nascidos. Tudo era sempre igual, mas sempre parecia novo e bom.

— De Gênesis: *A História Completa do Mundo e do Universo*, por Steven Horace, PhD, Universidade de Harvard.

No dia seguinte, um sábado, acordo pensando em Alex. Então tento me levantar, mas a dor corre por minha perna. Erguendo o meu pijama, vejo uma pequena mancha de sangue que passou pela camiseta que Alex havia prendido ao redor da minha panturrilha. Sei que eu devia lavar aquilo, ou mudar o curativo ou algo assim, mas estava com muito medo de ver quão ruim o machucado estava. Os detalhes da festa—sobre gritos e empurrões, cachorros e bastões girando pelos ares mortalmente—voltam a me inundar, e por um momento tenho certeza de que ficaria doente. Então a vertigem diminui e eu penso em Hana.

Nosso telefone fica na cozinha. Minha tia está na pia, lavando as louças, e me dá um pequeno olhar de surpresa quando desço as escadas. Pude vislumbrar um pouco de mim no espelho do corredor. Minha aparência é terrível—cabelo grudado por toda a minha cabeça, grandes bolsas embaixo dos meus olhos—e isso me atinge de forma que eu não posso acreditar que alguém alguma vez pôde me achar bonita.

Mas alguém acha. Pensar em Alex faz um brilho dourado se espalhar por mim.

"Melhor se apressar," Carol diz. "Você vai se atrasar para o trabalho. Estava indo acordar você."

"Tenho que ligar para Hana," digo. Estico a corda o mais longe possível que ela alcança e entro na despensa, então pelo menos posso ter um pouco de privacidade.

Tento a casa de Hana primeiro. Um, dois, três, quatro, cinco toques. Então a secretária eletrônica responde. "Você ligou para a residência Tate. Por favor, deixe uma mensagem com menos de dois minutos…"

Desligo rapidamente. Meus dedos começam a tremer, e tenho dificuldade em digitar o número do celular de Hana. Direto na caixa postal.

Sua mensagem é exatamente a mesma de sempre ("Hey, desculpe, não pude atender ao telefone. Ou talvez eu não sinta muito por não atender ao telefone—depende de quem está ligando") sua voz vem confusa, borbulhando por uma risada suprimida. Ouvir isso—a normalidade disso—depois da noite anterior me dá um choque, como se, de repente, estivesse sonhando estar de volta em um lugar que há muito não pensava. Lembro-me do dia em que ela gravou isso. Foi depois da escola e nós estávamos no quarto dela, e ela fez um milhão de tentativas antes de se sentir satisfeita com essa. Eu estava entediada e espancava um travesseiro sempre que ela queria tentar mais uma vez.

"Hana, você precisa me ligar," eu digo ao telefone, mantendo minha voz o mais baixa possível. Estou muito consciente de que minha tia está ouvindo. "Estou trabalhando hoje. Você pode me encontrar na loja."

Desligo, sentindo-me insatisfeita e culpada. Enquanto estava no galpão com Alex na noite passada, ela pode ter se machucado ou estar com problemas; eu devia ter feito mais para encontrá-la.

"Lena," minha tia me chama de volta na cozinha, justo quando eu estou prestes a subir para me arrumar.

"Sim?"

Ela se aproxima alguns passos. Algo em sua expressão me deixa ansiosa.

"Você está mancando?" ela pergunta. Estive tentando o máximo possível para andar normalmente.

Desvio o olhar. É mais fácil mentir quando não estou encarando-a nos olhos. "Acho que não."

"Não minta para mim." A voz dela se torna fria. "Você pensa que eu não sei do que isso se trata, mas eu sei." Por um terrível segundo penso que ela vai me pedir para erguer a calça do meu pijama, ou me dizer que ela sabe sobre a festa. Mas então ela diz, "Você esteve correndo novamente, não esteve? Mesmo quando eu disse para você não fazer mais isso."

"Só uma vez," deixo escapar, aliviada. "Acho que eu devo ter torcido meu tornozelo."

Carol balança a cabeça e parece desapontada. "Honestamente, Lena. Eu não sei quando você começou a me desobedecer. Pensei que você, de todas as pessoas..." Ela para. "Oh, bem. Só cinco semanas, certo? Então tudo isso vai estar consertado."

"Certo." Me forço a sorrir.

Por toda a manhã, oscilo entre me preocupar com Hana e pensar em Alex. Passo duas vezes o troco errado aos clientes, e tive de chamar por Jed, o gerente do meu tio, para vir e consertar. Então derrubo uma prateleira inteira de molhos congelados, e rotulo errado uma dúzia de queijos cottage. Graças a Deus meu tio não está na loja hoje; ele está fora fazendo entregas, então somos só Jed e eu.

E Jed dificilmente olha para mim ou fala comigo, exceto por grunhidos, então tenho certeza de que ele não vai noticiar que eu de repente me transformei numa bagunça desastrada e incompetente.

Sei parte do problema, claro. A desorientação, a distração, a dificuldade de manter o foco—todos clássicos sinais da Fase Um de deliria. Mas eu não me importo. Se pneumonia fosse bom eu ficaria parada do lado de fora, na neve no inverno com os pés descalços e sem casaco, ou entraria no hospital e beijaria pacientes com pneumonia.

Disse a Alex sobre minha grade de trabalho e nós combinamos de nos encontrar em Back Cove logo após o meu turno, às seis. Os minutos rastejaram em direção ao meio dia. Juro que nunca vi o tempo passar tão devagar. É como se cada segundo precisasse ser encorajado para passar para o próximo. Continuei desejando que o relógio corresse mais rápido, mas ele deliberadamente parecia estar resistindo a mim. Vi uma cliente pondo o nariz no minúsculo corredor de (mais ou menos) frescos produtos; olho para o relógio; olho de volta para a cliente; olho de volta para o relógio—e o ponteiro dos segundos ainda não se moveu. Tenho esse terrível medo de que o tempo pare por completo, enquanto essa mulher tem seu dedo mindinho enfiado no nariz, bem em frente da bandeja de alfaces.

Ao meio dia eu tiro um intervalo de cinquenta minutos, vou para fora e sento na calçada, dou algumas mordidas em um sanduíche, mesmo não estando com fome. A antecipação por ver Alex está novamente mexendo com o meu apetite. Outro sinal de deliria.

Pode vir.

À uma hora, Jed começa a reorganizar as prateleiras, e eu ainda estou presa atrás do balcão. Está terrivelmente quente, e tem uma mosca presa na loja que fica zumbindo ao redor e esbarrando na prateleira pendente sobre a minha cabeça, onde nós deixamos algumas caixas de cigarros e garrafas de Mylanta[8], e coisas como essas. O zumbido da mosca, o pequeno zumbido do ventilador atrás de mim, e o calor, tudo me faz querer dormir. Se eu pudesse, eu deitaria minha cabeça no balcão e sonharia, sonharia, e sonharia. Poderia sonhar que estava de volta ao galpão com Alex. Sonharia com a firmeza de seu peito pressionado contra o meu, e a força de suas mãos e sua voz falando, "Me deixe mostrar a você."

O sino sobre a porta chia uma vez e me tira de meu devaneio.

[8] Remédio para azia.

E ali está ele, andando através do corredor com as mãos enfiadas nos bolsos de sua bermuda rasgada, e seu cabelo está espetado para cima, todo louco sobre sua cabeça, como se sua cabeça fosse realmente feita de folhas e galhos.

Alex.

Quase caio do banco.

Ele me dá um sorriso lateral rápido e então começa a andar lentamente pelo corredor, pegando coisas aleatórias—como um saco de bacon e uma lata de sopa de couve flor realmente nojenta—e faz exagerados barulhos de interesse, como "isso parece delicioso" por isso faço tudo que posso para não começar a rir. Ele tem que passar por Jed em algum ponto—os corredores na loja são bem apertados, e Jed não é exatamente alguém magro—e quando Jed mal olha para ele, uma emoção corre através de mim. Ele não sabe. Ele não sabe que eu ainda posso sentir o gosto dos lábios de Alex contra os meus, ainda posso sentir sua mão deslizando sobre meus ombros.

Pela primeira vez na minha vida fiz algo por mim e por escolha minha, e não porque alguém me disse que era bom ou ruim. Enquanto Alex anda através da loja, penso que há uma linha invisível nos mantendo juntos, e de algum modo isso me faz sentir mais forte que antes.

Finalmente Alex vem ao balcão com um pacote de chiclete, um pacote de batata frita e uma cerveja de raiz[9].

"Isso é tudo?" eu digo, cuidando para manter minha voz firme. Mas posso sentir minhas bochechas corando. Seus olhos estão incríveis hoje, quase ouro puro.

Ele assente. "Isso é tudo."

Pego suas coisas, minhas mãos tremendo, desesperada por dizer algo mais para ele, mas preocupada que Jed possa ouvir. No momento outro cliente entra na loja, um homem mais velho que tem o olhar de regulador. Então eu faço a conta do troco de Alex o mais lenta e cuidadosamente que eu possa, tentando mantê-lo erguido a minha frente por todo tempo que for possível.

Mas há apenas alguns poucos modos que você pode contar o troco para uma nota de cinco dólares. Eventualmente eu passo o troco para ele. Nossas mãos se tocam quando coloco as notas sobre seu palmo, e um choque de eletricidade percorre através de mim. Quero agarrá-lo, colocá-lo diante de mim, beijá-lo bem ali.

"Tenha um bom dia." Minha voz soa alta, estrangulada. Estou surpresa por conseguir pronunciar as palavras.

[9] Tipo de refrigerante.

"Oh, eu terei." Ele me dá seu incrível sorriso torto antes de se virar para a porta. "Estou indo para o Cove."

E então ele se foi, girando para a rua. Tento olhá-lo indo, mas o sol me cega logo que ele está fora da porta e ele se transforma em uma picante sombra borrada, tremeluzindo e desaparecendo.

Não posso suportar. Odeio pensar nele andando pelas ruas, ficando cada vez mais longe. E eu tenho mais cinco horas de trabalho antes de supostamente ir encontrá-lo. Nunca vou conseguir isso. Antes que eu possa pensar sobre o que estou fazendo, saio do balcão, tirando o avental que estive usando desde que tive de lidar com um vazamento em um dos canos do freezer.

"Jed, cuide do caixa por um segundo, ok?" Eu chamo.

Ele pisca para mim, confuso. "Onde você está indo?"

"O cliente," digo. "Dei o troco errado para ele."

"Mas..." Jed começa a dizer. Não paro para ouvir suas objeções. De qualquer modo, posso imaginar o que ele vai me dizer. Mas você contou o troco dele por cinco minutos. Oh bem. Então Jed vai pensar que eu sou estúpida. Posso viver com isso.

Abaixo na rua, Alex está parado na esquina, esperando que um caminhão da cidade que está passando.

"Hey!" Eu grito, e ele se vira. Uma mulher empurrando um carrinho de bebê do outro lado da rua também para, ergue a mão para cobrir os olhos, e segue meu progresso descendo a rua. Estou indo o mais rápido que posso, mas a dor em minha perna faz com que fique difícil. Posso sentir o olhar da mulher percorrendo meu corpo de cima a baixo, como uma série de agulhadas.

"Dei o troco errado para você," o chamo novamente, mesmo estando perto o suficiente dele para falar normalmente. Esperançosamente isso vai afastar a mulher das minhas costas. Mas ela continua nos olhando.

"Você não deveria ter vindo," sussurro, quando o alcanço. Finjo por algo em sua mão. "Disse a você que nos encontraríamos mais tarde."

Ele move a mão facilmente para o bolso, pegando perfeitamente nossa pequena charada, e sussurra de volta. "Não podia esperar."

Alex mexe a mão em meu rosto e olha duro, como se estivesse me alertando para ser cuidadosa. Mas sua voz é doce e suave. Novamente eu tenho a sensação de que nada mais é real—não o sol, nem os prédios, ou a mulher do outro lado da rua, ainda nos encarando.

"Tem uma porta azul virando a esquina, no beco," digo baixinho, me afastando, movendo minha mão como se estivesse me desculpando. "Encontre-me lá em cinco minutos. Bata quatro vezes." Então, mais alto, eu digo, "Ouça, eu sinto muito mesmo. Como eu disse, foi um engano."

Então eu me viro e manco de volta para a loja. Não posso acreditar no que acabei de fazer. Não posso acreditar no risco que estou correndo. Mas eu preciso vê-lo. Preciso beijá-lo. Preciso disso mais do que qualquer outra coisa na vida. Tenho aquele mesmo sentimento pressionando meu peito, como quando estou no final de uma das minhas corridas, e estou morrendo, gritando para parar, para recuperar meu fôlego.

"Obrigada," digo a Jed, pegando meu lugar atrás do balcão. Ele murmura algo que não consigo entender e se arrasta novamente com sua prancheta e caneta, que ele deixou jogada no chão do corredor três: DOCE, REFRIGERANTE, BATATA FRITA.

O cara que eu disse ter cara de regulador está com o nariz enfiado em um dos compartimentos do freezer. Não tenho certeza se ele está procurando por um jantar congelado ou apenas tirando vantagem do ar frio. De qualquer jeito, quando olho para ele tenho um flashback da noite passada, do assobio do ar conforme eles vinham descendo como foices, e senti ódio por ele—por todos eles. Fantasio sobre empurrar o homem para dentro do freezer e fechar a porta em sua cabeça.

Pensar sobre o ataque me faz ficar ansiosa por Hana novamente. Notícias sobre o ataque estão em todos os jornais. Aparentemente centenas de pessoas de toda Portland foram pegas na noite passada para serem interrogadas, ou sumariamente enviadas para as Criptas, embora eu não tenha visto ninguém fazer uma referência específica à festa em Highlands.

Digo a mim mesma que se Hana não tiver me ligado até o fim da noite, vou até a casa dela. Digo a mim mesma que, durante esse tempo, não há razão para ficar preocupada, mas o mesmo sentimento de culpa continua rondando por meu estômago.

O homem mais velho ainda estava rondando na frente do freezer e não prestando absolutamente nenhuma atenção em mim. Bom. Deslizo para fora do meu lugar novamente, e então, depois de checar se Jed não estava olhando, alcanço e pego todas as garrafas de ibuprofeno—mais ou menos doze delas—e as coloco no bolso do meu avental. Então eu disse de forma audível: "Jed, preciso que você me cubra novamente."

Ele olha para mim com seus olhos azuis. Piscada, piscada. "Estou arrumando tudo."

"Bom, nós estamos sem remédio para dor. Você não viu?"

Ele me encara por vários segundos. Mantenho minhas mãos enlaçadas atrás das costas. De outro modo, tenho certeza que o tremor nelas iria me denunciar. Finalmente ele balança a cabeça.

"Vou ver se encontro algum no depósito. Cuide do caixa, ok?" Saio de trás do balcão lentamente, para não sacudir os remédios, mantendo meu corpo angulado, ligeiramente longe dele. Com um pouco de sorte ele não iria notar o volume em meu avental. Esse é um dos sintomas de deliria que ninguém conta para você: aparentemente, a doença transforma você em um mentiroso de primeira.

Deslizo em torno de uma cambaleante pilha de caixas de papelão empilhadas no fundo da loja, e sigo meu caminho para o depósito, fechando a porta atrás de mim. Infelizmente ela não tranca, então arrasto uma caixa de molho de maçã para trás dela, só para o caso de Jed decidir vir investigar quando a minha procura por ibuprofeno se tornar mais longa que o necessário.

Um momento depois ouço um baixo toque na porta que leva para o beco.

Toque, toque, toque, toque, toque.

A porta parece mais pesada que o normal. Preciso de toda a minha força para conseguir abri-la.

"Eu disse para bater quatro vezes..." Estou dizendo, conforme o sol entrava na sala, temporariamente me deslumbrando. E então as palavras secam em minha garganta e quase engasgo.

"Hey," Hana diz. Ela está parada no beco, mudando de pé para pé, parecendo pálida e preocupada. "Estava esperando que você estivesse aqui."

Por um segundo nem sequer consigo lhe responder. Estou paralisada pelo alívio—Hana está aqui, intacta, inteira, bem—e ao mesmo tempo a ansiedade começou a percorrer meu corpo. Dou uma olhada rápida no beco: nenhum sinal de Alex. Talvez ele tenha visto Hana e ficado com medo.

"Hmmm." Hana enruga a testa. "Você vai me deixar entrar, ou o quê?"

"Oh, desculpe. Claro, entra." Ela se apressa passando por mim, e eu dou uma última olhada no beco antes de fechar a porta atrás de mim. Estou feliz por ver Hana, mas nervosa também. Se Alex aparecer enquanto ela estiver aqui...

Mas ele não vai, digo a mim mesma. Ele deve ter visto ela. Ele deve saber que não é seguro vir agora. Não que eu esteja preocupada sobre Hana me delatar, mas ainda assim. Depois de todos os discursos que dei a ela sobre segurança e ser precavida, não culparia ela por querer me ferrar.

"Está quente aqui," Hana diz, afastando sua camiseta das costas. Ela está vestindo uma branca e um jeans largo com um fino cinto dourado que combina com a cor de seu cabelo. Mas ela parece preocupada, cansada, e magra. Quando ela começa a andar em círculos, checando o depósito da loja, percebo pequenos arranhões cruzando a parte de

trás de seus braços. “Se lembra de quando eu costumava vir me encontrar com você aqui? Eu trazia revistas e aquele estúpido rádio velho que eu tinha? E você roubava...”

“Chips e refrigerante do cooler,” termino. “É, eu me lembro.” Era assim que nós passávamos os verões no ensino médio, quando eu comecei a trabalhar na loja. Eu costumava inventar motivos para vir para cá o tempo todo, e Hana aparecia em algum momento da tarde e batia cinco vezes na porta, de forma bem suave. Cinco vezes. Eu deveria ter percebido.

“Recebi sua mensagem essa manhã,” Hana diz, virando-se para mim. Seus olhos parecem ainda maiores que o normal. Talvez seja o resto do seu rosto que pareça menor, atraídos para o interior de algum modo. “Andei por aí e não vi você no balcão, então imaginei que você tinha vindo para cá. Eu não estava com humor para lidar com o seu tio.”

“Ele não está aqui hoje.” Estou começando a relaxar. Alex já deveria estar aqui se ele estivesse planejando vir. “Só estamos Jed e eu.”

Não tenho certeza se Hana está me ouvindo. Ela está roendo sua unha—um tique nervoso que eu pensava que ela tivesse largado anos atrás—e encarando o chão como se fosse o mais fascinante pedaço de linóleo que ela já viu.

“Hana?” digo. “Você está bem?”

Um enorme estremecimento a percorre por inteiro, seus ombros caem para frente e ela começa a soluçar. Eu vi Hana chorar apenas duas vezes na minha vida—a primeira vez foi quando alguém a atingiu direto no estômago durante uma partida de queimada no segundo ano; e a outra foi no ano passado, depois de nós vermos uma garota doente lutar com a polícia na frente dos laboratórios, e eles acidentalmente atingiram sua cabeça tão forte contra o pavimento, que nós ouvimos desde o lugar em que estávamos duzentos metros distantes—e por um momento eu congelei totalmente e não soube o que fazer. Ela não leva as mãos ao rosto ou tenta afastar as lágrimas nem nada disso. Ela só fica ali, tremendo tão forte que tenho medo de que ela vá cair, suas mãos caídas ao seu lado.

Eu me aproximo e ponho uma mão sobre seu ombro. “Shhh, Hana. Está tudo bem.”

Ela se afasta de mim. “Não está tudo bem.” Ela respira fundo e começa a falar rapidamente: “Você estava certa, Lena. Você estava certa sobre tudo. Noite passada... foi horrível. Houve um ataque… A festa acabou. Oh Deus. Havia pessoas gritando, e cachorros… Lena, havia sangue. Eles estavam surrando as pessoas, atingindo eles na cabeça com os cassetetes como se não fosse nada. Pessoas estavam caindo em todos os lados e... Oh, Lena. Foi tão horrível, tão horrível.” Hana joga seus braços ao redor do próprio estômago e se dobra em duas, como se estivesse prestes a vomitar.

Ela começa a dizer alguma coisa, mas o resto de suas palavras se perde: Enormes tremores percorrem todo o seu corpo. Aproximo-me e a abraço. Por um segundo ela fica

tensa—é muito raro que nós nos abracemos, já que nunca fomos encorajadas a isso—mas então ela relaxa e pressiona o rosto contra o meu ombro, e se deixa chorar. É meio estranho, já que ela é tão mais alta que eu; ela tem que se inclinar. Seria engraçado, se não fosse tão horrível.

"Shhh," eu digo. "Shhh. Vai ficar tudo bem." Mas as palavras parecem idiotas mesmo enquanto eu as falo. Penso sobre segurar Grace em meus braços e niná-la para dormir, dizendo a mesma coisa, enquanto ela gritava silenciosamente no travesseiro. *Vai ficar tudo bem.* Palavras que não significam nada, realmente, apenas sons entoados na vasta escuridão, pequenas tentativas inúteis de se agarrar em algo quando começamos a cair.

Hana diz algo mais que eu não entendo. Seu rosto está pressionado contra o meu ombro e suas palavras ficam confusas.

E então as batidas começam. Quatro suaves, mas deliberados toques, um logo após o outro.

Hana e eu nos afastamos imediatamente. Ela passa um braço contra o rosto, deixando um rastro de lágrimas do pulso ao cotovelo.

"O que é isso?" ela pergunta. Sua voz treme.

"O quê?" Meu primeiro pensamento é fingir não ter ouvido nada—e rezar a Deus para Alex ir embora.

Toque, toque, toque. Pausa. Toque. De novo.

"Isso." Irritação desponta na voz de Hana. Acho que eu deveria estar feliz por ela não estar mais chorando. "A batida." Ela estreita os olhos, me encarando suspeitosamente. "Achei que ninguém passava por aqui."

"Eles não passam. Quero dizer, algumas vezes… Quero dizer, os caras que fazem entregas…" Estou tropeçando em minhas palavras, rezando para Alex ir embora, pedindo por uma mentira que não está vindo. É muito para as minhas habilidades recém-descobertas.

Então Alex põe a cabeça na porta e chama "Lena?" Ele capta sinais de Hana primeiro e congela, meio dentro e meio fora do beco.

Por um minuto ninguém fala. A boca de Hana literalmente cai de espanto. Ela olha de Alex para mim e de volta para Alex, tão rápido que parece que sua cabeça vai soltar do pescoço. Alex também não sabe o que fazer. Ele só fica ali, completamente parado, como se pudesse ficar invisível caso não se movesse.

E é a coisa mais estúpida do mundo, mas tudo que consigo fazer é deixar escapar "Você está atrasado."

Hana e Alex falam ao mesmo tempo. "Você disse para ele se encontrar com você?" ela diz. Já ele: "Fui parado pela patrulha. Tive que mostrar meus cartões."

Hana fica metódica. Isso é o que eu admiro nela: em um segundo ela está gritando histericamente, no segundo seguinte ela está completamente sob controle.

"Entra," diz ela. "E fecha a porta."

Ele faz isso. Então fica ali parado, de forma estranha, encarando seus pés. Seu cabelo está todo estranho, e naquele momento ele parece tão novo, fofo e nervoso, que tenho uma louca vontade de falar com ele, em frente de Hana, e beijá-lo.

Mas ela afasta essa urgência rapidamente. Ela se vira para mim e cruza os braços, me dando um olhar que juro que ela roubou do Sr. McIntosh, o diretor do St. Anne.

"Lena Ella Haloway Tiddle," ela diz. "Você tem algumas explicações a dar."

"Seu nome do meio é Ella?" Alex fala sem pensar.

Hana e eu o encaramos de forma mortal, e ele dá um passo para trás e abaixa a cabeça.

"Hmmm." As palavras ainda não vêm facilmente para mim. "Hana, você se lembra do Alex."

Ela mantém os braços cruzados e estreita os olhos. "Oh, eu me lembro do Alex. O que eu não me lembro é do motivo para o Alex estar aqui."

"Ele... Bom, ele ia deixar..." Ainda estou procurando por uma explicação convincente, mas, como sempre, meu cérebro escolhe esse momento para acabar comigo. Olho para Alex suplicante.

Ele estreita os ombros, e por um momento nós só nos encaramos. Ainda não estou acostumada a vê-lo, a ficar perto dele, e novamente tenho a sensação de cair em seus olhos. Mas dessa vez não é estonteante. É o contrário, como se ele estivesse sussurrando para mim sem dizer nada, dizendo que está aqui e que está comigo e que nós estamos bem.

"Diga a ela," ele diz.

Hana se inclina contra as prateleiras abastecidas com papel higiênico e feijão em lata, relaxando os braços só o suficiente para eu saber que ela não está louca, e me dá um olhar estilo, "É melhor você me dizer."

Então é o que eu faço. Não tenho certeza de quanto tempo nós temos até Jed ficar cansado de manejar a máquina registradora, então eu tento resumir. Digo a ela sobre encontrar Alex na Roaring Brook Farms; digo a ela sobre nadar até as boias com ele em East End Beach e o que ele me disse quando estávamos lá. Engasgo um pouco na palavra

Inválido e os olhos de Hana se arregalam—só por um segundo eu vejo um olhar de alarme cruzando seu rosto—mas ela se comporta muito bem. Termino dizendo a ela sobre a noite passada, e de ir encontrá-la para falar sobre o ataque, o cachorro e como Alex me salvou. Quando eu descrevo sobre me esconder no galpão fico nervosa novamente—não falo a ela sobre o beijo, mas não posso evitar pensar sobre isso—mas Hana está de boca aberta a esse ponto, e obviamente está em choque, então acho que ela não percebeu.

A única coisa que ela diz quando termino a história é, "Então você estava lá? Você esteve lá noite passada?" Sua voz é estranha e trêmula, e me preocupo que ela vá começar a chorar novamente. Ao mesmo tempo sinto uma tremenda onda de alívio. Ela não vai pirar sobre Alex, ou enlouquecer sobre eu não ter dito a ela.

Assinto.

Ela balança a cabeça, me encarando como se nunca tivesse me visto antes. "Não posso acreditar nisso. Não posso acreditar que você apareceu durante o ataque... Por mim."

"É, foi," digo desconfortável. Parece que eu estive falando por eras e Hana e Alex estiveram me encarando o tempo todo. Minhas bochechas estão quentes.

Então há uma batida na porta que dá para a loja, e Jed me chama. "Lena? Você está aí?"

Gesticulo freneticamente para Alex. Hana o puxa pela porta justo no momento em que Jed começa a empurrar a porta do outro lado. Ele dá um jeito de conseguir abrir um pouco a porta, logo antes de colidir com a pilha de molho de maçã.

Nesses segundos de tempo, posso ver os olhos de Jed piscarem para mim em desaprovação.

"O que você está fazendo aqui?"

Hana põe a cabeça pela porta e acena. "Oi, Jed," ela diz animadamente, mais uma vez entrando facilmente em seu modo público, animado. "Só vim para entregar algo para Lena. E nós começamos a fofocar."

"Nós temos clientes," Jed diz carrancudo.

"Vou lá em um segundo," digo, tentando combinar com o tom de Hana. O fato de que Jed e Alex estão separados por apenas alguns metros de madeira compensada é aterrorizante. Jed grunhe e se afasta, fechando a porta novamente. Hana, Alex e eu olhamos um para o outro em silêncio. Nós três exalamos ao mesmo tempo, um coletivo sinal de alívio.

Quando Alex fala novamente, ele mantém sua voz em um sussurro. "Trouxe algumas coisas para a sua perna," ele diz. Ele pega a mochila e senta no chão, então começa a tirar dali água oxigenada, bactericida, curativos, band-aid, bolas de algodão.

Ele se ajoelha a minha frente. "Posso?" pergunta ele. Enrolo meu jeans para cima, e ele começa a desenrolar as tiras da camiseta. Não posso acreditar que Hana está parada ali, olhando um garoto—um Inválido—tocar a minha pele. Sei que nem em um milhão de anos ela esperaria por isso, e desvio o olhar, embaraçada e orgulhosa ao mesmo tempo.

Hana inala bruscamente uma vez que o curativo improvisado está fora da minha perna. Sem querer, eu mantive meus olhos fechados de forma bem apertada.

"Droga, Lena," ela diz. "Esse cachorro pegou você de jeito."

"Ela vai ficar bem," Alex diz, e a silenciosa confidência em sua voz faz um calor se espalhar por todo o meu corpo. Abro um olho e lanço um olhar para a parte de trás da minha perna. Meu estômago dá um giro. Parece que um enorme pedaço da minha perna foi arrancado. Alguns centímetros quadrados de pele estão simplesmente faltando.

"Talvez nós devêssemos ir ao hospital," Hana diz duvidosamente.

"E dizer a eles o quê?" Alex abre o tubo de peróxido e pega o algodão. "Que ela foi ferida durante um ataque em uma festa clandestina?"

Hana não responde. Ela sabe que nós não podemos ir ao médico. Eu seria presa nos laboratórios, ou em uma das Criptas, antes de poder terminar de dizer o meu nome.

"Não dói tanto assim," digo, o que é uma mentira. Hana novamente me dá aquele olhar, como se nós nunca tivéssemos nos conhecido, e me dou conta de que ela está na verdade—e provavelmente pela primeira vez em nossas vidas—impressionada comigo. Pasma comigo, até.

Alex pincela uma espessa camada de creme antibacteriano e então começa a lutar com a gaze e o esparadrapo. Não tenho que perguntar onde ele conseguiu tanto suprimento. Outro benefício por ter acesso seguro aos laboratórios, presumo.

Hana fica de joelhos. "Você está fazendo isso errado," ela diz, e é um alívio ouvir seu normal tom mandão. Quase rio. "Minha prima é enfermeira. Deixa que eu faço."

Ela praticamente o acotovela para fora do caminho. Alex se inclina para cima e ergue as mãos em rendição. "Ok, madame," ele diz, e então pisca para mim.

Então eu começo a rir. Acessos de riso me atingem, e eu tenho que por as mãos sobre a boca para não gritar e ofegar e estragar totalmente nosso momento. Por um segundo Hana e Alex só me encaram, espantados, mas então eles olham um para o outro e começam a sorrir estupidamente.

Sei que todos nós pensamos a mesma coisa.

É loucura. É estúpido. É perigoso. Mas de algum modo estar parada aqui nesse depósito sufocante cercado por caixas de queijo, beterraba em conserva, e papinha de bebê, nós três nos tornamos um time.

Somos nós contra eles, três contra milhares incontáveis. Mas por alguma razão, e mesmo que seja absurdo, nesse momento, me sinto muito esperançosa sobre as nossas chances.

16

Infelicidade é servidão; enquanto, felicidade é liberdade.
O caminho para encontrar a felicidade é através da cura.
Portanto, é apenas através da cura que você encontra a liberdade.

— De, *Vai Doer? Perguntas Comuns e Respostas sobre o Procedimento*, 9ª edição, Associação de Cientistas Americanos, Panfleto da Agência Governamental Oficial do EUA

Depois disso, encontro um jeito de ver Alex quase todos os dias, mesmo nos dias em que tenho de trabalhar na loja. Algumas vezes, Hana vem passar um tempo conosco. Nós passamos bastante tempo em Back Cove, na maioria das vezes durante a noite, depois que todos já saíram. Desde que Alex está na lista dos curados, não é tecnicamente ilegal para nós passarmos um tempo juntos, mas se alguém souber quanto tempo nós passamos juntos—ou nos ver rindo e bebendo, e tendo lutas aquáticas ou corridas descendo o pântano—eles definitivamente suspeitarão. Então, quando andamos pela cidade, temos o cuidado de ficarmos separados, Hana e eu em uma calçada, Alex na outra. Além do mais, nós procuramos pelas ruas vazias, os parques de corrida, as casas abandonadas—lugares onde nós não seremos vistos.

Nós voltamos para as casas em Deering Highlands. Finalmente entendo como Alex sabia como achar o galpão durante o ataque noturno, e como ele andava pelos corredores tão facilmente na escuridão. Por anos ele passou algumas noites por mês usurpando as casas abandonadas; ele gosta de tirar uma folga do barulho e da agitação de Portland. Ele não diz, mas eu sei que fazer isso deve lembrá-lo das Terras Selvagens.

Uma casa em particular se torna a nossa favorita: número 37 na rua Brook, uma velha casa colonial que costumava ser o lar de uma família de simpatizantes. Como muitas outras casas em Deering Highlands, a propriedade foi fechada e cercada desde a grande descoberta que esvaziou a área, mas Alex nos mostra um caminho para entrar através de uma tábua frouxa em uma das janelas do primeiro andar. É estranho: embora o lugar tenha sido saqueado, algumas grandes mobílias e alguns livros ainda estão aqui, e se não fosse pela fumaça crepitada nas paredes e no teto, você poderia esperar que os donos viessem para casa a qualquer momento.

Na primeira vez que vamos lá, Hana anda à nossa frente gritando: "Olá! Olá!" nos quartos sombrios. Tenho calafrios na repentina escuridão e frieza. Depois do ofuscante pôr do sol do lado de fora, isso vem como um choque. Alex me aproxima dele. Estou

finalmente me acostumando a deixá-lo me tocar, e não recuo nem sinto chicotadas no ombro cada vez que ele se aproxima para um beijo.

"Quer dançar?" ele pergunta.

"Até parece." Dou um tapa para ele se afastar. É estranho falar alto em um lugar tão quieto. A voz de Hana volta para nós, soando distante, e me pergunto quão grande a casa é, quantos quartos há, todos cobertos pela mesma camada espessa de poeira, todos mergulhados na escuridão.

"Estou falando sério" ele diz. Ele ergue os braços. "É o lugar perfeito para isso."

Nós estamos parados no meio do que deve ter sido uma bela sala de visitas. É enorme—maior que todo o piso térreo do apartamento de Carol e William. O teto se estende na escuridão e um lustre gigantesco está preso bem acima de nós, piscando estupidamente nos limitados feixes de luz que entram através de frestas nas janelas. Se você escutar bem, pode ouvir um rato se movendo quietamente nas paredes. Mas de algum modo isso não é nojento nem assustador. De algum modo é bom, e me faz pensar em bosques e intermináveis ciclos de crescimento, morte e renascimento—como se o que nós realmente estamos ouvindo fosse a casa se dobrando embaixo de nós, centímetro por centímetro.

"Não tem música," eu digo.

Ele dá de ombros, pisca e segura as minhas mãos. "Música é superestimada," ele diz.

O deixo me puxar para perto dele, então juntamos nossos peitos. Ele é muito mais alto que eu, minha cabeça mal alcança seu ombro, e posso sentir seu coração batendo através do peito, e isso nos dá todo o ritmo que precisamos.

A melhor parte da rua Brook, 37, é o jardim na parte de trás. Um enorme gramado crescido passa por árvores antigas, tão densas, retorcidas e cheias de nós que seus braços se enlaçam sobre nossas cabeças e formam um dossel. A luz do sol infiltra-se através das fendas entre as árvores e forma manchas pálidas sobre a grama. Todo o jardim parece tão frio e quieto quanto a biblioteca da escola. Alex traz um cobertor e o deixa dentro da casa. Quando viemos, o pegamos e o colocamos sobre a grama, e nós três ficamos ali, algumas vezes por horas, falando e rindo sobre nada em particular. Algumas vezes Hana ou Alex compram alguma comida para um piquenique, e uma vez dou um jeito de pegar três garrafas de refrigerante e uma caixa de barras de chocolate da loja do meu tio, nós ficamos totalmente loucos com tanto açúcar e jogamos jogos que brincávamos quando pequenos—esconde-esconde e pega-pega.

Alguns troncos das árvores são tão largos quanto quatro latas de lixo, e tiro fotos de Hana, rindo, tentando por os braços ao redor de um deles. Alex diz que as árvores devem estar ali há centenas de anos, o que faz Hana e eu ficarmos caladas. Isso significa que elas

estavam aqui antes—antes das fronteiras serem fechadas, antes das paredes serem postas, antes da doença ser levada para os Selvagens. Quando ele diz isso, algo fica preso em minha garganta. Eu gostaria de saber como era tudo então.

Na maioria das vezes, porém, Alex e eu passamos um tempo sozinhos e Hana nos encobre. Depois de semanas e semanas sem vê-la, de repente estou vendo Hana todos os dias—e algumas vezes duas vezes no mesmo dia (quando eu vejo Alex; e então quando realmente vou ver Hana). Afortunadamente, minha tia não desconfia. Acho que ela pensa que nós tivemos uma briga e que agora estamos fazendo as pazes e recuperando o tempo perdido, o que é uma meia verdade de todos os modos. Estou mais feliz do que posso me lembrar de ter estado algum dia. Estou mais feliz até do que posso me lembrar de sonhar em ser, e quando digo a Hana que nem em milhões de anos vou poder recompensá-la por me acobertar, ela só abre os lábios em um sorriso e diz, "Você já me pagou." Não tenho certeza do que ela quis dizer com isso, mas estou feliz por tê-la ao meu lado novamente.

Quando Alex e eu estamos sozinhos não fazemos muita coisa – só sentamos e conversamos—mas ainda assim o tempo parece encolher para longe, tão rápido quanto papel pegando fogo. Um minuto e já são três horas da tarde. No minuto seguinte, juro, a luz está indo embora do céu e já é quase hora do toque de recolher.

Alex me conta histórias sobre sua vida: sobre sua *tia* e seu *tio*, e sobre o trabalho que eles fazem, embora ele ainda seja bastante vago sobre o que os simpatizantes e os Inválidos foram destinados a fazer e como eles fazem isso. Está tudo bem. Não tenho certeza se quero saber. Quando ele menciona a necessidade da resistência, há uma tensão em sua voz, e raiva se enrola sob suas palavras. Nesses momentos, e apenas por alguns segundos, ainda tenho medo dele, ainda ouço a palavra Inválido retumbar em meu ouvido.

Mas na maior parte do tempo Alex me conta sobre coisas normais, sobre a torta de sua tia e sobre como sempre que eles se reúnem seu tio fica um pouco tonto e conta sempre as mesmas histórias sobre o passado, uma e outra vez. Ambos foram curados, e quando pergunto se eles não são mais felizes agora, ele dá de ombros e diz, "Eles sentem falta da dor, também."

Isso parecia incrível para mim, ele me olha pelo canto dos olhos. "É nessa hora que você realmente perde as pessoas, você sabe. Quando a dor passa."

Porém na maior parte do tempo ele fala sobre as Terras Selvagens e as pessoas que vivem lá, deixo minha cabeça apoiada contra seu peito e fecho meus olhos, sonhando com isso: uma mulher que todos chamam de Crazy Caitlin, que faz coisas incríveis com apenas sucata e latas de metal prensadas; do vovô Jones, que deve ter pelo menos noventa anos, mas ainda caminha pelo bosque todos os dias, buscando por grãos e animais silvestres para comer; dos acampamentos lá fora e de dormir sob as estrelas e ficar acordado até tarde para cantar, falar e comer, quanco o céu noturno fica borrado de fumaça.

Sei que ele ainda volta lá algumas vezes, e sei que ele ainda considera aquele lugar como seu lar. Ele quase não falou nada quando eu disse a ele que sentia muito por não poder ir para casa com ele para ver seu estúdio em Forsyth Street, onde ele morou até começar a faculdade—se algum de seus vizinhos me visse entrando no prédio com ele, nós estaríamos acabados. Mas ele me corrige rapidamente, "Aquela não é minha casa."

Ele admite que ele e outros Inválidos arranjaram um jeito de entrar e sair das Terras Selvagens, mas quando eu o pressiono por detalhes, ele se cala.

"Talvez um dia você veja," é tudo que ele diz, e eu estou tão aterrorizada quanto emocionada.

Pergunto a ele sobre o meu tio, que escapou antes que pudesse ser julgado, e Alex franze as sobrancelhas e move a cabeça.

"Dificilmente alguém usa o nome real quando chega às Terras Selvagens," ele diz, dando de ombros. "E não me soa familiar." Mas ele explica que há milhares e milhares de assentamentos por todo o país. Meu tio pode ter ido para qualquer um—norte, sul ou oeste. Pelo menos nós sabemos que ele não foi para o leste; ele teria acabado no oceano. Alex me diz que deve ter pelo menos tantos quilômetros quadrados de terras selvagens nos EUA quanto há de cidades reconhecidas. Isso é tão inacreditável para mim que, por um minuto, não posso acreditar, e quando conto a Hana, ela também não consegue acreditar.

Alex é um bom ouvinte, também, e pode ficar em silêncio por horas enquanto eu conto a ele sobre ter crescido na casa da Carol, e como todos pensam que Grace não fala e que só eu sei da verdade. Ele ri alto quando descrevo Jenny, seus olhos apertados e seu rosto maduro, o costume de olhar para baixo de seu nariz como se eu tivesse nove anos de idade.

Também me sinto confortável de falar com ele sobre a minha mãe, e como costumava ser quando ela estava viva e erámos só nós três—eu, ela e Rachel. Conto a ele sobre lúpulo e o modo como minha mãe costumava cantar canções de ninar para nós, mesmo que eu só consiga me lembrar de alguns trechos das canções. Talvez seja o modo dele ouvir, tão calado, e me encarar constantemente com os olhos brilhosos e calorosos, e nunca me julgar. Uma vez contei a ele sobre a última coisa que minha mãe disse para mim, e ele apenas se sentou e esfregou as minhas costas quando de repente senti que iria começar a chorar. O sentimento passou. O calor de suas mãos afasta isso de mim.

E, claro, nos beijamos. Nos beijamos tanto que quando não estamos nos beijando parece estranho, como se eu tivesse me acostumado a respirar através de seus lábios e em sua boca.

Lentamente, conforme vamos ficando mais confortáveis, começo a explorar outras partes de seu corpo também. A delicada estrutura de suas costelas sob sua pele, seu peito e ombros como pedra esculpida, os pálidos cachos de pelos em suas pernas, o modo como

sua pele sempre cheira um pouco como o oceano—toda bela e estranha. O mais louco é que o deixo olhar para mim também. Primeiro eu só ia deixar que ele colocasse minha blusa para o lado e beijasse minha clavícula e meus ombros. Então deixei que ele tirasse minha camiseta pela minha cabeça e me deitasse no chão sob o sol brilhante e só me encarar. Na primeira vez eu tremia. Sempre controlando a vontade de passar os braços sobre meu peito, para cobrir meus seios, para esconder. De repente, me dando conta de quão pálida pareço sob o sol, e quantos sinais tenho por todo o meu peito, e só sei que ele está olhando para mim pensando que sou errada ou deformada.

Mas então ele suspira, "Linda," e quando seus olhos encontram os meus eu sei que ele realmente pensa isso.

Naquela noite, pela primeira vez na vida, fico de frente para o espelho no banheiro e não vejo uma menina mediana. Pela primeira vez, com meu cabelo posto para trás e minha camisola escorregando sobre um ombro e com os olhos brilhando, acredito no que Alex disse. Eu sou linda.

Mas não sou só eu. Tudo parece belo. O Manual de SSF diz que o deliria altera a sua percepção, destrói sua capacidade de pensar claramente, impede você de fazer julgamentos corretos. Mas não diz isso a você: que o amor vai transformar todo o mundo em algo maior que si mesmo. Mesmo o depósito de lixo, brilhando no calor, uma enorme montanha de sucata de metal, plástico derretendo e coisas fedorentas, parece estranho e miraculoso, como se algum mundo alien o tivesse transportado para Terra. A luz da manhã, as gaivotas empoleiradas sobre o telhado do prédio da prefeitura parecem ter sido revestidas com tinta branca; conforme elas brilham contra o pálido azul do céu, penso que nunca vi nada tão nítido, claro e bonito em minha vida. Tempestades são incríveis: soltando cacos de vidro, o ar cheio de diamantes. O vento sussurra o nome de Alex e o oceano o repete; o balançar das árvores me faz pensar em dançar. Tudo que vejo e toco me lembra dele, e assim tudo que vejo e toco é perfeito.

O Manual de SSF também não menciona o modo como o tempo vai começar a correr de você.

O tempo voa. Ele pula. Derrama para longe como água entre os dedos. Toda vez que desço para a cozinha e vejo que o calendário pulou mais outro dia, me recuso a acreditar. Um sentimento doentio cresce em meu estômago, uma pesada sensação que piora a cada dia.

Trinta e três dias até o procedimento.

Trinta e dois dias.

Trinta dias.

E no meio disso, instante, momentos, meros segundos; Alex espalha sorvete de chocolate no meu nariz depois de eu reclamar que está calor demais; o pesado zumbido

das abelhas circulando sobre nós no jardim, uma elegante linha de formigas marchando quietamente sobre as sobras de nosso piquenique; os dedos de Alex em meu cabelo; a curva de seu cotovelo sob minha cabeça; Alex sussurrando, "Eu gostaria que você pudesse ficar comigo" enquanto outro dia desbota no horizonte, vermelho, rosa e dourado; encarando o céu, inventando formas para as nuvens: uma tartaruga usando um chapéu, uma toupeira carregando uma abobrinha, um peixe dourado caçando um coelho que está correndo pela sua vida.

Instantes, momentos, meros segundos: tão frágeis, belos e sem esperança quanto uma simples borboleta, voando contra um vento que vem ao seu encontro.

17

Houve um debate significativo na comunidade cientifica sobre se o Desejo é um sintoma de um organismo infectado com o Amor Deliria Nervosa, ou é uma pré-condição da própria doença. Concordamos por unanimidade, que, contudo, esse amor e desejo desfrutam de um relacionamento de contato íntimo, só significam que um não pode existir sem o outro. O desejo é inimigo do contentamento; Desejo é uma doença, e quem pode ser considerado saudável quando deseja? A própria palavra, desejo, sugere uma carência, uma falta, um empobrecimento, e isso é o que o Desejo é: Um empobrecimento do cérebro, uma falha, um erro. Felizmente isso agora pode ser corrigido.

— De *As Origens e Repercussões do Amor Deliria Nervosa no Funcionamento Cognitivo*, 4ª edição, pelo Dr. Phillip Berryman

Agosto faz a si mesmo confortável em Portland, respira a sua quente e fedorenta respiração sobre tudo. As ruas são insuportáveis durante o dia, o sol implacável, e as pessoas correm para os parques e praias, desesperadas por sombra ou brisa. Fica mais difícil de ver Alex. A praia East End fica normalmente impopular e apertada na maior parte do tempo, até mesmo a noite, depois que eu saio do trabalho. Duas vezes eu apareci para vê-lo; e eu sei que é muito perigoso para nós nos falarmos ou fazer qualquer sinal para o outro, exceto por um rápido aceno que poderia passar despercebido entre dois estranhos, em vez de nós nos deitarmos na praia, colocamos nossa toalha de praia a alguns metros separados da praia. Ele coloca seus fones de ouvido e eu finjo ler. Sempre que os nossos olhos se encontram meu corpo inteiro se acende, como se ele estivesse sentado ao meu lado, passando a mão nas minhas costas, e apesar de manter uma cara séria, eu posso dizer pelos seus olhos, que ele está sorrindo. Nada jamais foi tão doloroso ou delicioso, como estar tão perto dele e ser incapaz de não poder fazer nada sobre isso, como comer sorvete em um dia quente, que você chega a ter uma intensa dor de cabeça. Eu começo a entender o que Alex disse sobre seu *Tio* e *Tia*. Sobre como eles mesmo perderam a dor após seus procedimentos. De alguma forma, a dor só torna isso melhor, mais intenso, vale mais a pena.

Uma vez que as praias estão fora de cogitação, nos ficamos na Rua Brook, nº 37. O jardim está sofrendo com o calor. Não chove há mais de uma semana e a luz do sol penetrando através das árvores—que em julho caem suavemente, como o mais leve passo—agora uma porção vem cortando através da copa das árvores, fazendo a grama ficar marrom. Até mesmo as abelhas aparentam estar bêbadas de calor, circulando lentamente, colidindo, batendo até, contra o murchar das flores antes de descer ao solo, e então em seguida começam de forma desorientada voltar para o ar.

Uma tarde, Alex e eu estamos deitados sobre o cobertor. Eu estou de lado, o céu em cima de mim parece à beira de quebrar, se separando, se movendo em padrões de azul e verde e branco. Alex está deitado de bruços e parece nervoso com alguma coisa. Ele continua acendendo fósforos, assistindo eles queimarem, e assoprando-os só quando estão quase queimando as pontas de seus dedos. Eu penso sobre o que ele me disse. Do tempo nas Terras Selvagens; sua ira sobre vir para Portland, o fato que ele costumava incendiar coisas.

Há tanta coisa sobre ele que eu não sei, tanto passado e história enterrado em algum lugar dentro dele. Ele teve que aprender a esconder isso, ainda mais que a maioria de nós. Em algum lugar, eu acho, existe um centro nele. Ele brilha como um carvão sendo lentamente esmagado em diamante, esmagado por camadas e camadas de superfície.

Há tanta coisa que eu não perguntei a ele, e há tanta coisa que nós nunca falamos. Ainda que de outras maneiras, eu sinto que eu o conheço, como se eu sempre o conheci, sem ter que saber tudo.

"Deve ser legal estar nas Terras Selvagens agora," eu deixo escapar, apenas para dizer alguma coisa. Alex se vira para olhar para mim, e eu gaguejo rapidamente, "Quer dizer, deve estar mais frio lá. Por causa de todas as árvores e sombra."

"É." Ele apoia a si mesmo sobre um cotovelo. Eu fecho meus olhos e vejo manchas de cores e luzes dançando em frente as minhas pálpebras. Por um segundo Alex não diz nada, mas eu posso sentir ele me observando. "Nós poderíamos ir para lá," diz ele finalmente.

E eu acho que ele só pode estar brincando, então eu começo a rir. Ele continua quieto de qualquer forma, e quando eu abro meus olhos, eu vejo que seu rosto está totalmente sério.

"Você não está falando sério," eu digo. Mas no mesmo instante um medo bem profundo se abriu no meu interior, e eu sei qual ele está. De alguma forma eu sei, também, que é por isso que ele tem agido dessa forma estranha durante todo o dia: ele sente falta das Terras Selvagens.

"Nós poderíamos ir, se você quiser." Ele olha para mim por um longo tempo e depois rola e fica de costas. "Nós poderíamos ir amanhã. Após o seu turno."

"Mas como nós..." eu começo a falar. Ele me interrompe.

"Deixe isso comigo." Por um momento seu olhar parecia mais profundo e mais escuro como nunca eu vi antes, como túneis. "Você quer?"

Parece errado falar sobre isso tão casualmente, deitada sobre o cobertor, então eu me sento. Atravessar a fronteira é um crime, uma ofensa para o governo, punível com a morte. E embora eu saiba que Alex ainda faz isso às vezes, a enormidade do risco não

havia realmente me atingido até agora. “Não tem como,” digo, quase num sussurro. “É impossível. A cerca—e os guardas—e as armas...”

“Eu disse a você. Deixe isso comigo.” Ele senta também, estende a mão alcança e coloca no meu rosto rapidamente, sorrindo. “Tudo é possível, Lena,” diz ele, uma das suas expressões favoritas. O medo desaparece. E eu me sinto tão segura com ele. Eu não posso acreditar que nada de ruim possa acontecer quando estamos juntos. “Por poucas horas” diz ele. “Só para ver.”

Eu olho para longe. "Eu não sei.” Minha garganta fica ressecada. As palavras rasgam minha garganta no momento que elas vêm à tona.

Alex se inclina para frente, me dá um beijo rápido no ombro, e deita novamente. “Não é grande coisa,” diz ele, jogando um braço sobre os olhos para protegê-los do sol. “Eu só pensei que você poderia estar curiosa, só isso.”

“Eu estou curiosa. Mas...”

“Lena, está tudo bem se você não quer ir. Sério. Isso foi apenas uma ideia.”

Eu concordo com a cabeça. E mesmo que minhas pernas estejam pegajosas com suor, eu abraço elas ao meu peito. Eu me sinto incrivelmente aliviada, mas também desapontada. Eu tenho uma memória repentina, do dia em que Rachel me desafiou a mergulhar de costas do píer na praia de Willard e eu fiquei lá tremendo na borda, com muito medo de pular. Eventualmente, ela me deixou sair e se curvou para sussurrar, “Está tudo bem, Lena-Loo. Você não está pronta.” Tudo o que eu queria era ficar longe da beira do píer, mas quando voltava para a praia, eu me senti doente e envergonhada.

É quando eu percebo: “Eu quero ir,” eu coloco para fora.

Alex tira o braço. “De verdade?”

Eu concordo com a cabeça, com muito medo de dizer as palavras de novo. Eu estou preocupada que se eu abrir minha boca de novo eu vou trazer as palavras de volta.

Alex senta lentamente. Eu pensei que ele estaria mais animado, mas ele não sorri. Ele só mastiga o interior do lábio e olha para longe. “Isso significa quebrar o toque de recolher.”

“Isso significa quebrar um monte de regras.”

Ele olha para mim e no mesmo instante seu rosto está tão cheio de preocupação, e isso faz alguma coisa doer profundamente dentro de mim. “Ouça, Lena.” Ele olha para baixo e reorganiza a pilha de fósforos que ele fez, colocando-os ordenadamente lado a lado. “Talvez não seja uma ideia tão boa. Se formos apanhados—quero dizer, se você for pega...” Ele dá uma longa respirada. “Quero dizer, se alguma coisa acontecesse com você, eu nunca poderia me perdoar.”

"Eu confio em você," eu digo, e falo sério, 150 por cento.

Ele ainda continua não olhando para mim. "Sim, mas... a penalidade por atravessar..." Ele da outra respiração profunda, "A penalidade por atravessar é..." E no último segundo ele não consegue dizer *morte*.

"Ei." Eu o acotovelo gentilmente. É uma coisa incrível como você pode se sentir tão cuidada por uma pessoa e, além disso, ainda sentir como se você pudesse morrer pela pessoa ou fazer qualquer coisa para protegê-la de volta. "Eu sei as regras. Eu tenho vivido aqui por mais tempo do que você."

Ele abre um sorriso em seguida e me acotovela de volta. "Dificilmente."

"Nascida e criada. Você é um transplante." Eu o acotovelo de novo dessa vez um pouco mais forte e ele ri e tenta agarrar meu braço. Eu me contorço e vou para longe, ele me alcança para fazer cócegas no meu estômago. "Seu Caipira Grosseiro!" Eu grito quando ele rindo, me agarra e luta comigo para me trazer de novo para o cobertor.

"Malandra da Cidade," ele diz, rolando para cima de mim e depois me beijando. Tudo se dissolve: o calor, as explosões de cor, tudo flui.

Nós concordamos em voltar a nos encontrar em Back Cove, na próxima noite, uma quarta-feira; já que eu não vou trabalhar novamente até sábado. Deve ser relativamente fácil tentar convencer Carol a me deixar dormir na casa de Hana. Alex caminha comigo através de alguns dos principais pontos do nosso plano. Atravessar e ir para fora não é impossível, mais quase ninguém arrisca isso. Eu acho que essa coisa toda de punição com morte não é realmente uma boa atração.

Eu não vejo quão bem nos vamos fazer para passar pela cerca de eletricidade, mas Alex explica que apenas uma parte dela está realmente eletrificada. Bombear eletricidade através de quilômetros e quilômetros de muro é muito caro, de modo que relativamente só uma parte da cerca esta realmente *ligada*. O restante da cerca não é mais perigoso do que aquela que circunda o campo de jogos no Deering Oaks Park. Mas enquanto todo mundo acredita que essa coisa toda está ativada com suficiente voltagem para fritar uma pessoa como um ovo em uma panela, a cerca está servindo ao seu propósito muito bem.

"Só fumaça e espelhos, isso é tudo." Diz Alex, acenando vagamente sua mão. Eu suponho que ele quer dizer Portland, as leis, talvez todos os EUA. Quando ele fica sério, uma ruga se forma entre suas sobrancelhas, uma minúscula vírgula, e é a coisa mais fofa que eu já vi. Eu tento manter o foco.

"Eu ainda não vejo como você sabe tudo isso," eu digo. "Quero dizer, como vocês descobriram? Simplesmente mandaram as pessoas irem até a cerca, para ver se eles fritam em certos lugares?"

Alex abre um sorriso minúsculo. "Segredos de negócios, mas eu posso dizer que houve alguns experimentos observacionais envolvendo animais selvagens." Ele levanta suas sobrancelhas. "Já comeu castor frito?"

"Eca."

"Ou gambá frito?"

"Agora você só está tentando me deixar enojada."

Existe mais de nós do que você pensa: essa é mais uma das expressões favoritas de Alex, sua fala constante. Simpatizantes em todos os lugares, não curados e curados, posicionados como reguladores, policiais, funcionários do governo, cientistas. É assim que vamos passar pela guarita dos guardas, ele me diz. Um dos simpatizantes mais ativos de Portland é a parceira do guarda que trabalha no tuno da noite, na extremidade Norte da Tukey's Bridge exatamente onde vamos atravessar. Ela e Alex têm desenvolvido um sinal. Nas noites que ele quer passar, ele deixa certa propaganda em sua caixa de correio, uma espécie de fotocópia estúpida, daquelas que você pega em lojas de lavagem a seco. Essa anuncia um exame de vista gratuito com o Dr. Swild (o que parece bastante óbvio para mim, mas Alex diz que os resistentes e simpatizantes vivem com tanto stress que eles precisam se permitir as suas piadas privadas) e toda vez que ela acha isso ela faz questão de colocar uma dose extra-grande de Valium[10] no café que ela faz para o seu marido beber durante o seu turno.

"Pobre rapaz," diz Alex, sorrindo. "Não importa quanto café ele beba, simplesmente não consegue ficar acordado." Eu posso dizer o quanto a resistência significa para ele, e como ele está orgulhoso pelo fato de estar saudável, tendo sucesso, abrindo seus braços através de Portland. Eu tento sorrir, mas sinto meu rosto duro. Isso ainda enche minha mente, tudo que foi me ensinado é tão errado, e ainda é mais difícil para eu pensar nos simpatizantes e resistentes como Aliados e não inimigos.

Mas entrar sorrateiramente ao longo da fronteira vai me fazer um deles sem sombra de dúvidas. E ao mesmo tempo eu não consigo considerar seriamente voltar atrás agora. Eu quero ir, e se eu for honesta comigo mesma, eu me tornei simpatizante há muito tempo atrás, quando Alex me perguntou se eu não queria me encontrar com ele de novo na enseada, e eu disse sim. Eu pareço ter apenas algumas confusas lembranças da garota que eu era antes—a garota que sempre fez o que foi dito e nunca mentiu, e até contava os dias para o seu procedimento com emoção e excitação, não horror e pavor. A garota que tinha medo de tudo e todos. A garota que tinha medo de si mesma.

No dia seguinte, quando eu chego em casa depois do trabalho, faço uma grande encenação de perguntar a Carol se posso pegar seu celular emprestado, depois envio para Hana: dormir fora essa noite com A? Esse tem sido nosso código recentemente sempre que eu preciso dela para me dar cobertura. Nós dizemos a Carol que estamos passando muito

[10] O Valium®(Diazepam) é um tranquilizante, indicado para o alívio sintomático da ansiedade, tensão, entre outros.

tempo com Allison Doveney que recentemente se formou conosco. Os Doveneys são ainda mais ricos do que a família de Hana, e Allison é uma vadia metida. Hana inicialmente protestou em usar Allison como a misteriosa *A*, com a base de que nem ela gostava de pensar sobre pretender sair com ela. Mas eu a convenci no final. Carol nunca ligaria para os Doveneys para verificar. Ela ficaria muito assustada, e, provavelmente envergonhada— minha família é impura, contaminada pela deserção do marido de Márcia e, é claro, pela minha mãe, e o senhor Sr. Doveney é o presidente e fundador da Filial de Portland da ALD (América Livre do Deliria). Allison Doveney mal podia olhar para mim quando estávamos juntas na escola, e quando eu voltei para a escola primária, depois que minha mãe morreu, ela pediu para mudar de carteira para o mais longe de mim, dizendo à professora que eu cheirava a algo morto.

Hana responde quase imediatamente: entendi. Vejo vc essa noite.

Eu me pergunto o que Allison pensaria se soubesse que eu a usava como cobertura para o meu namoro. Ela iria pirar com certeza, e o pensamento me faz sorrir.

Um pouco antes das oito, eu desço com o meu saco de noite pendurado em cima do meu ombro. Eu deixo um pouco de pijama para fora, embalo o saco inteiro exatamente como se eu fosse realmente ir para a casa de Hana. Quando Carol me da um rápido sorriso e me diz para ter uma boa noite, eu sinto uma pontada breve de culpa. Eu minto tanto e tão facilmente agora.

Mas isso não é o suficiente para me parar, e uma vez fora de casa eu vou pela West End, só para o caso de Jenny ou Carol estarem olhando pela janela. E só depois de chegar à Rua Spring eu dou a volta para a Avenida Deering e a Rua Brook, nº 37. A caminhada é muito longa, e eu chego em Deering Highlands quando a última luz deixa o céu. Como sempre, as ruas aqui são desertas. Eu empurro o portão de metal enferrujado que circula a propriedade, deslizo de lado das ripas soltas que cobrem uma janela do andar térreo e entro na casa.

A escuridão me surpreende, e por um momento eu só fico lá, piscando, até que meus olhos se ajustem à luz fraca. O ar é velho, pegajoso e a casa cheira a mofo. Várias formas começam a surgir, e eu continuo meu caminho para a sala de estar, e para o que restou do sofá. Seu elástico foi solto e metade do forro foi arrancado, provavelmente por ratos, mais você poderia dizer que uma vez ele foi bonito—elegante, até.

Eu tiro meu relógio de fora do meu saco e coloco o alarme para 11h30min. Vai ser uma longa noite, então eu me estico no sofá esburacado, coloco minha mochila debaixo da minha cabeça. Não é o travesseiro mais confortável do mundo, mas ele vai servir.

Eu fecho meus olhos, e deixo os sons dos ratos e dos baixos barulhos das paredes me acalmarem para dormir.

Eu acordei na escuridão, com um pesadelo sobre minha mãe. Sento em linha reta, e por um segundo entro em pânico, eu não sei onde estou. As molas defeituosas guincham

debaixo de mim e então me lembro: a Rua Brook, eu tateio pelo meu alarme e vejo que já é 11h20min. Eu sei que deveria me levantar, mas eu ainda me sinto tonta de calor e do sonho, e por alguns momentos mais, eu apenas sento lá, e fico tomando respirações profundas. Eu estou suando, o meu cabelo cola na parte de trás do meu pescoço.

O meu sonho é o que eu normalmente tenho, mas dessa vez ele se inverteu. Eu estava flutuando no oceano, a água ao redor, eu vendo minha mãe empoleirada na borda de uma ruína a centenas e centenas de metros acima de mim—tão longe que eu não podia ver qualquer uma de suas características, apenas as linhas borradas de sua silhueta, emolduradas contra o sol. Eu estava tentando dar um aviso a ela, tentando levantar os braços e acenar para ela ir para trás, para longe da borda, mas quanto mais eu lutava, mais a água parecia se mover e me segurar, me deixando no mesmo lugar, sugando meus braços e escorrendo pra minha garganta para congelar as palavras lá. E toda a areia do tempo estava à deriva em torno de mim como a neve, e eu sabia que a qualquer momento ela iria cair e esmagar a cabeça nas pedras irregulares que brilhavam através da água como afiadas unhas.

Então ela foi caindo, batendo, em um ponto negro em crescimento cada vez maior contra o sol escaldante, e eu tentava gritar, mas eu não podia, e quando a figura ficou maior, foi que eu percebi que não era minha mãe indo para as rochas.

Era Alex.

Foi quando eu acordei.

Eu finalmente fico de pé, um pouco tonta, tentando ignorar o sentimento de pavor. Vou devagar, passo pela janela, e estou aliviada uma vez que estou fora, mesmo estando em perigo nas ruas. Mas pelo menos há um pouco de brisa. A atmosfera na casa é sufocante.

Alex já está esperando por mim quando chego a Back Cove, escondido nas sombras por um grupo de árvores, que estavam perto do antigo estacionamento. Ele está tão perfeitamente escondido que eu caio por cima dele, ele me puxou para baixo, para me esconder. À luz do luar seus olhos parecem brilhar como o de um gato.

Ele aponta silenciosamente, depois de Back Cove, para a linha de luzes brilhantes um pouco antes da fronteira: a guarita dos guardas. De longe eles se parecem como uma linha branca brilhante, com as lanternas penduradas para um piquenique noturno—quase alegre. Seis metros além dos pontos de segurança está a cerca, e depois da cerca as Terras Selvagens. Eles nunca se pareceram tão estranho para mim como parecerem agora. Dançando e balançando ao vento. Estou feliz que Alex e eu concordamos em não falar até atravessamos a fronteira. O nó na minha garganta é o que torna difícil de respirar, muito menos dizer qualquer coisa.

Nós estaremos atravessando na ponta de Tukey's Bridge, no ponto nordeste da enseada: se estivéssemos nadando, uma diagonal direta se formaria no nosso ponto. Alex tateia minha mão três vezes. Esse é o nosso sinal para nos mover.

Eu o sigo à medida que saímos do perímetro da enseada, tomando cuidado de evitar o pântano; ele parece enganosamente como grama, especialmente no escuro, e você pode ser sugado para baixo, até os joelhos, antes de você perceber essa diferença. Alex se movimenta rápido de sombra em sombra, se movendo silenciosamente pelo pântano. Em alguns lugares ele parece desaparecer completamente diante dos meus olhos, se fundir à escuridão.

Quando nos lançamos em torno do lado norte da enseada, as guaritas começam a se definir, tornando-se edifícios reais. Uma sala da guarita era feita de concreto e vidro à prova de balas.

Pequenos pontos de suor na palma das minhas mãos e o nó na minha garganta parece quadruplicar de tamanho, até sentir que estou sendo estrangulada. E de repente eu vejo quão estúpido é o nosso plano. Cem—mil!—coisas que poderiam dar errado, o guarda número vinte-e-um poderia não ter tomado seu café ainda, ou ele poderia ter tomado mais não o suficiente para fazê-lo dormir ou poderia ter vomitado o Valium. E mesmo se ele estivesse dormindo, Alex poderia estar errado sobre as partes da cerca que não estão eletrificadas ou a cidade poderia estar cheia de eletricidade, somente por aquela noite.

Eu estou com tanto medo, que sinto como se fosse desmaiar, eu quero chamar a atenção de Alex e gritar, dizendo que nós temos que voltar, cancelar toda essa coisa, mas ele continua se movendo rapidamente a frente de mim e gritar alguma coisa ou fazer qualquer barulho vai trazer os guardas para cima da gente com certeza. E os guardas fazem os reguladores parecerem crianças brincando de polícia e ladrão. Os reguladores e os agressores têm cassetetes e cães, guardas têm rifles e gás lacrimogênio.

Nós finalmente alcançamos a parte norte da enseada. Alex desce abaixo de uma das árvores maiores e me espera para me pegar, eu vou e me agacho ao lado dele. Esta é a minha última oportunidade de dizer a ele que eu quero voltar, mas não consigo falar, e quando eu tento mexer minha cabeça fazendo não, nada acontece. Eu me sinto como se estivesse de volta ao meu sonho, ficando engolida pela escuridão, se debatendo como um inseto preso em uma tigela de mel.

Talvez Alex possa dizer quão aterrorizada estou. Ele se inclina para frente e por um momento tenta encontrar meu ouvido. Sua boca passa pelo meu pescoço e arranha meu rosto levemente—o que, apesar do meu pânico, me faz tremer de prazer – em seguida ele desliza para minha orelha e sussurra, "Vai ficar tudo bem" e me sinto um pouco melhor. Nada de ruim vai acontecer quando estou com Alex.

Então nós estamos andando de novo. Movimentamos-nos rápido, avançando em intervalos, correndo a toda velocidade silenciosamente de uma árvore para a outra e depois pausando enquanto Alex escuta e tem certeza que não houve nenhuma mudança, nem gritos ou sons de passos de gente se aproximando. O momento de exposição—de correr de proteção em proteção—cresce à medida que as árvores começam a diminuir e todo o tempo estamos chegando perto e mais perto da linha onde o mato e grama desaparecem completamente e temos que sair para a parte aberta, completamente vulneráveis. É uma distância de certa de quinze metros a partir dos arbustos até a cerca, mais eu estou tão preocupada que isso poderia ser um lago de fogo ardente.

Além dos restos de uma estrada que existia antes de Portland ser confinada está a cerca em si; parece prata na luz do luar, como se estivesse presa numa enorme teia. Um lugar onde as coisas são presas, apanhadas, são devoradas. Alex disse para eu demorar o quanto precisasse, para manter o foco quando eu pego meu caminho indo para cima do fio de arame farpado no topo, mas eu não consigo evitar me imaginar pregada em todas essas penetrantes e afiadas farpas.

E então, de repente, estamos fora—além da proteção oferecida pelas árvores, movendo rapidamente sobre o cascalho solto e xisto[11] da velha estrada. Alex se move na minha frente, dobrado na metade, e eu me inclino o máximo que eu consigo, mas isso não me faz sentir menos exposta. O medo de gritar bate em mim de todos os lados de uma vez só, e eu nunca soube de nada parecido com isso. Eu não tenho certeza se é o vento que me pegou naquele segundo ou se foi apenas o terror que passou por mim, mas eu senti meu corpo todo como gelo.

A escuridão parece estar viva em todo o nosso lado, movendo rapidamente pelas sombras, maliciosas formas aparecendo, pronta para se transformar em um guarda a qualquer segundo, e eu vejo o silêncio de repente, imaginando os gritos, suspiros, buzinas e balas. Eu vejo o florescer da dor e a luz clara, o brilho. O mundo parece se transformar em uma série de imagens desconectadas: um círculo de luz branca brilhante em torno dos guardas na guarita vinte e um se expande cada vez mais, como se estivesse faminta e pronta para nos engolir para dentro. Um guarda cai para trás em sua cadeira, sua boca aberta, dormindo. Alex olha para mim sorrindo—é possível que ele esteja sorrindo?—pedras dançando embaixo dos meus pés. Tudo parece tão irreal e insubstancial, como uma sombra moldada por uma chama. Mesmo que eu não sinta real, eu não consigo me sentir respirando ou me movendo, embora eu deva estar fazendo as duas coisas.

E em seguida, justo quando estamos na cerca, Alex salta para o ar e por um segundo ele para lá, e eu quero gritar, Pare! Pare! Eu imagino o crack e o fritar de quando o seu corpo se conecta com 50 mil volts de eletricidade. Mas ele chega e cai na cerca e a cerca se balança silenciosamente, morta e fria, como ele disse.

[11] Xisto (também conhecido como shale em inglês) é o nome genérico de vários tipos de rochas metamórficas facilmente identificaveis por serem fortemente laminadas.

Eu devia subir atrás dele, mas não consigo. Não imediatamente. Um sentimento de admiração passa por mim lentamente, empurrando para fora o medo. Eu sou aterrorizada por essa cerca desde que eu era uma criança. Eu nunca estive perto de 3 metros da cerca. Nós sempre fomos prevenidos a não chegar perto, ela nos perfuraria. Sempre nos disseram que iríamos fritar, nos falaram que ia fazer nosso coração desordenado e ia nos matar imediatamente. Agora eu chego e coloco minhas mãos através da corrente de ligação, corro meus dedos sobre ela. Morta, fria e inofensiva, o mesmo tipo de cerca que a cidade usa para playgrounds e pátios escolares. Nesse segundo me bateu profundamente quão profunda e complexa as mentiras são, como elas correm através de Portland, como esgotos, se apoiando em tudo, enchendo a cidade com seu mau cheiro: toda a cidade levantada e construída dentro de um perímetro de mentiras.

Alex é um rápido alpinista, ele já está na metade do muro e olha por cima do ombro e vê que eu ainda estou em pé como uma idiota, sem se mover. Ele sacode a cabeça para mim como, *O que você está fazendo?*

Eu coloco minha mão sobre a cerca e em seguida a puxo de volta: um choque corre através de mim de uma vez, mas não tem nada a ver com a tensão que devia estar lá. Uma coisa justamente acaba de me ocorrer.

Eles mentiram sobre tudo—sobre a cerca, sobre a existência dos inválidos, sobre cerca de milhões de coisas. Eles nos disseram que os ataques foram realizados para a nossa própria proteção, eles nos disseram que os reguladores estão interessados apenas em manter a paz.

Eles nos disseram que o amor era uma doença. Eles nos disseram que isso nos mataria no final.

Pela primeiríssima vez eu percebo que isso, também, é uma mentira.

Alex mexe cuidadosamente pra frente e pra trás a cerca, até que ela balança um pouco. Eu olho pra cima e ele acena pra mim de novo. Não estamos seguros. É hora de continuar. Eu me estico para cima e me levanto no meio da cerca e começo a escalá-la. Estar na cerca é até pior, de algumas maneiras, do que está lá na abertura rochosa. Pelo menos lá tínhamos mais controle—nós poderíamos ver se o guarda estava de vigia. Poderíamos ter nos apressado de volta para a caverna e ter a esperança de perdê-lo na escuridão e nas árvores. Uma pequena esperança, mas esperança apesar de tudo. Aqui nós temos nossas costas viradas para os abrigos dos guardas, e eu me sinto como um gigante alvo em movimento com um sinal grande nas minhas costas dizendo ATIRE EM MIM.

Alex chega ao topo antes de mim, e eu o assisto escolher o seu caminho lentamente, meticulosamente, em torno dos laços de arame farpado. Abaixando cuidadosamente para o outro lado, escalando para baixo alguns metros, pausando e esperando por mim. Eu sigo seus exatos movimentos. Eu estou tremendo a partir desse ponto, de medo e esforço. Mas eu conseguir passar por cima da cerca e então estou descendo do outro lado. Meus

pés tocam o chão. Alex pega minha mão e me puxa rapidamente para a floresta, longe da fronteira.

Para dentro das Terras Selvagens.

18

Mary traga o seu guarda-chuva
O sol brilha nesse lindo, lindo dia
Mas as cinzas caindo eternamente
Vão deixar o seu cabelo cinza.
Mary mantenha os seus remos estáveis
Navegando nessa crescente enxurrada
Mantenha as suas velas prontas
Marés vermelhas não podem ser diferenciadas de sangue.

— *Senhorita Mary* (uma cantiga comum de crianças, dos tempos da blitz), de Adoleta e Além: Uma História da Brincadeira.

As luzes da guarita são aspiradas para longe todas de uma vez como se tivessem sido fechadas atrás de um grande cofre. Árvores se fecham sobre nós, folhas e arbustos me pressionam de todos os lados, roçando no meu rosto, queixo e ombros como milhares de mãos obscuras, e ao meu redor uma cacofonia estranha começa, de coisas vibrando, corujas piando e animais lutando na vegetação rasteira. O ar cheira densamente a flores e vida que parece ter textura, como uma cortina que você pudesse afastar. É negro como azeviche. Eu não consigo nem ver Alex na minha frente agora, só consigo sentir a sua mão na minha, puxando.

Eu acho que estou até mais aterrorizada agora do que eu estava quando fazia a travessia e puxo a mão do Alex, querendo que ele me entenda e pare.

"Um pouco mais longe," vem a sua voz, da escuridão na minha frente. Ele me puxa para frente. Nós vamos lentamente, embora eu ouça galhos estalando e o sussurro dos galhos de uma árvore, eu sei que Alex está sentindo o seu caminho, tentando abrir um caminho para nós. Parece que nós nos movemos por algumas polegadas, mas é incrível com o quão rápido nós perdemos o sinal da fronteira e de tudo no outro lado dela, como se eles nunca tivessem existido. Atrás de mim há escuridão. É como estar enterrada.

"Alex..." eu começo a dizer. Minha voz sai estranha e soa estrangulada.

"Pare," ele diz. "Espere." Ele solta a minha mão, e eu solto um pequeno guincho sem querer. Então as suas mãos estão hesitantes nos meus braços, e a sua boca colide com meu nariz quando ele me beija.

"Está tudo bem," ele diz. Ele está falando quase no volume normal agora, então eu imagino que nós estamos a salvo. "Eu não vou a lugar nenhum. Eu só tenho que achar essa maldita lanterna, tudo bem?"

"Yeah, tudo bem." Eu luto para respirar normalmente, me sentindo estúpida. Eu me pergunto se Alex se arrepende de me trazer aqui. Eu não tenho sido exatamente a Senhorita Corajosa.

Como se ele pudesse ler a minha mente, Alex me dá um beijinho, dessa vez perto da curva dos meus lábios. Eu acho que seus olhos também não se ajustaram a escuridão também. "Você está indo muito bem," ele diz.

E então eu o ouço colidindo com os galhos a nossa volta, murmurando pequenas maldições sob seu fôlego, um monólogo que eu não entendo muito bem. Um minuto depois ele solta um ganido animado, e um segundo depois disso um amplo feixe de luz surge, iluminando a densa vegetação ao nosso redor.

"Achei," Alex diz, sorrindo, mostrando a lanterna para mim. Ele direciona a luz para uma caixa de ferramentas enferrujada meio-enterrada no chão. "Nós deixamos isso aí, para os que atravessam" ele explica. "Pronta?"

Eu assinto. Eu me sinto muito melhor agora que nós conseguimos ver o que acontece a nossa volta. Os galhos acima de nós formam um dossel que me lembra o teto abobadado da Catedral de São Paulo onde eu costumava me sentar na catequese para ouvir as leituras sobre átomos, probabilidades e a ordem divina. As folhas sussurram e balançam ao nosso redor, um padrão em constante mudança de verde e negro, dançam enquanto incontáveis coisas invisíveis correm e pulam de galho em galho. De vez em quando a lanterna do Alex reflete por um breve segundo num par de olhos brilhantes, os quais nos assistem solenemente de dentro da massa de folhagem antes de desaparecer mais uma vez na escuridão. É incrível. Eu nunca vi nada como isso—toda essa vida em todos os lugares, crescendo, como se expandisse a cada segundo, e eu realmente não posso explicar, mas me faz sentir pequena e meio boba, como se eu estivesse invadindo a propriedade de alguém muito mais velho e mais importante que eu.

Alex anda mais seguramente agora, ocasionalmente tirando um galho fora do caminho para que eu possa passar por baixo dele, ou esmagando os galhos bloqueando nosso caminho; mas nós não estamos seguindo nenhum caminho que eu possa ver, e depois de quinze minutos eu começo a temer que estejamos somente virando em círculos, ou indo cada vez mais e mais fundo dentro do bosque sem um destino certo. Eu estou a ponto de perguntar a ele como ele sabe onde nós estamos indo quando noto que de vez em quando ele hesita e passa a sua lanterna por cima dos três troncos que nos rodeiam como altas silhuetas fantasmagóricas. Algumas delas, eu vejo, são marcadas com uma faixa de tinta azul.

"A tinta..." eu falo.

Alex me atira um olhar por cima de seu ombro. "O nosso mapa," ele diz, continuando, e então ele adiciona, "você não quer se perder aqui, confie em mim."

E então, abruptamente, as árvores se esgotam. Num segundo nós estamos no meio de uma floresta, encurralados por todos os lados, e no próximo segundo estamos pisando numa estrada pavimentada, uma faixa de concreto prata iluminado pela luz da lua como uma língua estriada.

A estrada está cheia de buracos, quebrada e deformada em alguns lugares, então nós temos que pisar ao redor de enormes pilhas de entulho de concreto. Isso se prolonga por uma longa e baixa colina, e então desaparece no topo da colina, onde outra orla negra de árvores começa.

"Dê-me a sua mão," Alex diz. Ele está sussurrando novamente e sem saber o porquê eu sou grata por isso. Por algum motivo, eu sinto como se tivesse acabado de entrar em um cemitério. Em ambos os lados da estrada há clareiras gigantes, cobertas por altas gramíneas que cantam e sussurram umas contra as outras, e algumas árvores esguias e jovens, que parecem frágeis e expostas no meio daquele lugar aberto. Parece haver algumas vigas, também—enormes vigas de madeira empilhadas uma em cima das outras, e relances de coisas que pareciam metálicas, brilhando e reluzindo na grama.

"O que é isso?" Eu sussurro para Alex, mas logo depois de fazer a pergunta um pequeno grito é criado na minha garganta e eu vejo, e eu sei.

No meio de um dos campos de gramíneas farfalhantes há um grande caminhão azul, perfeitamente intacto, como se alguém pudesse ter dirigido até ali só para ter um piquenique.

"Isso era uma rua," Alex diz. A sua voz se tornou tensa. "Destruída durante a blitz. Há milhares e milhares delas, em todo o país. Bombardeadas, completamente destruídas."

Eu estremeço. Não me admira sentir como se estivesse andando por cemitério. Eu estou, de certa forma. A blitz foi uma campanha de um ano que aconteceu muito antes do meu nascimento, quando a minha mãe ainda era um bebê. Deveria ter se livrado de todos os inválidos, e quaisquer opositores que não quisessem deixar as suas casas e se mudarem para uma comunidade aprovada. Minha mãe uma vez disse que as suas memórias mais antigas são todas nubladas por sons de bombas e pelo cheiro de fumaça. Ela disse que por anos o cheiro do fogo continuou a flutuar acima da cidade, e toda vez que o vento soprava trazia com ele uma camada de cinzas.

Nós continuamos andando. Eu me sinto como se pudesse chorar. Estar aqui, ver isso, não é nada como eu aprendi nas minhas aulas de história: pilotos sorridentes com seus polegares para cima, pessoas comemorando na fronteira porque estávamos finalmente seguros, casas queimadas ordenadamente, sem bagunça, como se eles tivessem tirado da tela de um computador. Nos livros de história não havia pessoas, realmente, que viviam nessas casas; eles eram sombras, espectros, irreais. Mas conforme Alex e eu

andamos de mãos dadas na estrada bombardeada, eu entendo que não era nada como aquilo. Havia confusão, fedor, sangue, e o cheiro de pele queimando. Havia pessoas: pessoas paradas e comendo, falando em seus telefones, fritando ovos ou cantando no chuveiro. Eu estou sobrecarregada com a tristeza por tudo que foi perdido, e cheia de ódio em relação às pessoas que tomaram aquele caminho. Minhas pessoas – eu pelo menos, minhas velhas pessoas. Eu não sei mais quem eu sou, ou onde é o meu lugar.

Não é completamente verdade. Alex. Eu sei que meu lugar é com Alex.

Um pouco mais acima na colina nós nos deparamos com uma casa branca no meio do campo. De alguma maneira ela escapou da blitz ilesa, diferente de uma persiana que foi separada e agora está pendurada em um ângulo louco, tocando levemente o vento, poderia ser qualquer casa em Portland. Parece tão estranha ali no meio de todo aquele vazio, rodeada pelos estilhaços dos vizinhos desintegrados. Parece tão pequena por si mesma como um único cordeiro que se perdeu no pasto errado.

"Alguém fica aqui agora?" Eu pergunto ao Alex.

"Algumas vezes se abrigam, quando está chuvoso ou muito frio. Somente os andarilhos, embora—os Inválidos que sempre se deslocam." De novo ele pausa por uma fração de um segundo antes de dizer Inválidos, fazendo uma careta como se palavra tivesse um gosto ruim na sua boca. "Nós nos mantemos longe daqui. Pessoas dizem que as bombas podem voltar e acabar o serviço. Mas em sua maior parte são somente superstições. As pessoas pensam que a casa tem má sorte." Ele me dá um pequeno sorriso. "Embora, tenha sido completamente limpa. Camas, cobertores, roupas—tudo. Eu consegui os meus pratos lá."

Mais cedo Alex me disse que ele tinha o seu próprio lugar especial nos Selvagem, mas quando eu o pressionei por detalhes ele se recusou a falar e me falou que eu precisava esperar e ver. Ainda é estranho pensar em pessoas vivendo aqui, no meio de toda aquela vastidão, precisando de pratos e cobertores e coisas normais como aquelas.

"Por aqui."

Alex me tira da estrada e me direciona ao bosque novamente. Eu, na verdade, estou feliz de estar de volta nas árvores. Havia algo pesado naquele lugar estranho e aberto, com uma única casa e o caminhão enferrujado e construções estilhaçadas, um ferimento na superfície do mundo.

Dessa vez nós seguimos uma trilha razoavelmente desgastada. As árvores ainda são salpicadas com tinta azul em intervalos, mas parece como se Alex não precisasse consultá-las. Nós andamos rapidamente, em fila indiana. As árvores foram empurradas aqui, e a maior parte da vegetação rasteira foi limpa, então caminhar se tornou muito mais fácil. Debaixo dos meus pés a sujeira foi batida ao longe do tempo pela pressão de dúzias de pés. Meu coração bate fortemente contra minhas costelas. Eu posso dizer que nós estamos chegando perto.

Alex se vira para me encarar, tão abruptamente que eu quase bato nele. Ele desliga a lanterna, e de repente estranhas formas escuras parecem se levantar, tomar forma e então desvanecer.

"Feche seus olhos," ele diz, e eu posso dizer que ele está sorrindo.

"Por que se importar? Eu não posso ver nada."

Eu praticamente o ouço revirar os olhos. "Vamos lá, Lena."

"Tá bem." Eu fecho meus olhos e ele pega minhas mãos em ambas as suas. Então ele me puxa para frente por seis metros, murmurando coisas como, "Cuidado. Há uma pedra," ou "Um pouco para a direita." O tempo todo um trêmulo e inquieto sentimento se constrói dentro de mim. Nós paramos, finalmente, e Alex larga minhas mãos.

"Estamos aqui," ele diz. Eu consigo ouvir a animação em sua voz. "Abra."

Eu abro, e por um momento eu não posso falar. Eu abro a minha boca muitas vezes e tenho que fechá-la de novo depois que tudo que surge é um guincho agudo.

"Bem?" Alex se inquieta do meu lado. "O que você acha?"

Finalmente eu gaguejo, "É... é real."

Alex bufa. "Claro que é real."

"Eu quero dizer, é incrível." Eu dou alguns passos para frente. Agora que estou aqui eu não sei, exatamente, como imaginei que as Terras Selvagens seriam—mas o que quer que seja, não era isso. Uma longa e larga clareira corta a floresta, embora em alguns lugares as árvores começaram a crescer novamente, empurrando talos finos em direção ao céu, que se estende acima de nós, uma cobertura vasta e brilhante, a lua sentada brilhante, enorme e inchada em seu centro. Rosas selvagens circulam uma placa amassada, desbotada quase a ilegibilidade. Eu só consigo ver as palavras CREST VILLAGE PARQUE MÓVEL. A clareira está cheia de dúzias de trailers, tanto quanto mais residências criativas: lonas esticadas entre as árvores, com cobertores e cortinas de chuveiro para servir como portas da frente; caminhões enferrujados com barracas na parte traseira de suas cabines; velhas vans com tecido esticado sobre suas janelas para privacidade. A clareira está escavada com buracos onde fogueiras estavam acesas ao longo do dia—agora passando de meia-noite, elas ainda estão fumegantes, soltando feixes de fumaça e o cheiro de madeira queimada.

"Vê?" Alex sorri e abre seus braços. "A blitz não pegou tudo."

"Você não me disse." Eu começo a andar até o centro da clareira pisando ao redor de uma série de toras que foram organizadas em círculos, como uma sala de estar ao ar livre. "Você não me disse que era assim."

Ele encolheu os ombros, trotando ao meu redor como um cachorro feliz. "É o tipo de coisa que você precisa ver por si mesma." Ele chuta um pouco de sujeira em cima de uma fogueira meio apagada. "Parece que nós chegamos muito tarde para a festa esta noite."

Conforme nós andamos através da clareira. Alex aponta cada *casa* e me diz um pouco sobre cada pessoa que vivia lá, sussurrando o tempo todo, então nós não iríamos acordar ninguém. Algumas histórias eu já ouvi; outras são completamente novas. Eu não estou nem completamente concentrada, mas eu sou grata pelo som da sua voz, baixa e estável, familiar e tranquilizadora. Embora a vila não seja assim tão grande—talvez uns dois quilômetros de comprimento—eu sinto como se o mundo tivesse se aberto, revelando camadas e profundidades que eu nunca poderia imaginar.

Sem muros. Sem muros em qualquer lugar. Portland, em comparação, parece pequena, um pontinho.

Alex para em frente a um trailer cinza sujo. As janelas foram perdidas e substituídas por quadrados de tecido multicolorido, esticado.

"E, hum, esse sou eu." Alex gesticula desajeitadamente. É a primeira vez que ele parece nervoso em toda a noite, o que me deixa nervosa. Eu engulo uma vontade repentina e totalmente inapropriada urgência de rir histericamente.

"Uau. É—é..."

"Não é muita coisa do lado de fora," Alex pula para dentro. Ele olha para longe, mastigando a curva de seu lábio. "Você quer, hum, entrar?"

Eu aceno, certa de que se eu tentar falar agora eu iria só guinchar novamente. Eu estive sozinha com ele, incontáveis vezes, mas isso parece diferente. Aqui não há olhos esperando para nos pegar, não há vozes esperando para gritar conosco, sem mãos esperando para nos separar—somente quilômetros e quilômetros de espaço. É excitante e assustador ao mesmo tempo. Qualquer coisa podia acontecer aqui, e quando ele se curva para me beijar é como se o peso da escuridão aveludada ao nosso redor, a suave vibração das árvores e o ruído surdo dos passos dos animais ocultos batessem em meu peito, fazendo-me sentir como se eu estivesse dissolvendo e expandindo na noite. Quando ele se afasta leva alguns segundos para que eu possa recuperar meu fôlego.

"Vamos lá," ele diz. Ele inclina um ombro contra a porta até que ela se abre.

Dentro é muito escuro. Eu só consigo ver alguns esboços, e quando Alex fecha a porta atrás de nós até mesmo eles somem, sugados pela escuridão.

"Não há eletricidade aqui," Alex diz. Ele está se movendo ao redor, batendo contra as coisas, amaldiçoando de vez em quando em voz baixa.

"Você tem velas?" eu pergunto. O trailer cheira estranhamente, como folhas de outono que caíram de seus galhos. É bom. Há outro cheiro também—o forte cheiro cítrico de produto de limpeza, e muito vagamente, o cheiro de gasolina.

"Melhor." Eu ouço um ruído e um spray de água cai em mim. Eu deixo sair um pequeno grito e Alex diz, "Desculpe, Desculpe. Eu não estive aqui por um tempo. Cuidado." Mais ruídos. E então, lentamente, o teto acima da minha cabeça treme e dobra para trás de si mesmo, e de repente o céu é revelado em toda sua enormidade. A lua está quase diretamente acima de nós, transmitindo luz para dentro do trailer coroando tudo em prata. Eu vejo agora que o *teto* é, na verdade, uma enorme lona de plástico, uma versão maior do tipo de coisa que você usaria para cobrir uma grelha. Alex está numa cadeira, a dobrando para trás, e a cada centímetro a mais de céu que é revelado tudo parece brilhar mais intensamente.

Meu fôlego fica na minha garganta. "É lindo."

Alex me atira um olhar sobre seus ombros e sorri. Ele continua a dobrar a lona, pausando a cada poucos minutos para parar, puxar a sua cadeira para frente, e começar novamente. "Um dia uma tempestade levou metade do teto. Eu não estava aqui, felizmente." Ele também, está brilhando, seus braços e ombros tocados pela prata. Assim como na noite da batida, eu penso nos retratos na igreja dos anjos com suas asas surgindo. "Eu decidi que poderia também me livrar da coisa toda." Ele termina com a lona e pula facilmente da cadeira, se virando para me encarar, sorrindo. "É a minha própria casa conversível."

"É incrível," eu digo, e eu realmente estou falando sério. O céu parece tão próximo. Eu sinto como se pudesse estender a mão e bater os dedos na lua.

"Agora eu vou pegar as velas." Alex corre por mim em direção a área da cozinha e começa a vasculhar. Eu posso ver coisas grandes agora, embora os detalhes ainda estejam perdidos na escuridão. Há um grande fogão a lenha num canto. No lado oposto há uma cama de solteiro. Meu estômago dá uma pequena sacudida quando eu a vejo, e mil memórias jorram em mim todas de uma vez—Carol sentada na minha cama me dizendo, na sua voz comedida, sobre as expectativas de marido e mulher; Jenny colocando a mão em seu quadril e me dizendo que eu não saberia o que fazer quando a hora chegar; histórias sussurradas de Willow Marks; Hana se perguntando em voz alta no vestiário como o sexo era, enquanto eu sibilava para ela ficar quieta, verificando sobre o meu ombro para ter certeza que ninguém estava ouvindo.

Alex acha algumas velas e começa a acendê-las uma por uma, e os cantos do cômodo entram em foco enquanto ele coloca as velas cuidadosamente pelo trailer. O que mais me atinge são os livros: formas irregulares que na meia escuridão pareciam ser parte dos móveis agora se revelam como pilhas altas de livros—mais livros do que eu vá vi, exceto pela biblioteca. Existem três estantes de livros colocadas contra uma parede. Até a geladeira, da qual a porta foi tirada, está lotada com livros.

Eu pego uma vela e vejo os títulos. Eu não reconheço nenhum deles.

"O que são esses?" Alguns dos livros parecem tão velhos e fendidos, eu tenho medo de que se eu tocá-los eles desmoronariam em pedaços. Eu declamo os nomes que eu leio nas lombadas, pelo menos aqueles que eu consigo: Emily Dickinson, Walt Whitman, William Wordsworth.

Alex olha para mim. "Isso é poesia," ele diz.

"O que é poesia?" Eu nunca ouvi a palavra antes, mas eu gosto de como ela soa. Soa elegante e fácil, de alguma maneira, como uma linda mulher virando em um longo vestido.

Alex acende a última vela. Agora o trailer está preenchido com luz quente e oscilante. Ele se junta a mim na estante e agacha, procurando por algo. Ele tira um livro e fica de pé, me passa para inspeção.

Famosas Poesias de Amor. Meu estômago dá uma cambalhota quando eu vejo aquela palavra—amor—impressa tão descaradamente na capa de um livro. Alex está me observando de perto, então, para esconder meu desconforto, eu abro o livro e olho a lista dos autores apresentados, listados nas primeiras páginas.

"Shakespeare?" Esse nome eu reconheço da aula de saúde. "O homem que escreveu Romeu e Julieta? O conto de advertência?"

Alex bufa. "Não é um conto de advertência," ele diz. "É uma ótima história de amor."

Eu penso naquele primeiro dia nos laboratórios: a primeira vez que eu vi Alex. Parece uma vida passada. Eu me lembro despejando a palavra lindo. Eu me lembro de pensar algo sobre sacrifício.

"Eles baniram poesia anos atrás, logo depois que eles descobriram a cura." Ele pega um livro o livro de volta e o abre. "Você gostaria de ouvir um poema?"

Eu assinto. Ele tosse, em seguida limpa a sua garganta, então ajeita seus ombros e rola o seu pescoço como se ele estivesse prestes a entrar num jogo de futebol.

"Continue," eu digo, rindo. "Você está protelando."

Ele clareia a sua garganta de novo e começa a ler: "Como hei de comparar-te a um dia de verão?"

Eu fecho meus olhos e escuto. O sentimento que eu tive antes de ser cercada por ondulações de calor e brasões dentro de mim como uma onda. Eu não entendo tudo isso, somente pedaços de imagens, sentenças que parecem meio terminadas, tudo flutuando junto como fitas coloridas ao vento. Isso me lembra, eu noto, da música que me deixou

muda há quase um mês atrás na fazenda. Isso tem o mesmo efeito, e me faz alegre e triste ao mesmo tempo.

Alex termina de ler. Quando eu abro meus olhos, ele está me encarando.

"O quê?" eu pergunto. A intensidade do seu olhar quase tira o meu fôlego—embora ele esteja olhando direto para mim.

Ele não me responde diretamente. Ele pula algumas páginas no livro, mas ele não olha para baixo. Ele continua com seus olhos em mim o tempo todo. "Você quer ouvir um diferente?" Ele não me espera responder antes de começar a recitar, "Como eu vos amo? Deixe-me contar as maneiras."

Há essa palavra de novo: amor. Meu coração para quando ele diz isso, então gagueja num ritmo frenético.

"Eu vos amo até a profundidade e a largura e a altura que minha alma pode alcançar, quando se sente fora de alcance."

Eu sei que ele só está falando as palavras de outra pessoa, mas elas parecem vir dele de qualquer maneira. Seus olhos estão dançando com a luz; em cada um eu vejo um ponto brilhante da luz de vela refletida.

Ele dá um passo para frente e beija a minha testa suavemente. "Eu vos amo ao nível da mais simples necessidade cotidiana..."

É como se o chão estivesse balançando—como se eu estivesse caindo.

"Alex..." Eu começo a dizer, mas as palavras ficam enroladas na minha garganta.

Ele beija o meu maxilar—um beijo delicioso deslizante, mal roçando a minha pele. "Eu vos amo livremente..."

"Alex," eu falo, um pouco mais alto. Meu coração está batendo tão rápido que eu tenho medo que ele exploda contra minhas costelas.

Ele se afasta e me dá um sorriso, um sorriso torto. "Elizabeth Barrett Browning," ele diz, então delineia um dedo pelo meu nariz. "Você não gostou?"

O modo como ele me pergunta, tão alto e seriamente, ainda olhando nos meus olhos, me faz sentir como se ele estivesse na verdade perguntando outra coisa.

"Não. Eu quero dizer, sim. Digo, eu gosto, mas..." A verdade é, eu não tenho certeza do que eu quero dizer. Eu não posso pensar ou falar claramente. Uma única palavra está girando dentro de mim—uma tempestade, um furacão—e eu tenho que apertar meus lábios juntos para impedi-la de inchar a minha língua e abrir seu caminho para fora. Amor, amor, amor, amor. Uma palavra que eu nunca pronunciei, para ninguém, uma palavra que eu nunca me permiti pensar.

"Você não precisa explicar." Alex dá outro passo para trás. De novo eu tenho a impressão, confusamente, que nós estamos falando sobre outra coisa. Eu o desapontei de alguma forma. O que quer que tenha passado entre nós—e alguma coisa passou, até mesmo que eu não tenha certeza do que ou como ou porquê—o deixou triste. Eu consigo ver nos seus olhos, mesmo que ele ainda esteja sorrindo, e isso me faz querer pedir desculpas, ou jogar meus braços em volta dele e pedir para ele me beijar. Mas eu ainda tenho medo de abrir minha boca—com medo da palavra que sairá, e aterrorizada com o que vem depois.

"Venha aqui." Alex abaixa o livro e me oferece sua mão. "Eu quero te mostrar algo."

Ele me direciona a cama, e novamente uma onda de timidez toma conta de mim. Eu não tenho certeza do que ele espera, e quando ele senta, eu fico para trás me sentindo autoconsciente.

"Está tudo bem, Lena," ele diz. Como sempre, ouvi-lo dizer meu nome me acalma. Ele vai para trás na cama e se deita de costas e eu faço o mesmo, então nós estamos lado a lado. A cama é estreita. Há somente o bastante para nós dois.

"Vê?" Alex diz, inclinando seu queixo para cima.

Acima de nossas cabeças, as estrelas queimam e brilham e cintilam: milhares e milhares delas, tantas que parecem como flocos de neve rodopiando na escuridão. Eu não posso evitar; eu suspiro. Eu não acho que tenha visto tantas estrelas na minha vida. O céu parece tão próximo – amarrado esticadamente acima das nossas cabeças, além do trailer sem teto—era como se nós estivéssemos caindo dentro dele, como se nós pudéssemos pular para fora da cama e o céu fosse nos pegar, nos segurar, nos jogar como um trampolim.

"O que você acha?"

"Eu amo." A palavra salta, e instantaneamente o peso no meu peito se dissipa. "Eu amo" eu falo novamente, testando. Uma palavra fácil de falar, uma vez que você já disse. Curta. Ao ponto. Rola na língua. É incrível que eu nunca tenha dito antes.

Eu posso dizer que Alex está contente. O sorriso na sua voz fica maior. "A coisa de não ter encanamento é meio chato," ele diz. "Mas você tem que admitir que a vista é matadora."

"Eu queria que pudéssemos ficar aqui," eu deixo escapar, e então rapidamente gaguejo, "Quer dizer, não realmente. Não para sempre... você sabe o que eu quis dizer."

Alex move seu braço para baixo do meu pescoço, então me inclino e deito minha cabeça no lugar onde o seu ombro se conecta com seu peito, onde se encaixa perfeitamente. "Eu estou feliz que você tenha visto isso," ele diz.

Por um momento nós só deitamos em silêncio. O seu peito sobe e desce com sua respiração, e depois de um tempo o movimento começa a me embalar no sono. Meus pulmões parecem impossivelmente pesados, e as estrelas reorganizando a si mesmas em palavras. Eu quero continuar olhando, para ler o seu significado, mas as minhas pálpebras também estão pesadas: impossível, impossível de manter meus olhos abertos.

"Alex?"

"Yeah?"

"Conte aquele poema de novo." Minha voz não soa como a minha própria; minhas palavras parecem vir de longe.

"Qual deles?" Alex sussurra.

"Aquele que você conhece de cor." Flutuando. Eu estou flutuando.

"Eu sei um monte deles de cor."

"Qualquer um, então."

Ele toma fôlego e começa: "Eu levo o seu coração comigo. Eu o levo no meu coração. Eu nunca estou sem ele..."

Ele continua, as palavras me lavando, da maneira com que a luz do sol salta por cima da superfície da água e se infiltra em suas profundezas, iluminando a escuridão. Eu continuo com meus olhos fechados. Surpreendentemente, eu continuo vendo as estrelas: galáxias inteiras florescendo do nada—sóis cor-de-rosa e roxos, vastos oceanos de prata, mil luas brancas.

Parece que eu dormi somente cinco minutos quando Alex está gentilmente me sacudindo para me acordar. O céu ainda continua preto como tinta, a lua alta e brilhante, mas eu posso dizer pelas velas que estão agrupadas ao nosso redor que eu devo ter ficado fora por pelo menos uma hora ou mais.

"Hora de ir," ele diz, tirando o cabelo da minha testa.

"Que horas são?" Minha voz está rouca com o sono.

"Um pouco antes das três." Alex senta e sai da cama, então estende uma mão e me puxa para ficar de pé. "Nós temos que atravessar antes da Bela Adormecida acordar."

"Bela Adormecida?" Eu balanço minha cabeça confusamente.

Alex ri suavemente. "Depois da poesia," ele diz, inclinando para me beijar, "nós mudamos para contos de fadas."

Então de volta à floresta; pelo caminho partido que nos leva além das casas bombardeadas; através dos bosques novamente. O tempo todo eu sinto como se ainda não

tivesse acordado. Eu nem estou com medo ou nervosa quando escalamos a cerca. Passar pelo arame farpado é infinitamente mais fácil na segunda vez, e eu sinto como se as sombras tivessem textura, e nos protegesse como um manto. O guarda da guarita número vinte um ainda está exatamente na mesma posição—cabeça inclinada para trás, pés na mesa, boca aberta—e logo nós estamos tecendo nosso caminho ao redor da enseada. Então estamos deslizando silenciosamente pelas ruas em direção a Deering Highlands, e é então que eu tenho o pensamento mais estranho, meio horror meio desejo: que talvez tudo isso seja um sonho, e quando acordar eu estarei nas Terras Selvagens. Talvez eu acorde e descubra que eu sempre estive lá, e que toda Portland—e os laboratórios, e o toque de recolher, e o procedimento—foi um longo e distorcido pesadelo.

A Rua Brooks 37: através da janela, o calor e o cheiro de bolor nos atinge, uma parede. Eu só passei algumas horas lá e eu já sinto falta das Terras Selvagens – o vento nas árvores que soa como o oceano, o cheiro incrível das plantas florescendo, as coisas correndo invisíveis – toda aquela vida, empurrando e se estendendo em toda direção, adiante e adiante...

Sem muros...

Então Alex está me levando ao sofá e puxando um cobertor por cima de mim, me beijando e dizendo boa noite. Ele tem o turno da manhã nos laboratórios, e tem somente tempo o bastante para chegar em casa, tomar banho, e chegar no trabalho a tempo. Eu ouço seus passos se derretendo na escuridão.

Então eu durmo.

Amor: uma palavra singular, uma coisa fina, não maior ou mais comprida que um gume. É o que isso é: Um gume; uma navalha. Estabelece-se no centro da sua vida cortando tudo em dois. Antes e depois. O resto do mundo cai em ambos os lados.

Antes e depois—e durante, um momento não maior ou mais comprido que um gume.

19

Viva livre ou morra.

— Velho ditado, autor desconhecido, ouvido na Compilação Compreensiva de Palavras e Ideias Perigosas, www.ccpid.gov.org

Uma das estranhas coisas sobre a vida é que ela vai trepidar, cega e óbvia, mesmo quando o seu mundo privado—sua pequena esfera entalhada—estiver girando e se transformando, até se partir. Um dia você tem pais; no dia seguinte você é órfão. Um dia você tem um lugar e uma trilha. No dia seguinte você está perdido em um deserto.

E ainda assim o sol nasce e as nuvens se reúnem e derivam, as pessoas compram mantimentos e lavam os banheiros e as persianas sobem e descem. É quando você se dá conta que a maior parte disso—vida, o implacável mecanismo da existência—não é sobre você. Não inclui você em nada. Vai continuar em frente mesmo depois de você ter pulado da beirada. Mesmo depois de você estar morto.

Quando faço meu caminho de volta no centro de Portland pela manhã, é o que mais me surpreende—quão normal tudo parece. Não sei o que eu estava esperando. Realmente eu não pensava que os prédios teriam caído durante a noite, ou que as ruas teriam se transformado em escombros, mas ainda é um choque ver as pessoas carregando pastas, e os donos das lojas abrindo as portas da frente, e um só um carro tentando abrir caminho pelas ruas lotadas.

Parece absurdo que eles não saibam, não tenham sentido nenhuma mudança ou tremor, mesmo quando a minha vida foi virada de cabeça para baixo. Enquanto vou para casa continuo paranoica, sentindo como se em algum momento, alguém sentirá o cheiro das Terras Selvagens em mim, será capaz de dizer, só de ver o meu rosto, que eu cruzei os limites. A parte de trás do meu pescoço coça, como se tivesse sido espetada por galhos, e continuo sacudindo minha mochila para garantir que não vai ter nenhuma folha ou grama presa a ela—não que isso importe, já que não é como se Portland não tivesse árvores. Mas ninguém nem olha em minha direção. Já passa um pouco das nove, e a maioria das pessoas está correndo apressada para o trabalho. Um enorme borrão de pessoas normais, fazendo coisas normais, olhos mirando a sua frente, ninguém prestando atenção na pequena garota com uma mochila grumosa passando por eles.

Uma pequena e desinteressante garota com um segredo queimando dentro dela como fogo.

É como se a minha noite nas Terras Selvagens tivesse aguçado minha visão ao redor dos contornos. Mesmo pensando que tudo continua superficialmente igual, de algum modo, parece diferente—frágil, quase como se você pudesse colocar a mão através dos prédios e do céu e até mesmo das pessoas. Lembro-me de quando era bem novinha e vi Rachel construindo um castelo de areia na praia. Ela deve ter trabalhado nele por horas, usando diferentes copos e recipientes para moldar as torres e torreões. Quando ficou pronto parecia perfeito, como se tivesse sido feito com pedras. Mas quando a maré subiu, não precisou de mais que duas ou três ondas para destruí-lo por inteiro. Lembro-me de romper em lágrimas, e minha mãe me trouxe um sorvete de casquinha e me fez dividi-lo com Rachel.

É assim que Portland parece essa manhã: como algo correndo o perigo de ser destruído.

Continuo pensando sobre o que Alex sempre diz: Há mais de nós do que você imagina. Dou uma olhada em todos que passam, pensando que talvez seja capaz de ver algum sinal secreto em seus rostos, alguma marca de resistência, mas todos parecem iguais a sempre: perturbados, apressados, irritados, compelidos para frente.

Quando chego em casa, Carol está na cozinha lavando as louças. Tento passar despercebida por ela, mas ela me chama. Paro com um pé nas escadas. Ela vem ao hall, secando as mãos em uma toalha.

"Como estava Hana?" ela pergunta. Ela passa os olhos por todo o meu rosto, checando, como se estivesse procurando por marcas ou alguma outra coisa. Tento superar outro ataque de paranoia. Não teria como ela saber onde eu estive.

"Está bem," digo, dando de ombros, tentando parecer casual. "Embora não tenhamos conseguido dormir muito."

"Hmmm." Carol continua me olhando intensamente. "O que vocês garotas fizeram juntas?"

Ela nunca pergunta sobre a casa de Hana, e não o fez por anos. Alguma coisa está errada, penso.

"Você sabe, o de sempre. Vimos TV. Hana tem, sabe, sete canais." Não posso dizer se minha voz soa estranha ou aguda, ou se estou só imaginando isso.

Carol desvia o olhar, torcendo a boca para cima como se ela tivesse acabado de provar leite azedo. Posso dizer que ela está tentando descobrir um jeito de dizer algo nada prazeroso; ela faz sua expressão de leite-azedo sempre que tem de dar más notícias. Ela sabe sobre Alex, ela sabe, ela sabe. As paredes estão ficando mais próximas e o calor é sufocante.

Então, para a minha surpresa, ela curva os lábios em um sorriso, deixando para lá, e põe uma mão em meu braço. "Você sabe, Lena... Não vai ser assim por muito mais tempo."

Com sucesso consegui evitar pensar no procedimento por vinte e quatro horas, mas agora esse número horrível e iminente, pipoca de volta em minha cabeça, lançando uma sombra sobre tudo. Dezessete dias.

"Eu sei," murmuro. Agora minha voz definitivamente soa estranha.

Carol assente, e mantém o estranho meio sorriso preso em seu rosto. "Sei que é difícil de acreditar, mas você não vai sentir falta disso quando acabar."

"Eu sei." Parece que tem um sapo preso morrendo em minha garganta.

Carol continua assentindo para mim vigorosamente. Parece que sua cabeça está presa a um ioiô. Tenho a sensação de que ela quer dizer mais alguma coisa, algo que vai reafirmar para mim, mas ela obviamente não pensa em nada porque nós só ficamos ali, congeladas desse jeito, por quase um minuto.

Finalmente eu digo, "Estou subindo. Banho." Preciso de toda a minha força para conseguir dizer essas palavras. *Dezessete dias* continua retumbando em minha mente, como um alarme.

Carol parece aliviada que quebrei o silêncio. "Ok," ela diz. "Ok."

Começo a subir a escada, dois degraus de cada vez. Mal posso esperar para me trancar no banheiro. Embora esteja mais de oitenta graus na casa, quero ficar debaixo da água quente, derreter sob o vapor.

"Oh, Lena," Carol me chama quase como uma reflexão tardia. Viro-me e ela não está me olhando. Ela está inspecionando a ponta desgastada de uma de suas toalhas para louças. "Você deve colocar algo legal. Um vestido—ou aquela bela calça branca que você ganhou ano passado. E arrume o cabelo. Não o deixe secar ao natural."

"Por quê?" Não gosto do modo como ela não olha para mim, especialmente desde que sua boca está fazendo aquele gesto novamente.

"Convidei Brian Scharff para vir aqui hoje," ela diz casualmente, como se acontecesse todos os dias, uma coisa normal.

"Brian Scharff?" repito debilmente. O nome parece estranho em minha boca, e me traz gosto de metal.

Carol ergue o rosto e me olha. "Não sozinho," ela diz rapidamente. "Claro que não sozinho. A mãe dele também virá. E eu estarei aqui também, obviamente. Além do mais, Brian fez o procedimento mês passado." Como se fosse isso que estivesse me incomodando.

"Ele está vindo aqui? Hoje?" Tenho de me inclinar e apoiar uma mão sobre a parede. De alguma forma consegui esquecer completamente sobre Brian Scharff, esse nome organizadamente impresso em uma página.

Carol deve pensar que estou nervosa pelo encontro com ele, porque ela sorri para mim. "Não se preocupe, Lena. Você vai ficar bem. Nós vamos fazer a maior parte da conversa. Só pensei que vocês dois deveriam se conhecer, já..." Ela não termina a sentença. Ela não precisa.

Já que nós fomos pareados. Já que vamos nos casar. Já que vou ter de dividir minha cama com ele, e acordar todos os dias da minha vida junto dele, e ter de deixá-lo por as mãos em mim, e ter de me sentar com ele no jantar para comer aspargos em conserva e ouvi-lo falar sobre encanamento ou carpintaria ou qualquer que seja a designação dele.

"Não!" irrompo.

Carol parece surpresa. Ela não está acostumada a ouvir essa palavra, certamente não vinda de mim. "O que você quer dizer com não?"

Fecho meus lábios. Sei que recusá-la é perigoso, e sei que isso é errado. Mas não posso encontrar Brian Scharff. Não vou. Não vou sentar aqui e fingir que estou ouvindo-o falar, ou ouvindo Carol falar sobre aonde nós vamos morar em alguns anos, enquanto Alex está lá fora—esperando por mim para encontrá-lo, ou batendo os dedos contra sua mesa enquanto escuta música, ou respirando, ou fazendo qualquer outra coisa. "Quero dizer..." procuro por uma desculpa. "Quero dizer... Quero dizer, não podemos fazer isso outra hora? Não me sinto bem." Isso, pelo menos, é verdade.

Carol me encara. "Já é hora, Lena. Se você pode dar um jeito de dormir na casa de Hana, você pode lidar com isso."

"Mas... mas..." fecho minha mão em punho, apertando minha unha contra a palma até começar a doer, o que me dá algo para focar. "Mas eu quero que seja surpresa."

A voz de Carol diminui um pouco. "Não há surpresa sobre isso, Lena. Essa é a ordem das coisas. Essa é a sua vida. Ele é o seu par. Você vai conhecê-lo, e você vai gostar dele, é assim que são as coisas. Agora suba e entre no banho. Eles vão estar aqui à uma em ponto."

Uma. Alex sai do trabalho ao meio dia hoje; eu deveria ir encontrá-lo. Nós íamos fazer um piquenique na Rua Brooks 37, como sempre fazemos quando ele pega o turno da manhã, e aproveitamos a tarde juntos. "Mas..." Começo a protestar, sem saber o que mais posso dizer.

"Sem mas." Carol cruza os braços e me encara ferozmente. "Suba."

Não sei como subi as escadas; estou tão irritada que mal posso ver. Jenny está de pé no patamar, mascando chiclete, vestida com um dos antigos maiôs de Rachel. É grande demais para ela. "O que há de errado com você?" ela diz quando passo por ela.

Não respondo. Vou direto para o banheiro e ligo o chuveiro no mais forte que ele pode ir. Carol odeia quando desperdiçamos água, e normalmente tomo banho o mais rápido possível, mas hoje eu não me importo. Sento sobre o vaso e ponho a mão na boca, me impedindo de gritar. Isso é tudo culpa minha. Estive ignorando a data do procedimento, e evitando qualquer pensamento sobre o nome Brian Scharff. E Carol está absolutamente certa: essa é a minha vida e a ordem das coisas. Não há como mudar. Respiro fundo e digo a mim mesma para parar de ser tão infantil. Todo mundo tem de crescer alguma hora; minha vez é em 3 de setembro.

Vou ficar de pé, mas uma imagem de Alex na noite passada—parado tão perto de mim, dizendo aquelas estranhas e belas palavras, eu te amo até as profundezas e amplitudes e alturas que minha alma pode alcançar—me atinge novamente, e volto a sentar sobre o vaso.

Alex rindo, respirando, vivendo—separadamente, desconhecido para mim. Ondas de náusea me atingem e coloco a cabeça entre os joelhos, lutando com isso.

A doença, digo a mim mesma. A doença está progredindo. Tudo estará melhor depois do procedimento. Esse é o ponto.

Mas não adianta. Quando finalmente consigo manejar isso e entrar no chuveiro, tento me perder no ritmo das gotas de água atingindo a porcelana, mas imagens de Alex passam por minha mente—me beijando, acariciando meu cabelo, dedilhando minha pele—dançando, piscando, como a luz de uma vela prestes a ser extinta.

O pior é que nem posso deixar Alex saber que não vou conseguir me encontrar com ele. É perigoso demais ligar para ele. Meu plano era ir aos laboratórios e dizer a ele pessoalmente, mas quando desço as escadas, de banho tomado e arrumada e me aproximo da porta, Carol me para.

"Onde você pensa que vai?" ela diz bruscamente. Posso dizer que ela ainda está brava por eu ter argumentado com ela mais cedo—irritada, e provavelmente ofendida. Ela sem dúvidas pensa que eu deveria dar cambalhotas por finalmente ter um par. Ela tem o direito de pensar isso—alguns meses atrás eu estaria dando cambalhotas.

Desvio o olhar para o chão, tentando soar o mais doce e dócil possível. "Pensei em dar uma volta antes que Brian chegue." Tento ficar corada. "Estou um pouco nervosa."

"Você tem passado tempo suficiente fora de casa," retruca Carol. "E você só vai ficar suada e suja novamente. Se você quer algo para fazer, você pode me ajudar a preparar o armário de roupas de mesa."

Não tem jeito de desobedecer minha tia, então eu a sigo de volta para o andar de cima e sento no chão enquanto ela me passa toalha por toalha esfarrapada para mim, e eu as inspeciono procurando por furos e manchas, dobro, redobro e conto guardanapos. Estou tão irritada e frustrada que fico trêmula. Alex não vai saber o que aconteceu comigo. Ele vai se preocupar. Ou até pior, ele vai pensar que eu deliberadamente o evitei. Talvez ele pense que ter ido às Terras Selvagens me assustou.

Assusta-me quão violenta me sinto—quase louca, e capaz de tudo. Quero escalar paredes, queimar casas, alguma coisa. Várias vezes tenho a fantasia de pegar uma das estúpidas toalhas de louças de Carol e estrangulá-la com ela. Isso é o que todos os textos e O Manual do SSF, parentes e professores, sempre me alertaram. Não sei até que ponto eles estão certos ou Alex está. Não sei se esses sentimentos—essa coisa crescendo dentro de mim—são algo horrível e doentio ou a melhor coisa que já aconteceu comigo.

De qualquer jeito, não posso pará-la. Perdi o controle. E a coisa realmente doentia é que apesar de tudo, estou feliz.

Às doze e trinta, Carol me leva para o andar de baixo, para a sala de visitas, a qual posso dizer que foi limpa e arrumada. Os pedidos do meu tio, que normalmente estão largados em todos os lugares, foram arrumados em uma pilha de bom gosto, e nenhum dos velhos livros escolares e dos brinquedos quebrados que normalmente estão pelo chão são visíveis. Ela me leva para o sofá e começa a mexer com o meu cabelo. Sinto-me como um porco premiado, mas eu sei muito bem que não devo dizer nada sobre isso. Se eu fizer tudo que ela me diz para fazer—se tudo correr bem—talvez eu ainda tenha tempo de correr para a rua Brooks, nº 37, depois que Brian for embora.

"Pronto," Carol diz, se afastando e me olhando criticamente. "Esse é o melhor que você vai conseguir."

Fecho minha boca e me viro. Não quero que ela perceba, mas suas palavras lançaram uma dor aguda através de mim. Por incrível que pareça, realmente esqueci que deveria ser simples. Estou acostumada com Alex me dizendo que sou bonita. Estou acostumada a me sentir bonita perto dele. Um buraco se abre em meu peito. É assim que a vida vai ser sem ele: tudo vai se tornar comum de novo. Eu vou ser comum novamente.

Alguns minutos após a uma hora, ouço o portão da frente se abrir e passos se aproximando. Estive tão focada em Alex que não tive tempo de ficar nervosa sobre a chegada de Brian Scharff. Mas agora, tenho o selvagem desejo de correr para a porta dos fundos, ou fugir pela janela aberta. Penso sobre o que Carol faria se eu me jogasse contra a tela, e isso me trás uma vontade incontrolável de rir.

"Lena," ela me chama, exatamente no momento que Brian e a mãe dele batem na porta da frente. "Se controle."

Por quê? Estou tentada a retrucar. Não é como se ele pudesse fazer algo sobre isso, mesmo que ele me odeie. Eu estou presa a ele e ele está preso a mim. Nós estamos presos um ao outro.

Isso é o que significa crescer, eu acho.

Em minha imaginação Brian Scharff era alto e gordo, uma enorme figura. Na realidade ele é apenas alguns centímetros mais alto que eu—o que é impressionantemente baixo, para um garoto—e tão magro que me preocupo sobre quebrar seu pulso quando nos cumprimentarmos. Suas palmas estão cobertas pelo suor e mal nos damos as mãos. Parece com segurar um tecido úmido. Depois, quando tomamos nossos lugares, de forma discreta esfreguei minha mão contra minha calça.

"Obrigada por vir," Carol disse, e então uma longa e constrangedora pausa. No silêncio posso ouvir Brian chiando pelo nariz. Soa como se houvesse um animal morto preso em seu canal nasal.

Devo estar encarando, porque a senhora Scharff explica, "Brian tem asma."

"Oh," eu digo.

"A alergia faz piorar."

"Hmmm... Ele é alérgico ao quê?" pergunto, porque ela parece esperar por isso.

"Pó," ela diz enfaticamente, como se ela estivesse esperando para soltar essa palavra desde que passou pela porta. Ela inspeciona ao redor da sala—que não tem poeira—e Carol fica corada. "E pólen. Cachorros e gatos, claro, e amendoim, frutos do mar, trigo, laticínios e alho."

"Não sabia que se pode ser alérgico a alho," eu disse. Não posso evitar: só sai.

"Seu rosto incha como um acordeão." Senhora Scharff revira os olhos de forma desdenhosa para mim, como se eu, de alguma forma, fosse responsável por isso.

"Oh," digo novamente, e então outro desconfortável silêncio paira sobre nós. Brian não diz nada, mas ele ofega mais alto que nunca.

Dessa vez Carol vem ao meu resgate. "Lena," ela diz, "talvez Brian e a senhora Scharff gostem de um pouco de água."

Nunca estive tão grata por uma desculpa para deixar a sala em toda a minha vida. Pulo fora do meu lugar, quase derrubando o abajur da mesa com meu joelho por acidente. "Claro, vou pegar."

"Certifique-se de que está filtrada," a senhora Scharff me diz antes que eu saia da sala. "E sem muito gelo."

Na cozinha levo meu tempo enchendo os copos—pela torneira, obviamente—e deixando o frio ar do freezer tocar meu rosto. Da sala posso ouvir o baixo murmúrio de uma conversa, mas não posso dizer quem está falando ou o que está sendo dito. Talvez a senhora Scharff tenha decidido repetir a sua lista das alergias de Brian.

Sei que tenho que voltar para a sala, eventualmente, mas meus pés apenas não se movem através do hall. Quando finalmente os forço, sinto como se tivessem sido transformados em chumbo; ainda assim, eles me levam rápido demais para a sala. Continuo vendo uma sem limites série de dias sem graça, dias com a pálida cor de amarelo e branco das pílulas, dias que têm o mesmo sabor amargo da medicina. Manhãs e tardes preenchidas com um silencioso zumbido de umidificador, com a chiante respiração constante de Brian, com o pingo, pingo, pingo de uma torneira vazando.

Não há como parar isso. O hall não dura para sempre, e piso na sala justo em tempo de ouvir Brian dizer "Ela não é tão bonita quanto as fotos."

Brian e sua mãe estão de costas para mim, mas a boca de Carol se abre quando ela me vê parada ali, e os dois Scharffs se viram para me ver. Pelo menos eles têm a graça de parecerem embaraçados. Ele abaixa o olhar rapidamente, e ela cora.

Nunca me senti tão envergonhada ou exposta. Isso é pior até que ficar com a transluzente roupa de hospital nas avaliações, sob o brilho de luzes fluorescentes. Minhas mãos estão tão trêmulas que água escorre pela boca dos copos.

"Aqui estão as águas." Não sei onde encontrei força para me aproximar do sofá e colocar os copos na mesa de café. "Sem muito gelo."

"Lena..." minha tia começa a dizer algo, mas eu a interrompo.

"Sinto muito." Miraculosamente até consigo manejar um sorriso. Embora só consiga mantê-lo por uma fração de segundo. Minha mandíbula está trêmula também, e sei que vou chorar a qualquer momento. "Não estou me sentindo muito bem. Acho que preciso sair um minuto."

Não espero pela permissão. Viro-me e corro para a porta da frente. Enquanto me movo para o sol, ouço Carol se desculpando por mim.

"O procedimento ainda vai levar algumas semanas," ela está dizendo. "Então vocês têm de perdoá-la por ser tão sensível. Tenho certeza que vai estar tudo certo..."

As lágrimas começam quentes e velozes assim que estou do lado de fora. O mundo começa a se misturar, cores e formas se unindo. Ainda assim o dia é perfeito. O sol acaba de passar do meio do céu, um flutuante disco branco, como um círculo de metal aquecido. Um balão vermelho está preso em uma árvore. Deve estar ali há um tempo. Ele está flácido, começando a murchar, já meio desinflado, na ponta de sua corda.

Não sei como vou encarar Brian quando eu tiver de entrar novamente. Não sei como vou encará-lo. Milhares de coisas horríveis passam por minha mente, insultos que eu gostaria de despejar sobre ele. Pelo menos eu não pareço com uma tênia, ou, alguma vez já ocorreu a você que você é alérgico à vida?

Mas eu sei que não vou—não posso—dizer nenhuma dessas coisas. Além do mais, o problema não é realmente que ele chia, ou que é alérgico a tudo. O problema não é nem que ele não me acha bonita.

O problema é que ele não é Alex.

Atrás de mim a porta se abre. Brian diz, "Lena?"

Passo minhas palmas contra minhas bochechas rapidamente, afastando as lágrimas. A última coisa no mundo que eu quero é que Brian saiba que seu estúpido comentário me chateou. "Estou bem," respondi de volta, sem me virar, já que tenho certeza que estou uma bagunça. "Vou entrar em um segundo."

Ele deve ser estúpido ou teimoso, porque ele não me deixou sozinha. Ao invés disso, ele fechou a porta atrás de si e desceu pela varanda da frente. Ouço-o ofegando alguns passos atrás de mim.

"Sua mãe disse que não fazia mal eu vir atrás de você," ele disse.

"Ela não é minha mãe," o corrijo rapidamente. Não sei por que isso parece tão importante de ser dito. Eu costumava gostar quando as pessoas confundiam Carol com minha mãe. Isso significava que eles não sabiam a verdadeira história. Então novamente, eu costumava gostar de várias coisas que agora parecem ridículas.

"Oh, certo." Brian deve saber algo sobre minha mãe biológica. Está nos arquivos que ele deveria ter visto. "Desculpe. Esqueci."

Claro que você esqueceu, penso, mas não digo nada. Pelo menos o fato dele ter vindo atrás de mim me fez ficar irritada demais para continuar chateada. As lágrimas pararam. Cruzo meus braços e espero ele pegar a dica—ou ficar cansado de encarar as minhas costas—e voltar para dentro. Mas ao invés disso o ofego continua.

Eu o conheço há menos de meia hora, e já poderia matá-lo. Finalmente me canso de ficar parada em silêncio, então me viro e passo por ele rapidamente.

"Sinto-me muito melhor agora," digo. Não olho para ele enquanto me aproximo de casa. "Nós deveríamos entrar."

"Espere, Lena." Ele se move e agarra meu pulso. Acho que agarrar não é a palavra certa. Está mais para espalhar suor. Mas eu paro de qualquer modo, embora ainda não possa me fazer encarar seus olhos. Ao invés disso, mantenho meus olhos presos na porta da frente, percebendo pela primeira vez que a tela tem três grandes buracos nela, perto da

parte superior no canto direito. Não admira que a casa esteve cheia de insetos durante o verão. Grace encontrou uma joaninha no nosso quarto outro dia. Ela a trouxe para mim, carregando-a em sua pequena mão. Ajudei-a a carregá-la para baixo e soltá-la no lado de fora.

Sinto uma esmagadora onda de tristeza, não relacionada a Alex ou Brian nem nada disso. Estou apenas presa com a sensação do tempo passando tão rápido, correndo através de mim. Um dia eu vou acordar e toda minha vida vai estar atrás de mim, e vai parecer ter passado tão rápido quanto um sonho.

"Eu não queria que você ouvisse o que eu disse antes." ele diz. Pergunto-me se a mãe dele o fez falar isso. As palavras parecem requerer um enorme esforço por parte dele. "Foi rude."

Como se eu já não estivesse me sentindo completamente humilhada—agora ele tem de se desculpar por me chamar de feia. Minhas bochechas parecem que vão derreter de tão quentes.

"Não se preocupe com isso," digo, tentando tirar meu pulso de sua mão. Surpreendentemente, ele não me deixa ir—mesmo que tecnicamente ele não devesse estar me tocando.

"O que eu quis dizer foi..." Sua boca se move para cima e para baixo por um segundo. Ele não encontra os meus olhos. Ele continua escaneando a rua atrás de mim, seus olhos dardejando para trás e para frente, como um gato olhando um passarinho. "O que eu quis dizer foi que você parecia mais feliz nas fotos."

Isso é uma surpresa, e por um segundo não consigo pensar em uma resposta. "Não pareço feliz agora?" murmuro, e então me sinto ainda mais embaraçada. É tão estranho ter essa conversa com um desconhecido, mesmo sabendo que ele não vai ser um desconhecido por muito tempo.

Mas ele não parece abalado com a minha pergunta. Ele apenas balança a cabeça. "Sei que você não está," ele diz. Ele solta meu pulso, mas não me sinto mais tão desesperada para entrar em casa. Ele ainda está encarando a rua, e dou uma rápida olhada em seu rosto. Acho que ele poderia ser do tipo bonito. Nem de perto tão bonito quanto Alex, obviamente—ele é super pálido e um pouco afeminado, com uma cheia e redonda boca e um nariz pequeno—mas seus olhos são limpos, de um azul pálido, como o céu pela manhã, e ele tem um queixo bem forte. E agora começo a me sentir culpada. Ele deve saber que eu estou infeliz porque fui pareada com ele. Não é culpa dele eu ter mudado—visto a luz ou contraído deliria, dependendo de quem pergunta. Talvez ambos.

"Sinto muito," digo. "Não é você. Eu só—Eu só estou com medo do procedimento, só isso." Penso sobre quantas noites eu costumava fantasiar sobre ficar estendida na mesa de operação, esperando pela anestesia para transformar o mundo em névoa, esperando

para acordar renovada. Agora eu acordarei para um mundo sem Alex: acordarei na névoa, tudo cinza, borrado e irreconhecível.

Brian está olhando para mim, finalmente, com uma expressão que não posso identificar a princípio. Então me dou conta: pena. Ele sente muito por mim. Ele começa a falar tudo de uma vez só. "Ouça, provavelmente eu não deveria te dizer isso, mas antes do procedimento eu era como você." Seus olhos voltam para a rua. O ofego parou. Ele fala claramente, mas baixo, então Carol e sua mãe não podem ouvir através da janela aberta. "Eu não... Eu não estava pronto." Ele fecha os lábios, baixando sua voz a um sussurro. "Havia uma garota que eu costumava ver algumas vezes no parque. Ela era babá de seus primos e costumava levá-los para o playground que havia lá. Eu era capitão do time de esgrima no ensino médio... Lá era onde eu treinava."

Você seria capitão do maldito time de esgrima, pensei. Mas não disse em voz alta; posso dizer que ele está tentando ser legal.

"De qualquer modo, nós costumávamos conversar algumas vezes. Nada aconteceu," ele esclarece rapidamente. "Só algumas conversas aqui e lá. Ela tinha um sorriso bonito. E eu senti..." ele parou de falar.

Admiração e medo passam através de mim. Ele está tentando me dizer que nós somos iguais. Ele de alguma forma sabe sobre Alex—não sobre Alex especificamente, mas sobre alguém. "Espere um segundo." Minha mente está agitada. "Você está tentando me dizer que antes do procedimento você estava… Você ficou doente?"

"Estou só dizendo que eu entendo." Seus olhos encontram os meus por uma fração de segundos, mas é tudo que eu preciso. Tenho certeza agora. Ele sabe que eu fui infectada. Estou ao mesmo tempo aliviada e aterrorizada—se ele pode ver, outras pessoas verão também.

"Meu ponto é só que a cura funciona." Ele enfatiza a última palavra. Eu sei, agora, que ele está tentando ser gentil. "Sou muito mais feliz agora. Você será também, eu prometo."

Algo dentro de mim se rompe quando ele disse isso, e sinto que eu poderia começar a chorar novamente. Sua voz é tão reconfortante. Não há nada que eu deseje mais nesse momento do que acreditar nele. Segurança, felicidade, estabilidade: o que eu desejei toda a minha vida. E, por um momento, penso que talvez as últimas semanas de alguma forma foram algum longo e estranho delírio. Talvez após o procedimento eu acordarei como depois de uma febre alta, com apenas uma vaga recordação dos meus sonhos e uma sensação de alívio esmagadora.

"Amigos?" Brian diz, oferecendo-me sua mão para um aperto, e dessa vez eu não recuo quando ele me toca. Eu até o deixo segurar a minha mão por alguns segundos a mais.

Ele ainda está encarando a rua, enquanto estamos ali uma carranca se forma temporariamente em seu rosto. "O que ele quer?" ele murmura, e então chama, "Está tudo ok. Ela é o meu par."

Viro-me a tempo de ver um flash de cabelo marrom-dourado queimado—a cor das folhas no outono—desaparecer na esquina. Alex. Puxo minha mão para longe de Brian, mas é tarde demais. Ele se foi.

"Deve ter sido algum regulador," Brian diz. "Ele estava só parado ali, encarando."

O sentimento de calma e tranquilidade que eu tive segundos antes desaparece rapidamente. Alex me viu—ele nos viu, segurando as mãos, ouviu Brian dizer que eu sou seu par. E eu deveria tê-lo encontrado uma hora atrás. Ele não sabe que não pude sair de casa, não pude mandar uma mensagem para ele. Não posso imaginar o que ele deve estar pensando sobre mim agora. Ou na verdade, eu posso.

"Você está bem?" Os olhos de Brian são tão pálidos que quase parecem cinza. Uma cor doentia, nada a ver com o céu—como mofo ou podridão. Não acredito que pude pensar que ele poderia ser atraente por um segundo. "Você não parece muito bem."

"Estou bem." Tento dar um passo em direção a casa e tropeço. Brian se move para me segurar, mas me afasto dele. "Estou bem," repito, embora tudo ao meu redor esteja quebrado, fraturado.

"Está quente aqui," ele diz. Não posso ficar olhando para ele. "Vamos entrar."

Ele põe uma mão em meu cotovelo e me guia pelos degraus, através da porta e para a sala de visitas, onde Carol e a senhora Scharff estão esperando por nós, sorridentes.

20

Ex rememdium, salus.
"Da cura, salvação."

— Impresso em todas as moedas Americanas

Por algum milagre, eu devo ter passado uma impressão boa o bastante a Brian e a Sra. Scharff para satisfazer Carol, embora eu mal tenha falado durante o restante da visita (isso porque eu mal conseguia falar). Já é o meio da tarde quando eles se vão e Carol insiste para que eu a ajude em mais algumas tarefas e me faz ficar para o jantar—cada minuto que eu não posso correr para Alex é uma agonia, sessenta segundos de pura tortura—ela me promete que eu posso sair para uma caminhada quando eu terminar de comer, antes do toque de recolher. Eu aspiro meu feijão cozido e filé de peixe congelado tão rápido que quase vomito, e praticamente sento pulando na minha cadeira até que ela me deixa ir. Ela até me livra da função de lavar louça, mas eu estou muito brava com ela por me prender em primeiro lugar, para me sentir agradecida.

Eu vou para a Rua Brooks 37 primeiro. Eu realmente não acho que ele estará esperando por mim, mas estou esperando por isso de qualquer forma. Mas os quartos estão vazios, o jardim também. Eu devo estar meio delirante nesse ponto porque eu confiro atrás das árvores e arbustos, como se ele pudesse de repente aparecer, como ele costumava fazer a algumas semanas, quando ele, Hana e eu iríamos jogar nossos jogos épicos de esconde- esconde. Só pensar sobre isso trás uma dor aguda no meu peito. Menos de um mês atrás todo Agosto se estendia ante nós—longo, dourado e tranquilizador, como um período sem fim de um sono delicioso.

Bem, agora eu acordei.

Eu ando pela casa. Ver todas nossas coisas dispersas na sala de estar—cobertores, algumas revistas e livros, uma caixa de biscoitos e algumas latas de refrigerante, jogos antigos de tabuleiro, incluindo um jogo meio-completo de Scrabble, abandonado quando Hana começou a fazer palavras como quozz e yregg—me faz sentir esmagadoramente triste, e lembra-me aquela única casa que sobreviveu a blitz, e a rua destruída e bombardeada: um lugar onde todos fizeram coisas estupidamente cotidianas, até o momento do desastre, e mais tarde todos disseram, "Como eles poderiam não saber que estava vindo?"

Estúpido, estúpido—ser tão descuidado com o nosso tempo, acreditar que nós tínhamos tanto do que foi deixado.

Eu ando pelas ruas, frenética e desesperada agora, mas incerta do que fazer a seguir. Ele mencionou para mim uma vez que ele vivia na Forsyth—uma longa fileira de edifícios cinzentos, propriedade da universidade—então eu segui aquele caminho. Mas todos os prédios parecem os mesmos. Deve haver dúzias deles, centenas de apartamentos individuais. Eu estou tentada a ir a cada um deles até que o ache, mas aquilo seria suicídio. Depois de um casal de estudantes me dar um olhar suspeito—eu tenho certeza que pareço um desastre, face vermelha e olhos selvagens, quase histérica—eu mergulho numa rua secundária. Para me acalmar eu começo a recitar orações elementares: "H é para hidrogênio, o peso de um; quando a divisão da fissura, tão brilhante, tão quente quanto qualquer sol..."

Eu estou tão distraída voltando para casa que eu me perco num emaranhado de ruas se distanciando do campus da UP. Eu acabo numa rua estreita de mão-única que eu nunca vi antes e eu tenho que voltar para a Monument Square. O Governador está parado lá como sempre, sua palma vazia estendida, parecendo triste e desamparado na luz desbotada da tarde, como se ele fosse um mendigo, para sempre condenado a pedir esmolas.

Mas vê-lo me dá uma ideia. Eu procuro no fundo da minha bolsa um pequeno pedaço de papel, e escrevo, *Deixe-me explicar, por favor. Meia noite na casa 8/17*. Em seguida, depois de verificar para ter certeza de que ninguém me observava de uma das poucas janelas iluminadas restantes que negligenciavam a rua, eu saltei para a base da estátua e coloquei o bilhete na pequena cavidade no punho do governador. A chance de Alex verificar ali é de uma em um milhão. Mas mesmo assim, há uma chance.

Naquela noite, eu estou saindo do quarto, eu ouço um ruído atrás de mim. Quando me viro, Gracie está sentada na cama novamente, piscando para mim, seus olhos tão reflexivos quanto os de um animal. Eu coloco meu dedo nos meus lábios. Ela faz a mesma coisa, uma mímica inconsciente, e eu deslizo pela porta.

Quando eu estou na rua, olho para a janela uma vez. Por um segundo eu acho que vejo Gracie olhando para mim, seu rosto tão pálido quanto a lua. Mas talvez seja só um truque das sombras patinando silenciosamente sobre o lado da casa. Quando eu olho novamente, ela se foi.

A casa na Rua Brooks 37, está escura quando atravesso a janela, e completamente silenciosa. Ele não está aqui, eu penso. Ele não veio—mas uma parte de mim se recusa a acreditar nisso. Ele deve ter vindo.

Eu trouxe uma lanterna comigo, e começo uma verificação da casa, minha segunda no dia, recusando-me a chamá-lo por razões supersticiosas. De algum modo, eu não

suporto isso. Se ele não responder, eu serei forçada a finalmente aceitar que ele nunca recebeu o meu bilhete—ou até pior, recebeu, mas estava decidido a não vir.

Na sala de estar, eu paro.

Todas as nossas coisas—cobertores, os jogos, os livros—se foram. A madeira deformada do piso está nua e exposta sob a luz da minha lanterna. Os moveis estão frios e silenciosos, despidos de todos os nossos toques pessoais, os moletons descartados e as garrafas meio usadas de bronzeador. Já faz muito tempo desde que eu tive medo da casa ou estive assustada de andar em seus quartos à noite, mas agora o sentimento de espaços cavernosamente vazios volta—quarto após quarto de coisas desmoronando, coisas apodrecidas, ratos piscando para você de lugares escuros—e um profundo arrepio corre por mim. Alex deve ter vindo aqui depois de tudo, para limpar as nossas coisas.

A mensagem é clara para mim como qualquer bilhete. Ele terminou comigo.

Por um momento até mesmo me esqueço de respirar. E então o Frio vem, uma onda tão forte que me atinge no peito como uma força física, como andar em linha reta para as ondas na praia. Meus joelhos se curvam e eu me encolho, tremendo incontrolavelmente.

Ele se foi. Um som estrangulado sai da minha garganta e quebra o silêncio a minha volta, todo de uma vez. De repente eu estou soluçando alto na escuridão, deixando a lanterna cair no chão e piscando. Eu fantasio que eu choro tanto que encho a casa e me afogo, ou sou carregada por um rio de lágrimas para algum lugar distante.

Então eu sinto uma mão quente na parte de trás do meu pescoço, passando através do emaranhado do meu cabelo.

"Lena."

Eu me viro e Alex está ali, pairando acima de mim. Eu não consigo ver a sua expressão, mas na luz limitada parece rígida para mim, rígida e imóvel, como se fosse feita de pedra. Por um segundo eu estou preocupada que eu esteja somente sonhando, mas ele me toca de novo e sua mão é sólida, quente e áspera.

"Lena," ele diz novamente, mas ele não parece saber o que mais dizer. Eu fico de pé, limpando meu rosto no meu antebraço.

"Você recebeu o meu bilhete." Eu estou tentando engolir as lágrimas, mas somente conseguindo soluçar várias vezes.

"Bilhete?" Alex repete.

Eu queria estar segurando a lanterna para que eu pudesse ver o seu rosto mais claramente. Ao mesmo tempo, eu estou com medo disso, e com a distância que eu posso encontrar ali. "Eu deixei um bilhete no Governador," eu disse. "Eu queria que você me encontrasse aqui."

"Eu não o peguei," ele diz. Eu acho que ouço uma frieza na sua voz. "Eu só vim..."

"Pare." Eu não posso deixá-lo continuar. Eu não posso deixá-lo dizer que ele veio empacotar nossas coisas, que ele não quer me ver novamente. Isso vai me matar. Amor, a mais mortal de todas as coisas mortais. "Escute," eu falo, soluçando através das palavras. "Escute, sobre hoje... Não foi ideia minha. Carol me disse que eu o conheceria hoje, e eu não pude te avisar. E então estávamos parados lá e eu estava pensando sobre você, e as Terras Selvagens, em como tudo está tão diferente e em como não há tempo, não há tempo para nós, e por um segundo—um único segundo—eu quis que as coisas voltassem a ser como eram antes." Eu realmente não estou fazendo sentido algum, e eu sei disso. A explicação que eu revisei tantas vezes na minha cabeça está ficando toda enrolada, palavras saltando uma em cima da outra. As desculpas parecem irrelevantes: enquanto estou falando eu percebo que só há uma coisa que realmente importa. Alex e eu estamos sem tempo. "Mas eu juro que eu não queria isso de verdade. Eu nunca teria—se eu nunca tivesse te conhecido eu nunca podia ter—eu não sabia o que tudo significava antes de você, não realmente..."

Alex me puxa em sua direção e envolve os seus braços ao meu redor. Eu enterro meu rosto no seu peito. E parece encaixar tão precisamente, como se os nossos corpos fossem criados um para o outro.

"Shhh," ele sussurra no meu cabelo. Ele está me apertando tão forte que dói um pouco, mas eu não ligo. É um sentimento bom, como se eu quisesse, eu poderia levantar meus pés do chão e não me preocupar com mais nada, pois ele ainda estaria me segurando. "Eu não estou bravo com você, Lena."

Eu me afasto um pouco. Eu sei que até mesmo no escuro eu provavelmente pareço horrível. Meus olhos estão inchados e meu cabelo está grudado no meu rosto. Felizmente, ele mantém seus braços ao meu redor. "Mas você..." eu engulo em seco, tomo um longo fôlego para dentro e para fora. "Você levou tudo. Todas as nossas coisas."

Ele desvia o olhar por um momento. Seu rosto inteiro está escondido pelas sombras. Quando ele fala a sua voz está muito alta, como se ele só conseguisse dizer as palavras as forçando para fora. "Nós sempre soubemos que isso iria acontecer. Nós sabíamos que não tínhamos muito tempo."

"Mas—mas..." Eu não tenho que dizer que nós estivemos fingindo. Nós estivemos agindo como se as coisas nunca fossem mudar.

Ele coloca uma mão em ambos os lados do meu rosto, limpa as lágrimas com os seus polegares. "Não chore, tudo bem? Sem choro." Ele beija levemente a ponta do meu nariz, então pega uma das minhas mãos. "Eu quero mostrar algo a você." Há uma pequena falha na sua voz, e eu penso nas coisas se tornando desequilibradas, caindo aos pedaços.

Ele me leva até a escadaria. Longe, acima de nós, o teto está apodrecido em remendos, então a escada é delineada em luz prateada. A escadaria deve ter sido magnífica em algum ponto, se erguendo majestosamente antes de se separarem em duas, levando a corredores em ambos os lados.

Eu não estive no andar de cima desde primeira vez que Alex me trouxe aqui com Hana, quando nós fizemos disso um ponto para explorar cada quarto da casa. Eu nem mesmo pensei em verificar o segundo andar mais cedo essa tarde. Aqui é até mais escuro que o andar de baixo, se é possível, e mais quente também, uma névoa negra e flutuante.

Alex começa a andar pelo corredor, passando uma fila de portas de madeira idênticas. "Por aqui."

Acima de nós, um som frenético de vibração: morcegos, perturbados pelo som da sua voz. Eu deixo escapar um pequeno guincho de medo. Ratos? Tudo bem. Ratos voadores? Não tão bem. Essa é outra razão para eu estar fixada no andar térreo. Durante a nossa exploração inicial nós entramos no que deve ter sido o quarto máster—uma sala enorme com vigas meio destruídas de uma cama de dossel ainda paradas no centro dele—e olhamos para cima, e vimos dúzias e dúzias de formas escuras amontoadas ao longo das vigas de madeira, parecendo como horríveis brotos pretos pendendo ao longo da haste de uma flor, prontos para cair. Quando nos movemos, muitos deles abriram seus olhos e pareceram piscar para mim. O piso estava riscado com cocô de morcego e tinha um cheiro adocicado.

"Aqui dentro," ele diz, embora eu não possa ter certeza, eu acho que ele para na porta do quarto principal. Eu me arrepio. Eu não tenho absolutamente nenhum desejo de ver o lado de dentro do quarto Morcego novamente. Mas Alex é autoritário, então eu o deixo abrir a porta e passo a frente dele.

Assim que nós entramos no quarto eu engasgo e paro tão de repente que ele colide comigo. O quarto está incrível; está transformado.

"Bem?" Há uma nota de ansiedade na sua voz. "O que você acha?"

Eu não consigo responder imediatamente. Alex arrastou a cama velha para fora do caminho, em um dos cantos, e deixou o chão completamente limpo. As janelas—ou o que restou das janelas—estão escancaradas, então o ar cheira a gardênias e jasmim florescendo na noite, os seus perfumes flutuando com o vento vindo de fora. Ele organizou os nossos cobertores e livros no centro do quarto e montou um saco de dormir lá também, cercando toda a área com dúzias e dúzias de velas presas em engraçadas latas improvisadas, como copos e xícaras velhas ou latas de coca-cola descartadas, assim como na sua casa nas Terras Selvagens.

Mas a melhor parte é o teto: ou melhor, a falta de teto. Ele deve ter quebrado uma parte da madeira apodrecida do teto, e agora um enorme trecho de céu está esticado acima de nossas cabeças. Há menos estrelas visíveis em Portland do que no outro lado da

fronteira, mas ainda é bonito. Melhor ainda, os morcegos—perturbados de sua cama— se foram. Muito acima de nós, lá fora, eu vejo várias formas escuras dando voltas para frente e para trás sobre a lua, mas enquanto eles ficarem lá fora, eles não me incomodam.

De repente me atinge: ele fez isso por mim. Mesmo depois do que aconteceu hoje, ele veio e fez isso por mim. Sua gratidão me esmaga, e outro sentimento também, trazendo com ele uma pontada de dor. Eu não mereço isso. Eu não o mereço. Eu me viro para ele e nem consigo falar; o seu rosto está iluminado com o fogo e ele parece estar brilhando, transformando-se em fogo. Ele é a coisa mais bonita que eu já vi.

"Alex..." Eu começo a dizer, mas eu não consigo terminar. De repente eu estou até com medo dele, aterrorizada com sua total e absoluta perfeição.

Ele se inclina e me beija. E quando ele está pressionado tão perto de mim, com a maciez da sua camiseta roçando o meu rosto e o cheiro de bronzeador e grama saindo de sua pele, ele parece menos assustador.

"É muito perigoso voltar para as Terras Selvagens." Sua voz é rouca, como se ele tivesse gritado por muito tempo, e um músculo está trabalhando furiosamente em sua mandíbula. "Então eu as trouxe aqui. Eu pensei que você gostaria."

"Eu gostei. Eu—eu amei." Eu pressiono minhas mãos contra o meu peito, desejando de alguma forma estar ainda mais próxima dele. Eu odeio pele; eu odeio ossos e corpos. Eu quero me enrolar dentro dele e ser carregada lá para sempre.

"Lena." Diferentes expressões estão passando sobre seu rosto tão rapidamente que eu mal posso reconhecer a todas, e a sua mandíbula continua contraindo-se. "Eu sei que nós não temos muito tempo, como você disse. Nós mal temos algum tempo..."

"Não." Eu enterro meu rosto em seu peito, envolvo meus braços ao redor dele e aperto. Inimaginável, incompreensível: Uma vida vivida sem ele. A ideia me quebra—o fato dele estar quase chorando me quebra—o fato de que ele fez isso por mim, o fato dele acreditar que eu mereço isso—me mata. Ele é meu mundo e meu mundo é ele e sem ele não existe mundo. "Eu não vou fazer. Eu não vou continuar com isso. Eu não posso. Eu quero estar com você. Eu preciso estar com você."

Alex segura meu rosto, se curva para olhar nos meus olhos. Seu rosto está brilhando agora, cheiro de esperança.

"Você não tem que continuar com isso," ele diz. Suas palavras estão tropeçando para fora. Ele esteve obviamente pensando sobre isso por muito tempo e só tentando não dizer isso. "Lena, você não precisa fazer nada. Nós poderíamos fugir juntos. Para as Terras Selvagens. Ir e nunca mais voltar. Só—Lena, nós nunca poderíamos voltar. Você sabe, não é? Eles nos matariam, ou iam nos trancar para sempre... Mas Lena, nós poderíamos fazer isso."

Matar a ambos. É claro, ele está certo. Uma vida de fuga: é isso o que eu disse que queria. Eu dou um passo para trás, de repente sentindo-me tonta. "Espere," eu falo. "Só espere um segundo."

Ele me solta. A esperança no seu rosto morre de uma vez e por um momento nós só ficamos lá, olhando um para o outro. "Você não está falando sério," ele diz finalmente. "Você não quis dizer isso."

"Não, eu quis, é só..."

"É só que você está assustada," ele diz, ele anda até a janela e olha para a noite, recusando-se a olhar para mim. Suas costas são aterrorizantes novamente: tão sólidas e impenetráveis, uma parede.

"Eu não estou assustada. Eu só..." eu luto com um sentimento sombrio. Eu não sei o que eu sou. Eu quero Alex e eu quero a minha antiga vida eu quero paz e felicidade e eu sei que eu não posso viver sem ele, tudo ao mesmo tempo.

"Está tudo bem." Sua voz é lenta. "Você não precisa explicar."

"Minha mãe," eu explodo. Alex vira-se então, parecendo assustado. Eu estou tão surpresa quanto ele. Eu nem sabia que diria as palavras até eu dizê-las. "Eu não quero ser como ela. Você entende? Eu vi o que isso fez a ela... isso a matou, Alex. Ela me deixou, deixou a minha irmã, deixou tudo. Tudo por essa coisa, essa coisa dentro dela. Eu não vou ser como ela." Eu realmente nunca falei sobre isso, e estou surpresa com o quão difícil isso é. Agora eu tenho que me afastar, sentindo-me doente e envergonhada que as lágrimas tenham começado novamente.

"Por que ela não era curada?" Alex pergunta suavemente.

Por um momento eu não posso falar, e eu apenas permito-me chorar, silenciosamente agora, esperando que ele não possa notar. E quando eu controlo a minha voz, eu falo, "Não é só isso."

Então tudo sai de uma vez, os detalhes, coisas que eu nunca compartilhei com ninguém antes. "Ela era tão diferente de todo mundo. Eu sabia disso—que ela era diferente, que nós éramos diferentes—mas isso não pareceu assustador no começo. Só parecia o nosso pequeno e delicioso segredo. Meu, dela e da Rachel também, como se nós estivéssemos num casulo. Era... era incrível. Nós mantínhamos todas as cortinas abaixadas para que ninguém pudesse nos ver. Nós costumávamos jogar esse jogo onde ela se escondia no corredor e nós tentávamos correr por ele e ela tentava saltar e nos agarrar—brincar de trasgo, ela o chamava. Sempre acabava numa guerra de cócegas. Ela sempre estava rindo. Nós estávamos sempre rindo. E às vezes, quando fazíamos muito barulho, ela colocava uma mão sobre nossas bocas e ficava tensa por um segundo, ouvindo. Eu acho que ela estava escutando os vizinhos, para ter certeza que nenhum deles estava alarmado. Mas ninguém nunca veio.

"Algumas vezes ela fazia panquecas de amora para o jantar, como uma brincadeira. Ela mesma picava as amoras. E ela estava sempre rindo. Ela tinha uma voz linda, maravilhosa, como mel..."

Minha voz se quebra, mas eu não posso parar agora. As palavras estão caindo, tropeçando. "Ela costumava dançar, também. Eu te contei isso. Quando eu era pequena eu colocava meus pés em cima dos dela. Ela envolvia seus braços ao meu redor e nós nos movíamos lentamente ao redor do quarto enquanto ela contava a batida, tentando me ensinar o ritmo. Eu era terrível, desajeitada, mas ela sempre me disse que eu era linda." Lágrimas fazem o assoalho borrar debaixo dos meus pés.

"Não era tudo bom, nem sempre. Algumas vezes eu acordava no meio da noite para ir ao banheiro e a ouvia chorar. Ela sempre tentava abafar se virando para o seu travesseiro, mas eu sabia. Eu ficava assustada quando ela chorava. Eu vi um adulto chorar antes, você sabe? E a forma como ela chorava, a lamentação... como algum tipo de animal. E havia dias em que ela não saía da cama. Ela os chamava de seus dias negros."

Alex se move para mais perto de mim. Eu estou tremendo tão intensamente que eu mal consigo parar. Meu corpo age como se eu tentasse extrair algo, expelir algo do fundo do meu peito. "Eu costumava orar para que Deus a curasse de seus dias negros. Que ele a mantivesse—a mantivesse salva para mim. Eu queria que nós ficássemos juntas. Algumas vezes a oração parecia funcionar. Era boa na maioria das vezes. Era mais que boa." Eu mal posso dizer as palavras. Eu tenho que forçá-las para fora num sussurro. "Você não entende? Ela deixou tudo isso. Ela desistiu—por, por aquela coisa. Amor. Amor deliria nervosa—ou como você quiser chamar. Ela desistiu de mim."

"Eu sinto muito, Lena," Alex sussurra, atrás de mim. Dessa vez ele me alcança. Ele começa a desenhar círculos longos e lentos nas minhas costas. Eu me inclino para ele.

Mas eu ainda não terminei. Eu limpo as lágrimas furiosamente, tomo um longo fôlego. "Todos dizem que ela se matou porque não podia aguentar passar por outro procedimento." Eles ainda estavam tentando curá-la, você sabe. Seria a sua quarta vez. Depois da sua segunda cura, eles recusaram-se a anestesiá-la—eles pensaram que a anestesia estava interferindo com o caminho que a cura tomava. Eles cortaram dentro do seu cérebro Alex, e ela estava acordada."

Eu sinto a sua mão enrijecer temporariamente, e eu sei que ele está tão bravo quanto eu estou. Então os círculos começam novamente.

"Mas eu sei que esse não é o porquê." Eu agito a minha mão. "Minha mãe era corajosa. Ela não estava com medo da dor. Esse era todo o problema, na verdade. Ela não estava com medo. Ela não queria ser curada; ela não queria parar de amar o meu pai. Eu lembro que ela me disse uma vez, antes dela morrer. *Eles estão tentando tirá-lo de mim,* ela disse. Ela sorria tão tristemente. *Eles estão tentando tirá-lo de mim, mas eles não podem.* Ela costumava usar um de seus broches em volta do seu pescoço, numa corrente. Ela o

mantinha escondido na maior parte do tempo, mas nessa noite ela o tirara e estava olhando para ele. Era uma coisa como uma adaga, longa, estranha e prateada, com duas joias brilhantes no cabo, como olhos. Meu pai costumava usá-lo na sua manga. Depois que ele morreu, ela o usou todos os dias, nunca tirou nem mesmo no banho..."

Eu de repente percebo que Alex moveu as suas mãos e está a dois passos de mim. Eu me viro e ele está me encarando, rosto branco e chocado, como se ele tivesse visto um fantasma.

"O quê?" Eu me pergunto se é possível que eu tenha o ofendido de alguma maneira. Algo na maneira como ele me olha faz o medo começar a bater em meu peito, uma vibração frenética. "Eu disse algo errado?"

Ele balança a sua cabeça, um movimento quase imperceptível. O resto do seu corpo permanece tão reto e tenso como um fio esticado entre dois postes. "Quão grande era? O broche, eu quero dizer." Sua voz soa estranhamente muito-alta.

"O ponto não é o broche, Alex, o ponto é..."

"Quão grande ele era?" Mais alto agora, e forte.

"Eu não sei. Do tamanho de um polegar, talvez." Eu estou completamente perplexa com o comportamento do Alex. Ele tem a expressão mais dolorosa em seu rosto, como se ele estivesse tentando engolir um porco-espinho. "Era originalmente do meu avô—feito para ele, uma recompensa por realizar um serviço especial para o governo. Único. Era o que meu pai sempre dizia, de qualquer forma."

Alex não diz nada por um minuto. Ele se afasta, e com a lua brilhando sobre ele, seu perfil é tão rígido e reto, que ele poderia ter sido construído em pedra. Eu estou grata que ele não esteja mais olhando para mim, ele está começando a me assustar.

"O que você vai fazer amanhã?" Ele pergunta finalmente, lentamente, como se cada palavra exigisse um enorme esforço.

Parece uma coisa estranha para se perguntar no meio de uma conversa completamente desconexa, e eu começo a me irritar. "Você estava ao menos me escutando?"

"Lena, por favor." Aí está: a nota estrangulada e chocada novamente. "Só me responda. Você vai trabalhar?"

"Não até sábado." Eu esfrego meus braços. O vento soprando tem uma ponta gelada. Ele levanta os pelos do meu braço, faz arrepios picarem as minhas pernas. O outono está chegando. "Por quê?"

"Você tem que se encontrar comigo. Eu tenho—eu tenho algo para te mostrar." Alex se volta para mim novamente, e seus olhos são tão negros e selvagens, seu rosto parece estranho. Eu dou um passo para trás.

"Você vai ter que fazer melhor que isso." Eu tento rir, mas o que sai um som gorgolejante. *Eu estou assustada*, eu quero dizer. *Você está me assustando.* "Você pode pelo menos me dar uma pista?"

Alex toma um longo fôlego, e por um momento eu penso que ele não vai me responder.

Mas ele responde.

"Lena," ele diz afinal. "Eu acho que sua mãe está viva."

21

LIBERDADE NA ACEITAÇÃO;
PAZ NA ENCLAUSURAÇÃO;
FELICIDADE NA RENÚNCIA

— Palavras esculpidas acima dos portões da entrada para as Criptas

Quando estava na quarta série, eu fui a uma excursão para as criptas. É obrigatório que cada criança as visite pelo menos uma vez na escola primária, como parte da Educação anti-resistência e anti-crime Governamental. Eu não me lembro de muita coisa da minha excursão, exceto do sentimento de terror absoluto, uma sombria impressão de frieza enegrecendo os corredores de concreto, alisados com mofo e umidade, e pesadas portas eletrônicas. Para ser honesta, eu acho que tive sucesso em bloquear a maior parte da memória. O propósito da excursão era traumatizar-nos pra continuarmos na linha, e eles com certeza conseguiram a parte traumatizante.

O que eu me lembro, é de sair depois para o sol brilhante de um belo dia de primavera com um senso esmagador de alívio, mas também de confusão, quando me dei conta de que, para sair das Criptas, nós na verdade tivemos de descer vários lances de escada para o andar térreo. O tempo todo que estivemos lá dentro, mesmo quando subi, eu tinha a impressão de ser enterrada viva, bloqueada pelas muitas histórias da superfície. Tão escuro como estava, tão perto do mau cheiro, era como estar dentro de um caixão com corpos em decomposição. Eu também me lembro que, logo que nós saímos, Liz Billmun simplesmente começou a chorar ali mesmo, quando uma borboleta bateu em seu ombro, e estávamos todos em estado de choque, porque Liz Billmun foi super resistente, e uma criança super valentona e não chorou nem mesmo quando quebrou o tornozelo na aula de ginástica.

Eu jurei nesse dia que eu nunca, jamais retornaria à Cripta por nenhuma razão. Mas na manhã seguinte, depois de minha conversa com Alex, eu estou parada do lado de fora de seus portões, com o braço em volta do meu estômago. Eu não fui capaz de comer qualquer coisa essa manhã, exceto a lama preta e grossa que meu tio chama de café, uma decisão que agora eu estou lamentando, eu sinto como se um ácido estivesse me corroendo por dentro.

Alex está atrasado.

Acima de mim, o céu está firmemente embalado com enormes nuvens de tempestade negra, é suposto ter tempestade mais tarde, coisa que parece apropriada. Além do portão, no final de uma curta estrada pavimentada A cripta paira negra e imponente. Uma silhueta contra o Céu escuro, parece como algo saído de um pesadelo. Uma dúzia de pequenas janelas—como múltiplos olhos de aranha arregalados—estão dispersas sobre toda sua fachada de pedra. Uma pequena área envolve a cripta deste lado, inclusa dentro dos portões. Eu me lembro da minha infância como um campo, mas na verdade é apenas um gramado cuidadosamente cuidado e sem manchas. Ainda sim, o verde vivo da grama, onde a grama realmente conseguiu afirmar-se através da sujeira, parece fora do lugar. Este parece ser um lugar onde nada deveria florescer ou crescer, onde o sol nunca deve brilhar: um lugar na borda, no limite, um lugar completamente removido do tempo, da felicidade e da vida.

Eu acho que, tecnicamente, é no limite, por que a Cripta está situada à direita na fronteira leste, ladeado na parte traseira, pelo rio Presumpscot, e, depois disso, as Terras Selvagens. A cerca eletrificada (ou não tão eletrificada) rodeia e corre diretamente para um dos lados da cripta, e começa novamente do outro lado, o próprio edifício serve como uma ponte conectada sem costura.

"Ei."

Alex está descendo a calçada, seu cabelo voando em torno da sua cabeça. O vento está definitivamente frio hoje, eu deveria ter usado um moletom pesado, Alex parece estar com frio também. Ele continua mantendo seus braços cruzados em seu peito. É claro que ele está vestindo apenas uma camisa de linho fino, o uniforme oficial de guarda que ele usa nos laboratórios. Ele tem seu crachá balançando no pescoço, também. Eu não o vi com ele desde o primeiro dia que nós nos falamos. Ele está até vestindo uma calça jeans legal. Isso tudo era parte do plano: para nos colocar dentro ele precisava convencer os administradores da prisão que nós estávamos em missão oficial. No entanto, é um consolo o fato de que ele ainda esteja usando seu tênis com os cadarços manchados de tinta. De alguma forma esse pequeno detalhe faz com que seja normal poder estar aqui, com ele, fazendo isso. Dá-me algo para me concentrar e me segurar, um pequeno flash de normalidade em um mundo que de repente se tornou irreconhecível.

"Desculpe pelo atraso," ele diz. Ele para a vários metros de distância de mim. Eu posso ver a preocupação em seus olhos, mesmo quando ele consegue manter o resto do seu rosto calmo. Há guardas que circulam o pátio além do portão. Este não é um lugar para nos tocarmos ou revelarmos qualquer tipo de familiaridade um com o outro.

"Tudo bem." Minha voz quebra. Eu sinto que eu poderia ter uma febre, desde que Alex e eu nos falamos ontem à noite, minha cabeça ficou girando, e meu corpo tem ficado quente em um segundo e frio no outro. Eu mal posso pensar, é um milagre que eu tenha conseguido sair de casa hoje. É um milagre eu estar usando calças, um duplo milagre, que eu tenha me lembrado de calçar os sapatos.

Minha mãe pode estar viva. Minha mãe pode estar viva. Essa é a única ideia em minha mente, o que superou todos os outros pensamentos racionais.

"Você está pronta para fazer isso?" Ele mantém sua voz baixa e sem tom no caso de os guardas poderem nos ouvir, mas eu posso detectar a nota de preocupação correndo debaixo dela.

"Eu acho que sim," eu digo. Eu tento botar um sorriso, mas meus lábios estão rachados e secos como uma pedra. "Pode até não ser ela, certo? Você pode estar errado."

Ele balança a cabeça, mas posso dizer que ele está certo de que não cometeu um erro. Ele tem certeza que minha mãe está aqui—neste lugar, este túmulo acima do solo—que esteve lá durante todo esse tempo. A ideia é esmagadora. Eu não posso pensar muito sobre a possibilidade de que Alex esteja certo. Preciso me concentrar, focar toda a minha energia em apenas ficar em pé.

"Vamos lá," ele diz. Ele caminha na minha frente, como se estivesse me guiando em uma missão oficial de negócios. Eu mantenho meus olhos treinados no chão. Estou quase feliz que a presença dos guardas requeira que Alex me ignore. Eu não tenho certeza de que poderia lidar com uma conversa agora. Um redemoinho de mil sentimentos passa através de mim, mil perguntas açoitam ao redor da minha mente, uma esperança e mil desejos reprimidos enterrados há muito tempo, e eu ainda não posso considerar nada, nem uma única teoria ou explicação que faça qualquer tipo de sentido.

Alex se recusou a me dizer mais depois de sua declaração de ontem à noite. "Você tem que ver," ele repetia silenciosamente, como se fosse a única coisa que ele soubesse dizer. "Eu não quero que você tenha grandes esperanças, por nada." E então ele me disse para encontrá-lo na Cripta. Eu acho que deve ter sido um choque. O tempo todo eu continuei me felicitando por não enlouquecer, por não gritar ou chorar ou exigir uma explicação, mas quando cheguei em casa mais tarde, eu percebi que não me lembrava da caminhada, de todo o percurso, e não mantive um olho atento nos reguladores ou patrulhas. Eu devo ter apenas rigidamente marchado pela rua, cega para tudo.

Mas agora eu chego ao ponto de choque, de torpor. Sem o entorpecimento eu provavelmente não teria sido capaz de me levantar e me vestir esta manhã. Eu não teria sido capaz de encontrar o caminho até aqui, e eu não estaria dando passos cuidadosos para frente agora, parando a uma distância respeitosa atrás dele enquanto Alex mostra seu crachá de identificação a um guarda no portão e começa a gesticular para mim.

Alex se inicia em uma explicação que ele obviamente ensaiou. "Houve um incidente em sua avaliação," diz ele, com a voz gelada. Ele e o guarda estão ambos me encarando: o guarda, desconfiado; Alex com o máximo de desapego que ele pode reunir. Seus olhos são de aço, todo o calor drenado para fora deles, e eu fico nervosa por ver quão facilmente ele consegue se tornar outra pessoa, alguém que não tem nenhum apego a mim. "Nada muito

grave. Mas seus pais e meus superiores acham que ela poderia se beneficiar de um pequeno lembrete sobre os perigos da desobediência."

O Guarda fixa seus olhos sobre mim. Seu rosto é gordo e vermelho, a pele de ambos os lado de seus olhos é saliente e inchada, como se ele estivesse com um monte de massa meio que crescendo. Logo, eu fantasiei que, os olhos dele vão ficar escondidos por trás da carne, tudo junto. "Que tipo de incidente?" diz ele, tirando o chiclete. Ele muda o enorme rifle automático que está carregando para o outro ombro.

Alex se inclina para frente de modo que ele e o guarda ficam separados através do portão por apenas alguns centímetros. Ele deixa cair sua voz, mas eu ainda posso ouvi-lo. "Sua cor favorita é a cor do nascer do sol," ele diz.

O Guarda olha para mim, por uma fração de segundo a mais, na mesma hora, e ele acenam pra que a gente possa passar. "Para trás, enquanto eu abro o portão," ele diz. Ele desaparece em uma guarita, semelhante a um dos laboratórios ao qual Alex está designado. E depois de alguns segundos o portão eletrônico treme em direção ao lado de dentro. Alex e eu começamos a andar para o outro lado do pátio em direção à entrada do edifício. A cada passo, a pesada silhueta da Cripta parece um pouco maior. O vento nos apanha, e faz pequenas partes de poeira girar por todo o pátio sombrio, fazendo um solitário saco plástico dançar, subindo e descendo sobre a grama, e o ar é preenchido com o tipo de eletricidade que sempre vem antes de uma tempestade; o tipo de energia louca vibrante, que faz parecer que algo grandioso pode acontecer a qualquer segundo, como se o mundo inteiro pudesse se dissolver direto ao caos. Eu daria qualquer coisa para que Alex virasse, sorrisse para mim e me oferecesse a sua mão. Claro, ele não pode. Ele avança rapidamente à minha frente, coluna rígida, olhos para frente.

Eu não tenho certeza de quantas pessoas estão confinadas nas Criptas. Alex estimou que fosse cerca de três mil. Quase não há absolutamente nenhum crime em Portland—graças à cura—mas ocasionalmente as pessoas roubam coisas ou vandalizam ou resistem aos procedimentos da polícia. Depois, há a resistência e os simpatizantes. Se eles não são executados imediatamente, alguns deles são deixados para apodrecer na Cripta.

As Criptas também atuam como um hospício em Portland, e embora possa não ter muita criminalidade , apesar da cura, temos a nossa cota de loucos como em qualquer outro lugar. Alex diria que é devido à cura que temos os nossos malucos, e é verdade que a maioria dos procedimentos realizados cedo demais ou procedimentos que dão errado, podem levar à dificuldades mentais ou algum tipo de fratura mental. Além disso, algumas pessoas nunca são as mesmas após o procedimento. Elas ficam catatônicas, todos com os olhos arregalados e com baba, e se suas famílias não podem pagar para mantê-los eles os enfiam na Cripta, para aprodecer e morrer.

Duas enormes portas duplas conduzem para as Criptas. Painéis minúsculos de vidro, provavelmente à prova de balas e revestidos com sujeira e resíduos de insetos mancham a parede, dá-me uma visão turva além do corredor longo e escuro, e diversas

luzes elétricas oscilam piscando. Uma placa digitada, deformada pela chuva e o vento, está colada na porta. Diz: TODOS OS VISITANTES IR DIRETAMENTE AO CHECK-IN E SEGURANÇA.

Alex para por apenas uma fração de segundo. "Pronta?" Ele diz para mim, sem olhar para trás.

"Sim," eu boto para fora.

O cheiro que nos atinge quando entramos quase me joga para trás—para fora da porta, através do tempo, de volta à quarta série. É o cheiro de milhares de corpos sujos comprimidos em conjunto, e debaixo do cheiro, por baixo da ardência do perfume de combustão industrial, está o cheiro de água sanitária e limpeza. Envolvendo tudo isso, o cheiro de umidade—corredores que não são sempre secos de verdade, vazamento de tubos, mofo crescendo atrás das paredes e em todos os pequenos lugares tortuosos que visitantes nunca tem permissão para ver. O check-in é à nossa esquerda, e a mulher que está armada na mesa atrás de outro painel à prova de balas está usando uma mascara médica. Eu não a culpo.

Estranhamente, enquanto nos aproximamos de sua mesa, ela olha para cima e se dirige a Alex pelo nome.

"Alex," ela diz, balançando a cabeça secamente. Seus olhos piscam para mim. "Quem é essa?"

Alex repete sua história sobre o incidente nas avaliações. Ele está, obviamente, bastante familiarizado com a guarda, porque ele usa o primeiro nome dela um par de vezes, e não consigo ver se ela está usando qualquer tipo de crachá, ela registra os nossos nomes no computador antigo em sua mesa e nos encaminha para a parte de segurança. Alex diz olá aqui também para o pessoal da segurança, e eu o admiro por sua frieza. Eu estou achando muito difícil apenas desabotoar meu cinto antes do detector de metal, minhas mãos estão tremendo demais. Os guardas nas criptas parecem ser cerca de 50 por cento maiores do que as pessoas normais, as mãos, como raquetes de tênis e peitos tão largos quanto barcos. E todos carregam armas. Grandes armas. Eu estou fazendo o meu melhor para não parecer totalmente apavorada, mas é difícil manter a calma quando você tem que despir praticamente toda a parte de baixo da sua roupa na frente de gigantes equipados com armas automáticas de assalto.

Eventualmente, nós passamos pela segurança. Alex e eu nos vestimos novamente em silêncio, e eu fico surpresa—e satisfeita—quando realmente consigo amarrar meu próprio cadarço.

"Apenas alas de um a cinco," um dos Guardas grita, Alex gesticula para eu segui-lo corredor abaixo. As paredes são pintadas de uma cor amarela doentia. Em uma casa, ou uma creche ou escritório brilhantemente iluminado, pode ser alegre, mas iluminado apenas pelas luzes fluorescentes irregulares que ficam zumbindo indo e

voltando, e manchado com anos e anos de água, marcas de mão, insetos esmagados e eu nem quero sabe o quê mais, parece incrivelmente deprimente—como receber um grande sorriso de alguém que tem dentes podres.

"Entendido," Alex diz. Eu estou supondo que isto significa ter certas áreas restritas para visitantes.

Eu sigo Alex por um corredor estreito, e depois outro. Os corredores estão vazios, e até agora não passaram todas as celas, embora à medida que continuamos fazendo voltas e mais voltas os sons de gemidos e gritos começam a flutuar para nós, bem como estranhos sons de animais berrando, mugidos e grasnado, como um bando de pessoas tentando imitar o som de um curral. Temos de estar perto do hospital psiquiátrico. Nós não passamos por nenhuma outra pessoa, nem nenhum enfermeiro, guarda ou paciente. Tudo é tão quieto que é quase assustador: em silêncio, também, com exceção daqueles sons horríveis, que parecem emanar das paredes.

Parece seguro falar, então eu pergunto a Alex: "Como todo mundo conhece você aqui?"

"Eu passo por aqui com frequência," ele diz como se fosse uma resposta satisfatória. Pessoas não simplesmente *passam por aqui* nas criptas. Não é como passar pela praia. Não se compara nem com um banheiro público.

Eu estou pensando que ele não vai elaborar mais, e estou prestes a pressioná-lo para uma resposta mais detalhada, quando ele sopra ar para fora do seu rosto e diz: "Meu pai está aqui. É por isso que eu venho."

Eu realmente não achava que nada poderia me surpreender mais nesse ponto, ou penetrar na neblina do meu cérebro, mas isso o faz. "Eu pensei que você havia dito que seu pai estava morto."

Alex me disse há muito tempo que seu pai havia morrido, mas ele se recusou a dar todos os detalhes. "Ele nunca soube que tinha um filho." Essa é a única coisa que Alex dissera, e eu achei que significava que seu pai tivesse morrido antes de Alex nascer.

À minha frente, os ombros Alex sobem e descem: um pequeno suspiro. "Ele está," ele diz, e faz uma parada abrupta, volta por um pequeno corredor que termina em uma porta de ferro pesada. Está marcada com outro sinal impresso. Ela diz, "PRISÃO PERPÉTUA." Sob a palavra, alguém escreveu de caneta, HA HA.

"O que você está...?" Eu estou mais confusa do que nunca, mas eu não tenho tempo para terminar de formular minha pergunta. Alex impulsiona o seu caminho para fora da porta e o cheiro que nos recebe—de vento e grama e coisas novas—é tão inesperado e bem-vindo que eu paro de falar, tomando longos e gratificantes goles de ar, sem perceber, eu estive respirando pela boca.

Nós estamos em um pátio minúsculo, cercado em todos os lados pelas laterais manchadas de cinza das Criptas. A grama aqui é surpreendentemente exuberante, atingindo praticamente meus joelhos. Uma única árvore torce por cima à nossa esquerda, e uma ave gorjeia nos seus ramos. É surpreendentemente bom aqui fora, pacífico e bonito—estranho estar de pé no meio de um jardim fechado pelas paredes de pedra maciça, como estar no centro exato de um furacão, e encontrar paz e silêncio no meio de deterioração e gritos.

Alex avançou alguns passos de distância. Ele está de pé, cabeça baixa, com seus olhos no chão. Ele também deve ter um senso de tranquilidade aqui, a quietude que parece pairar no ar como um véu, que cobre tudo com suavidade e descanso. O céu acima de nós é mais escuro do que era quando eu entrei pela primeira vez nas Criptas: contra todo o acinzentado e sombras, a grama está viva e elétrica, como se fosse iluminada de dentro. Vai chover a qualquer segundo. Tem que chover. Eu tenho a sensação do mundo prendendo a respiração antes de expirar um grande equilíbrio, oscilando, prestes a deixar ir.

"Aqui." A voz de Alex soa Alta, surpreendente alta, e isso me assusta. "Bem aqui." Ele aponta para um fragmento de rocha saliente torto no chão. "É onde meu pai está."

A grama está dividida por dezenas dessas rochas, que, à primeira vista pareceu ser naturalmente arranjada a esmo. Então eu percebo que elas foram deliberadamente prensadas para baixo da terra. Algumas delas estão cobertas de manchas negras desbotadas, a maioria ilegível, embora em uma pedra eu reconheça as palavras RICHARD e MORTO.

Lápides, eu percebo, o propósito do pátio despontando em mim. Estamos em pé, no meio de um cemitério.

Alex está olhando para um grande pedaço de concreto, tão plano quanto uma mesa, pressionado para baixo da terra na frente de seus pés. Todos os escritos estão visíveis aqui, as palavras nitidamente impressas no que parece ser um marcador preto, suas bordas ligeiramente desfocadas como se alguém viesse continuamente reconstituindo-os ao longo de um grande período de tempo. Diz WARREN SHEATHES, R.I.P[12].

"Warren Sheathes," eu digo. Eu quero chegar perto, deslizar minha mão na de Alex, mas eu acho que não estamos seguros. Há algumas janelas que rodeiam o pátio no andar térreo, e apesar de serem espessamente cobertos de fuligem, alguém poderia passar e a qualquer momento olhar para fora, e nos ver. "Seu pai?"

Alex balança a cabeça, depois sacode os seus ombros, um movimento repentino, como se tentasse empurrar-se para longe do sono. "Sim."

[12] *Requiescat in pace* - locução latina que significa "(que ele/ela) repouse em paz".

"Ele esteve aqui?"

Um lado da boca de Alex vai direto para um sorriso sarcástisco, mas o resto do seu rosto permanece uma pedra. "Por quatorze anos." Ele desenha um círculo lento no chão com o seu sapato, o primeiro sinal de desconforto físico ou distração que ele deu desde que chegamos. Nesse momento, eu estou impressionada com ele: desde que eu o conheço, ele não faz nada além de me apoiar, me dar conforto e me ouvir, e todo esse tempo ele também tem carregado esse peso dos seus próprios segredos.

"O que aconteceu?" Eu pergunto quieta. "Quero dizer, o que ele fez...?" Eu recuo. Eu não quero forçar a pergunta.

Alex olha para mim rapidamente e depois olha para longe. "O que ele fez?" ele diz. A dureza retorna à sua voz. "Eu não sei. O que todas as pessoas que acabam na Ala Seis fazem. Ele pensou por si mesmo. Defendeu o que acreditava. Recusou-se a ceder."

"Ala seis?"

Alex evita os meus olhos com cuidado. "A ala morta," diz ele calmamente. "Para presos políticos, principalmente. Eles são mantidos em confinamento solitário. E ninguém nunca é liberado." Ele aponta em torno dele, para os outros fragmentos de pedra juntando-se através da grama, dezenas de sepulturas improvisadas. "Nunca," ele repete, e eu penso na placa da porta: PRISÃO PERPÉTUA, HA HA.

"Eu sinto muito, Alex." Eu daria qualquer coisa para tocá-lo, mas o melhor que eu posso fazer é chegar mais perto dele para que a nossa pele seja separada somente por alguns centímetros.

Ele olha para mim, em seguida, atira-me um sorriso triste. "Ele e minha mãe tinham somente 16 anos quando se conheceram. Você pode acreditar nisso? Ela tinha apenas dezoito anos quando me teve." Ele se move para ficar agachado e traça o nome do pai com o polegar. Eu de repente entendo a razão pela qual ele vem aqui muitas vezes, é para continuar escurecendo as letras que desaparecem, para manter algum registro de seu pai. "Eles queriam fugir juntos, mas ele foi pego antes que eles pudessem finalizar o plano. Eu nunca soube que ele havia sido levado em custódia. Eu apenas pensei que ele estava morto. Minha mãe pensou que seria melhor para mim, e ninguém nas Terras Selvagens sabia o suficiente para corrigi-la. Eu acho que para minha mãe, era mais fácil acreditar que ele havia morrido realmente, ela não queria pensar nele apodrecendo neste lugar." Ele continua passando o dedo sobre as letras, indo e voltando. "Minha tia e meu tio me contaram a verdade quando eu completei quinze anos. Eles queriam que eu soubesse. Eu vim aqui para conhecê-lo, mas..." Eu acho que vi Alex estremecer, um movimento súbito endureçeu seus ombros de volta. "De qualquer forma, já era tarde demais. Ele estava morto, estava morto há alguns meses, e enterrado aqui, onde os seus restos mortais não contaminam nada."

Eu me sinto doente. As paredes parecem pressionar ainda mais em torno de nós, crescendo mais altas e mais estreitas, o céu parece cada vez mais distante, um ponto cada vez menor. Nós nunca vamos sair, eu penso, e então eu tomo uma inspiração profunda, tentando ficar calma.

Alex se endireita. "Pronta?" ele me pergunta pela segunda vez esta manhã. Eu aceno com a cabeça, mesmo que eu não tenha certeza de que eu esteja. Ele endireita-se, a cintilação de um breve sorriso, e eu vejo, por um segundo, uma faísca de calor saindo dos seus olhos. Então, ele é só negócios de novo.

Eu olho uma última vez para a lápide antes de irmos para dentro. Eu tento pensar em uma oração ou algo apropriado para dizer, mas nada vem a mim. As lições dos cientistas não são realmente claras sobre o que acontece quando você morre: Supostamente você se dispersa na matéria celestial que é Deus, você é absorvido por ele, embora eles também nos digam que os curados vão para o céu e vivem para sempre, em perfeita harmonia e ordem.

"Seu nome." Eu giro para ver o rosto de Alex. Ele já passou por mim, acenou com a cabeça para a porta, "Alex Warren."

Ele dá uma vibração quase imperceptível de cabeça. "Atribuído a mim," ele diz.

"Seu nome verdadeiro é Alex Sheathes," eu digo, e ele concorda. Ele tem um nome secreto, exatamente como eu. Nós permanecemos lá por mais um momento, olhando um para o outro, e naquele instante eu sinto a nossa ligação tão forte, que é como se ela atingisse a existência física, tornando-se uma mão ao redor de nós, colocando-nos juntos, protegendo-nos. Isso é o que as pessoas querem dizer quando falam sobre Deus: esse sentimento, estar realizado, ser compreendido e protegido. Sentir-se desta forma é como começar a fazer uma oração, por isso eu sigo Alex de volta para dentro, segurando a minha respiração quando encontramos novamente aquele fedor horrível.

Eu sigo Alex abaixo de um conjunto de corredores sinuosos. A sensação de tranquilidade e de paz que eu tinha no pátio é substituída quase que imediatamente pelo medo. Tão afiada que é como uma lâmina indo direto para o meu interior, indo para dentro mais e mais profundo, até que eu mal posso respirar ou continuar. Até o ponto que a dor cresce mais alto, quase a um passo de febre, e eu tenho que tapar os ouvidos, mas depois se esvai novamente. Uma vez passamos por um homem vestindo um longo jaleco branco corado com o que parece ser sangue, ele está levando um paciente com uma coleira. Nenhum deles olha para nós quando passamos.

Fazemos tantas voltas e curvas que estou começando a me perguntar se Alex está perdido, especialmente porque os corredores continuam mais sujos, e as luzes acima de

nós estão cada vez em menor número, então finalmente estamos caminhando através da escuridão e da obscuridade, com uma única lâmpada funcional simples, para iluminar vinte metros de corredor de pedra enegrecida. Em intervalos, vários sinais de néon brilhantes aparecem na escuridão, como se estivessem saindo do próprio ar: ALA UM, ALA DOIS, ALA TRÊS, ALA QUATRO. Alex continua andando, embora, quando passamos pelo corredor que leva à Ala Cinco eu o chamo, convencida de que ele tenha ficado confuso ou perdido no seu caminho.

"Alex," eu digo, até mesmo quando eu digo a palavra ela me estrangula, porque então nós chegamos a um conjunto pesado de portas duplas, marcadas com um pequeno sinal, mal iluminado, tão fraco que eu mal posso ler. E ainda parece queimar tão brilhantemente como mil sóis.

Alex se vira, e para minha surpresa, seu rosto não está tão sério de todo. Sua mandíbula está trabalhando e seus olhos estão cheios de dor, e posso dizer que ele se odeia por estar lá, por ser ele a dizer isso, por ser ele a me mostrar.

"Sinto muito, Lena," diz ele. Acima dele, o sinal arde na escuridão: ALA SEIS.

22

Seres humanos, desregrados, são cruéis e caprichosos; violentos e egoístas; miseráveis e briguentos. É somente depois de seus instintos e emoções básicas terem sido controlados, que eles podem ser felizes, generosos e bons.

— Manual de SSF

Eu tenho um medo súbito de ir mais longe. Essa coisa na boca do meu estômago aperta-se como um punho, tornando difícil respirar. Eu não posso continuar. Eu não quero saber.

"Talvez nós não devêssemos," eu digo. "Ele disse—ele disse que não era permitido."

Alex alcança-me como se ele estivesse pensando em me tocar, então se lembra onde nós estamos e força seus braços para os lados. "Não se preocupe," ele diz. "Eu tenho amigos aqui."

"Provavelmente nem é ela." Minha voz está aumentando um pouco, e eu estou preocupada que eu possa ter um colapso. Eu umedeço os meus lábios, tentando mantê-lo juntos. "Foi provavelmente apenas um grande erro. Nós não deveríamos ter vindo, em primeiro lugar. Eu quero ir para casa." Sei que deve soar como uma criança fazendo uma birra, mas não posso evitar. Caminhar por aquelas portas duplas parece absolutamente impossível.

"Lena, vamos. Você tem que confiar em mim." Então ele estende a mão, por apenas um segundo, um dedo sobre meu antebraço. "Ok? Confie em mim."

"Eu confio em você, é só..." O ar, o fedor, a escuridão e a sensação de podridão em volta de mim: me faz querer correr. "Se ela não está aqui... Bem, isso é ruim. Mas se ela está... Eu acho—eu acho que poderia ser ainda pior."

Alex me observa atentamente por um segundo. "Você tem que saber, Lena," ele diz finalmente, com firmeza, e ele está certo. Concordo com a cabeça. Ele me dá um simples lampejo de um sorriso, em seguida, chega à frente e lança-se a abrir as portas para a Ala Seis.

Nós entramos em um vestíbulo que se parece exatamente como eu imagino que deve ser uma cela nas criptas: as paredes e o piso são de concreto, e qualquer que seja a cor

com a qual eles devem ter pintado um dia, agora se desbotou para um sombrio e musgoso cinza. Uma única lâmpada está situada no alto do teto, e quase não oferece luz suficiente para iluminar o espaço minúsculo. Há um banco no canto, ocupado por um guarda. Este guarda é na verdade, de tamanho normal—magro, ainda, com marcas de espinhas e cabelo que me faz lembrar espaguete cozido demais. Assim que Alex e eu passamos pela porta, o guarda faz um ajuste pequeno e reflexivo em sua arma, puxando-a para mais perto do corpo dele e girando o cano ligeiramente em nossa direção.

Alex endurece ao meu lado. De repente, eu me sinto muito alerta.

"Não podem estar aqui," o guarda diz. "Área restrita."

Pela primeira vez desde que entramos nas criptas, Alex parece desconfortável. Ele mexe nervosamente com seu crachá. "Eu—eu pensei que Thomas estaria aqui."

O guarda fica de pé. Surpreendentemente, ele não é muito mais alto do que eu—ele é certamente menor do que Alex—mas de todos os guardas que eu vi hoje, ele me assusta mais. Há algo de estranho em seus olhos, uma insipidez e dureza que me lembram uma cobra. Eu nunca tive uma arma apontada para mim antes, e olhando para o longo cano, me sinto prestes a desmaiar.

"Oh, ele está aqui, certo. Ele está sempre aqui, hoje em dia." O guarda dá um sorriso sem humor, e seus dedos dançam o gatilho. Quando ele fala seus lábios curvam-se para cima, revelando uma boca cheia de dentes tortos e amarelos. "O que você sabe sobre Thomas?"

A sala assume a quietude e a carga do ar exterior, e me lembra de esperar por um trovão explodir a qualquer segundo. Alex se permite uma pequena indicação de nervosismo: ele curva e flexiona seus dedos contra suas coxas. Eu quase posso vê-lo pensando, tentando descobrir o que dizer em seguida. Ele deve saber que mencionar Thomas foi uma decisão ruim—até mesmo eu ouvi o desprezo e suspeita na voz do guarda quando ele pronunciou o nome.

Depois do que parece ser um longo tempo—mas são provavelmente apenas alguns segundos—o inexpressivo olhar do oficial desce sobre seu rosto novamente.

"Nós ouvimos que havia algum tipo de problema, isso é tudo." A declaração é suficientemente vaga, e uma suposição decente. Alex gira seu crachá de segurança ociosamente entre dois dedos. O guarda move os olhos para ele, e posso dizer que ele relaxa. Felizmente, ele não tenta olhá-lo mais de perto. Alex tem apenas autorização de segurança de nível 1 nos laboratórios, o que significa que ele mal tem o direito de visitar o armário do zelador, muito menos desfilar em torno de áreas restritas, lá ou em qualquer outro lugar em Portland, como se ele os possuísse.

"Demorou um bocado," o guarda diz categoricamente. "Thomas está fora há meses. Melhor para o DIC, eu acho. Não é o tipo de coisa que queiramos divulgar." O DIC é o

Departamento de Informação Controlada (ou, se você for cínica como Hana, Departamento de Idiotas Corruptos ou Departamento de Implementação de Censura), e arrepios alfinetam em meus braços. Se o DIC se envolveu, algo deu muito errado na Ala Seis.

"Você sabe como é," Alex diz. Ele se recuperara de seu deslize momentâneo; a confiança e a tranquiliadade retornam a sua voz. "É impossível obter uma resposta clara de alguém por lá." Outra declaração vaga, mas o guarda apenas assente.

"Nem me fale." Então ele faz um gesto com a cabeça em minha direção. "Quem é ela?"

Eu posso senti-lo olhando para a pele intocada no meu pescoço, notando que eu não tenho nenhuma marca processual. Como muitas pessoas, ele, inconscientemente, recua—apenas alguns centímetros, mas o suficiente para que o velho sentimento de humilhação, o sentimento de estar de alguma forma errada, se arraste sobre mim. Eu baixo meus olhos para o chão.

"Ela não é ninguém," diz Alex, e mesmo sabendo que ele tem que dizer isso, meu peito dói surdamente. "Eu tenho que mostrar as Criptas a ela, só isso. O processo reeducacional, você sabe o que quero dizer."

Eu prendo a respiração, certa de que a qualquer segundo ele vai nos mandar para fora, quase desejo que ele o faça. E ainda... Um pouco além do banco do guarda está uma única porta feita de um metal pesado, grosso, e protegido por um teclado eletrônico. Isso me lembra o cofre do banco na Central de Poupanças no centro da cidade. Através dela eu posso apenas distuinguir sons distantes—sons humanos, eu acho, mas é difícil dizer.

Minha mãe poderia estar além daquela porta. Ela poderia estar lá. Alex estava certo. Eu tenho que saber.

Pela primeira vez, eu começo a entender plenamente o que Alex me disse ontem à noite: todo esse tempo, minha mãe pode estar viva. Enquanto eu respirava, ela respirava também. Enquanto eu dormia, ela dormia em outro lugar. Quando eu acordava pensando nela, ela poderia pensar em mim também. É impressionante, tanto milagroso quanto ferozmente doloroso.

Alex e o guarda examinam um ao outro por um minuto. Alex continua girando seu crachá em torno de um dedo, enrolando e desenrolando a corrente. Parece colocar o guarda à vontade.

"Eu não posso deixá-lo ir lá atrás," diz ele, mas desta vez ele parece apologético. Ele abaixa a arma e se senta no banco novamente. Eu solto o ar rapidamente; eu prendera minha respiração sem querer.

"Você está apenas fazendo seu trabalho," Alex diz, mantendo sua voz neutra. "Então, você é o substituto de Thomas?"

"Isso mesmo." O guarda move seus olhos para mim novamente e eu posso sentir seu olhar fixo demorando sobre meu pescoço não-marcado. Eu tenho que me deter para não cobrir minha pele com uma mão. Mas ele deve ter decidido que nós não seremos nenhum problema, porque ele olha novamente para Alex e diz, "Frank Dorset. Fui transferido para cá em três de fevereiro—depois do incidente."

Alguma coisa sobre a forma que ele disse *incidente* deu-me calafrios na espinha.

"Que azar, huh?" Alex recosta-se contra a parede, a figura da casualidade. Somente eu posso detectar a tensão em sua voz. Ele está enrolando. Ele não sabe o que fazer lá, ou como conseguir que entremos.

Frank encolhe os ombros. "Mais quieto aqui, com certeza. Ninguém entra ou sai. Ao menos, quase ninguém." Ele sorri novamente, mostrando aqueles dentes horríveis, mas seus olhos mantêm uma estranha insipidez, como se houvesse uma cortina esboçada sobre eles. Eu me pergunto se isso foi um efeito secundário da cura ou se ele sempre foi assim.

Ele inclina sua cabeça para trás olhando minuciosamente para Alex com os olhos estreitos, e sua semelhança com uma cobra cresce cada vez mais forte. "Então, como você ouviu sobre o Thomas?"

Alex mantém a postura de despreocupado, sorrindo, girando seu crachá. "Rumores flutuando aqui e ali," ele diz, encolhendo os ombros. "Você sabe como é."

"Eu sei como é," Frank diz. "Mas o DIC não estava tão feliz sobre isso. Nos confinou por uns poucos meses. O que você ouviu exatamente, de qualquer forma?"

Eu posso notar que a pergunta é importante, algum tipo de teste. Seja cuidadoso, eu penso na direção de Alex, como se ele pudesse de alguma forma me ouvir.

Alex hesita por somente um segundo antes de dizer, "Ouvi que ele poderia ter simpatia pelo outro lado."

De repente, tudo fez sentido: o fato de que Alex disse, "Eu tenho amigos aqui," o fato que ele aparentemente tivera acesso a Ala Seis no passado. Um dos guardas deve ter sido um simpatizante, talvez um ativista da parte da resistência, a constante repetição de Alex repercute na minha cabeça: existem mais de nós do que você pensa.

Frank relaxa visivelmente. Parece que era a resposta correta. Ele parece decidir que Alex é, afinal de contas, digno de confiança. Ele afaga o cano da sua arma—que descansava causalmente entre seus joelhos—como se fosse um animal de estimação. "Isso mesmo. Chegou como um choque total para mim. Claro que eu mal o conhecia—o via algumas vezes na sala de descanso, uma ou duas no banheiro, isso é tudo. Na maioria das

vezes ele ficava sozinho. Eu acho que faz sentido. Deve ter sido pego falando com os Inválidos."

Essa é a primeira vez que eu ouvi alguém com o cargo de oficial reconhecer a existência de pessoas nas Terras Selvagens, e eu sugo uma respiração bruscamente. Eu sei que deve ser doloroso para Alex, permanecer ali, falando desdenhosamente sobre um amigo que foi pego por ser um simpatizante. A punição deve ter sido rápida e severa, especialmente porque ele estava na folha de pagamento do governo. O mais provável é que ele tenha sido enforcado, baleado ou electrocutado, ou foi posto em uma cela para apodrecer—se o tribunal foi misericordioso e decidiu contra o veredito de morte por tortura. Se é que ele teve um julgamento.

Incrivelmente, a voz de Alex não vacila. "Qual foi o alerta?"

Frank continua massageando sua arma, e alguma coisa sobre o movimento—a gentileza, quase como se ele quisesse trazê-la para vida—isso faz me sentir doente. "Sem alerta, exatamente." Ele varre seu cabelo tirando de seu rosto, revelando manchas vermelhas na testa reluzente com o suor. Deve estar mais quente aqui do que nas outras alas. O ar deve ficar preso nessas paredes, apodrecendo e infeccionando, como tudo nesse lugar. "Achavam que ele devia saber algo sobre a fuga. Ele era o responsável pela inspeção das celas. E o túnel não surgiu da noite para o dia."

"A fuga?" As palavras escaparam de minha boca antes que eu possa evitar. Meu coração começa a sacudir dolorosamente em meu peito. Ninguém nunca escapou das Criptas, nunca.

Por um momento a mão de Frank para sobre a arma, mais uma vez seus dedos executam uma dança sobre o gatilho. "Claro," ele diz, mantendo seus olhos sobre Alex, como se eu não estivesse lá. "Você deve ter ouvido sobre isso."

Alex encolhe os ombros. "Um pouco aqui, um pouco ali. Nada confirmado."

Frank ri. É um som terrível. Faz-me lembrar da vez em que vi duas gaivotas lutando em pleno ar por um pedaço de comida, guinchando enquanto elas despencavam em direção ao oceano. "Oh, isto está confirmado," ele diz. "Aconteceu em fevereiro. Nós pegamos o alarme vindo de Thomas, na verdade. Claro que se ele estivesse nisso, ela poderia ter ganhado um tempo de 6, 7 horas."

Quando ele diz a palavra ela, as paredes parecem desabar ao meu redor. Eu dou um rápido passo para trás, esbarrando contra uma parede. Poderia ser ela, eu penso, e por um horrível e culposo segundo, eu estou desapontada. Então eu me recordo que ela não poderia estar ali—e em qualquer caso, poderia ser qualquer pessoa que tenha escapado, qualquer simpatizante mulher ou agitadora. Mesmo assim, a tontura não diminui. Eu estou cheia de ansiedade, medo e um desejo desesperado, tudo de uma vez.

"O que há com ela?" Frank pergunta. Sua voz soa distante.

"Ar," eu consigo dizer. "É o ar daqui."

Frank ri novamente, aquele som estridente e desagradável. "Você pensa que é ruim aqui," ele diz. "Isso é um paraíso comparado com as celas." Ele parece ter prazer nisso, e isso me lembra um debate que eu tive há poucas semanas atrás com Alex, quando ele estava discutindo contra as utilidades da cura. Eu dizia que sem o amor, poderia também não existir o ódio: sem ódio, nenhuma violência. "Ódio não é a coisa mais perigosa," ele havia dito. "É a indiferença."

Alex começa a falar. Sua voz está baixa e ainda casual, mas há um tom de força nela: o tipo de voz de vendedores de rua, que faz você cair na deles quando estão tentando fazer você comprar uma caixa de frutas amassadas ou um brinquedo quebrado. *Está ok, eu darei a você um negócio, sem problema, confie em mim.* "Escute, apenas nos deixe entrar por um minuto. Isso é tudo que levará: um minuto. Você pode notar que ela já está assustada com a ideia. Eu tive que vir por todo caminho aqui para isso, dia de folga e tudo mais, eu estava indo para o píer talvez tentar pescar algo. A questão é, se eu a levo para casa e ela não foi endireitada... Bem, você sabe, as chances são de que terei que voltar aqui novamente. E eu só tenho alguns dias de folga, e o verão está quase acabando..."

"Por que todo o problema?" Frank diz, inclinando sua cabeça na minha direção. "Se ela está causando problemas, há um jeito fácil de corrigi-la."

Alex sorri forçadamente. "O pai dela é Steven Jones, comissário nos laboratórios. Ele não quer fazer um procedimento antecipado, sem problemas, sem violência ou confusão. Parece ruim, você sabe."

É uma mentira ousada. Frank poderia facilmente pedir para ver a minha identificação, e então Alex e eu estaríamos enrascados. Eu não tenho certeza sobre qual seria a punição por infiltrar-se nas Criptas por meios fraudulentos, mas não pode ser bom.

Frank parece interessado em mim pela primeira vez. Ele olha par mim de cima a baixo como se eu fosse uma laranja que ele está avaliando no supermercado para ver se está madura, e por um momento ele não diz nada.

Então, finalmente, ele fica em pé, escorregando a arma para cima de seus ombros. "Venham," ele diz. "Cinco minutos."

Enquanto ele está mexendo com o teclado, que exige tanto que ele digite o código como escaneie sua mão sobre um algum tipo de leitor de impressão digital, Alex estende a sua mão e pega no meu cotovelo.

"Vamos." Ele diz, fazendo sua voz grosseira, como se meu pequeno ataque o tivesse deixado impaciente. Mas seu toque é gentil, e sua mão quente e tranquilizadora. Eu desejaria que ele pudesse mantê-la ali, mas depois de apenas um segundo, ele me solta novamente. Eu posso ler uma súplica de maneira bem clara em seus olhos: Seja forte. Nós estamos quase lá. Seja forte por apenas mais um tempo.

A fechadura da porta abre com um estalo. Frank apóia seu ombro contra ela, forçando-a, e ela desliza abrindo somente o suficiente para nós passarmos espremidos por um corredor do outro lado. Alex entra primeiro, em seguida eu, depois Frank. A passagem é tão estreita que nós temos que ir em fila única, e está até ainda mais escuro do que no resto das Criptas.

Mas o cheiro é o que na verdade me atinge: um fedor horrível, podre e infeccioso, como os depósitos de lixo no porto, o lugar onde todas as tripas de peixe são descartadas, no dia mais quente. Até mesmo Alex pragueja e tosse, cobrindo seu nariz com a mão.

Atrás de mim eu posso imaginar Frank sorrindo. "A Ala Seis tem seu próprio perfume especial," ele diz.

Enquanto nós caminhamos, eu consigo ouvir o cano de sua arma, batendo contra sua coxa. Estou preocupada de que eu possa desmaiar, e eu quero alcançar e firmar-me contra as paredes, mas elas estão cobertas com fungos e umidade. Em ambos os lados, aparecem, em intervalos, as portas das celas aparafusadas, cada uma provida com uma única janela encardida do tamanho de um prato de jantar. Através das paredes nós podemos ouvir baixos gemidos, uma vibração constante. Isso é de alguma forma pior do que os guinchos e gritos de mais cedo: esse é o som que as pessoas fazem quando elas, depois de muito tempo, desistem da esperança de que alguém esteja escutando-os, um som reflexivo, querendo apenas preencher o tempo, o espaço e a escuridão.

Eu vou vomitar. Se Alex estiver correto, minha mãe está aqui, atrás de uma dessas terríveis portas—tão perto que se eu pudesse rearranjar as partículas e fizesse com que as pedras se dissolvessem, eu poderia esticar minha mão e tocá-la. Tão perto do que eu jamais pensei que estaria novamente.

Eu estou preenchida com pensamentos e desejos rivais: minha mãe não pode estar aqui; eu preferiria que ela estivesse morta; eu quero vê-la viva. E cheia, também, com outra palavra, pressionando para baixo todos os meus outros pensamentos: fuja, fuja, fuja. A possibilidade tão fantástica para considerar. Se minha mãe fosse a pessoa que fugiu, eu saberia. Ela teria vindo a mim.

A Ala Seis consiste em apenas um longo corredor. Até onde posso contar, existem quarenta portas, quarenta celas separadas.

"Isso é tudo," Frank diz. "O grande tour." Ele esmurra uma das muitas portas. "Aqui está seu garoto Thomas, se você quiser dizer olá." Então ele ri de novo, naquele som estridente e desagradável.

Eu penso no que ele disse quando entramos no primeiro corredor: Ele está sempre aqui, hoje em dia.

À frente de nós, Alex não responde, mas eu acho que o vi estremecer.

Frank me cutuca asperamente nas costas com o cano da sua arma. "Então o que você acha?"

"Horrível," eu consigo dizer. Senti como se minha garganta estivesse rodeada com arame farpado. Frank pareceu satisfeito.

"Melhor ouvir e fazer como mandam," ele diz. "Não termine como esse cara."

Nós tínhamos parado em frente de uma das celas. Frank balança a cabeça em direção a uma janela estreita, e eu dou um passo hesitante para frente, pressionando meu rosto até o vidro. Está tão imundo que é praticamente opaco, mas se eu apertar os olhos eu posso apenas distinguir algumas formas na obscuridade da cela: uma cama com um colchão fino e sujo; uma privada; um balde que parece que poderia ser o equivalente humano a uma vasilha de água de um cachorro. No primeiro momento eu pensei que houvesse uma pilha de panos velhos no canto também, até que percebi que essa coisa é um *cara*, Frank apontava para algo: um imundo amontoado de pele e ossos agachado, com aspecto louco e com cabelo embaraçado. Ele está imóvel, e sua pele está tão suja que se mistura com o cinza das pedras da parede atrás dele. Se não fossem por seus olhos, movendo-se continuamente de um lado para outro como se ele estivesse buscando no ar por insetos, você nunca saberia que ele estava vivo. Você jamais saberia que ele era humano.

Os pensamentos voltam novamente: eu preferiria que ela esteja morta. Não quero encontrá-la dentro desse lugar. Qualquer lugar menos aqui.

Alex continuou a descer pelo corredor, e eu o ouço tomar fôlego duramente. Eu levanto os olhos. Ele está totalmente parado e a expressão no seu rosto me faz ter medo.

"O quê?" Eu digo.

Por um momento ele não responde. Ele está olhando para algo que eu não posso ver—alguma porta, suponho, mais distante no corredor a baixo. Então ele vira-se para mim abruptamente, um movimento rápido e convulsivo.

"Não," ele diz, sua voz está rouca, e o medo surge, arrasando-me.

"O que é?" Eu pergunto novamente. Eu começo a descer pelo corredor em direção a ele. Parece, de repente, que ele está muito distante, e quando Frank fala mais alto atrás de mim, sua voz também soa distante.

"Aqui é onde ela estava" ele está dizendo. "Número cento e dezoito. A administração ainda não liberou a massa para consertar a parede, então apenas deixamos como está. Não há muito dinheiro circulando por aqui ultimamente para fazermos melhorias..."

Alex está me observando. Todo seu controle e confiança despareceram. Seus olhos estão brilhando de raiva, ou talvez de dor; sua boca está torcida em uma careta. Minha cabeça parece cheia de barulho.

Alex segura sua mão como se ele estivesse pensando em bloquear meu progresso. Nossos olhos se encontram por apenas um segundo e algo acende entre nós—uma advertência, ou uma desculpa, talvez—e então eu estou passando por ele para entrar na cela 118.

Em quase todas as formas, é idêntica às outras celas, eu dou uma olhada através da minúscula janela do corredor: um chão de cimento áspero; um vaso enferrujado e um balde cheio de água, várias baratas estão girando lentamente; uma pequena cama de ferro com colchão fino como papel, que alguém arrastara para o centro exato do quarto.

Exceto as paredes.

As paredes estão cobertas—lotadas—com escritas. Não. Escrita, não. Elas estão cobertas com uma palavra de quatro letras que foi escrita uma vez e outra, sobre cada superfície disponível.

Amor.

Em enormes curvas e rabiscos, apenas um pouco nos cantos; escrita em uma letra graciosa em sólido bloco; lascado, riscado, talhado, como se as paredes estivessem derretendo lentamente em poesia.

E no chão, deitada enrolada contra uma parede, está uma corrente de prata, fosca, com um amuleto ainda ligado a ela: um punhal de rubi incrustado cuja lâmina foi usada até uma pequena saliência. O amuleto do meu pai. O colar da minha mãe.

Minha mãe.

Todo esse tempo, durante cada longo segundo da minha vida, quando eu acreditava na morte dela, ela estava aqui: arranhando, cavando, desgastando, enclausurada nessas paredes de pedras como um longo segredo enterrado.

Eu sinto, repentinamente, como se estivesse nos meus sonhos, em pé sobre um penhasco quando o chão sólido se desintegra embaixo de mim, transformando-se em areia de uma ampulheta, fugindo sob os meus pés. Eu sinto o que faço, em meu sonho, quando percebo que todo o chão desapareceu, eu estou de pé, descalça sob uma lâmina de ar, preparada para cair.

"É terrível, você vê? Olhe o que a doença fez com ela. Quem sabe quantas horas ela gastou para rabiscar ao longo dessas paredes como um rato."

Frank e Alex estão de pé atrás de mim. As palavras de Frank parecem abafadas por uma camada de tecido. Eu dou um passo em direção a cela, de repente fixo em um raio de

luz, que se estende como um longo dedo dourado para o espaço da parede que foi lascado claramente. As nuvens devem ter começado a se dispersar lá fora: através de um buraco, no outro lado da fortaleza de pedra, eu vejo um clarão azul do rio Presumpscot, folhas movendo-se e caindo uma sobre as outras, e uma avalanche de verde, sol e perfume de selva, coisas crescendo. As Terras Selvagens.

Por muitas horas, por muitos dias, escrevendo essas mesmas quatro letras uma vez e outra: essa estranha e apavorante palavra, a palavra que a confinou aqui durante dez anos.

E, por fim, a palavra que a ajudou a fugir. Na parte inferior de uma das paredes, ela riscou a palavra tantas vezes, em uma letra tão grande—AMOR, cada letra do tamanho de uma criança—e penetrou tão profundamente na pedra que a letra O formou um túnel e ela escapou.

23

Comida para o corpo, leite para os ossos,
Gelo para o sangramento, uma barriga de pedras

— Bênção Popular

Mesmo depois dos portões de ferro se fecharem atrás de nós e as Criptas retrocederem na distância, o sentimento de estar encurralada por todos os lados não se vai. Ainda tem uma terrível pressão apertando meu peito, e tenho de lutar para respirar.

Um antigo ônibus de prisão nos leva para longe da fronteira, para Deering. De lá, Alex e eu andamos de volta para o centro de Portland, ficando em lados opostos da rua. A cada par de passadas que ele dá, gira a cabeça em minha direção para me olhar, abrindo e fechando sua boca como se estivesse pronunciando uma série de inaudíveis palavras. Sei que ele está preocupado comigo, e provavelmente esperando que desmorone, mas não consigo encontrar seus olhos ou falar com ele. Mantenho meus olhos fechados, mantenho meus pés se movendo adiante. Além da terrível dor em meu peito e em meu estômago, meu corpo parece entorpecido. Não posso sentir o chão abaixo de mim, ou o vento passando através das árvores, tocando meu rosto; não posso sentir o calor do sol, que ao contrário de todas as expectativas, irrompeu através das terríveis nuvens negras, iluminando o mundo em uma cor esverdeada estranha, como se tudo estivesse debaixo da água.

Quando eu era pequena e minha mãe morreu—quando pensei que ela tivesse morrido—lembro de sair para minha primeira corrida e ficar irremediavelmente perdida no fim do Congresso, uma rua em que brinquei durante toda a minha vida. Virei na esquina e me encontrei em frente ao Bubble and Soap Cleaners, e de repente eu era incapaz de dizer onde estava, nem se a minha casa ficava para a esquerda ou para a direita. Nada parecia igual. Tudo parecia como uma réplica pintada de si própria, frágil e distorcida, como se eu estivesse presa em uma casa de diversão cheia de espelhos refletindo meu regular mundo de volta para mim.

É como eu me sinto agora, novamente. Perdida e encontrada e perdida novamente, tudo ao mesmo tempo. E agora eu conheço alguém nesse mundo, na selvageria do outro lado da cerca, minha mãe está viva, respirando, suando, se movendo e pensando. Pergunto-me se ela pensa sobre mim, e a dor parece se aprofundar, me fazendo perder o ar completamente, então tenho de parar de andar e me arquear, uma mão sobre meu estômago.

Nós ainda estamos fora da península, não muito longe da rua Brooks, nº37, onde as casas são separadas por enormes jardins com grama alta, cheios de lixo. Ainda há pessoas nas ruas, incluindo um homem que logo digo ser um regulador à frente: mesmo agora, pouco antes do meio dia, ele tem um megafone balançando preso ao redor de seu pescoço e um bastão de madeira preso a sua perna. Alex deve tê-lo visto também. Ele fica alguns passos distante de mim, observando a rua, tentando parecer despreocupado, mas ele murmura em minha direção, "Você pode se mover?"

Tenho de lutar contra a dor. Ela está percorrendo todo o meu corpo agora, subindo até minha cabeça. "Acho que sim," murmuro.

"Beco. À sua esquerda. Vá."

Endireito meu corpo o máximo que consigo—o suficiente, pelo menos, para entrar no beco entre dois grandes prédios. Na metade do caminho no beco tem alguns lixões de metal, arrumados paralelamente um ao outro, zumbindo devido às moscas. O cheiro é nauseante, como estar de volta às Criptas, mas afundo entre eles de qualquer maneira, grata pelo esconderijo e por poder me sentar. Assim que começo a descansar, a pulsação em minha cabeça diminui. Inclino minha cabeça contra a parede, sentindo o mundo balançar, como um navio que se soltou de sua amarração.

Alex se junta a mim um momento depois, inclinando-se a minha frente, afastando o cabelo de meu rosto. É a primeira vez que ele é capaz de me tocar durante todo o dia.

"Sinto muito, Lena," ele diz, e eu sei que ele realmente sente. "Pensei que você gostaria de saber."

"Doze anos," disse simplesmente. "Por doze anos, pensei que ela estivesse morta."

Por um momento nós ficamos em silêncio. Alex desenha círculos em meus ombros, braços e joelhos—qualquer lugar que ele possa tocar, realmente, como se estivesse desesperado por manter um contato físico comigo. Eu gostaria de poder fechar os olhos e estourar em pó e nada mais, sentir todos os meus pensamentos desaparecerem como um dente de leão soprado ao vento. Mas suas mãos continuam me puxando de volta: para o beco, e Portland, e para o mundo que de repente parou de fazer sentido.

Ela está lá fora em algum lugar; respirando, sedenta, comendo, andando, nadando. Impossível, agora, contemplar o que está acontecendo em minha vida, impossível imaginar dormir, e mover meus pés para correr, e ajudar Carol com as louças, e até mesmo entrar na casa com Alex, quando eu sei que ela existe: que ela está lá fora, orbitando tão longe de mim quanto à distância das constelações.

Por que ela não veio por mim? O pensamento surge rapidamente e tão claro quanto um desejo elétrico, trazendo a dor de volta. Mantenho meus olhos fechados, eu inclino a cabeça para frente, rezando para que isso passe. Mas não sei como rezar por isso. Tudo que consigo me lembrar são de algumas palavras, não consigo pensar em nada além de

estar em uma igreja, quando era pequena e observava o sol nascer e então se esconder atrás dos vitrais, observando toda aquela luz morrer, deixando nada além de painéis maçantes de vidros coloridos, metálico e insubstancial.

"Ei. Olhe para mim."

Abrir meus olhos requer um tremendo esforço. Alex parece nebuloso, mesmo ele estando a não mais que um passo de distância de mim.

"Você deve estar com fome," ele diz gentilmente. "Vamos levar você para casa, ok? Você está bem para andar?" Ele se afasta um pouco, me dando espaço para levantar.

"Não." Isso sai mais enfático do que eu pretendia, e Alex me olha surpreso.

"Você não está bem para andar?" Uma pequena ruga surge entre suas sobrancelhas.

"Não." É uma luta manter minha voz em um volume normal. "Quero dizer, não posso ir para casa. De jeito nenhum."

Alex assente e enruga sua testa. "Nós poderíamos ir para Brooks por um tempo, ficar um pouco na casa. E então quando você se sentir melhor..."

Eu o corto. "Você não entendeu." Um grito está preso dentro de mim, um inseto preto escalando em minha garganta. Tudo que consigo pensar é: Eles sabiam. Eles —Carol e o tio William, e talvez até Rachel—e ainda assim eles me deixaram acreditar todo esse tempo que ela havia morrido. Eles me deixaram acreditar que ela havia me deixado. Eles me deixaram acreditar que eu não valia à pena. Estou cheia de repente, por uma raiva calorosa, uma fogueira: se eu os vir, se eu for para casa, não vou ser capaz de me impedir. Vou queimar toda a casa, ou parti-la parte por parte. "Quero fugir para longe com você. Para as Terras Selvagens. Como nós conversamos."

Penso que Alex ficaria feliz, mas ao invés disso ele apenas parece cansado. Ele olha para longe, com os olhos semicerrados. "Ouça, Lena, foi um longo dia. Você está exausta. Você está com fome. Você não está pensando claramente…"

"*Estou* pensando com clareza." Me lanço sobre meus pés, então não pareço tão indefesa. Estou brava com Alex, também, mesmo sabendo que isso não é culpa dele. Mas a raiva está aumentando dentro de mim, sem direção, ganhando força. "Não posso ficar aqui, Alex. Não mais. Não depois… não depois disso." Minha garganta sofre espasmos quando engulo o grito novamente. "Eles sabiam, Alex. Eles sabiam e nunca me disseram."

Ele fica de pé também—lentamente, como se o machucasse. "Você não tem certeza disso," ele diz.

"Eu tenho," insisto, e é verdade. Eu sei, no fundo eu sei. Penso em minha mãe curvada sobre mim, a flutuante palidez de sua pele clara surgindo através de meu sono, sua voz—eu amo você. Lembre-se disso. Eles não podem tirar isso—sussurrando

quietamente em meu ouvido, um pequeno e triste sorriso dançando em seus lábios. Ela também sabia. Ela deve ter sabido que eles estavam vindo por ela, e que iriam levá-la para aquele lugar horrível. E apenas uma semana depois eu estava sentada, vestida de preto de frente para uma urna vazia, com um monte de cascas de laranja para chupar tentando afastar as lágrimas, enquanto todos em quem eu acreditava construíam um sólido muro de mentiras ao meu redor ("Ela estava doente"; "É isso que a doença faz"; "Suicídio"). Fui eu quem foi realmente enterrada aquele dia. "Não posso ir para casa e não vou. Vou com você. Nós podemos fazer a nossa própria casa nas Terras Selvagens. Outras pessoas fazem isso, não fazem? Outras pessoas já fizeram isso. Minha mãe…" Quero dizer, minha mãe vai fazer isso, mas minha voz se quebra na palavra.

Alex está me olhando cuidadosamente. "Lena, se você for embora—de verdade—não vai ser como é para mim agora. Você entende, certo? Você não vai ser capaz de ficar indo e vindo. Você nunca vai poder voltar. Seu número vai ser invalidado. Todos irão saber que você é uma resistente. Todos vão procurar por você. Se alguém encontrá-la... Se alguma vez você for pega…" Alex não termina a sua frase.

"Não me importo," eu estouro. Não sou mais capaz de controlar o meu temperamento. "Foi você que sugeriu isso, não foi? Então o quê? Agora que eu estou pronta para ir você quer se retirar?"

"Estou apenas tentando..."

Eu corto Alex novamente, balanço-o; liberando a raiva, o desejo de rasgar, machucar e retalhar. "Você é igual a todo mundo. Você é tão ruim quanto todos os outros. Fala, fala, fala—Isso vem tão fácil para vocês. Mas quando é hora de agir, quando é hora de me ajudar…"

"Estou tentando ajudar você," ele diz cortante. "É uma grande coisa. Você entende isso? É uma escolha enorme, e você está chateada e não sabe o que está falando." Ele está ficando irritado também. O tom de sua voz faz algo doloroso correr através de mim, mas não consigo parar de falar. Destruir, destruir, destruir: quero quebrar tudo—ele, eu, nós, a cidade inteira, o mundo inteiro.

"Não me trate como uma criança," digo.

"Então pare de agir como uma," ele retruca. No segundo que as palavras saem de sua boca, posso dizer que ele se arrepende delas. Ele se vira parcialmente para fora, inala, e então diz com seu tom normal de voz. "Ouça, Lena. Eu sinto muito. Sei que você—digo, com tudo que aconteceu hoje—não posso imaginar como você deve estar se sentindo."

É tarde demais. Lágrimas estão embaçando minha visão. Viro-me para longe dele e começo a arranhar a parede com uma unha. Uma minúscula porção de tijolo se parte. Olhá-la cair no chão me lembra da minha mãe, e essas estranhas e aterrorizantes paredes, e as lágrimas vem rapidamente.

"Se você se importasse comigo, me levaria para longe," digo. "Se você se importasse comigo de verdade, iria nesse momento."

"Eu me importo com você," Alex diz.

"Não se importa não." Agora sei que estou sendo infantil, mas não posso evitar. "Ela também não se importava. Ela não se importava nem um pouco."

"Isso não é verdade."

"Por que ela não veio por mim, então?" Ainda estou virada para longe dele, pressionando minha palma contra a parede duramente, sentindo que ele também possa ter um colapso a qualquer segundo. "Onde ela está agora? Por que ela não veio procurar por mim?"

"Você sabe por que," ele diz com mais firmeza. "Você sabe o que teria acontecido se ela fosse pega novamente—se ela fosse pega com você. Teria significado morte para vocês duas."

Sei que ele está certo, mas isso não faz nada melhorar. Continuo sendo obstinada, incapaz de me fazer parar. "Não é isso. Ela não se importa, e você não se importa. Ninguém se importa." Apoio meu braço contra o rosto, passando pelo nariz.

"Lena." Alex põe uma mão sobre cada um de meus cotovelos e me guia de frente, para ele. Quando me recuso a encontrar seus olhos, ele inclina meu queixo para cima, me forçando a encará-lo. "Magdalena" ele repete, a primeira vez desde que nos conhecemos que ele usa meu nome todo. "Sua mãe amava você. Você entende isso? Ela amava você. Ela ainda ama você. Ela quer que você esteja segura."

Calor passa através de mim. Pela primeira vez na vida, não estou com medo da palavra. Algo parece se abrir dentro de mim, para se libertar como um gato tentando explorar o sol, e estou desesperada para que ele diga isso novamente.

Sua voz é incrivelmente suave. Seus olhos calorosos e pontilhados com luz, a cor do sol derretido como manteiga sobre as árvores, em uma quente tarde de outono.

"E eu amo você também." Seus dedos deslizam sobre a borda da minha mandíbula, brevemente sobre meus lábios. "Você deveria saber disso. Você tem que saber disso."

É quando acontece.

Parada ali entre dois nojentos latões de lixo em algum beco desagradável, com todo o mundo ruindo ao meu redor, e ouvindo Alex dizer aquelas palavras, todo o medo que carreguei comigo desde que aprendi a sentar, a me erguer, a respirar—desde que me disseram que dentro de mim havia algo errado, algo quebrado e doentio, algo a ser suprimido—desde que me disseram que eu estava apenas a um passo de ser danificada—tudo isso se desfez de uma só vez. Essa coisa—o coração dos corações em mim, o centro

do meu centro—se desenrolou ainda mais, subindo como uma bandeira: fazendo-me sentir mais forte que nunca.

Abro minha boca e digo, "Eu amo você também."

É estranho, mas depois daquele momento no beco, de repente eu entendi o significado do meu nome completo, a razão para minha mãe me nomear de Magdalena e o significado da velha história bíblica, de José e seu abandono a Maria Madalena. Entendi que ele desistiu dela por uma razão. Ele desistiu dela para que ela pudesse ser salva, mesmo que deixá-la partir tivesse sido sua sentença de morte.

Ele desistiu dela por amor.

Pensei que talvez, minha mãe tenha sentido, desde que nasci, que um dia ela deveria fazer a mesma coisa. Acho que isso é só parte de amar as pessoas: você tem de desistir de algumas coisas. Algumas vezes você tem de desistir delas.

Alex e eu falamos sobre todas as coisas que eu estaria deixando para trás para ir com ele para as Terras Selvagens. Ele queria ter absoluta certeza de que eu sabia no que estávamos nos metendo. Parar na Fat Cats Bakery depois de fechar e comprar as sobras do dia— roscas e pão de cheddar velhos por um dólar cada; sentar no píer e observar as gaivotas dando voltas em círculos, suas longas corridas pelas fazendas quando o orvalho brilha em cada folha de grama, como se estivessem envolvidas por vidro; o constante ritmo dos oceanos batendo contra Portland, como uma batida de coração; as estreitas ruas de pedras do velho porto; lojas cheias com belas e reluzentes roupas que eu nunca poderia comprar.

Hana e Grace eram meu único arrependimento. O resto de Portland poderia se dissolver em nada, por tudo que eu me importava: suas brilhantes torres finas e falsas com suas fachadas cegas observando, e pessoas obedientes inclinando as cabeças para receberem mais mentiras, como animais se oferecendo para o abate.

"Se nós vamos juntos, somos só você e eu," Alex continua repetindo, como que para ter certeza de que eu entendo—como que para ter certeza de que eu tenho certeza. "Sem voltar atrás. Nunca."

E eu digo: "Isso é tudo que eu quero. Só você e eu. Sempre."

Sinto isso mesmo. Não tenho medo. Agora que sei que vou tê-lo—que vamos ter um ao outro—sinto como se nunca mais pudesse ter medo de alguma coisa.

Nós decidimos deixar Portland em uma semana, exatamente nove dias antes do dia marcado para o meu procedimento. Estou nervosa por prolongar nossa partida por tanto tempo—estou meio tentada a fazer uma corrida até a cerca da fronteira e tentar arriscar o meu caminho em plena luz do dia—mas como sempre, Alex me acalma e explica a importância de esperar.

Nos últimos anos ele cruzou a fronteira apenas algumas vezes. É muito perigoso ficar indo e vindo mais vezes que isso. Mas na próxima semana, Alex vai cruzar duas vezes antes de nós escaparmos—quase um risco suicida, mas ele me convenceu de que era necessário. Uma vez que ele parta comigo e comece a faltar o trabalho e às aulas, ele vai ser invalidado também—mesmo que, tecnicamente, sua identidade nunca tenha sido realmente válida, em primeiro lugar, já que foi criada pela resistência.

E uma vez que nós dois estivermos invalidados, vamos ser apagados do sistema. Desaparecidos. Blip! Vai ser como se nunca tivéssemos existido. Pelo menos nós podemos contar com o fato de que não vamos ser perseguidos nas Terras Selvagens. Não haverá qualquer incursão. Ninguém vai vir procurar por nós. Se eles quiserem nos caçar, terão de admitir que nós saímos de Portland, que é possível, que os Inválidos existem.

Não vamos ser nada além de fantasmas, traços, memórias—e logo, conforme os curados mantiverem seus olhos firmemente focados no futuro, e a longa procissão de dias marchar através de nós—não seremos nem isso.

Já que Alex não vai poder voltar a Portland, precisamos levar o máximo de comida possível, roupas para o inverno e tudo mais que necessitamos para sobreviver. Inválidos nos assentamentos são muito bons em dividir as coisas. Ainda assim, outono e inverno nas Terras Selvagens é duro, e depois de anos vivendo em Portland, Alex não é exatamente um mestre da caça e coleta.

Combinamos de nos encontrarmos na casa à meia noite para continuarmos planejando. Vou levar a primeira coleção de pertences que eu quero levar comigo: meu álbum de fotos, um estojo cheio de bilhetes que Hana e eu trocamos no segundo ano na aula de matemática, e qualquer comida que eu possa contrabandear do depósito do Stop-N-Save.

São quase três da tarde quando Alex e eu nos separamos e vou para casa. A maioria das nuvens se desfez, e entre elas o céu está embaçado, um pálido azul, como seda desbotada e esfarrapada. O ar é quente, mas o vento está carregado com cheiro de outono, frio e fumacento. Logo todo o verde exuberante da paisagem vai queimar, transformando-se em vermelho e alaranjado; e então esses também vão queimar, ficando preto com a fragilidade gritante do inverno. E então eu vou ter partido—em algum lugar lá fora entre as magras e trêmulas árvores cobertas pela neve. Mas Alex estará comigo e estaremos seguros. Nós andaremos juntos, segurando as mãos, e nos beijar em plena luz do dia, e amar um ao outro o tanto que nós quisermos, e ninguém nunca vai tentar nos separar.

Apesar de tudo que aconteceu hoje, me sinto mais calma que nunca, as palavras que Alex e eu dissemos um para o outro me envolveram em uma camada protetora.

Não estive correndo regularmente por mais de um mês. Estava quente demais, e até recentemente Carol havia me proibido de fazer isso. Mas logo que chego em casa, ligo

para Hana e peço para ela me encontrar nas trilhas, nosso regular ponto de partida, e ela apenas ri.

"Eu estava prestes a te ligar e sugerir a mesma coisa," ela diz.

"Grandes mentes," eu digo, seu riso se perdendo por um segundo na avalanche explosões do receptor, como um sensor em algum lugar em Portland conectado em nossa conversa momentaneamente. O velho olho giratório, sempre girando, sempre vigiante. Irritação me atinge por um segundo, mas desaparece rapidamente. Logo eu estarei fora do mapa, completamente e para sempre.

Eu esperava conseguir sair de casa sem ver Carol, mas ela me intersectou no caminho para a porta. Como sempre, ela estava na cozinha, infinitamente repetindo seu ciclo de cozinhar e limpar.

"Onde você esteve durante todo o dia?" ela pergunta.

"Com Hana," respondo automaticamente.

"E você está saindo novamente?"

"Só para uma corrida." Mas cedo pensei que se eu a visse novamente iria cair no choro na frente dela, ou matá-la. Mas agora, olhando para ela, me sinto completamente entorpecida, como se ela fosse um cartaz pintado ou uma estranha que passa em um ônibus.

"O jantar é às sete e meia," ela diz. "Eu gostaria que você estivesse em casa para sentar a mesa."

"Vou estar em casa," digo. Ocorre a mim que esse entorpecimento, esse sentimento de separação, deve ser o que ela e todos que foram curados experimentam o tempo todo: como se houvesse um grosso e abafado painel de vidro entre você e todos os outros. Dificilmente alguma coisa penetra. Dificilmente alguma coisa importa. Eles dizem que a cura é sobre felicidade, mas agora entendo que não é, e nunca foi. É sobre medo: medo da dor, medo de se machucar, medo, medo, medo—uma cega existência animal chocando contra as paredes, chocando contra os corredores cada vez menores, aterrorizada, vaga e estúpida.

Pela primeira vez na vida sinto pena de Carol. Só tenho dezessete anos e já sei algo que ela ainda não sabe: sei que a vida não é vida se você apenas flutuar através dela. Sei que todo o ponto—o único ponto—é encontrar algo que importe, e segurar-se nele, e lutar por ele e se recusar a deixá-lo ir.

"Ok." Carol permanece ali, de um modo meio estranho, como ela sempre faz quando deseja dizer alguma coisa importante, mas não consegue se lembrar como fazê-lo. "Duas semanas até você ser curada," ela diz finalmente.

"Dezesseis dias," eu digo, mas em minha cabeça estou contando: Sete dias. Sete dias até eu estar livre e longe de todas essas pessoas e suas vidas superficiais e deslizantes, passando um pelo outro, deslizando, deslizando, deslizando, da vida para morte. Para eles dificilmente há uma diferença entre essas duas.

"É normal ficar nervosa," ela diz. Essa é a coisa difícil que ela estava tentando falar, as palavras de conforto que lhe custa muito lembrar. Pobre tia Carol: uma vida de louças e latas amassadas, feijão verde e dias que sangram para sempre em outro. Ocorre a mim, então, quão velha ela parece. Seu rosto está profundamente marcado e seu cabelo tem mechas cinza. Apenas seus olhos que me convenciam que ela era jovem: aqueles fixos olhos translúcidos que todos os curados carregam, como se eles estivessem sempre olhando de alguma distância. Ela deve ter sido bonita quando era mais jovem, antes de ser curada—tão alta quanto a minha mãe, pelo menos, e provavelmente tão magra quanto—e uma imagem mental surge de duas garotas adolescentes, dois esbeltos parênteses negros separados por um vão de mar de prata, jogando água uma na outra, rindo. Essas são coisas das quais você nunca abre mão.

"Oh, não estou nervosa," digo a ela. "Acredite em mim. Mal posso esperar."

Apenas mais sete dias.

24

O que é beleza? Beleza não é mais que um truque; uma ilusão; a influência de partículas excitadas e elétrons colidindo em seus olhos, se acotovelando em seu cérebro como um bando de crianças do jardim de infância prestes a serem liberadas para o recreio. Você vai se deixar ser iludido? Você vai se deixar ser enganado?

— "*De Beleza e Falsidade*", *A Nova Filosofia*, de Ellen Dorpshire

Hana já está lá quando eu chego, encostada na cerca de arame que circula a pista, cabeça inclinada para trás e olhos fechados de frente para o sol. Seu cabelo está solto e desce por suas costas, quase branco no sol. Paro quando estou a cinquenta passos de distância dela, desejando poder memorizá-la exatamente assim, prendo essa precisa imagem em minha mente para sempre.

Então ela abre os olhos e me vê. "Nós nem começamos a correr ainda," ela diz puxando a abertura e fazendo uma grande cena ao checar seu relógio, "e você já está em segundo lugar."

"Isso é um desafio?" perguntei, fechando os últimos dez passos entre nós.

"Só um fato," ela diz, rindo. Seu sorriso fraqueja um pouco quando me aproximo. "Você parece diferente."

"Estou cansada," digo. É estranho encarar uma a outra sem abraços ou algo assim, mesmo que as coisas sempre tenham sido assim entre nós, como as coisas sempre tiveram de ser. É estranho pensar que nunca disse a ela o quanto ela é importante para mim. "Dia longo."

"Você quer conversar sobre isso?" ela aperta os olhos para mim. O verão a deixou bronzeada. O sol deixou sardas em seu nariz que se agrupam como uma constelação de estrelas colidindo. Realmente acho que ela deve ser a garota mais bonita em Portland, talvez em todo o mundo, e sinto uma dor aguda nas costelas ao pensar em como ela vai envelhecer e se esquecer de mim. Um dia ela mal vai pensar em todo o tempo que passamos juntas... E quando ela o fizer, vai parecer distante e ligeiramente ridículo, como a lembrança de um sonho cujos detalhes você já começou a deixar para trás.

"Depois que nós correrrmos, talvez," digo, a única coisa em que consigo pensar para dizer. Você tem que ir em frente: é o único jeito. Você tem que ir em frente não importa o que aconteça. Essa é a lei universal.

"Depois que você comer poeira, você quis dizer," ela diz se inclinando para esticar os tendões.

"Você fala muito para quem esteve sentada sobre a bunda o verão todo."

"Olha quem está falando." Ela inclina o rosto e pisca para mim. "Não acho que o que você e o Alex têm feito realmente conta como exercício."

"Shhhh."

"Relaxa, relaxa. Não tem ninguém por perto. Eu chequei."

Tudo parece tão normal—tão deliciosa e maravilhosamente normal—que estou tomada por uma alegria da cabeça até os pés que me deixa tonta. As ruas estão listradas pelo sol e pelas sombras, e o ar cheira como sal e o odor de coisas fritas e, vagamente, das algas trazidas para as praias. Quero segurar esse momento dentro de mim para sempre, mantê-lo a salvo, como uma sombra de coração; minha antiga vida, meu segredo.

"Pique," digo para Hana, dando um tapa em seu ombro. "Está com você."

E então saio correndo e ela grita e pula para me alcançar, e nós estamos rodando na trilha e descendo a caminho do píer sem hesitar nem debater uma rota. Minhas pernas parecem fortes, firmes; a mordida que recebi na noite do ataque se curou bem e completamente, deixando só uma fina marca avermelhada em minha panturrilha. O ar frio bombeia dentro e fora de meus pulmões dolorosamente, mas é do tipo bom de dor: a dor que lembra você de quão incrível é respirar, sentir dor, ser capaz de sentir tudo. Sal entra em meus olhos e pisco rapidamente, sem ter certeza de se estou suando ou chorando.

Não é a corrida mais rápida que nós tivemos, mas penso que é uma das melhores. Nós mantemos exatamente o mesmo ritmo, correndo quase ombro com ombros, desenhando uma curva no velho porto por todo o caminho até Esplanada Leste.

Estamos mais devagar que no início do verão, disso tenho certeza. Na marca das três milhas nós duas estamos começando a ofegar, e em um acordo silencioso começamos a reduzir em direção ao gramado que leva a praia, nos arremessando para a areia, rindo.

"Dois minutos," Hana diz ofegante. "Só preciso de dois minutos."

"Patético," digo, mesmo estando tão grata quanto ela pela pausa.

"De volta para você," ela diz erguendo uma mão em minha direção. Nós duas caimos de costas, braços e pernas se afastando quando estamos prestes a fazer anjos na neve. A areia é surpreendentemente fria em minha pele e um pouco úmida. Provavelmente deve ter chovido mais cedo, talvez quando Alex e eu estávamos nas Criptas. Pensar mais uma vez naquela pequena cela e nas palavras perfuradas em linha reta pela parede, o sol reluzindo através do O como se irradiando através de um

telescópio, faz essa coisa apertar meu peito novamente. Mesmo agora, nesse segundo, minha mãe está lá fora em algum lugar—se movendo, respirando, vivendo.

Bom, logo vou estar lá fora também.

Só tem algumas pessoas na praia, a maioria são famílias caminhando, e um velho homem se arrastando lentamente pela água, apoiando sua bengala na areia. O sol está afundando mais atrás das nuvens, e a baia é um cinza duro, apenas um mal tingido com verde.

"Não posso acreditar que em algumas semanas nós não vamos ter que nos preocupar mais com toque de recolher," Hana diz, então gira a cabeça para me olhar. "Menos de três semanas para você. Dezesseis dias, certo?"

"Yeah." Não gosto de mentir para Hana então me sento, passando os braços ao redor de meus joelhos.

"Penso que na minha primeira noite curada vou ficar fora a noite toda. Só porque eu posso." Hana se apoia sobre os cotovelos. "Nós podemos planejar de fazer isso juntas—você e eu." Há uma nota de pedido em sua voz. Sei que eu deveria só dizer a ela, "yeah, claro" ou "isso parece ótimo." Sei que isso ia fazer ela se sentir melhor—iria me fazer sentir melhor—fingir que a vida continua como sempre.

Mas não consigo forçar as palavras a saírem. Ao invés disso começo a tirar pedaços de areia da minha coxa com o dedo. "Ouça, Hana. Tenho que dizer algo pra você. Sobre o procedimento..."

"O que tem?" Ela aperta os olhos para mim. Ela ouviu um tom de seriedade na minha voz, e isso a preocupou.

"Prometa que você não vai ficar brava, ok? Não vou ser capaz de..." Me paro antes de conseguir dizer, não vou ser capaz de partir se você estiver brava comigo. Estou ficando me atropelando.

Hana se senta completamente, erguendo uma mão, forçando um riso. "Deixe-me adivinhar. Você está abandonando o barco com o Alex, fazendo uma corrida para ele, indo toda fugitiva e Inválida para mim." Ela diz brincando, mas tem algo em sua voz, uma corrente de carência. Ela quer que eu a contradiga.

Não digo nada, porém. Por um minuto nós só encaramos uma a outra, e toda a luz e energia são drenadas de seu rosto de uma só vez.

"Você não está falando sério," ela finalmente diz. "Você não pode estar falando sério."

"Eu tenho que fazer, Hana," digo a ela quietamente.

"Quando?" Ela morde seu lábio e desvia o olhar.

"Nós decidimos isso hoje. Essa manhã."

"Não. Quero dizer—quando. Quando vocês vão?"

Hesito por só um segundo. Depois dessa manhã, sinto como se eu não soubesse muito sobre o mundo ou alguma coisa nele. Mas eu sei que Hana nunca iria me trair—não agora, pelo menos, não até enfiarem agulhas em seu cérebro e separá-la, desmontando-a em pedaços. Percebo agora que é isso o que a cura faz depois de tudo: fratura as pessoas, as afasta de si mesmas.

Mas então—quando eles entrarem nela—vai ser tarde demais. "Sexta," digo. "Uma semana a partir de agora."

Ela respira com nitidez, o ar assobiando entre seus dentes. "Você não pode estar falando sério," ela repete.

"Não tem nada para mim aqui," digo.

Ela olha de volta para mim. Seus olhos estão enormes, e posso dizer que a machuquei. "Eu estou aqui."

De repente a solução me atinge—simples, ridiculamente simples. Quase ri alto. "Venha conosco," digo. Hana analisa a praia ansiosamente, mas todo mundo está disperso: o velho homem se arrasta no meio da praia agora, longe do alcance de nossa voz. "Estou falando sério, Hana. Você poderia vir conosco. Você adoraria estar nas Terras Selvagens. É incrível. Há vários assentamentos por lá..."

"Você esteve lá?" Ela me corta.

Coro ao perceber que nunca falei a ela sobre a minha noite com Alex nas Terras Selvagens. Sei que ela vai ver isso, também, como uma traição. Eu costumava contar tudo a ela. "Só uma vez," digo. "E só por algumas horas. É incrível, Hana. Não é nada como nós imaginamos. E a travessia... O fato de que você pode cruzá-la toda... É tão diferente do que nos disseram. Eles estiveram mentindo para nós, Hana."

Paro, temporariamente esgotada. Hana olha para baixo, tirando areia de seu short de corrida.

"Nós poderíamos fazer isso," digo mais gentilmente. "Nós três juntos."

Por um longo tempo Hana não diz nada. Ela olha para o oceano com os olhos semicerrados. Finalmente ela balança a cabeça, um movimento quase imperceptível, me dando um sorriso triste. "Vou sentir sua falta, Lena," ela diz, e meu coração afunda.

"Hana..." começo a falar, mas ela me corta.

"Ou talvez eu não vá sentir sua falta." Ela fica sobre seus és, afastando a areia de seu short. "Essa é uma das promessas da cura, certo? Sem dor. Sem esse tipo de dor, de qualquer jeito."

"Você não tem que passar por isso," fico de pé. "Venha conosco para as Terras Selvagens."

Ela solta um riso vazio. "E deixar tudo para trás?" Ela gesticula ao seu redor. Posso dizer que ela está meio brincando, mas só meio. No fim, apesar de todo seu falatório, e festas subterrâneas e música proibida, Hana não quer desistir dessa vida, desse lugar: a única casa que nós conhecemos. Claro, ela tem uma vida aqui: família, futuro, um bom par. Eu não tenho nada.

Os cantos da boca de Hana estão trêmulos e ela abaixa a cabeça chutando a areia. Quero fazê-la se sentir melhor, mas não consigo pensar em nada para falar. Há uma dor frenética em meu peito. Parece que enquanto estamos paradas aqui, eu vejo toda a minha vida com Hana, toda nossa amizade, ir embora: festas do pijama com tigelas proibidas de pipoca a meia noite; todas as vezes que ensaiamos para o dia da Avaliação, quando Hana roubou um par de óculos velhos de seu pai e batia na mesa com a régua sempre que eu dava uma resposta errada, e nós sempre começávamos sufocando o riso; a vez quando ela acertou seu pulso, duramente, no rosto de Jillian Dawson porque ele disse que meu sangue estava doente; comer sorvete no píer e sonhar sobre ser pareadas e viver em casa idênticas, lado a lado. Tudo isso sendo sugado para o nada, como areia sendo arrastada pela corrente.

"Você sabe que isso não é sobre você," digo. Tenho que forçar as palavras a saírem por minha garganta. "Você e Grace são as únicas pessoas que importam para mim. Ninguém mais..." quebro. "Todo o resto não é nada."

"Eu sei," ela diz, mas ainda não olha para mim.

"Eles... Eles pegaram a minha mãe, Hana." Eu não estava planejando dizer a ela, inicialmente. Não queria falar sobre isso. Mas as palavras fugiram.

Ela me encarou rapidamente. "Do que você está falando?"

Então conto a ela a história das Criptas. Por incrível que pareça, mantenho-os juntos. Digo a ela tudo com detalhes. A Ala Seis e a espada, a cela, as palavras. Hana ouve em um silêncio congelado. Nunca a vi tão parada e tão séria.

Quando termino de falar, o rosto de Hana está branco. Ela parece exatamente como quando nós éramos pequenas e costumávamos ficar acordadas a noite toda, tentando assustar uma à outra ao contar histórias de terror. De certa forma acho que a história da minha mãe é uma história fantasma. "Sinto muito, Lena," ela diz, sua voz mal saiu como um sussurro. "Não sei mais o que dizer. Sinto muito."

Assinto, encarando o oceano. Ainda me pergunto se todo o resto que nós aprendemos sobre outras partes do mundo—as partes que não foram curadas—são reais, me pergunto se eles são realmente selvagens, devastados e raivosos cheios de dor como todos os outros sempre disseram. Tenho quase certeza de que isso também é mentira. Mais fácil, de várias formas, imaginar um lugar como Portland—um lugar com suas próprias paredes e fronteiras e meias-verdades, um lugar onde amor ainda cintila na existência, mas imperfeitamente.

"Você vê porque eu tenho que ir," digo. Não é realmente uma pergunta, mas ela assente.

"Yeah." Hana balança os ombros levemente, como se tentasse despertar de um sonho. Então ela se vira para mim. Embora seus olhos estivessem tristes, ela soltou um sorrisinho. "Você, Lena Haloway," ela diz, "é uma lenda."

"Yeah, claro." Reviro os olhos. Mas me sinto melhor. Ela me chamou pelo nome da minha mãe, então sei que ela entende. "Um conto de advertência, talvez."

"Estou falando sério." Ela afasta o cabelo do rosto, me encarando intensamente. "Eu estava errada, você sabe. Lembra-se do que eu disse no início do verão? Pensei que você estava com medo. Pensei que você estava assustada demais para arriscar." O sorriso triste surge em seus lábios novamente. "Acontece que você é mais corajosa do que eu."

"Hana..."

"Está bem." Ela ergue uma mão, me cortando. "Você merece isso. Você merece mais."

Não sei realmente o que dizer. Quero abraçá-la, mas ao invés disse passo meus braços pela minha cintura, apertando. O vento vindo da água é cortante.

"Vou sentir sua falta, Hana," digo depois de um minuto.

Ela anda alguns passos em direção à água, chuta areia em um arco com a ponta de seu sapato. Parece ficar parada no ar por uma fração de segundos antes de se dispersar. "Bom, você sabe onde eu estarei."

Nós ficamos lá por um tempo, ouvindo a sucção da maré na costa, a água caindo e levantando contra pedaços de pedra: rocha esculpida pela areia sobre ela por milhares e milhares de anos. Um dia talvez tudo isso será água. Algum dia talvez tudo isso se tornará pó.

Então Hana se vira e diz, "Vamos. Corrida de volta para a pista," e sai correndo antes mesmo que eu possa dizer Ok.

"Não é justo!" Chamo por ela. Mas não preciso me esforçar muito para alcançá-la. Deixo que ela fique alguns passos a minha frente e tento memorizá-la exatamente como

ela é: correndo, rindo, bronzeada, feliz e linda e minha; cabelo loiro reluzindo nos últimos raios de sol como uma tocha, como um farol de coisas boas por vir, e melhores dias a nossa frente, para nós duas.

Amor, o mais mortal de todas as coisas mortais: ele mata você em ambas as situações, quando você o tem e quando você não tem.

Mas não é assim, exatamente.

O condenador e o condenado. O executor; a lâmina; o último minuto suspenso; a respiração ofegante e o céu que gira sobre você e o obrigado, obrigado, obrigado, Deus.

Amor: ele vai matar você e salvar você, ambos.

25

Eu devo ir e viver, ou ficar e morrer.

— Do conto de advertência *Romeu e Julieta* de William Shakespeare, reimpresso em *100 Citações a Saber Para os Conselhos*, Princeton Review.

Está frio quando eu faço meu caminho em direção à rua Brooks, nº37, pouco depois da meia noite, e eu tenho que fechar meu blusão de nylon até o meu queixo. As ruas estão mais escuras e tranquilas que eu já vi. Não há um sussurro de movimento em qualquer lugar, sem cortinas mexendo nas janelas, sem sombras patinando através das paredes, fazendo-me saltar, nem olhos de gatos brilhando no beco, ou as patas de ratos arranhando, ou a batida distante de passos na calçada, como os reguladores fazem em suas rondas. É como se todos já estivessem preparados para o inverno—como se a cidade inteira estivesse no meio de um congelamento profundo. É um pouco estranho, na verdade. Eu penso novamente na casa que de alguma forma sobreviveu ao bombardeiro e agora está lá fora, nas Terras Selvagens, perfeitamente preservada, mas totalmente desabitada, com flores silvestres crescendo através de todos os seus cômodos.

Estou aliviada quando eu viro a esquina e vejo a grade de ferro enferrujada que marca a periferia da Rua Brooks 37, sinto uma tremenda onda de felicidade quando penso em Alex agachado em um dos quartos escuros, solenemente levando uma mochila com cobertores e comida enlatada. Eu não percebi até agora que em algum momento durante o verão eu comecei pensar na rua Brooks 37 como lar. Eu puxo a minha própria mochila um pouco mais sobre meu ombro e corro para o portão.

Mas algo está errado com ele: Eu chocalho algumas vezes, mas ele não abre. A príncipio eu penso que está emperrado. Então percebo que alguém colocou um cadeado através do portão. Parece novo, também. Ele brilha fortemente ao luar quando eu o puxo.

A Brooks 37 está trancada.

Eu estou tão surpresa, eu não posso mesmo ficar assustada ou suspeita. Meu único pensamento é Alex, e onde ele está, e se ele é responsável pelo bloqueio. Talvez, eu penso, ele trancou a propriedade de proteger nossas coisas. Ou talvez eu cheguei cedo, ou talvez estou atrasada. Estou prestes a tentar pular por cima da cerca, quando Alex se materializa a partir da escuridão à minha direita, pisando silenciosamente, saindo das sombras.

"Alex!" Embora nós só tenhamos nos separado por algumas horas, eu estou tão feliz em vê-lo—logo ele será meu, aberta e totalmente—que me esqueço de manter a minha voz baixa enquanto corro para ele.

"Shhh." Ele envolve seus braços em volta de mim enquanto eu praticamente pulo em cima dele, e cambaleia um pouco para trás. Mas quando eu inclino minha cabeça para olhá-lo, ele está sorrindo, e eu posso dizer que ele está tão feliz como eu estou. Ele beija a ponta do meu nariz. "Nós não estamos seguros ainda."

"Sim, mas em breve." Eu estou na ponta dos pés e beijo-o suavemente. Como sempre, a pressão de seus lábios nos meus parece apagar tudo de ruim no mundo. Eu tenho que me desvencilhar para longe dele, batendo no seu braço brincando como sempre faço. "Obrigado por me dar uma chave, a propósito."

"Uma chave?" Alex olha com olhos quase fechados, confuso.

"Para o cadeado." Eu tento abraçá-lo, mas ele dá passos para longe de mim, sacudindo sua cabeça, seu rosto de repente totalmente branco e aterrorizado—e naquele segundo eu compreendo, ambos compreendemos; e Alex abre sua boca, mas parece levar uma eternidade, e no exato momento eu percebo porque posso de repente vê-lo tão claramente, emoldurado na luz, congelado como um cervo preso nas vigas de um caminhão (os reguladores estão usando holofotes hoje à noite), uma voz ecoa atravéz da noite: "Parados! Os dois! Mãos em suas cabeças!" Ao mesmo tempo, a voz de Alex, finalmente, chega até mim, urgente, "Corre, Lena, corre!" Ele já está recuando em meio à escuridão, mas leva mais tempo para os meus pés se moverem, no momento em que eu faço, correndo cegamente e sem rumo até a primeira rua que eu vejo, a noite tornou-se viva com sombras movéis—agarrando-me, gritando, arrancando o meu cabelo—centenas delas; ao que parece, caindo da montanha, materializando-se para fora do chão, das árvores, do ar.

"Pegue-a! Pegue-a!"

Meu coração está explodindo no meu peito e eu não posso respirar, eu nunca estive tão assustada; eu irei morrer de medo. Cada vez mais as sombras tornam se pessoas: todos eles agarrando, gritando, segurando armas de metal brilhante, revólvers e porrete, latas de spray. Eu os evito e giro, passando pelas mãos ásperas, faço uma pausa na colina, morro que corta ao longo da Brandon Road, mas não adianta. Um regulador me agarra rudemente por trás. Eu mal me livro de suas mãos antes que eu esteja sendo rebatida contra alguém vestindo um uniforme de guarda, sentindo outro par de mãos me agarrando subitamente. O medo é uma sombra agora, um cobertor: me sufocando, tornando-se impossível respirar.

Um carro de patrulha salta pra vida ao meu lado, e as luzes giratórias iluminam tudo nitdamente, mas apenas por um segundo, e o mundo ao meu redor vibra em preto, branco, preto, branco, avançando em rajadas, em câmera lenta.

Um rosto contorcido em um grito terrível; um cachorro pulando à esquerda, com os dentes à mostra; alguém gritando: "Derrube-a! Derrube-a!"

Não posso respirar, não posso respirar, não posso respirar.

O som alto de um assobio, um grito; um porrete congelado momentaneamente no ar.

O porrete cai; um cão pulando, rosnando; uma dor abrasadora, diretamente através de mim, como o calor.

Em seguida, escuridão.

Quando abro meus olhos o mundo parece ter despedaçado em mil pedaços. Tudo o que vejo são minúsculos fragmentos de luz, fora de foco rodopiando como se tivessem sido abalados por um caleidoscópio. Eu pisco várias vezes, e lentamente os cacos decifram e reorganizam-se em uma luz em forma de sino e um teto de cor creme, marcado por uma grande mancha de água na forma de uma coruja. Meu quarto. Casa. Estou em casa.

Por um segundo eu me sinto aliviada: Meu corpo está formigando, como se eu tivesse sido presa com agulhas em toda minha pele, e tudo que eu quero fazer é deitar contra a suavidade de meus travesseiros e afundar na escuridão e do esquecimento do sono, esperar que a dor aguda se dissipe. Então eu me lembro: o cadeado, o ataque, o enxame de sombras. E Alex.

Eu não sei o que aconteceu com Alex.

Debato-me, tentando sentar, mas a dor agonizante abate da minha cabeça até meu pescoço e obriga-me a voltar contra os travesseiros, ofegando. Eu fecho meus olhos e ouço a porta do meu quarto ranger ao ser aberta: vozes aumentam do andar de baixo. Minha tia está falando com alguém na cozinha, um homem cuja voz eu não reconheço. Um regulador, provavelmente.

Passos atravessam o quarto. Eu mantenho meus olhos espremidos com força, fingindo dormir, enquanto alguém se inclina sobre mim. Sinto um hálito quente fazer cócegas ao lado do meu pescoço.

Então, mais passos subindo as escadas e a voz de Jenny, um chiado, na porta: "O que você está fazendo aqui? Tia Carol disse para você ficar longe. Agora desça antes que eu conte."

O peso suaviza para fora da cama, e passos leves tamborilam distantes de volta para o corredor. Eu estalo meus os olhos abertos, um simples olhar de soslaio, apenas o suficiente para ver Grace enquanto ela se esquiva em torno de Jenny, que está em pé na porta. Ela deve ter estado me verificando. Eu aperto meus olhos fechados novamente, enquanto Jenny dá vários passos hesitantes em direção à cama.

Então ela gira abruptamente, como se não pudesse sair do quarto rápido o suficiente. Eu ouço-a gritar, "Ainda está dormindo!" A porta range novamente ao ser fechada. Mas não antes de eu ouvir, vindo da cozinha, muito claramente: "Quem foi? Quem a infectou?"

Dessa vez, obrigo-me a sentar, apesar da dor apunhalando-me através da minha cabeça e no pescoço e a terrível sensação oscilante que acompanha todo movimento que eu faço. Eu tento ficar de pé, mas descubro que minhas pernas não irão me sustentar. Em vez disso, eu afundo no chão e rastejo até a porta. Mesmo sobre minhas mãos e meus joelhos o esforço é exaustivo, deito no chão, tremendo, enquanto o quarto continua a balançar para frente e para trás como uma gangorra diabólica.

Felizmente mantenho minha cabeça no chão, é mais fácil ouvir o andar de baixo, e eu capto minha tia dizendo, "Você deve ter pelo menos visto ele." Eu nunca a ouvi soar tão histérica.

"Não se preocupe," o regulador diz. "Nós o encontraremos."

Isso, pelo menos, é um alívio. Alex deve ter escapado. Se os reguladores tinham qualquer ideia de quem estava comigo na rua—se eles tinham mesmo uma suspeita—eles já o teriam em custódia. Eu digo uma prece silenciosa de gratidão por Alex conseguir, milagrosamente, para fazê-lo em segurança.

"Nós não tínhamos ideia," diz Carol, ainda com aquela voz, tremendo urgente, tão diferente de seu tom medido habitual. E agora eu entendo, ela não está apenas histérica. Ela está aterrorizada. "Você tem que acreditar que nós não tínhamos ideia de que ela havia sido infectada. Não havia sinais. Seu apetite era o mesmo. Ela ia trabalhar na hora certa. Sem alterações de humor..."

"Ela estava provavelmente tentando ao máximo esconder os sinais," interrompe o regulador. "Os infectados frequentemente fazem." Eu posso praticamente ouvir o desgosto em sua voz quando ele pronuncia a palavra infectados, como se na verdade ele estivesse dizendo barata, ou terrorista.

"O que nós fazemos agora?" A voz de Carol está mais fraca agora. Ela e o regulador devem estar passando para a sala de estar.

"Estamos fazendo ligações o mais rápido que pudermos," ele responde. "Com alguma sorte, antes do fim da semana..."

Suas vozes se tornam indecifráveis, um zumbido baixo. Eu descanso minha testa na porta por um minuto, concentrando na inspiração e expiração, respirando além da dor. Então eu fico de pé, cuidadosamente. A tontura ainda é intensa, e eu tenho que apoiar-me contra a parede, assim que eu estou em pé tento ordenar minhas opções. Eu tenho que descobrir o que exatamente aconteceu. Eu preciso saber quanto tempo os reguladores estavam assistindo a rua Brooks 37, e eu tenho que ter absolutamente certeza que Alex está

seguro. Eu preciso falar com Hana. Ela irá me ajudar. Ela saberá o que fazer. Eu puxo a maçaneta da porta antes de perceber que ela foi trancada por fora.

Claro. Eu sou uma prisioneira agora.

Enquanto eu estou ali com a minha mão na maçaneta da porta, ela começa a chacoalhar e girar. Eu viro tão rapidamente quanto eu sou capaz e mergulho de novo para cama—até mesmo isso dói—justamente no momento em que a porta balança e abre novamente e Jenny entra de novo.

Eu não fecho os olhos rápido o suficiente. Ela grita novamente no corredor, "Ela está acordada agora." Ela está carregando um copo de água, mas parece relutante em chegar mais adiante para dentro do quarto. Ela fica perto da porta, me olhando.

Eu particularmente não quero falar com Jenny, mas estou absolutamente desesperada para beber. Minha garganta parece como se eu tivesse engolido lixa.

"Isso é para mim?" Eu digo, apontando para o copo. Minha voz é um coaxo.

Jenny acena, com seus lábios esticados em uma linha fina e branca. Pela primeira vez, ela não tem nada a dizer. Ela lança-se para frente, de repente, colocando o copo sobre a frágil mesinha próxima a cama, então se lança para longe com a mesma rapidez. "Tia Carol disse que iria ajudar."

"Ajudar o quê?" Eu tomo um longo, agradavél gole, e a queimação na minha garganta e cabeça parece relaxar.

Jenny encolhe os ombros. "A infecção, eu acho."

Isso explica por que ela está permanecendo ao lado da porta e não quer ficar muito perto de mim. Eu estou doente, infectada, suja. Ela está preocupada que ela vai pegá-lo. "Você não pode ficar doente só por estar em torno de mim, você sabe," digo a ela.

"Eu sei," diz ela rapidamente, defensivamente, mas fica congelada onde ela está, me olhando cautelosamente.

Sinto-me incrivelmente cansada. "Que horas são?" pergunto a Jenny.

"Duas e meia," ela diz.

Isto me surpreende. Relativamente pouco tempo se passou desde que eu fui me encontrar com Alex. "Quanto tempo eu fiquei inconsciente?"

Ela encolhe os ombros novamente. "Você estava inconsciente quando eles trouxeram você para casa," ela diz o assunto com naturalidade, como se este é um fato natural da vida, ou algo que eu fazia—e não porque um bando de reguladores me bateu na parte de trás da cabeça. Essa é a ironia da situação. Ela está olhando para mim como se

eu fosse louca, perigosa. Enquanto isso, no andar de baixo o cara que quase fraturou o meu crânio e sangrou meu cérebro por todo o pavimento é o salvador.

Eu não suporto olhar para ela, então eu viro em direção à parede. "Onde está Grace?"

"Lá embaixo," ela diz. Algumas das lamentações normais retornam à sua voz. "Nós tivemos que colocar sacos de dormir na sala."

É claro que eles queriam manter Grace longe de mim: jovem, a impressionável Grace, protegida com segurança de sua louca prima doente. Eu me sinto doente também, com ansiedade e desgosto. Eu penso na fantasia que eu tinha antes, de queimar toda casa abaixo. É muita sorte para a tia Carol eu não ter nenhum fósforo. Caso contrário, eu apenas poderia fazê-lo.

"Então, quem foi?" A voz de Jenny cai para um sussurro sinuoso, como uma pequena cobra bifurcando sua língua na minha orelha. "Quem foi que infectou você?"

"Jenny."

Viro a cabeça, surpresa ao ouvir a voz de Rachel. Ela está de pé na porta, nos olhando, com uma expressão completamente ilegível.

"Tia Carol quer você lá embaixo," ela diz para Jenny, e Jenny lança-se ansiosamente para a porta, atirando um último olhar sobre seu ombro para mim, seu o rosto é uma mistura de medo e fascínio. Eu me pergunto se é assim que eu olhei todos aqueles anos atrás, quando Rachel pegou a deliria e teve que ser imobilizada no chão por quatro reguladores antes que ela pudesse ser arrastada para os laboratórios.

Rachel vem até a cama, ainda me olhando com aquela mesma expressão ilegível. "Como está se sentindo?" ela pergunta.

"Fabulosa," eu digo sarcasticamente, mas ela apenas pisca para mim.

"Tome estes." Ela deixa dois comprimidos brancos sobre a mesa.

"O que é isso? Calmante?"

Suas pálpebras tremulam. "Advil[13]." Irritação se infiltra na sua voz, e eu estou feliz com isso. Eu não gosto que ela esteja ali, composta e indiferente, avaliando-me como se eu fosse um espécime de taxidermia[14].

"Então... Carol chamou você?" Eu estou debatendo se posso confiar nela sobre o Advil, mas decido arriscar. Minha cabeça está me matando, e neste momento eu não tenho certeza o quanto mais prejudicial um calmante seria. Não é exatamente como se eu

[13] Remédio analgésico.
[14] Taxidermia (termo Grego que significa "dar forma à pele") é a arte de montar ou reproduzir animais para exibição ou estudo.

pudesse fazer uma pausa na porta nesta condição, de qualquer maneira. Eu engulo os dois comprimidos com um grande gole de água.

"Sim. Eu vim de imediato." Ela se senta na cama. "Eu estava dormindo, você sabe."

"Desculpe por incomodar você. Eu não pedi exatamente para ser nocauteada e arrastada para cá." Eu nunca falei com Rachel desta maneira, e eu posso ver que isso a supreende. Ela massageia sua testa cansada, e por um segundo um vislumbre da Rachel que eu conhecia—minha irmã mais velha Rachel, que torturou-me com cócegas, que trançava meu cabelo e reclamava que eu sempre pegava colheres maiores de sorvete—aparece como uma sombra.

Então, o vazio está de volta, como um véu. É incrível como eu sempre apenas o aceito, a maneira que a maioria dos curados parecem percorrer pelo mundo como se envoltos em uma capa espessa de sono. Talvez seja porque eu, também, estava dormindo. Não estava desperta até Alex me acordar para que eu pudesse ver as coisas claramente.

Por um tempo, Rachel não diz mais nada. Não tenho nada a dizer a ela, tampouco, de modo que apenas ficamos sentadas lá. Eu fecho meus olhos, esperando a dor começar a desaparecer, tentando ordenar as palavras do emaranhado de vozes lá embaixo, dos sons de passos, exclamações abafadas e da televisão ligada na cozinha, mas eu não consigo decifrar fazer qualquer conversa específica.

Finalmente Rachel diz: "O que aconteceu esta noite, Lena?"

Quando eu abro meus olhos, eu a vejo me olhando novamente. "Você acha que eu vou dizer a você?"

Ela menea a cabeça. "Eu sou sua irmã."

"Como se isso significasse algo para você."

Ela recua levemente, apenas uma fração de uma polegada. Quando ela fala novamente sua voz está dura. "Quem era ele? Quem te infectou?"

"Essa é a pergunta da noite, não é?" Eu rolo para longe dela, encarando a parede, sentindo frio. "Se você veio aqui para me interrogar, você está desperdiçando seu tempo. Você poderia muito bem voltar para casa."

"Eu vim aqui porque eu estou preocupada," ela diz.

"Com o quê? Com a família? Com a nossa reputação?" Eu continuo olhando teimosamente para parede, puxando o fino cobertor de verão até o meu pescoço. "Ou talvez você esteja preocupada que todos irão pensar que você sabia? Talvez você pense que vá ficar rotulada como uma simpatizante?"

"Não banque a difícil." Ela suspira. "Estou preocupada com você. Eu me importo, Lena. Eu quero que você esteja segura. Eu quero que você seja feliz."

Eu giro minha cabeça para olhar para ela, sentindo uma onda de raiva—e, mais profundo que isso, ódio. Eu a odeio; eu a odeio por ter mentido para mim. Eu a odeio por fingir se importar, até mesmo para usar essa palavra na minha presença. "Você é uma mentirosa," eu cuspo. Então, "você sabia sobre a mamãe."

Desta vez o véu cai. Ela estremece para trás. "Do que você está falando?"

"Você sabia que ela não—que ela na verdade não se suicidou. Você sabia que eles a levaram."

Rachel olha para mim com olhos estreitos. "Eu realmente não tenho ideia sobre o que você está falando, Lena."

E posso dizer, então, que pelo menos eu estou errada sobre isso. Rachel não sabe. Ela nunca soube. Eu sinto uma inundação dupla de alívio e pesar.

"Rachel," eu digo, mais gentilmente. "Ela estava nas Criptas. Ela esteve nas Criptas esse tempo todo."

Rachel olha para mim por um longo segundo, com a boca aberta. Então ela fica de pé abruptamente, alisando na frente de suas calças, como se estivesse escovando para longe migalhas invisíveis. "Escute, Lena...Você recebeu uma colisão na cabeça muito forte." Mais uma vez, como se eu tivesse feito isso de alguma forma a mim mesma. "Você está cansada. Você está confusa."

Eu não a corrijo. Não faz sentido. É muito tarde para Rachel, de qualquer maneira. Ela sempre existirá por trás da parede. Ela sempre estará dormindo.

"Você deve tentar dormir um pouco," ela diz. "Vou encher de novo a sua água." Ela pega o copo e então se move em direção à porta, desligando a luz do teto enquanto ela vai. Ela faz uma pausa na porta por um tempo de costas para mim. A luz do corredor parece difusa à sua volta, e faz com que suas características obscureçam para preto, de modo que ela se parece com uma pessoa-sombra, uma silhueta.

"Sabe, Lena," ela diz, finalmente, voltando-se para me encarar, "as coisas vão ficar melhores. Eu sei que você sente raiva. Eu sei que você acha que nós não entendemos. Mas eu entendo." Ela interrompe, olhando para o copo vazio. "Eu era como você. Lembro-me: esses sentimentos, essa raiva e paixão, a sensação de que você não pode viver isso, que você preferia morrer." Ela suspira. "Mas confie em mim, Lena. Tudo isso faz parte da doença. É uma doença. Em poucos dias você verá. Isso tudo vai parecer como um sonho para você. Era como um sonho para mim."

"E você está mais feliz agora? Você está feliz por ter feito isso?" Eu pergunto a ela.

Talvez ela interprete minha pergunta como um sinal de que eu estou ouvindo e prestando atenção. Em qualquer caso, ela sorri. "Muito," ela diz.

"Então você não é como eu," eu sussurro ferozmente. "Você não é como eu, em nada."

Rachel abre a boca para dizer alguma coisa, mas naquele momento Carol vem até a porta. Seu rosto está corado e vermelho e seu cabelo está apontando para cima em ângulos estranhos, mas quando ela fala, ela soa calma. "Está tudo bem," ela diz em voz baixa para Rachel. "Tudo foi resolvido."

"Graças a Deus," diz Rachel. Então, severamente: "Mas ela não vai voluntariamente."

"Alguma vez eles vão?" Carol pergunta secamente. Depois, ela desaparece novamente.

O tom de voz da Carol me assusta. Tento sentar-me apoiando os cotovelos, mas parece que meus braços se tornaram gelatina. "O que está resolvido?" Eu pergunto, surpresa ao ouvir que minha voz soa fraca.

Rachel me olha por um segundo. "Eu te disse, nós só queremos que você esteja segura," ela diz sem rodeios.

"O que vocês resolveram?" Pânico está preenchendo-me, ficando ainda pior pelo peso simultâneo que parece rastejar sobre mim. Eu tenho que lutar para manter meus olhos abertos.

"Seu procedimento." Essa é Carol. Ela acabou de entrar de novo no quarto. "Nós conseguimos que você faça mais cedo. Você terá a sua cura no domingo, logo pela manhã. Depois disso, nós esperamos, você estará bem."

"Impossível." Eu estou sufocando. Domingo de manhã é menos de quarenta e oito horas a partir de agora. Sem tempo para alertar Alex—não há tempo para planejar nossa fuga. Sem tempo para fazer qualquer coisa. "Eu não vou fazer isso." Minha voz não soa como o minha agora: é um longo gemido.

"Algum dia você entenderá," Carol diz. Tanto ela e Rachel estão avançando em minha direção, e então eu vejo que elas estão segurando, esticada entre elas, rolos de corda de nylon. "Algum dia você irá nos agradecer."

Eu tento debater-me, mas meu corpo está incrivelmente pesado e minha visão começa a obscurecer. Nuvens passam pela minha mente; o mundo torna-se confuso. Eu penso, então ela estava mentindo sobre o Advil—e então eu penso, isso dói, como algo afiado cavado profundamente nos meus pulsos, e então eu não penso nada absolutamente.

26

Aqui está o mais profundo segredo que ninguém sabe
(aqui está a raiz da raiz e o broto do broto
e o céu do céu de uma árvore chamada vida; que cresce
maior do que a alma pode esperar ou a mente pode esconder)
e esta é a maravilha que mantém as estrelas separadas
Eu carrego seu coração (eu o levo no meu coração)

— De *Eu carrego seu coração comigo (eu o carrego)*, um poema de E. E. Cummings, proibido, listado na *Compilação Compreensiva de Palavras e Ideias Perigosas* – www.ccpid.gov.org

Quando eu acordo novamente, é porque alguém está repetindo o meu nome. Como eu luto por consciência e vejo tufos de cabelos loiros, como uma áurea, e por um momento confuso acho que talvez eu morri. Talvez os cientistas estivessem errados e o céu não é apenas para a cura.

Então as características de Hana ficam mais visíveis, e percebo que ela está inclinada sobre mim. "Você está acordada?" Ela está dizendo. "Você pode me ouvir?"

Eu solto um gemido e ela se senta um pouco para trás, exalando. "Graças a Deus," diz ela. Ela continua a manter sua voz em um sussurro e ela parece assustada. "Você estava tão quieta que eu pensei por um minuto que você—que eles..." Ela não termina. "Como você se sente?"

"Merda," eu resmungo em voz alta, e Hana estremece e olha por cima do ombro. Eu noto uma sombra esvoaçando do lado de fora da porta do quarto. É claro. Sua visita está sendo monitorada. Ou isso, ou alguém está de guarda 24 horas por dia. Provavelmente ambos.

Minha dor de cabeça está um pouco melhor, pelo menos, embora agora haja uma dor lancinante em ambos os meus ombros. Eu ainda estou muito grogue, e eu tento ajustar minha posição antes de lembrar de Carol e Rachel, e o fio de nylon, e percebendo que ambos os meus braços são esticados acima da minha cabeça e garantidos na cabeceira da cama, como um verdadeiro prisioneiro honesto-a-Deus. A raiva vem de novo, ondas de raiva, seguida pelo pânico quando eu lembro o que Carol disse: meu procedimento foi movido para domingo de manhã.

Eu giro minha cabeça para um lado. A luz solar corre através das cortinas do

plástico fino, que foram sacados sobre as janelas, iluminando partículas de pó no quarto.

"Que horas são?" Eu me esforço para sentar e grito assim que os cabos entram mais fundo em meus pulsos. "Que dia é hoje?"

"Shhh." Hana me pressiona de volta contra a cama, segurando-me lá assim que eu me contorço debaixo dela. "É sábado. Três horas."

"Você não entende." Cada palavra arranhando contra a minha garganta. "Eles estão me levando para os laboratórios amanhã. Eles adiantaram meu procedimento..."

"Eu sei. Eu ouvi." Hana está me olhando atentamente, como se ela estivesse tentando me comunicar algo importante. "Eu vim assim que pude."

Mesmo a luta breve me deixou exausta. Eu afundo de volta contra os travesseiros. Meu braço esquerdo está totalmente dormente de ser elevado durante toda a noite e a dormência escoa através de mim, minhas entranhas transformando-se em gelo. Sem esperança. A coisa toda é impossível. Perdi Alex para sempre.

"Como você ficou sabendo?" pergunto a Hana.

"Todo mundo está falando sobre isso." Ela se levanta, vai para a sua mochila, e vasculha antes de retirar uma garrafa de água. Então ela volta e se ajoelha ao lado da cama, então estamos olho-no-olho. "Beba isto," diz ela. "Ele vai fazer você se sentir melhor." Ela tem que segurar a garrafa aos lábios como se eu fosse uma criança. Meio constrangedor, mas não me importo.

A água mata um pouco do fogo na minha garganta. Ela está certa, me faz sentir um pouco melhor. "As pessoas sabem... eles estão dizendo...?" Eu lambo os meus lábios e atiro um olhar sobre o ombro de Hana. A sombra está lá, quando ele muda de posição, eu vejo um lampejo de um avental de doce-listrado. Eu coloco a minha voz em um sussurro. "Eles estão dizendo quem...?"

Hana diz excessivamente alto, "Não seja teimosa, Lena. Eles vão descobrir quem infectou você, mais cedo ou mais tarde. Você pode muito bem nos dizer quem foi agora." Esse pequeno discurso é para o benefício de Carol, obviamente. Enquanto ela fala, Hana me dá uma piscadela e um gesto mínimo da sua cabeça. Então, Alex está a salvo. Talvez haja esperança, afinal.

Pronuncio para Hana, Alex. Então eu levanto meu queixo para ela, esperando que ela entenda o que eu quero, que ela vá encontrá-lo, e dizer-lhe o que aconteceu.

Seus olhos cintilam, e o pequeno sorriso morre de seus lábios. Eu posso dizer que ela está prestes a me dar uma má notícia. Ainda enunciando suas palavras em voz alta e clara, ela diz: "Não é apenas teimosa, Lena. É egoísta. Se você lhes disser, talvez eles percebam que eu não tinha nada a ver com isso. Eu não gosto de ficar sendo supervisionada 24 horas por dia." Meu coração afunda: claro que eles seguiram Hana. Eles

devem suspeitar dela estar envolvida de alguma forma, ou pelo menos de ter informações.

Talvez seja egoísta, mas naquele momento eu não posso nem sentir pena dela, ou para o problema que eu causei. Só posso sentir muito desapontamento. Não há nenhuma maneira para ela falar com Alex sem trazer toda a força policial de Portland sobre ela. E se eles descobrem que ele está disfarçado de cura e ajudando a resistência... Bem, eu duvido que eles tenham que se preocupar com um julgamento. Eles pulam direto para a execução.

Hana deve ter lido o desespero em meu rosto. "Sinto muito, Lena," diz ela, desta vez em um sussurro. "Você sabe que eu ajudaria se pudesse."

"Sim, bem, você não pode." Assim que as palavras estão fora da minha boca, as lamento. Hana parece terrível, quase tão ruim quanto eu me sinto. Seus olhos estão inchados e seu nariz está vermelho, como se estivesse chorando recentemente, e é óbvio que ela realmente correu até aqui assim que soube. Ela está usando seu tênis de corrida, uma saia de pregas, e a parte superior de um pijama de grandes dimensões que ela geralmente dorme, como se ela tivesse se vestido com o primeiro item de roupa que ela tirou do chão.

"Sinto muito," eu digo, menos acentuadamente. "Você sabe que eu não quis dizer isso."

"Tudo bem." Ela se move para fora da cama e começa a andar, como ela sempre faz quando está pensando. Por um segundo—uma pequena fração de segundo—eu quase desejo que eu nunca tivesse conhecido Alex. Eu gostaria de poder voltar para o início do verão, quando tudo era tão claro e simples e fácil, ou retroceder ainda mais, para o outono, quando Hana e eu fizemos voltas ao redor do nosso Governador e estudamos para os exames de cálculo no chão de seu quarto e os dias passando para meu procedimento como peças de dominó caindo em uma linha.

O Governador. Onde Alex me viu pela primeira vez, onde ele deixou um bilhete para mim.

E então, desse jeito, eu tenho uma ideia.

Eu me esforço para manter minha voz casual. "Então o que aconteceu com Allison Doveney?" Digo. "Ela não queria dizer adeus?"

Hana vira para olhar para mim. Allison Doveney sempre foi o nosso código, o nosso nome para Alex sempre que precisava falar com ele ao telefone ou em e-mails. Ela pressiona suas sobrancelhas. "Eu não tenho sido capaz de entrar em contato com ela," diz ela com cuidado. O olhar no rosto dela diz que *eu já expliquei isso para você*.

Eu levanto minhas sobrancelhas para ela, como, Confie em mim. "Seria bom vê-la antes do procedimento de amanhã." Espero que Carol esteja ouvindo, e tome isso como um sinal de que eu resignei-me à mudança de planos. "As coisas vão ser diferentes após a

cura."

Hana encolhe, joga seus braços. O que você quer que eu faça?

Eu dou um suspiro, e aparentemente mudo de assunto. "Você se lembra da classe do Sr. Raider? Na quinta série? Como costumávamos passar notas lá e para cá o dia todo?"

"Sim," diz Hana cautelosamente. Ela ainda parece confusa. Eu posso dizer que ela está começando a se preocupar que o galo na minha cabeça afetou a minha capacidade de pensar claramente.

Eu suspiro de novo, exageradamente, como se apenas estivesse revivendo todos os bons momentos que tivemos juntas e está me deixando nostálgica. "Você se lembra de como ele nos pegou e nos fez sentar do outro lado da sala? Então, toda vez que queríamos dizer algo uma a outra nós levantávamos e apontávamos nosso lápis, e deixávamos uma pequena nota no vaso de flores vazio no fundo da classe." Forço uma risada. "Um dia eu devo ter meu lápis apontado dezessete vezes. E ele nunca pegou, nenhuma vez."

Um pouco de luz surge nos olhos Hana, e ela cresce muito ainda e super alerta, a maneira que os cervos fazem quando estão escutando seus predadores, mesmo antes de sair—mesmo quando ela ri e diz: "Sim, eu me lembro. Pobre Sr. Raider. Tão incompetente."

Apesar de seu tom descuidado, Hana senta-se na cama de Grace, inclinada para frente com os cotovelos sobre os joelhos e me olhando atentamente. E agora eu sei que ela sabe o que eu estou realmente dizendo a ela, enquanto eu estou divagar sobre Allison Doveney e a classe de Mr. Raider: Ela precisa entregar uma nota para Alex.

Eu mudo de assunto novamente. "E você se lembra da primeira vez que fizemos uma longa corrida? Depois disso, minhas pernas ficaram como geléia. E a primeira vez que corremos de West End ao Governador? E eu pulava para cima e batia em sua mão como se eu estivesse dando uma saudação."

Hana estreita os olhos para mim sempre tão ligeiramente. "Nós estivemos abusando dele por anos," diz ela com cuidado, e eu sei que ela não entendeu, não ainda.

Eu certifico-me de manter toda a tensão e emoção fora da minha voz. "Sabe, alguém me disse que ele costumava carregar algo. O Governador, eu quero dizer. A tocha ou um rolo de papel ou algo assim. Agora ele só tem aquele pequeno espaço vazio em seu punho." É isso: Eu já disse isso. Hana inala acentuadamente e eu sei que agora ela entende, mas só para ter certeza eu digo: "Você vai me fazer um favor? Você vai fazer essa corrida para mim hoje? Uma última vez?"

"Não seja melodramática, Lena. A cura trabalha em seu cérebro, não nas pernas. Você ainda será capaz de correr depois de amanhã." Hana responde levianamente, do jeito que ela deve, mas ela está sorrindo agora, e acenando para mim. *Sim. Eu vou fazê-lo. E eu*

vou esconder a nota lá. Esperança pulsa através de mim, um brilho quente, queimando um pouco da dor.

"Sim, mas será diferente," eu lamento. O rosto de Carol pisca momentaneamente na porta, que é aberta apenas um crack. Ela parece satisfeita. Deve parecer a ela como se eu estivesse satisfeita com o procedimento depois de tudo. "Além disso, algo poderia dar errado."

"Não vai dar errado." Hana se levanta e olha para mim por um momento. "Eu prometo," diz ela lentamente, enfatizando cada palavra, "que tudo vai correr perfeitamente."

Meu coração salta. Desta vez, ela estava me dando uma mensagem, e sei que ela não estava falando sobre o procedimento.

"Eu devo sair daqui," diz ela, movendo-se para a porta, praticamente ignorando agora. Sei que se isso funciona—se Hana de alguma maneira conseguir enviar uma mensagem para Alex, e se ele de alguma forma conseguir me tirar para fora da minha casa-transformada-em-cela—este realmente será a última vez que eu verei Hana.

"Espere," eu chamo, quando ela está quase na porta.

"O quê?" Ela se vira. Seus olhos estão brilhando, ela está animada agora, pronta para ir. Por um momento, de pé na névoa difusa da luz do sol penetrando ainda as cortinas, ela parece ser brilhante, como se iluminada por alguma chama interna. E agora eu sei por que eles inventaram palavras para amor, porque eles tinham: é a única coisa que pode chegar perto de descrever o que sinto nesse momento, a mistura desconcertante de dor e prazer e medo e alegria, todos correndo nitidamente através de mim ao mesmo tempo.

"O que há de errado?" Hana repete impacientemente, caminha um pouco no lugar. Eu sei que ela está ansiosa para começar e colocar o plano em ação. Eu te amo, eu acho, mas o que eu digo, ofegando um pouco, é: "Tenha uma boa corrida."

"Oh, eu vou," diz ela, e então, só assim, ela se foi.

27

Aquele que salta para o céu pode cair, é verdade.
Mas ele pode também voar.

— Ditado antigo, proveniência desconhecida, listado na *Compilação Compreensiva de Palavras e Ideias Perigosas* – www.ccpid.gov.org

Sei que o tempo alonga como anéis expandindo para fora sobre a água, eu também sei que correr com tal força me deixa tonta. Mas até hoje eu nunca soube fazer os dois ao mesmo tempo. Os minutos parecem intensificar ao redor de mim, para sufocar-me com a sua lentidão. Eu vejo o mover de luz mínimo sobre o teto. Eu luto contra a dor na minha cabeça e nos meus ombros. A dormência se irradia do meu braço esquerdo ao meu direito. Uma mosca circulando na sala, zumbindo contra as persianas repetidas vezes, tentando sair para fora. Eventualmente, ela cai do ar, exausta, batendo no chão com um som minúsculo.

Sinto muito, amigo. Eu simpatizo.

Ao mesmo tempo, estou apavorada quando vejo quantas horas se passaram desde a visita de Hana. Cada hora me aproxima do procedimento, mais perto de deixar Alex, e mesmo como cada minuto parece demorar uma hora, cada hora parece voar em um minuto. Eu gostaria de ter alguma forma de saber se Hana escondeu com sucesso a nota no Governador. Mesmo que ela tenha, só há uma mínima esperança que Alex pensará em olhar lá para falar comigo—a mais pequena esperança, a beira de uma aresta.

Mas ainda espero.

Eu nem sequer pensei sobre os outros obstáculos que se interpõem no caminho da minha fuga—como o fato de que eu estou enforcada como um salame, ou o fato de que, ou Carol, ou o tio William, ou Rachel ou Jenny estão sempre estacionados do lado de fora da porta. Chame isso de negação, teimosia ou loucura, mas eu só tenho que acreditar que Alex virá e me salvará—como em um dos contos de fadas que ele me contou em nossa caminhada de volta das Terras Selvagens, onde o príncipe salta até uma princesa em uma torre fechada, matando dragões e lutando em florestas de espinhos venenosos apenas para chegar até ela.

No final da tarde Rachel vem com um prato de sopa fumegante. Ela senta na minha cama sem palavras.

"Mais Advil?" Eu pergunto sarcasticamente, quando ela me oferece uma colher.

"Você se sente melhor agora que você já dormiu, não se sente?" ela retorna.

"Eu me sentiria melhor se eu não estivesse amarrada."

"É para seu próprio bem," diz ela, fazendo outro gesto para a minha boca com a colher.

A última coisa que eu quero fazer é aceitar comida de Rachel, mas se Alex não vem para mim (quando; quando ele vier para mim; eu tenho que continuar acreditando), vou precisar de ter a minha força. Além disso, talvez se Carol e Rachel realmente acreditam que eu tenha desistido da ideia de resistir, eles vão afrouxar minhas restrições ou parar de ficar em pé me observando de fora da porta do quarto, dando-me a oportunidade de escapar.

Então eu tomo um longo gole de sopa, forço um sorriso apertado, e digo: "Não é ruim."

Rachel sorri para mim. "Você pode ter tanto quanto você quiser," diz ela. "É preciso estar em boa forma para amanhã."

Amém, irmã, eu penso, e seco a tigela inteira antes de pedir para ficar só.

Mais minutos: um arrastar lento, como um peso me puxando para baixo. Mas então, de repente, a luz no quarto vira a cor quente do mel, e depois o amarelo tremendo de creme de leite fresco, e então começa a rodar longe das paredes ao todo, como a água vai pelo ralo. Eu realmente não esperava que Alex aparecesse antes da noite—o que seria suicídio—mas dor palpita profundamente em meu peito de qualquer jeito. Não há quase nenhum tempo sobrando.

O jantar é mais sopa, coberta com pedaços de pão molhados. Desta vez é Carol que traz a refeição para mim enquanto Rachel está fora. Carol desata minhas mãos brevemente depois de eu pedir para me deixar usar o banheiro, mas ela insiste em me acompanhar até o banheiro e ali, enquanto eu faço xixi, que é mais do que humilhante. Minhas pernas são instáveis e a dor na minha cabeça piora quando levanto. Há estrias profundas em meus pulsos—o fio de nylon deixou sua marca—e os meus braços são como dois pesos mortos, balançando sem vida dos meus ombros. Quando Carol vem para me amarrar de novo eu considero resistir—mesmo que ela seja mais alta do que eu sou, eu sou definitivamente mais forte—mas acho melhor não o fazer. A casa está cheia de pessoas, incluindo meu tio, e tudo o que eu sei é que ainda há alguns reguladores que penduram do lado de fora lá em baixo. Eles me prenderam e sedaram em poucos minutos, e eu não posso dar ao luxo de ser abatida outra vez. Eu tenho que estar acordada e alerta esta noite. Se Alex não vier eu vou precisar gerar um plano por minha própria conta.

Uma coisa é certa: não vou ter o procedimento amanhã. Eu prefiro morrer.

Em vez disso eu me concentro em enrijecer meus músculos tão duro quanto eu posso, enquanto Carol amarra-me. Quando eu relaxo novamente há um pouquinho de espaço de manobra, apenas uma fração de uma polegada. Talvez o suficiente para me dar a chance de trabalhar a minha maneira em minhas algemas improvisadas. Mais uma boa notícia: como o dia tem estado desgastante, todo mundo ficou um pouco mais relaxado sobre vigiar o quarto constantemente, assim como eu esperava. Rachel abandona seu turno, durante cinco minutos para ir ao banheiro; Jenny passa a maior parte do tempo discursando à Gracie sobre as regras de algum jogo que ela inventou, Carol deixa seu posto por meia hora quando ela vai lavar a louça. Depois do jantar, tio William assume. Estou contente por isso. Ele tem um pequeno rádio portátil com ele. Espero que ele adormeça a maneira como ele normalmente faz depois de comer.

E então, talvez—apenas talvez—eu vou ser capaz de dar o fora daqui.

Às nove horas toda a luz no quarto se apaga e eu sou deixada na escuridão, sombras como tecido drapeado sobre as paredes. A lua é grande e brilhante, que vem através das cortinas e apenas esboçando tudo em um brilho prateado nebuloso. Tio William ainda está do lado de fora, ouvindo o rádio baixo, uma estática indecifrável. Ruídos flutuam através do chão—água correndo na cozinha e banheiro térreo, vozes murmurando no andar de baixo e a briga dos pés acolchoados—as tosses finais e treme antes da casa cair em silêncio durante a noite, como uma pessoa no meio da agonia. Jenny e Gracie ainda não tem permissão para dormir no quarto comigo. Eu suponho que elas irão dormir na sala.

Rachel vem uma última vez, carregando um copo de água. É difícil dizer na escuridão, mas parece suspeitosamente nublado, como se alguém tivesse dissolvido algo nela.

"Eu não estou com sede," eu digo.

"Apenas alguns goles."

"Sério, Rachel, não estou com sede."

"Não seja difícil, Lena." Ela senta na cama e força a água nos meus lábios. "Você esteve tão bem o dia todo."

Não tenho escolha a não ser tomar alguns goles—provando, assim que faço, o amargo pungente da medicação. Definitivamente misturada com alguma coisa—mais pílulas para dormir, sem dúvida. Seguro a água em minha boca, recusando a engolir, e assim que ela se levanta e vai para a porta, viro minha cabeça e deixo a água sair pelo meu travesseiro, em meu cabelo. É meio nojento, mas melhor que a outra alternativa. Escoa molhando em meu travesseiro, temporariamente resfriando a dor aguda em meus ombros.

Rachel hesita na porta como se estivesse tentando pensar em algo significativo a dizer. Mas tudo o que ela fala é: "Vejo você de manhã."

Não se eu puder evitar, eu penso, mas eu não digo nada. Então, ela me deixa, fechando a porta atrás dela.

E então eu fui deixada na escuridão total, com apenas o passar das horas, os minutos passando para frente. E como eu fico lá sem nada para fazer além de pensar—como a casa se instala e fica em silêncio em torno de mim—o medo retorna, uma neblina terrível. Digo a mim mesma que ele virá—ele tem que vir—mas o relógio se arrasta para frente, me provocando, e lá fora as ruas são silenciosas, exceto pelo latir ocasional de um cão.

Para manter a minha mente de girar sem parar em torno da mesma pergunta (Alex virá, ou não?), eu tento pensar em alguma maneira de me matar no caminho para o laboratório. Se houver qualquer tráfego até o Congresso, eu vou me atirar na frente de um dos caminhões. Ou talvez eu possa fazer uma pausa para as docas. Não deve ser muito difícil se afogar, especialmente se as minhas mãos ainda estão amarradas. Se o pior acontecer, eu posso tentar abrir caminho para o telhado dos laboratórios, como a menina fez anos atrás, caindo do céu como uma pedra, cortando as nuvens.

Eu penso na imagem que foi transmitida para as televisões em todos os lugares daquele dia, a pequena gota de sangue, a estranha expressão de serenidade em seu rosto. Agora eu entendo. Parece doente, mas gerando esses planos realmente me faz sentir melhor, bate de volta os tremores terríveis de ansiedade e medo dentro de mim. Eu prefiro morrer em meus próprios termos a viver o deles. Eu prefiro morrer amando Alex a viver sem ele.

Por favor, Deus, faça-o vir por mim.

Eu nunca vou pedir nada de novo.

Eu desistiria de tudo e qualquer coisa que eu tenho.

Apenas faça-o vir.

À meia-noite o medo se transforma, de repente, em desespero. Se ele não vem, eu vou ter que sair daqui por conta própria.

Eu trabalho minhas mãos em suas limitações, tentando alavancar esses centímetros extras de espaço. O cabo corta profundamente na minha pele, e eu tenho que morder o lábio para não chorar no escuro. Não importa quanto eu puxo e puxo e torço, o cabo se recusa a relaxar mais, mas eu ainda continuo tentando, até que o suor está escorrendo para baixo ao longo meu cabelo e eu estou preocupada que, se eu bater mais duro irá atrair alguém para o quarto. Algo molhado pinga para baixo ao longo do meu antebraço, e quando eu estico minha cabeça para trás eu vejo uma linha grossa de sangue escuro rastejando em minha pele, como uma terrível serpente negra: toda a minha luta causou a minha pele uma irritação.

Lá fora, as ruas estão tão tranquilas como sempre estiveram, e nesse momento eu sei que não há esperança: eu não vou ser capaz de escapar por conta própria. Amanhã vou acordar e minha tia e Rachel e os reguladores vão me escoltar para o centro da cidade, e a única chance de escapar que vou ter vai ser pular no oceano, ou fora do telhado dos laboratórios.

Eu penso nos olhos de mel derretido de Alex e a suavidade de seu toque e dormir sob um dossel de estrelas, estendidas acima de nossas cabeças como se fossem colocadas lá só para nós. Agora, depois de tantos anos, eu entendo o que o Frio era e de onde veio—este sentimento de que tudo está perdido, e sem valor, e sem sentido. Finalmente, o frio e o desespero misericordiosamente transformam-se, caindo na minha cabeça como um véu escuro, e milagre dos milagres, eu durmo.

Eu acordo algum tempo depois na escuridão de tinta roxa com a sensação de alguém no quarto, algum afrouxamento das restrições nos meus pulsos. Por um segundo, meu coração eleva-se e penso, Alex, mas então eu olho para cima e vejo Gracie, empoleirada na cabeceira da minha cama, trabalhando com as cordas que me ligam à cabeceira da cama. Ela está puxando e destorcendo e inclinando-se para frente, ocasionalmente, a mastigar o nylon com os dentes, dando a impresso de um animal tranquilo e aplicado roendo seu caminho através de uma cerca.

Bem assim, o cabo afrouxa e eu estou livre. A dor nos meus ombros é agonizante, meus braços estão cheios de mil alfinetadas. Mas ainda assim, naquele momento de libertação, eu poderia gritar e pular de alegria. Isto é como a minha mãe deve ter se sentido quando viu o primeiro eixo do sol penetrar na fissura em seus muros da prisão de pedra.

Sento-me, esfregando os pulsos. Gracie agacha contra a cabeceira da cama, me olhando, e eu me inclino para frente a envolvendo em um grande abraço. Ela cheira a maçã, sabão e um pouco de suor. Sua pele é quente, e eu não consigo pensar em quão nervosa ela deve ter ficado, vir sorrateiramente para o meu quarto. Estou surpresa com quão magra e frágil ela se parece, tremendo muito levemente em meus braços.

Mas ela não é frágil—nem de longe. Gracie é forte, eu percebo, talvez mais forte do que qualquer um de nós. Ocorre-me que por muito tempo ela vem fazendo sua própria versão de resistência, e o fato de que ela é uma resistente nascida me faz sorrir em seu cabelo. Ela vai ficar bem. Ela vai ficar mais do que bem.

Eu me afasto um pouco para que eu possa sussurrar em seu ouvido. “Tio William ainda está lá fora?”

Gracie concorda, então coloca as duas mãos do lado da cabeça, indicando que William está dormindo.

Eu me inclino para frente novamente. “Há reguladores em casa?”

Gracie acena com a cabeça novamente, segurando dois dedos, e meu estômago afunda. Não apenas um regulador—dois deles.

Eu me levanto, testando as minhas pernas, que há cãibras de estar imobilizada por quase dois dias inteiros. Eu ando na ponta dos pés até a janela e abro as persianas o mais silenciosamente possível, consciente de tio William adormecido apenas dez metros de mim. O céu lá fora é um rico roxo escuro, a cor de berinjela, e a rua está coberta com as sombras, apesar de ter sido coberto com veludo. Tudo é totalmente imóvel, totalmente silencioso, mas o horizonte é apenas um menor rubor, um clareamento gradual: o amanhecer não está longe.

Devagar abro a janela com cuidado, sentindo um súbito desejo de sentir o cheiro do oceano. Aí está: o cheiro de pulverizador e névoa, um cheiro misto, em minha mente, com a ideia de revolução constante, uma maré eterna. Eu me sinto esmagadoramente triste então. Eu sei que não há maneira de encontrar Alex no meio desta enorme expansão dessa cidade adormecida, e não há maneira de alcançar a fronteira sozinha. Minha melhor aposta é a de tentar e ir até às colinas, para o oceano, caminhar na água até que se feche sobre a minha cabeça. Gostaria de saber se vai doer. Gostaria de saber se Alex estará pensando de mim.

Em algum lugar mais profundo na cidade um motor em funcionamento, um rosnado, distante de terra, como um animal ofegante. Em poucas horas o rubor brilhante da manhã vai empurrar-se através de toda essa escuridão, e formas irão reafirmar-se, e as pessoas vão acordar e bocejar e distribuir café e se preparar para o trabalho, o mesmo de sempre. A vida vai continuar. Algo dói no âmago de mim, algo tão antigo e profundo e mais forte do que palavras: o filamento que une cada um de nós à raiz da existência, essa coisa antiga desfraldando, resistindo e lutando, desesperadamente, por uma posição, uma maneira de ficar aqui, respirar, continuar. Mas eu vou lá fora; vou para mover-me de novo, para ser livre.

Eu prefiro morrer do meu jeito a viver do seu.

O motor está ficando cada vez mais alto agora que se aproxima. E agora eu vejo uma moto solitária, um pontinho preto escuro, subindo a rua. Por um segundo paro, fascinada. Eu só vi uma moto a trabalhar duas vezes antes, e apesar de tudo parece tão bonita, do jeito que tece até a rua, quase brilhando, cortando a escuridão, como a cabeça de cor preta de uma lontra através da água. E o piloto, também, apenas uma forma escura concentravam-se na traseira da bicicleta como líquido, como sombra, curvado para frente, apenas a coroa da cabeça visível, cada vez mais perto, tendo em forma e detalhe.

A coroa da cabeça: como a cor das folhas no outono, queimando, queimando.

Alex.

Eu não posso evitar: deixo escapar um grito de entusiasmo.

Fora da porta do quarto, há um som batendo, como se algo batendo contra a parede. Eu ouço o tio William murmurar, "Merda."

Alex arranca para o beco estreito que separa a nossa propriedade—uma faixa de grama, realmente, uma árvore única e anêmica, e uma cintura alta cerca de arame—a partir da próxima. Eu aceno para ele freneticamente. Ele corta o motor da motocicleta, girando o rosto para cima, em direção à casa. É ainda muito escuro, então não tenho certeza de que ele pode me ver.

Arrisco de chamar seu nome em voz baixa, para o quintal. "Alex!"

Ele gira a cabeça para a minha voz, um sorriso muito intenso em seu rosto, abrindo os braços como se quisesse dizer: você sabia que eu viria, não é? Isso me lembra de como ele parecia a primeira vez que eu o vi na varanda nos laboratórios, todo iluminado e reluzente, como uma estrela piscando na escuridão só para mim.

E nesse segundo, eu estou tão cheia de amor, é como se meu corpo se transformasse em um único feixe de luz ardente, atirando para cima, cima, cima, além do quarto e paredes e da cidade: como se tudo caísse para trás de nós, e Alex e eu estamos sozinhos no ar, e totalmente livres.

Então a porta do meu quarto se abre e William começa a gritar.

De repente, a casa é barulho e luz, passos e gritos. Tio William está de pé na porta, gritando por Carol, e é como em um daqueles filmes de terror quando um animal dormindo é acordado, só que agora a casa é a besta. Passos pesados nas escadas—os reguladores, eu penso—e no final do corredor Carol voa para fora de seu quarto, sua camisola batendo atrás dela como uma capa, a boca aberta torcida em um grito, muito indecifrável.

Empurro contra a tela tão duro quanto eu posso, mas ela está presa. Abaixo de mim Alex está gritando algo também, mas não posso ouvi-lo sobre o motor da motocicleta, rugindo para a vida novamente.

"Pare ela!" Carol está gritando, e William ganha vida, descongelamento, investindo para a sala. A dor queima meu ombro enquanto eu empurro contra a tela novamente, sentido esticar para fora por um segundo e então resistir. Sem tempo, sem tempo, sem tempo. Qualquer segundo agora William vai agarrar-me e tudo estará acabado.

Então Gracie grita: "Esperem!"

Todos congelam só por um segundo. É a primeira e única vez que Gracie falou em voz alta para eles. William para sua viagem e olha para sua neta, de queixo caído. Carol congela na porta, e atrás dela, Jenny esfrega os olhos como se convencida de que ela está sonhando. Mesmo os reguladores—ambos deles—pausam no topo das escadas.

Esse segundo é tudo que eu preciso. Dou outro empurrão e a tela treme e estala do

lado de fora, caindo com barulho na rua. E antes que eu possa pensar sobre o que estou fazendo, ou na queda de dois andares para a rua abaixo, eu estou balançando para fora da janela e indo embora, o ar varrendo-me como um abraço assim por um momento, meu coração canta novamente e eu penso, eu estou voando.

Então eu estou batendo no chão com tanta força que minhas pernas se vão e o ar fica batendo fora de mim em uma corrida. Meu tornozelo esquerdo sofre uma torção e uma dor violenta vai por todo o meu corpo. Eu escorrego para frente em minhas mãos e joelhos, rolando contra o muro. Acima de mim a gritaria começou de novo, e um momento depois, a porta da frente da casa explode aberta e dois homens derramam até a varanda.

"Lena!" É a voz de Alex. Eu olho para cima. Ele está debruçado sobre a cerca de arame, estendendo a mão. Eu arremesso um braço para cima e ele agarra-me pelo cotovelo, meio arrastando-me por cima da cerca, um pouco disso pega na minha regata, rasgando o tecido, entalhando a minha pele. Não há tempo para ter medo. Na varanda há uma explosão de estática. Um regulador está gritando em seu walkie-talkie. O outro está carregando uma arma. Estranhamente, no meio de todo o caos, tenho a mais estúpida idéia: eu não sabia que os reguladores foram autorizados a portar armas.

"Vamos!" Alex grita. Eu subo na moto atrás dele, passando os braços firmemente em torno de sua cintura.

A primeira bala richocheteia de cima do muro diretamente à nossa direita. A segunda acerta na calçada.

"Vá!" Eu grito, e Alex avança justo quando uma terceira bala passa por nós, tão perto que posso sentir o ar vibrando enquanto ela passa.

Nós voamos para frente até o final do beco. Alex corta a roda, duro, para a direita, então nós giramos para a rua, tombando de um lado a outro até o meu cabelo roçar a calçada. Meu estômago faz uma cambalhota grande e eu acho que está acabado, mas milagrosamente a motocicleta endireita-se por conta própria e então nós estamos acelerando a frente pela rua escura, enquanto os sons de gritos e as explosões de tiros recuam atrás de nós.

O silêncio não dura, no entanto. Quando voltamos para o Congresso, eu ouço o lamento das sirenes, cada vez mais alto, um grito. Quero dizer a Alex para ir mais rápido, mas meu coração está batendo tão forte que não consigo falar as palavras. Além disso, a minha voz só seria perdida nas furiosas chicotadas do vento em torno de nós, e eu sei que ele está indo mais rápido que pode. Os edifícios de ambos os lados de nós são um borrão cinza e disforme, como uma massa de metal fundido. Nunca a cidade parecia tão estranha para mim, tão horrível e deformada. As sirenes são tão alto que o barulho é como uma lâmina fina, vibrando furiosamente através de mim. As luzes começam a piscar nos edifícios em torno de nós assim que as pessoas são despertadas do sono. O horizonte é tocado com vermelho. O sol está nascendo, uma cor de ferrugem, a cor de sangue velho, e

eu estou tão cheia de medo e é uma agonia, uma sensação de trituração, pior do que qualquer pesadelo que já tive.

Então, do nada, duas viaturas materializam-se no final da rua, bloqueando o nosso caminho. Reguladores e policiais—dezenas deles, todas as cabeças e braços e bocas gritando—derramam-se para a rua. Boom de vozes amplificadas, distorcidas através de rádios e megafones.

"Parados! Parados! Parados ou nós atiramos!"

"Segure-se!" Alex grita, e eu posso sentir seus músculos tensos debaixo de mim. No último segundo ele empurra as barras à esquerda e nós derrapamos lateralmente em outro beco estreito, aparando na parede de tijolos. Eu grito assim que a minha perna direita fica esmagada contra a parede. Pele raspa para fora da minha canela assim que nos movemos durante vários segundos ao longo do exterior do edifício antes de Alex mais uma vez ficar no controle da moto e continuamos em frente. Assim que explodimos do outro lado da rua, há mais dois carros de patrulha desviando atrás de nós.

Nós estamos indo tão rápido que meus braços estão tremendo enquanto eu tento segurar, então eu tenho um flash momentâneo de calma e clareza e percebo que nós jamais conseguiremos. Nós vamos morrer hoje, baleados ou esmagados ou explodidos em algum momento terrível de fogo e metal retorcido, e quando eles nos enterrarem, vamos estar tão misturados e entrelaçados que eles não serão capazes de separar os corpos; pedaços dele vão comigo, e pedaços de mim irão com ele. Estranhamente, o pensamento nem sequer me chateia. Estou quase pronta para entregar-se e desistir, pronta para chamar o meu último suspiro, enquanto estou pressionada em suas costas, sentindo suas costelas, os pulmões e seu peito movendo-se contra mim pela última vez.

Mas Alex, obviamente, não está pronto para desistir. Ele reduz no estreito beco que ele pode encontrar, e dois dos carros nos seguindo chegam num impasse derrapando, quebrando uns aos outros assim que eles tentam seguir e bloquear a entrada, então os outros carros são obrigados a parar também. Sirenes retumbando. O cheiro forte de fumaça borracha queimando faz os meus olhos lacrimejar por um segundo, mas depois estamos de novo, explodindo para frente para Franklin Arterial.

Mais sirenes agora, à distância: os reforços estão a caminho.

Mas a enseada aparece à frente de nós, revelando-se—calma, plana e cinza, como vidro ou metal. O céu arde em suas bordas, um fogo crescente de rosas e amarelos. Alex vira na Via Marginal, e meus dentes barulham juntos assim que batemos sobre a fenda da antiga calçada, meu estômago vacila cada vez que sacode sobre o outro buraco. Nós estamos chegando perto. As sirenes lamentam mais alto, como uma manada de marimbondos. Se conseguirmos chegar à fronteira antes de mais carros do esquadrão chegar... Se pudermos fazê-lo de alguma forma passar pelos guardas, se podemos escalar a cerca...

Então, como um inseto enorme tomando voo, um helicóptero sobrevoa à nossa frente, as luzes em ziguezague ao longo da estrada escura, o zumbido ensurdecedor de sua hélice batendo no ar às ondas, em pedaços.

A voz atirando: "Eu te ordeno, em nome do governo dos Estados Unidos da América, a parar e se render!"

Tufos de grama longa e clareada pelo sol aparecem à nossa direita: Nós vamos com tudo para a enseada. Alex puxa a moto fora da estrada e para a grama, e nós vamos, meio disparando, meio deslizando, descendo até os pântanos, o cortando em diagonal em direção à fronteira. Lama respinga até na minha boca e olhos, sufocando-me, e eu tusso em volta de Alex, sentindo-o lançando contra mim. O sol é um semicírculo agora, como uma pálpebra parcialmente aberta.

A ponte de Tukey surge à nossa direita, preta, esquelética na penumbra. À nossa frente, as luzes da cabana de guardas ainda estão acesas. Mesmo com essa distância que parece tão pacífica, tal como pendurar lanternas de papel, como algo frágil e facilmente desmontada. Além deles está a cerca, a margem de árvores, segurança. Tão perto. Se só tivermos tempo... Tempo...

Algo aparece; uma explosão nas trevas, a lama salta para cima em um arco. Eles estão atirando novamente, do helicóptero.

"Parem, desmontem, e coloquem suas mãos sobre sua cabeça!"

Os carros de patrulha chegaram na estrada que circunda a enseada. Mais e mais carros guincham a uma parada, e a polícia começa a aparecer na grama em direção ao pântano—centenas deles, mais do que eu já vi ao mesmo tempo, sombrio e desumano para o futuro, como um enxame de baratas.

Estamos de novo agora, na faixa curta de grama que separa a água da antiga estrada devastada e as cabanas de guardas, tecendo em torno de um emaranhado de arbustos tão depressa que os ramos picam assim que tocam em minha pele.

E então, bem assim, Alex pára. Eu bato contra ele, mordendo com força minha língua, sentindo o gosto de sangue na minha boca. Acima de nós, a luz dos helicópteros oscila um pouco, tentando nos localizar, em seguida, nos fixa em seu raio. Alex levanta os braços acima da cabeça e salta para fora da moto, voltando-se para me encarar. À luz branca sólida a sua expressão é ilegível, como se ele tivesse se transformado, naquele segundo, em pedra.

"O que você está fazendo?" Eu grito, por cima do barulho das hélices e os gritos e as sirenes e por baixo de tudo, o constante, eterno gemido da água quando a maré mastiga de volta para a enseada—sempre lá, sempre varrendo tudo à distância, usando tudo em pó. "Nós ainda podemos fazer isso!"

"Ouça-me." Ele não parece gritar, mas de alguma forma eu ainda posso ouvi-lo. É como se ele estivesse falando diretamente em minha orelha, embora ele ainda esteja de pé, braços levantados. "Quando digo para você ir, você vai. Você tem de conduzir esta coisa, ok?"

"O que? Eu não posso..."

"Cidadão 914-238-619-3216. Desmonte e coloque as mãos acima da cabeça. Se você não desmontar imediatamente, seremos forçados a disparar."

"Lena." A maneira como ele diz meu nome me faz calar. "Eles eletrificaram a cerca. Ela está ligada."

"Como você sabe?"

"Apenas me escute." Desespero e terror crepitam na voz de Alex. "Quando eu digo vá, você dirige. E quando eu digo salto, você salta. Você será capaz de superar a barreira, mas você tem trinta segundos antes que a cerca volte a ficar ligada, um minuto, no máximo. Você tem que subir o mais rápido possível. E então você corre ok?"

Meu corpo inteiro fica gelado. "Eu? E você?"

A expressão de Alex não muda. "Eu estarei bem atrás de você," diz ele.

"Nós estamos dando-lhe dez segundos... nove... oito..."

"Alex..." frio atingindo meu estômago.

Alex sorri apenas por um segundo—a cintilação breve de um sorriso, como se já estivéssemos seguros, como ele está inclinando-se para afastar meu cabelo dos meus olhos ou beijar minha bochecha. "Eu prometo que estarei bem atrás de você." Sua expressão endurece novamente. "Mas você tem que jurar que não vai olhar para trás. Nem mesmo por um segundo. Ok?"

"Seis... cinco..."

"Alex, eu não posso...

"Jure, Lena."

"Três... dois..."

"Tudo bem," digo, quase engasgando com a palavra. Lágrimas borrando a minha visão. Sem chance. Nós não temos nenhuma chance. "Eu juro."

"Um."

Naquele segundo explosões começam a iluminar em torno de nós, rajadas de som e fogo. Ao mesmo tempo, os gritos de Alex: "Vá!" E eu me inclino para frente e flexiono o

acelerador como eu o vi fazer. Eu sinto seus braços envolver-se em volta de mim no último segundo, tão forte que eles poderiam ter me carregado da moto se não estivesse segurando o guidão com tanta força.

Mais tiros. Alex grita e libera um braço em torno do meu peito. Olho para trás e vejo-o segurando seu braço direito. Nós colidimos na estrada velha, e há uma linha de guardas esperando para nos cumprimentar, rifles apontados. Estão todos gritando, mas eu não posso nem ouvi-los: tudo o que posso ouvir é a pressa, a pressa do vento e do barulho de eletricidade percorrendo a cerca, assim como Alex disse. Tudo o que posso ver são as árvores nas florestas, virando verde na luz da manhã, todas essas grandes folhas planas, como mãos nos atingindo.

Os guardas estão tão perto agora, eu posso ver o rosto das pessoas, compreender as expressões individuais: dentes amarelos em um, uma verruga grande no nariz do outro. Mas ainda assim eu não paro. Nós mergulhamos através deles sobre a nossa moto e eles se dispersam, caindo para trás e saltando longe para que eles não sejam acertados.

A cerca paira acima de nós: cinco metros, três metros, um metro. Eu penso, *nós vamos morrer*.

Então a voz de Alex, clara e contundente, e, incrivelmente, calma, então eu não tenho certeza se eu o ouvi ou apenas o imaginei falando as palavras em meu ouvido. Pule. Agora. Comigo.

Eu deixo de lado o guidão e rolo para um lado assim a moto derrapa para entrar no muro. A dor passa por cada parte do meu corpo—o meu osso está sendo arrancado do meu músculo, o músculo está sendo rasgado da minha pele—assim que caio em pedras irregulares, cuspindo poeira, tossindo, dificuldade para respirar. Por um segundo, o mundo fica preto.

Então, tudo é cor e explosão e incêndio. A moto atinge a cerca e um tremendo estrondo de ecos rolando através do ar. Tiros no ar, línguas enormes lambendo em direção ao céu sempre um raio. Por um momento, o muro dá um gemido, alto e estridente e, em seguida para, em silêncio. Sem dúvida, a onda do curto-circuito momentaneamente.

Esta é a minha chance de subir, assim como o Alex disse.

De alguma forma eu encontro a força para me arrastar para cima do muro em minhas mãos e joelhos, levantando poeira de vômito seco. Eu ouço tiros atrás de mim, mas tudo isso soa distante, como ruído debaixo d'água. Eu vacilo na cerca e lanço-me para cima, centímetro por centímetro. Eu estou indo tão rápido quanto eu posso, mas parece que estou engatinhando, mal fazendo progressos. Alex deve estar atrás de mim, porque eu o ouço gritando: "Vai, Lena! Vai!" eu me concentro em sua voz: É a única coisa que me mantém indo para cima. De alguma forma—milagrosamente—eu chego ao topo da cerca, e depois eu passo sobre as alças de arame farpado, como Alex me ensinou, e então eu inclino para o outro lado e deixo-me cair seis metros no chão, batendo em uma grama

dura, semi-inconsciente e agora incapaz de sentir mais dor. Apenas mais alguns metros e eu vou ser sugada para as Terras Selvagens; eu estarei para além do seu escudo impenetrável de árvores entrelaçadas e crescimento e sombra. Eu espero por Alex cair ao meu lado.

Mas ele não o faz.

Isso é quando eu faço a coisa que eu jurei que não faria. De repente, toda a minha força está de volta, alimentada pelo pânico. Eu tropeço nos meus pés assim que o muro começa a zumbir novamente.

E eu olho para trás.

Alex ainda está de pé sobre o outro lado da cerca, para além de uma oscilante parede de fumaça e fogo. Ele não se moveu um centímetro desde que ambos pulamos da moto, nem tentou.

Estranhamente, nesse momento eu penso no que eu respondi todos esses meses atrás, na minha primeira avaliação, quando foi questionado sobre Romeu e Julieta e só conseguia pensar em dizer lindo. Eu queria explicar, eu queria dizer algo sobre sacrifício.

A camisa de Alex está vermelha, e por um segundo eu acho que é um truque da luz, mas depois eu percebo que ele está encharcado, ensopado de sangue: o sangue escorrendo em seu peito, como a mancha escorrendo do céu, trazendo mais um dia para o mundo. Atrás dele está esse exército de insetos de homens, todos eles correndo em sua direção ao mesmo tempo, armas em punho. Os guardas estão vindo também, alcançando-o de ambos os lados como se estivessem indo para destruí-lo, direto no meio. O helicóptero foi fixado nele em seu centro das atenções. Ele está parado, branco e calmo e congelado em seu holofote, e eu não acho que tenha nunca em minha vida visto nada mais bonito do que ele.

Ele está olhando para mim através da fumaça, do outro lado da cerca. Ele nunca tira os olhos de cima de mim. Seu cabelo é uma coroa de folhas, de espinhos, de chamas. Seus olhos estão brilhando com a luz, mais iluminado do que todas as luzes em todas as cidades em todo o mundo, mais iluminado do que jamais conseguimos inventar se nós tivéssemos dez mil bilhões de anos.

E então ele abre a boca e sua boca forma uma última palavra.

A palavra é: Corra.

Depois disso, os homens insetos caem sobre ele. Ele é tomado por toda a sua repreensão, saqueando braços e bocas, como um animal sendo atacado por abutres, envolvido em toda a escuridão deles.

Eu corro até não sei quanto tempo. Horas, talvez, ou dias.

Alex me disse para correr. E assim eu corro.

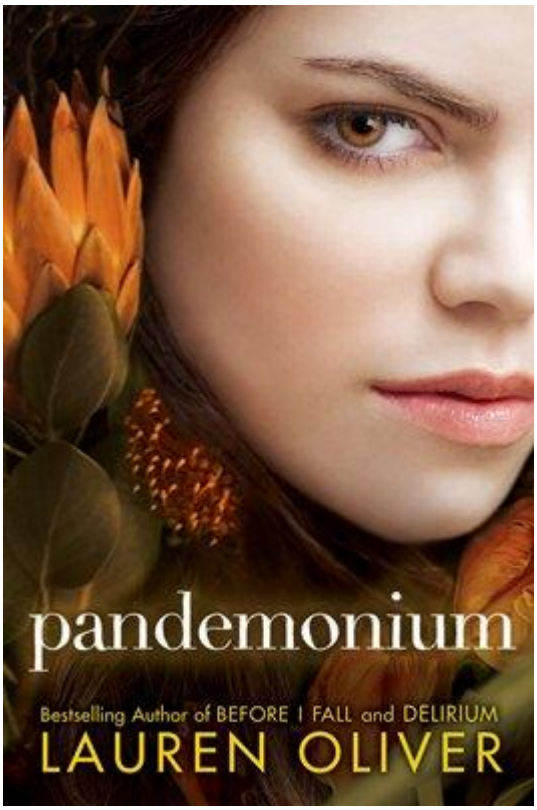
Você tem que entender. Eu não sou ninguém especial. Eu sou apenas uma garota única. Tenho 1,57 metro de altura e sou comum de todas as maneiras.

Mas eu tenho um segredo. Você pode construir barreiras por todo o caminho para o céu e eu vou encontrar uma maneira de voar acima deles. Você pode tentar prender-me com cem mil armas, mas vou encontrar uma maneira de resistir. E há muitos de nós lá fora, mais do que você pensa. Pessoas que se recusam a parar de acreditar. Pessoas que se recusam a entender. As pessoas que amam em um mundo sem barreiras, pessoas que amam no ódio, na recusa, contra a esperança, e sem medo.

Eu te amo. Lembre-se. Eles não podem tirar isso.

FIM

No próximo livro...



Eu estou deixando de lado a memória do meu pesadelo,
Deixando de lado as memórias de Alex,
Deixando de lado as memórias de Hana e de minha antiga escola,
Deixar,
Deixar,
Deixar,
Como Raven me ensinou a fazer.
A vida antiga está morta.
Mas a antiga Lena está morta, também.
Eu a enterrei.
Eu a deixei do outro lado de uma cerca,
Atrás de uma parede de fumaça e chamas.

EM BREVE!